

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA**

HERSON HERBSTER CHAVES DE OLIVEIRA BASTOS

**UMBANDA E SAÚDE: RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS CURATIVAS E SABERES
MÉDICOS NA TENDA ESPÍRITA SÃO LÁZARO.**

Niterói

04/2024

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

B327u Bastos, Herson Herbster Chaves de Oliveira
Umbanda e Saúde: : relações entre práticas curativas e
saberes médicos na Tenda Espírita São Lázaro. / Herson
Herbster Chaves de Oliveira Bastos. - 2024.
341 p.: il.

Orientador: Antônio Carlos Rafael Barbosa.
Tese (doutorado)-Universidade Federal Fluminense, Instituto
de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, 2024.

1. Ritual. 2. Medicina. 3. Umbanda. 4. Cura. 5. Produção
intelectual. I. Barbosa, Antônio Carlos Rafael, orientador.
II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

Niterói

04/2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA – PPGA**

**UMBANDA E SAÚDE: RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS CURATIVAS E SABERES
MÉDICOS NA TENDA ESPÍRITA SÃO LÁZARO.**

Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação
em Antropologia da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para obtenção
do Grau de Doutor.

Niterói

04/2024

Banca Examinadora

Prof. Orientador - Dr. Antônio Carlos Rafael
Barbosa Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Thomás Antonio Burneiko Meira
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Ana Claudia Cruz da Silva
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Célia Leticia Gouvea Collet
Universidade Federal Fluminense

Profa. Dra. Vanda Fortuna Serafim
Universidade Estadual de Maringá

Profa. Dra. Abda de Souza Medeiros (suplente)
Universidade Centro Universitário do Vale do
Jaguaribe

Prof. Dr. Valdeci Ribeiro dos Santos (suplente)
Universidade Federal Fluminense

Agradecimentos

Agradeço a Oxalá pela vida. A todos os Orixás e entidades com os quais tive contato e que me acompanham em minha caminhada.

Aos meus pais, Iracema e Hélio, pela educação e apoio concedido. A minha irmã Iandra pela experiência da fraternidade.

A meus avós e avôs: Argemira (*In memorian*) João (*In memorian*) Willian (*In memorian*) Ieda (*In memorian*).

A meus primos, entre tantos outros, que direta ou indiretamente convivem comigo: Aline, Pedro Júnior, Ingrid, Vinicius, Marina, Juliana, Rafael, Mabel, Júnior, Marcelo.

A meus tios e tias: Célio, César, Agamenon, Raimundo, Laudélio, Regina, Júlia William.

A Universidade Federal Fluminense, pela oportunidade de fazer meu mestrado e meu doutorado, bem como o conhecimento adquirido nesse processo.

Ao Programa de Pós-Graduação de Antropologia, pela experiência acadêmica propiciada, bem a Hugo, seu secretário, pela disponibilidade irrestrita e por seu extremo profissionalismo e atenção aos alunos.

A CAPES e demais instituições de fomento que permitem a realização de pesquisas de tantos alunos pelo Brasil.

A meu orientador, Antônio Carlos Rafael Barbosa, pela paciência, pelas instruções indispensáveis para a realização dessa pesquisa, pelas conversas descontraídas, e por seu profissionalismo.

Ao Núcleo Cosmopolíticas pelas perspectivas teóricas frutíferas.

As amigadas mais novas e mais antigas, feitas ao longo dessa trajetória que começou em 2015, dentro e fora da UFF, em especial Amana, Diogo, Tiago, Maicon, Mariana, Karina, entre tantos outros presentes em minha vida.

A turma de 2019 do doutorado em Antropologia: Janrryer, Anderson, Cadu, Letícia, Paloma, Rafael, Tony, pelas nossas conversas, inquietações, angústias e bom humor.

A minha amada, Estela Silva, que dedica amor e paciência comigo todo dia. Agradeço todo dia por estar ao meu lado. A sua mãe, Dolly e seu padrasto, Zenildo, que sempre me tratam como um filho.

Não menos importante, a todos meus amigos, de longe e de perto que desde a graduação e mais recentemente em Niterói me acompanham torcem por mim: Saulo, Régis, Leo David, João Paulo, Carlos Antônio, Eliakim, André, Ícaro, Fernando, Gardel,

Gustavo, Patrick, Matheus, Valdirley, Luiz Fernando Sá. Caso tenha esquecido algum nome, sinta-se contemplado (a).

Por último e não menos importante, agradeço aos integrantes da Tenda Espírita São Lázaro, pela participação na pesquisa, pelas conversas. Agradeço a Pai Fernando, zelador do local, que aceitou minha presença para a realização dessa pesquisa, bem como Rita, por ter sido uma interlocutora com quem mantive todo tempo contato mais próximo. Agradecimento especial a Dona 7, pelas nossas conversas sempre animadas aos dias de segunda feira, às suas palavras de incentivo para mim, durante minha pesquisa

Enfim, a todos que estão em minha vida de uma forma ou outra e contribuem comigo nessa minha caminhada.

“Escreve, escreve que vai dar certo”.
Pombagira Rainha das 7 Encruzilhadas.

Resumo

Esta tese é fruto de uma pesquisa etnográfica realizada na Tenda Espírita São Lázaro, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, e busca compreender as percepções dos frequentadores do terreiro, bem como dos médiuns do local, acerca das relações opositivas ou complementares entre as práticas de saúde do modelo biomédico e as práticas de saúde realizadas na TESL. A pesquisa foi realizada por meio da observação dos rituais realizados nas segundas-feiras, e entrevistas sobre temas como saúde, tipos de doença, complementaridade de práticas de saúde.

Palavras-chaves: Ritual, Medicina, Umbanda, Cura, Rio de Janeiro

Abstract

This thesis is the result of ethnographic research carried out at the Tenda Espírita São Lázaro, in São Gonçalo, Rio de Janeiro, and seeks to understand the perceptions of those who attend the terreiro, as well as the local mediums, about the oppositional or complementary relationships between the health practices of the biomedical model and the health practices carried out at the TESL. The research was carried out by observing the rituals performed on Mondays, and interviews on topics such as health, types of illness, and the complementarity of health practices.

Keywords: Ritual, Medicine, Umbanda, Healing, Rio de Janeiro

Lista de figuras

- Figura 1 - Distribuição percentual dos postos de trabalho em São Gonçalo em 2021
- Figura 2 - Bairros de São Gonçalo
- Figura 3 - Distritos de São Gonçalo
- Figura 4 – A redenção de Cam, obra de Modesto Brocos (1895).
- Figura 5 – Representação esquemática da distribuição espacial da TESL.
- Figura 6 – Porta feita de madeira com banner contendo o logotipo da TESL.
- Figura 7 – Processo de defumação dos consulentes da TESL.
- Figura 8 – Consulta com os pretos-velhos.
- Figura 9 – Jardim da TESL.
- Figura 10 – Imagem do Caboclo 7 Estrelas exposto no jardim da TESL.
- Figura 11 – Fila dos consulentes aguardando a distribuição de senhas para consulta.
- Figura 12 – Gira de Exu
- Figura 13 – Gira de Exu
- Figura 14 – Quarto dos Exus
- Figura 15 – Quarto dos Exus
- Figura 16 – Quarto dos Exus
- Figura 17 – Quarto dos Exus
- Figura 18 – Balaio contendo pipocas
- Figura 19 – Fila de consulentes e médiuns para depositar a vela em frente ao altar da TESL em uma reza para Omolu no mês de agosto
- Figura 20 – Entrada para o quarto do altar em uma noite de reza para Omolu no mês de agosto.
- Figura 21 – Altar para Omolu em uma segunda feira no mês de agosto

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: POLÍTICA E RESISTÊNCIA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS.....	22
1.1 Colonização e resistência de cultos africanos no Brasil.....	22
1.2 As primeiras ondas de perseguição: Estado, religião, medicina	33
1.3 Federações umbandistas e nova onda de perseguição: o caso do neopentecostalismo.....	48
CAPÍTULO 2: PRÁTICAS RITUAIS.....	58
2.1 O ritual de consulta com os pretos-velhos.	61
2.2 O ritual de consulta com os Exus e Pombagiras.	83
2.3 As rezas para Omolu no mês de agosto.....	96
CAPÍTULO 3: RELAÇÕES ENTRE MEDICINA E CURA NA UMBANDA.	110
3.1 Antropologia da saúde e seus desdobramentos conceituais.....	117
3.2 Saúde, doença em perspectiva antropológica.....	131
3.3 Itinerários Terapêuticos.....	141
3.4 Modos de curar: complementares ou opositivos?	144
CONCLUSÃO.....	152
Referências Bibliográficas.....	154
Anexos.....	168

INTRODUÇÃO

A minha relação com o tema de pesquisa de proposto é antiga e antecede a minha formação em Ciências Sociais na Universidade Federal do Ceará (UFC). O meu primeiro contato com a Umbanda foi durante minha adolescência por meio de amigos. Logo, pode-se dizer que antes mesmo de ingressar na graduação, havia interesse em pesquisar religiões afro-brasileiras.

Já na graduação, tive acesso a alguns terreiros em Fortaleza. Como bolsista de iniciação científica no Laboratório de Estudos da Violência da UFC procurei entender a relação entre violência e religião, a partir do contato com cartas apócrifas em matérias jornalísticas locais, que apontavam para a prática de “sacrifícios humanos”. Tais “sacrifícios” foram atribuídos a representantes das religiões afro-brasileiras do bairro do Bom Jardim, local periférico de Fortaleza. Por meio da interseção de um amigo de curso da graduação, pude frequentar e, posteriormente, entrevistar os membros de um terreiro de umbanda “Associação Espírita de Umbanda São Miguel”. Desde então, venho realizando pesquisas sobre a Umbanda, um dos temas gerais desta tese.

Após a graduação, continuei interessado em estudar academicamente o Universo da Umbanda, porém, com o enfoque na questão da saúde. Para tanto, ingressei no mestrado em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Essa escolha estratégica se deu em função de a cidade de Niterói ser vista como berço da Umbanda.

Em minha dissertação¹, estudei as questões de saúde e doença, partindo de uma perspectiva nativa, no “Terreiro de Umbanda do Caboclo Tupinambá” localizado em Icaraí, bairro de classe média alta da cidade de Niterói. Nessa pesquisa, pude perceber a centralidade do papel da Mãe de Santo e a forma como as doenças eram definidas, acolhidas e tratadas.

Em minha tese, decidi tratar de temática semelhante, porém na cidade de São Gonçalo, cidade vizinha de Niterói. Apesar da proximidade física, apresentam diferentes características sociourbanas. Uma das semelhança entre elas é a quantidade significativa de terreiros. A expressiva presença de igrejas neopentecostais influenciam diretamente na dinâmica religiosa da cidade bem como na vida dos representantes das religiões afro-brasileiras do local. Antes de dar mais detalhes sobre o terreiro escolhido e minha trajetória até ele, tratarei sobre a cidade de São Gonçalo e como ela foi construída, enquanto território e cidade.

A cidade de São Gonçalo é permeada historicamente por conflitos bem como falta de

¹ Males do corpo e do espírito: práticas rituais de cura no Terreiro de Umbanda do Caboclo Tupinambá, (Niterói, RJ), 2017.

planejamento do Estado. Antes de se tornar cidade, no século XVII, a principal atividade econômica da cidade era do ramo primário, com as plantações de cana-de-açúcar. Sua localização estratégica permitiu que atividades portuárias se desenvolvessem na região, fator importante para o desenvolvimento econômico posterior. Como aponta Gomes:

Nesta época, a cidade contava com seis distritos (São Gonçalo, Itaipu, Monjolos, Neves, Sete Pontes e Jose Mariano) [...] foi a partir do decreto 1.063 da Lei estadual de 28 de janeiro de 1944 que São Gonçalo passou a ficar dividida em cinco distritos (São Gonçalo, Ipiíba, Sete Pontes, Neves e Monjolos). Estas atividades foram viabilizadas pela intensa atividade portuária, facilitada por sua estratégica localização. No entanto, o destaque econômico esteve inicialmente nos engenhos e na cana-de-açúcar, responsável pelo progresso local a partir de 1647, tornando-se a sua base econômica (Gomes, 2021:53).

Apesar de em seu começo a atividade econômica ter gerado grandes ganhos, a distância que São Gonçalo possuía para a capital federal contribuiu enormemente para que o Estado brasileiro não se interessasse em desenvolver políticas, ou traçar planos de desenvolvimento para a cidade. Dessa forma, aspectos ligados a dinâmica político-partidário da cidade ditaram o ritmo de crescimento da cidade. Como afirma Aguiar:

Devido à distância do governo central e as dificuldades de acesso, São Gonçalo não recebeu a devida atenção e apoio necessário ao seu desenvolvimento desde o Brasil Colônia até a atualidade. As leis municipais eram criadas ou modificadas para beneficiar alguém ou algum setor, público ou privado. Saía vencedor na disputa aquele que possuísse maior força política e maior poder socioeconômico. Entre finais do século XIX e início do século XX existiam em São Gonçalo dois partidos, o Partido Liberal Gonçalense e o Partido Liberal Fluminense de São Gonçalo. (Aguiar, 2018:29)

No século XX, a partir de uma política nacional implantada pelo Estado brasileiro, São Gonçalo começa a desenvolver-se de forma vertiginosa. Esse processo foi possível graças a instalação de indústrias de vários tipos na cidade, que impulsionaram seu parque industrial. Como afirma Braga:

São Gonçalo ocupou lugar de destaque no estado com suas setenta fábricas, tendo sido ainda um dos mais prósperos do país, atuando no campo da metalurgia, transformação de materiais não-metálicos (cimento, cerâmica e outros), químico, farmacêutico, papelão, papel e produtos alimentícios. (Braga, 2006:156).

Ao mesmo tempo em que fábricas estavam sendo instaladas na cidade, houve um movimento de atração em relação a grandes contingentes populacionais, que na expectativa de obter trabalho, começaram a se mudar para São Gonçalo. Dessa forma formaram-se as primeiras vilas dentro dos bairros urbanos. Como aponta Veloso:

[...] As indústrias, localizadas no perímetro urbano representam a maior riqueza da cidade. Em torno das fábricas de fósforos, vidros, doces, tintas, grandes fornos, laminação, produtos de pesca, cerâmica, soda cáustica e tantas outras,

qualificadas, São Gonçalo enfrenta o fenômeno da violência urbana. Como consequência, fenômenos a concentração de renda, corrupção política, falta de empregos, todos esses fatores, dentro da complexidade que é a violência urbana, em maior ou menor grau, contribuem para que atos violentos se alastrem a cada dia mais nesse território urbano.

Há também a falta de equipamentos públicos ou insuficiência deles para atender uma população de mais de um milhão de habitantes. Trata-se da ausência de escolas públicas de boa qualidade ou com estrutura adequada para atender a demanda de uma população carente e desassistida pelo poder público. Há demanda de rede hospitalar pública com estrutura para atendimento clínico, procedimentos cirúrgicos e laboratoriais dentre outros procedimentos, assim como equipamentos de lazer para uma população carente de recursos culturais. A violência é um problema com que a população residente em São Gonçalo convive. São assaltos, tiroteios e furtos que foram incorporados a uma rotina dura que está presente inclusive nas unidades escolares. Em decorrência dos problemas urbanos, surgem teorias que tentam explicar suas causas, e entre as mais apresentadas estão as sociais. Não que algumas explicações estejam totalmente erradas, mas simplesmente não dão conta da complexidade que envolve a questão da violência urbana, da criminalidade e outros. (Gomes, 2021:76)

Os mapas abaixo dão dimensão dos limites físicos, distritais e dos bairros da cidade de São Gonçalo. Fica evidenciado o quanto a cidade possui uma grande área física.

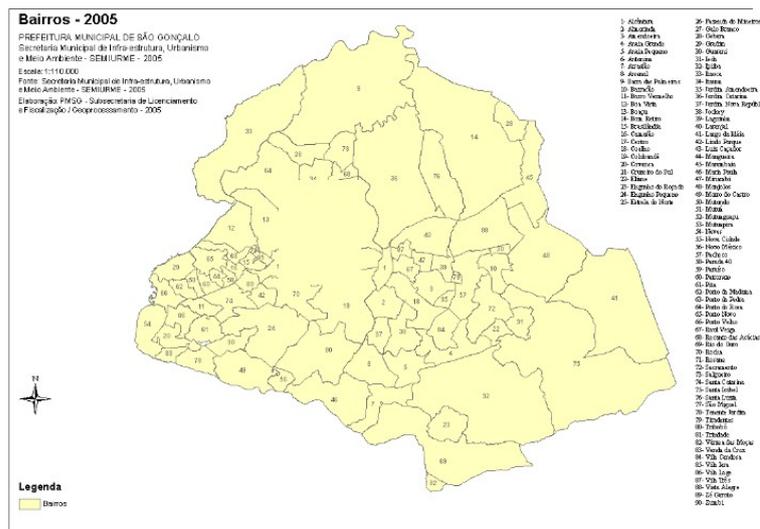


Figura 2– Bairros de São Gonçalo
 Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo. Disponível em: <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/saogoncalo/mapas-e-bairros/> Acessado em 08/03/2022 às 01:03.



Figura 3– Distritos de São Gonçalo

Fonte: Prefeitura Municipal de São Gonçalo. Disponível em: <https://www.saogoncalo.rj.gov.br/saogoncalo/mapas-e-bairros/> Acessado em 08/03/2022 às 01:06.

Findada essa explanação acerca da cidade de São Gonçalo, vou falar sobre a localização do local escolhido para essa pesquisa. O terreiro que abrigou essa pesquisa chama-se Tenta Espírita São Lázaro (TESL) e fica localizada na avenida denominada de Doutor Pio Borges, em uma das principais ruas do bairro Pita, localizado próximo da região central de São Gonçalo. Percebi, desde que comecei a frequentar com mais afinco, a TESL uma imensa movimentação de veículos, bem como de pedestres pela avenida em questão.

A intensa movimentação de pessoas é resultado do amplo comércio localizado na avenida, que permanece aberto até por volta das 19 horas, bem como, ao grande número de residências, localizadas nos morros que estão próximos a TESL. É possível encontrar terreiros próximos ou dentro de morros localizados, por vezes, em regiões conflituosas/de risco (SILVA, 2019), assim como em regiões de classe média alta.

Essa multiplicidade da localização dos terreiros afro-religiosos é um tema bastante discutido na ciência antropológica. O que causa isso é o processo denominado de “embranquecimento”, no qual segmentos da classe média, constituído historicamente por pessoas brancas, com padrão elevado de educação formal e de salários, acabam se aproximando das práticas das religiões afro-brasileiras. Vale lembrar que a Umbanda precisou passar por um processo de adaptação ao meio urbano, haja visto que dependendo do bairro, as sessões não se estendem pela madrugada, além da preocupação com os horários em que os instrumentos musicais podem ser utilizados³.

Renato Ortiz, (1991), em seu livro “A morte branca do feiticeiro negro” vai analisar como os cultos umbandistas se adaptaram a vida e regras das grandes metrópoles brasileiras durante seus desenvolvimentos no século XX. Tal adaptação acarretou uma tentativa de alguns terreiros em deixar de executar rituais mais próximos a uma matriz africana. O “embranquecimento” contrapõe o argumento do sociólogo francês Roger Bastide (1971), conhecido por sua dedicação em estudar as religiões afro-brasileiras. Dessa forma, Ortiz acredita ser a Umbanda uma religião de constante luta entre o processo de

³ Muitas vezes, esse movimento ocorre após tais segmentos sociais haverem tido um contato com uma doutrina de característica mediúnica, o espiritismo francês, chamado muitas vezes de Kardecismo. haja vista Um dos seus maiores expoentes ter sido foi Allan Kardec, pedagogo francês a quem se atribui ter mantido comunicações no século XIX com espíritos e posteriormente ter escritos livros com a ajuda de tais espíritos. Tal doutrina, apesar de não ter muita fama nem frequentadores na França, adaptou-se muito bem ao Brasil, tendo se espalhado pelo país e contar, hoje em dia, com centenas de “centros” onde nos quais os valores doutrinários são repassados para aqueles que buscam estudar acerca também dos escritos de Kardec.

“embranquecer” e “empretecer” os rituais. Esse processo de “embranquecer” e “empretecer” tem ligação direta com questões que constituem a formação do Brasil enquanto país, como racismo, classes sociais, proletários e burgueses. Bastide questiona autores marxistas que veem a Umbanda como um mecanismo que visa a alienação da classe proletária, desse modo atendendo os interesses da burguesia:

Tem-se o direito de perguntar, nessas condições se esse novo espiritismo, pregando a submissão, o espírito de sacrifício e a caridade, não encadeará ainda mais o negro ou o mulato pobre à sua sorte, em vez de ajudá-lo a subir. Há muito tempo os marxistas denunciam as religiões afro-americanas como formas de brutalização das massas camponesas ou operárias (Bastide, 1971:470).

Nesse trabalho, me aproximo da visão de Bastide, uma vez que compreendo os terreiros local de acolhimento, que desperta o sentimento de comunidade entre aqueles que frequentam. Historicamente esses espaços permitem que de homens e mulheres pretos, marginalizados, possam alcançar um sentido de coletividade modificam suas vidas e os inserem em uma realidade política pela luta de seus direitos. Bergo argumenta sobre as comunidades de terreiro que:

...qualquer hora do dia (ou da noite!) é possível encontrar médiuns ‘rodantes’, ogãs, equedes e clientes conversado animadamente na varanda, sala e principalmente na cozinha da residência do pai-de-santo. A base de muita feijoada, churrascos e rodas de samba, os vínculos sagrados e profanos são fortalecidos diariamente, fazendo emergir um grupo coeso e participativo. Cada um a sua maneira, procura se inteirar da rotina da ‘Casa’ e passa a localizar situações em que pode participar da comunidade de forma mais efetiva e diversificada. (Bergo, 2011:75).

Ari Oro (2002), demarca uma diferença entre as aspirações das classes sociais baixas e médias sobre a Umbanda. Oro está com seu olhar voltado aos cultos principalmente encontrados no Sul do Brasil. De um lado, haveria questões práticas, muitas vezes ligadas as falhas no acesso aos direitos previstos na Constituição Federal, de outro lado, haveria questões relacionadas a um sentimento de identidade; quando não, ligadas a um olhar exótico, profundamente simbólico:

Parte dos brancos pobres geralmente está associada à busca de solução para problemas práticos como doenças, desemprego ou dificuldade econômica, ou problemas legais, geralmente relacionados à sua condição desfavorável de classe. Já os brancos de maior poder aquisitivo o fazem na busca de solução de problemas existenciais como os de sentido, identidade, afetivos, etc. Também o caráter misterioso, exótico e fascinante da religião dos orixás, associado à sua eficácia simbólica, contribui para atração dos brancos (Oro, 2002:362).

A presença de indivíduos brancos advindos da classe média gera mais uma consequência, o caráter clientelista das demandas com a Umbanda. Dessa forma, não se busca, na maioria das vezes, realizar o ingresso na religião, mas unicamente buscar o fim

de um mal que atinge a pessoa e quando necessário, pagar por isso. Alejandro Frigerio, (2013), em um artigo sobre a transnacionalização da Umbanda em países que fazem fronteira com o Brasil - Uruguai e Argentina - afirma que o necessário para o cliente é crer que seu problema pode ser resolvido sem maiores compromissos:

O cliente ainda não está familiarizado com os seres espirituais que irão intervir, nem com os procedimentos a serem usados, mas, ao contrário do que teria acontecido no caso de uma visita a um psicólogo ou padre católico, ele tem confirmada sua fé na possibilidade de intervenção espiritual em sua vida diária (Frigerio, 2013:29).

Desta forma, a magia utilizada nos rituais Umbandistas assume, por vezes, um caráter individual, longe de preocupações com as aspirações coletivas do terreiro. Essas preocupações aparecem na Tenda Espírita São Lázaro na medida em que as consultas são um instrumento para resolução de problemas cotidianos.

O primeiro momento em que vi a prática das consultas foi quando tive acesso a TESL, por volta do ano de 2016, quando fui levado ao local por minha namorada. Naquele momento, eu realizava minha pesquisa de mestrado e não havia cogitado ainda a possibilidade de realizar uma pesquisa antropológica no local.

Quando fui aprovado no doutorado, no ano de 2019, primeiramente refleti sobre a possibilidade de realizar minha pesquisa em um Ilê de Candomblé, outra religião de matriz afro-brasileira. Meu plano era iniciar o trabalho de campo em 2020, contudo, em meados de dezembro de 2019 abateu-se sobre o planeta uma pandemia, do vírus Covid-19, ao qual forçou os países a se fecharem bem como impossibilitou a realização de pesquisas de campo para evitar o contágio. Para garantir futuramente a possibilidade de entrevista, entrei em contato com uma amiga minha, Mãe de Santo, pedindo para a mesma me indicar o nome de uma pessoa que fosse iniciada no Candomblé em São Gonçalo. Foi-me passado um nome, ao qual entrei em contato em março de 2020, expus minha pesquisa e a mesma iria conversar com sua Ialorixá para compreender a possibilidade futura da realização de minha pesquisa. O grupo de pessoas do Ilê, por meio de sua membra, avisou-me da declinação de minha presença no local, o que me fez voltar os olhos para a Umbanda.

Em março de 2022, já no fim da pandemia, por meio do desenvolvimento de vacinas contra o vírus, conversei com o Pai de Santo da Tenda Espírita São Lázaro, Fernando, sobre minha pesquisa e a possibilidade de realizar a mesma no local. O mesmo se pôs à disposição de me ajudar no que fosse possível para a pesquisa e posterior escrita da tese. Vou então apresentar rapidamente algumas características da dinâmica religiosa do local.

A Tenda Espírita São Lázaro, além de sua localização física, possui também um site próprio, e perfis em duas das principais redes sociais, “Facebook” e “Instagram”. É importante ressaltar essa imersão em novas formas de divulgação, haja visto que tais redes propiciam um maior volume e velocidade de troca de informações entre clientes e iniciados nos terreiros. Dessa forma, Patrícia Ferreira e Silva, (2014), em sua tese acerca da presença das religiões afro-brasileiras no chamado “ciberespaço”, afirma que:

Os estudos sobre religiosidade no Brasil têm revelado, nos últimos anos, a importância da internet para grupos religiosos, interessados nas oportunidades de convivência, na troca de informações e conhecimentos litúrgicos, na oferta de serviços, na captação e conversão de novos adeptos, no combate a outras denominações e na articulação política inter-religiosa. Eles evidenciam a grande diversificação dos usos religiosos que se pode atribuir aos meios digitais, ressignificando no ciberespaço a transmissão do sagrado segundo as especificidades das distintas religiosidades (Silva, 2014:3).

Esse espaço virtual não serve apenas para propiciar uma velocidade de informação entre aqueles que estão próximos do terreiro e podem visitá-lo fisicamente. É possível afirmar que a internet propicia por meio dos fóruns, dos sites, das comunidades, o encurtamento da distância entre quem esteja longe, por exemplo em outro continente, e quem está no terreiro. Como pontua Freitas (2010):

Vale ressaltar que, no Brasil, os terreiros são denominados comunidades, comunidades-terreiro, ilê egbé. Por isso, as comunidades virtuais, além de contribuírem para o encurtamento da distância (e diminuição da saudade), proporcionam a proximidade do espaço religioso, mesmo virtual, para usuários ‘mais isolados’ do espaço real dos terreiros (sobretudo, os que estão no exterior). (Freitas, 2010:75).

Em minhas primeiras visitas, ainda no ano de 2016, percebi a regularidade no calendário litúrgico de práticas na Tenda Espírita São Lázaro, as quais se repetiram durante minha incursão no terreiro. Nos dias de segunda-feira, mais ou menos a cada 15 dias e seguindo um calendário previamente combinado e divulgado, há as consultas com os chamados pretos-velhos, entidades presentes em diversos terreiros, aos quais é comum dizer tratem-se de espíritos de africanos trazidos de África para o Brasil durante o período de escravidão brasileira. (SANTOS, 2010)⁴. Nesse ritual, percebi a presença de vários símbolos que podem ser encontrados em diversos terreiros de Umbanda: café servido aos pretos-velhos em um copo feito com metade de um coco, cachimbo, atabaques, o uso de roupas brancas por parte dos médiuns, aspecto comum nos centros de Umbanda, (Rezende, 2017), entre outros símbolos.

⁴ O Preto Velho na Umbanda. Eufrazia Santos, (2010).

Ainda nas segundas-feiras, alternadamente, há as consultas com os Exus, outra categoria de entidade do panteão umbandista, coberta por simbologias e crenças. É comum encontrar na literatura sobre essas entidades, referências a espíritos de pessoas que viveram a margem de determinada sociedade dentro de um momento histórico (Trindade, 1985). Além da presença de tais entidades nestes dias, o terreiro apresenta festas, realizadas em dias de sábado, em que Caboclos, Exus, Boiadeiros, Erês, além das festas dedicadas a Orixás.

É importante ressaltar que a existência de determinadas classes de entidades em um terreiro de Umbanda não é feita de modo aleatório. A presença delas vem para ressaltar o caráter plural e mestiço de nosso país. Desse modo, estamos lidando com espíritos que conhecem nossa realidade e visualizam a diversidade de culturas, hábitos, que existem em todo o nosso território. Como afirma Prandi:

Cada tipo um estilo de vida, cada personagem um modelo de conduta. São exemplos de um vasto repertório de tipos populares brasileiros, emblemas de nossa origem plural, máscaras de nossa identidade mestiça. As entidades sobrenaturais da umbanda não são deuses distantes e inacessíveis, mas sim tipos populares como a gente, espíritos do homem comum numa variedade que expressa a diversidade cultural do próprio país (Prandi, 2005:131-132).

A Umbanda obedece a uma configuração hierárquica mais ou menos cristalizada dentro dos terreiros. Há de forma decrescente, a figura do Pai de Santo ou Mãe de Santo, figura máxima dos terreiros na hierarquia, responsável por ordenar e organizar o funcionamento dos rituais; as sambas, que são responsáveis por fornecer todo e qualquer material para as entidades quando as mesmas estão incorporadas como bebidas, cigarros, charutos, velas, e os médiuns, pessoas iniciadas na Umbanda que permitem a comunicação com o mundo espiritual a partir das entidades.

Ao ser aceito pela comunidade do terreiro, passei a frequentar o terreiro o máximo de dias possíveis no intuito de observar as lógicas rituais do local e participar dos rituais, pois além de pesquisador era frequentador antigo da Umbanda. Assim busquei também estabelecer uma relação de proximidade tanto com os iniciados da TESL, quanto com o máximo de pessoas possíveis que compunham a assistência, ou seja, as pessoas que mantêm contato com a Umbanda, mas não passaram pelos ritos iniciáticos da mesma. Dessa forma, busquei estreitar meus laços com a comunidade afim de retirar qualquer possível sensação de estranhamento das pessoas com minha presença enquanto pesquisador. Esse processo da observação participante (Minayo, Deslandes, Gomes, 2011) serviu para estabelecer relações com os indivíduos presentes nos rituais. Gustavo Chiesa resalta a

importância dessa técnica ao afirmar então que “tentei, ao menos em alguns momentos, fazer da minha participação um instrumento de conhecimento. Consegui, também em alguns momentos, estabelecer relações, base fundamental de toda e qualquer observação participante.”. (Chiesa, 2020:221).

Tentei observar o comportamento dos presentes, fossem as pessoas incorporadas, ou não, em uma tentativa de não perder os detalhes que passam despercebidos por aqueles que não estão na condição de pesquisador no local e com isso enxergar a lógica por trás dos atos religiosos dos momentos escolhidos por mim a serem descritos na tese. Dessa forma, atentei-me ao que foi pontuado por Ingold (2016) sobre essa necessidade de prestar atenção ao local onde se passa a pesquisa. Para o autor:

“... se manter atento ao que os outros estão fazendo ou dizendo, ao que acontece à sua volta; a acompanhar os demais aonde quer eles vão, ficar à sua disposição, não importando o que isso implique e para onde o leve” (Ingold, 2016:408).

Como forma de registrar e não esquecer meus dados no campo, utilizei durante minha pesquisa um pequeno diário de campo, que me serviu para anotar os detalhes, seja a ordem em que as coisas aconteciam, bem como a ordem e letra dos pontos cantados apareciam na TESL. Registrar no diário de campo foi fundamental para memorizar os acontecimentos e posteriormente transforma-los em textos, uma vez eu não ficava sobrecarregado em lembrar dos atos rituais posteriormente, sem nenhuma base que me auxiliasse nesse processo, bem como acompanhá-los no momento em que os mesmos aconteciam.

Ruiz e Gerhardt, 2016, ressaltam a importância do diário de campo ao pontuarem que:

O diário de campo, além de técnica de registro de dados da observação participante referentes aos lugares, pessoas com quem mantivemos contato, conversas informais e de coisas que compunham a cena, também foi o espaço para colocar impressões sobre o campo. Todas essas informações, mais tarde, subsidiaram a análise. A prática da escrita do diário, muitas vezes em pequenas anotações, também propiciou o exercício de trazer à memória os acontecimentos de cada dia e refletir sobre eles. Não estando em campo, buscava-se retomar o diário, o que fez com que todas as experiências, tanto das observações quanto das entrevistas e do que foi vivido com as pessoas, pudesse ser continuamente revisto e explorado enquanto dados. (Ruiz, Gerhardt, 2016:197).

Minha última técnica de pesquisa, e não menos importante, foram as entrevistas, momento em que pude conversar com calma, fora dos momentos rituais da TESL, com os iniciados na Umbanda, bem como os consulentes, afim de compreender diversas questões, apontadas no questionário (em anexo), que serviram para que eu compreendesse como os indivíduos entrevistados compreendem certos aspectos que tocam o universo umbandista.

As entrevistas foram elaboradas por meio de um roteiro semiestruturado, em que havia um tema principal dentro de cada pergunta, mas que poderia conduzir a entrevista por outros acontecimentos e opiniões que estavam presentes na vida dos entrevistados. (Dimenstein *et al*, 2020; Scorsolini-Comin, Scalon, Macedo, 2024).

A tese se divide em três capítulos. No primeiro, busco demonstrar as características religiosas que compõem a Umbanda, tocando em assuntos como seu nascimento “mítico”, até a discussão atual sobre os problemas relacionados à intolerância religiosa sofrida principalmente pelos ataques das igrejas neopentecostais do Brasil.

No segundo capítulo, apresento ao leitor a descrição dos rituais presentes na Tenda Espírita São Lázaro. O objetivo é deixar o leitor ciente de como os rituais, os gestos, os símbolos são movimentados dentro do calendário litúrgico do local.

No terceiro capítulo, a partir das entrevistas que foram feitas com frequentadores do terreiro, analiso de que forma os rituais relacionados a saúde no terreiro são apresentados em paralelo as práticas de saúde biomédicas, seja por complementariedade ou oposição. Fiz ao total, 7 entrevistas, 3 com médiuns (Joseane, Dennise e Cláudia), 3 com consulentes (Fabiana, Rita e Sandra) e 1 com o Pai de Santo da TESL (Fernando).

CAPÍTULO 1: POLÍTICA E RESISTÊNCIA DOS CULTOS AFRO-BRASILEIROS

1.1 Colonização e resistência de cultos africanos no Brasil.

Neste primeiro capítulo é feita uma leitura histórica e antropológica sobre a religião Umbanda. Eu demonstro que antes da criação deste termo, haviam cultos de práticas mágico-religiosas realizados por africanos no território colonizado chamado de Brasil. Apesar da existência secular, foi criado um “mito” relacionado com o seu nascimento, com consequências e interesses políticos atrelados. Além disso, as práticas religiosas umbandistas, de forma mais proeminente no século XX, foram atravessadas por um movimento pendular, em que ora aceitava-se a existência da Umbanda, ora perseguia-se suas práticas, sendo isso fruto de interesses sociais e políticos do momento que nosso país atravessava. A perseguição foi exercida tanto por antigas denominações religiosas existentes desde o período colonial, como também as que desembarcaram em nosso território no século XX.

Falar sobre a Umbanda é apontar para um cenário de constante mudança dentro de contextos culturais diversos, agravado pelo nosso extenso território nacional. Sérgio Ferreti, antropólogo, discute em artigo de sua autoria o conceito de sincretismo religioso, termo associado a esse processo de mudança e resistência dos cultos afro-brasileiros assim como as culturas como um conjunto de práticas de determinados povos. É dito que “...em perspectiva histórico-antropológica mais ampla, de grande duração, religião e cultura não são fenômenos estáticos, pois encontram-se constantemente em mudanças e transformações.” (Ferreti, 1998:184).

Não é possível esgotar toda as teorizações e resgastes históricos e antropológicos sobre o nascimento da Umbanda, o que não quer dizer que esse esforço seja improdutivo na medida em que o panorama criado ajuda a compreender seu desenvolvimento ao longo da existência do Brasil e sua relação com a sociedade brasileira. Com isso é possível uma compreensão das consequências que a Umbanda trouxe e às quais foi submetida pela sociedade brasileira. Saulo Conde Fernandes, historiador, em seu artigo que discute a multiplicidade da Umbanda no território brasileiro argumenta que “Muitas são as controvérsias, entre pesquisadores acadêmicos ou mesmo entre os intelectuais umbandistas, quando se tentam buscar uma origem para a religião umbandista” (Fernandes, 2013:3). Léo Carrer Nogueira, historiador, em seu artigo que discute o nascimento da Umbanda aponta:

O processo que levou à constituição da Umbanda é muito mais longo e antigo do que parece. Ele se inicia alguns anos antes, quando da chegada dos primeiros navios negreiros às costas brasileiras, e está intimamente relacionado com a presença do negro africano em terras brasileiras, com o nascimento dos candomblés e com a figura do feiticeiro negro (Nogueira, 2007:488).

Os cultos africanos foram introduzidos no Brasil a partir do século XVI por meio do tráfico de indivíduos provenientes de África. Antes desse evento histórico, havia religiosidade indígena no território brasileiro. Os escravizados trouxeram práticas mágico-religiosas que conviveram com o regime escravista imposto pela Coroa Portuguesa. Diversos elementos faziam parte das práticas religiosas dos escravizados, como ervas, fumaça, música, e o transe⁵. Dessa forma, o colonizador que era português e católico, mantinha contato considerável com o que era praticado pelos escravos e pelos silvícolas. Havia assim uma percepção supersticiosa, fruto do medo imposto pelo catolicismo a quaisquer outras práticas diferentes dela. Roger Bastide, sociólogo, em seu livro “As religiões africanas no Brasil” em que discute crenças e religiões trazidas de África para nosso território argumenta que

O segundo campo em que temos igualmente informações históricas bastante detalhadas é o da magia africana. Na realidade, ela impressionou os brancos. Por várias razões e primeiro de tudo porque o colonizador português era supersticioso também, como seu escravo, negro ou índio (Bastide, 1971:188).

Pode-se perguntar a razão pela qual o homem católico português acreditava na magia africana. A resposta está na crença da eficácia mágica de atos religiosos. Isso explica o porque a magia causar medo ao colonizador, uma vez em que ele possuía domínio sobre o corpo do escravo - e seu regime de trabalho era desumano gerando assim revolta e vontade de prejudicar seu algoz - mas não sobre as práticas mágico-religiosas do mesmo, que poderiam segundo a crença compartilhada pelo escravizador, modificar a realidade em favor do escravo em detrimento da vida e dos lucros do mesmo. Assim, o pensamento de Claude Levi Strauss, antropólogo, se faz interessante para compreender o medo e curiosidade que a magia provocava no colonizador. Argumenta o autor em seu texto “O feiticeiro e sua magia” em que discute o papel da magia dentro de uma sociedade que:

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta

⁵ No capítulo 2 o transe se apresenta como elemento fundamental dos rituais da TESL, sem o qual não haveria a capacidade de comunicação direta com os espíritos para expor e posteriormente solucionar os problemas trazidos pelos indivíduos que frequentam a TESL. Roger Bastide, (2001) em seu livro “O candomblé da Bahia: rito nagô” se debruça sobre o tema demarcando assim sua importância tanto para compreender a presença ao longo dos séculos desse elemento quanto para apresentar uma análise do que ele observou nos Ilés de Candomblé durante sua estadia no Brasil do século XX.

se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feitiçeiro. na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feitiçeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feitiçeiro e aqueles que ele enfeitiça (Lévi-Strauss, 1975:194).

A existência de cultos africanos provocou um movimento de imposição do catolicismo em acordo com a Coroa Portuguesa, para aniquilá-los. Em contrapartida, isso obrigou o escravizado a ver em sua magia uma forma de defesa, seja atacando, seja se prevenindo, dos males causados pelo colonizador. As perdas materiais era um dos acontecimentos mais temidos pelos senhores de escravos, pois não apenas o aspecto material estava em jogo, também sua reputação moral era abalada. A historiadora Glícia Caldas afirma em seu artigo que discute o conceito de feitiçaria africana nas colônias européias que:

Todo ato de feitiço, entre os próprios africanos escravizados, usando forças sagradas africanas, era sempre mais do que um ataque individual, era, também, um ataque contra um ‘bem’ material, atingindo o estado econômico e social de seu senhor, tornando-se um ato de resistência individual contra a dominação escravista. No Brasil, a utilização dos ritos e simbolismos sagrados africanos persistiu através do entendimento de sua transformação em feitiçaria; com um número elevado de africanos escravizados, foi comum o temor dos seus donos pela destruição de suas propriedades humanas, através do uso de práticas religiosas, mais complexas e mais divulgadas aqui do que na África (Caldas, 2007:138).

A autora também ressalta que o colonizador, ao mesmo tempo em que tentava extinguir os cultos africanos, recorria aos mesmos quando se encontrava em situação desfavorável. Em contrapartida buscava bonificar o escravizado com ganhos materiais além de o fornecer *status* social elevado, diferenciando-o dos demais. Como afirma a autora, os

Detentores de saberes ‘mágicos’, a fama pública fazia-os requisitados também pelos senhores, o que geralmente elevava seu status junto à sua própria comunidade e possibilitava, através das práticas mágico-religiosas, a obtenção de ganhos materiais, não só em dinheiro, mas também em gêneros (Idem, 2007:129).

Roger Bastide chama a atenção para a continuidade dos cultos africanos apesar de toda suspeição que eles causavam: “...o catolicismo se sobrepôs à religião africana, durante o período colonial, mas não a substituiu. A sombra da Cruz, da capela do engenho e da igreja urbana, o culto ancestral continuou...”. (Bastide, 1971:181).

Este conflito ultrapassou as relações cotidianas entre escravizados e colonizadores, e alcançou a esfera política colonial. Desta forma, por meio da promulgação de leis na Constituição de 1831 buscava-se o fortalecimento de instituições repressivas estatais para

coibir atos mágicos que eventualmente adentrassem práticas católicas. Usou-se da “moral pública” como argumento principal para justificar a repressão. Para Roger Bastide:

Era sempre fácil, num meio regularmente perturbado por revoltas de escravos, ver nas reuniões de negros um atentado contra o Estado e nos sacrifícios de animais, nas danças acompanhadas de transe místicos, uma ofensa aos bons costumes. E, pois, por intermédio deste artigo 179⁶ que se deixava a definição da “moral pública” ao critério subjetivo dos administradores ou da simples polícia, que a luta contra os calundus e os candomblés vai continuar no Império, não obstante o belo ornato da Constituição sobre a tolerância religiosa (Idem, 1971:195).

Com a proibição das práticas mágico-religiosas e seus elementos rituais, os cultos africanos buscaram a partir da sólida estrutura do catolicismo português “frestas” pelas quais seria possível a continuidade de suas práticas sem levantar suspeitas dos senhores de escravos e do aparato estatal colonial. Como afirma Bastide:

A religião, ou as religiões afro-brasileiras foram obrigadas a procurar nas estruturas sociais que lhes eram impostas ‘nichos’ por assim dizer, onde pudessem se integrar e se desenvolver. Deviam se adaptar a novo meio humano, e esta adaptação não iria se processar sem profundas transformações da própria vida religiosa. (Ibidem, 1971:85).

Desse conflito resultou-se uma espécie de “pluralidade sistemática”. A estrutura rígida do catolicismo lentamente sofrendo “contaminações” em seu modo de ser, por meio das “frestas”. Assim, há uma permeabilidade entre as três grandes matrizes religiosas que habitavam o Brasil: os cultos africanos, o catolicismo português e os cultos indígenas nativos. Como afirma o sociólogo Pierre Sanchis:

Uma pluralidade sistemática marca a sociogênese do Brasil, logo traduzida em permeabilidade e contaminações mútuas. Nem multiculturalismo de simples justaposição, nem confusão e supressão das diferenças. Basta lembrar, desde o início, os movimentos compósitos das ‘santidades’ indígenas, que nasceram basicamente no grupo social dos mamelucos, mas que logo envolveram lideranças indígenas, colonos lusitanos e ‘negros da Guiné’, depois, as tradições africanas, profundamente sincretizadas antes mesmo de chegarem ao Brasil, e introduzidas aqui no caldeirão de uma matriz viva, historicamente ativa e, ao menos quanto à vivência ‘popular’, processadora das diferenças: o catolicismo. Nem África pura, nem reprodução do catolicismo europeu, nem continuidade intocada das religiões ‘nativas’. Mas tampouco homogeneidade de uma identidade nova porque, simplesmente indiferenciada, do ponto de vista religioso ou do ponto de vista cultural (Sanchis, 2001:25).

Essa permeabilidade foi categorizada pela palavra sincretismo. Sua importância gerou críticas científicas, já que há o risco de uma leitura simplória que pode esgotar o debate. Sérgio Ferreti argumenta sobre o mal-estar que a palavra gera:

⁶ Ver também Nascimento e Abid (2016) sobre este tema: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/escritas/article/view/2463/8843>.

Sincretismo é palavra considerada maldita que provoca mal estar em muitos ambientes e em muitos autores. Diversos pesquisadores evitam mencioná-la, considerando seu sentido negativo, como sinônimo de mistura confusa de elementos diferentes, ou imposição do evolucionismo e do colonialismo (Ferreti, 1998:183).

O autor expande seu argumento alertando para a importância da palavra em relação a qualquer fenômeno religioso, dando o exemplo da relação entre catolicismo popular e o erudito. Esse fato demonstra a capacidade de promoção de convergência dos processos religiosos. Afirma-se que:

Costuma-se atribuir também o termo sincretismo em nosso país, quase que exclusivamente ao catolicismo popular e às religiões afro-brasileiras. Mas o sincretismo está presente tanto na Umbanda e em outras tradições religiosas africanas, quanto no Catolicismo primitivo ou atual, popular ou erudito, como em qualquer religião. O sincretismo pode ser visto como característica do fenômeno religioso. Isto não implica em desmerecer nenhuma religião, mas em constatar que, como os demais elementos de uma cultura, a religião constituiu uma síntese integradora englobando conteúdos de diversas origens. Tal fato não diminui mas engrandece o domínio da religião, como ponto de encontro e de convergência entre tradições distintas (Idem, 1998:183).

Em resumo, os cultos africanos que desembarcaram no território brasileiro necessitaram desenvolver modos de velar suas práticas para não serem alvos da violência física e da imposição religiosa promovida pelos colonizadores portugueses que possuíam medo destas manifestações religiosas ao mesmo tempo que procuravam os serviços dos escravizados para solucionar problemas cotidianos.

1.2 Configurações de uma religião brasileira

O modelo colonizador-escravista imposto pelo Império português ao escravizados africanos teve seu fim mediante pressão política-econômica do Império Inglês, que por ser o mais poderoso belicamente no século XIX, impôs seus interesses as demais nações que praticavam escravidão. O fim desse movimento deu-se por diversas razões, econômicas (industrialização), políticas (movimentos abolicionistas) imposição de sanções. A I Revolução Industrial foi crucial para esse processo, já que tornou mais vantajoso a contratação de mão-de-obra barata para trabalhar em fábricas do que a manutenção de escravos em fazendas e/ou cidades, haja visto que o escravizado demandava custos financeiros para a manutenção de sua força de trabalho.

As elites brasileiras foram forçadas a buscar novas formas de explorar o território nacional e manter seu poderio político e econômico sob o restante da população. Dessa forma, as práticas comerciais foram deslocadas do ambiente rural, onde encontravam-se as os engenhos e senzalas, para os territórios urbanos, as cidades.

Dessa forma, encontramos duas movimentações: a “libertação” dos escravos africanos, que não possuíram quaisquer indenizações previstas por exemplo na Lei Áurea promulgada em 13 de maio de 1888, pela Princesa Isabel, em ressarcimento a todos maus tratos, perseguições, castigos, e ao mesmo tempo a preferência pela mão-de-obra de imigrantes europeus que estavam desembarcando da Europa para trabalhar nas cidades e no campo. Vão-se montando nas periferias dos grandes centros urbanos concentrações de escravizados enquanto que nas partes centrais da cidade encontram-se os trabalhadores da chamada classe média da população.

Dentro desse momento histórico, especialmente no Rio de Janeiro, haverá a institucionalização dos cultos antes praticados, e agora chamados de Umbanda. Ela possui diversas características e destaca-se a crença na existência de espíritos, seres invisíveis de indivíduos que viveram neste planeta e agora fazem-se presentes nos terreiros umbandistas. Renato Ortiz, sociólogo, afirma em seu livro “A morte branca do feiticeiro negro”, em que discute a formação da Umbanda, que:

A religião umbandista fundamenta-se no culto dos espíritos e é pela manifestação destes, no corpo do adepto, que ela funciona e faz viver suas divindades; através do transe, realiza-se assim a passagem entre o mundo sagrado dos deuses e o mundo profano dos homens (Ortiz, 1991:69).

Lísias Negrão, sociólogo, em seu artigo “Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada” no qual o autor discute as raízes negras e a ética cristã dentro da Umbanda, argumenta que as práticas umbandistas sofreram um processo de padronização e institucionalização de seus cultos em outros estados do Brasil. Esse processo é fruto das “macumbas cariocas” que ocorriam na periferia do Rio de Janeiro. Outra questão apontada pelo autor e a qual irei discutir à frente é a influência das práticas kardecistas dentro da Umbanda. Afirma então o autor que:

A padronização inicial de seus ritos e seus prenúncios de institucionalização datam da década de 20, quando kardecistas de classe média, atraídos pelos espíritos de caboclos e pretos-velhos que se incorporavam nos terreiros de macumba do Rio de Janeiro, neles adentraram e assumiram sua liderança. É possível que o mesmo tenha ocorrido em outros Estados, sobretudo no Rio Grande do Sul. Em São Paulo houve também movimentação semelhante, embora a partir de influências cariocas. Imediatamente os adventícios passaram a moldá-la à sua imagem e semelhança: branca, cristã, ocidental. Extirpam-se dos cultos os rituais mais primitivos ou capazes de despertar os pruridos da classe média (matanças de animais, utilização ritual da pólvora e de bebidas alcoólicas), moralizam-se os “guias”, educando-os nos princípios da caridade cristã em sua leitura kardecista, racionalizam-se as crenças tendo-se por base a teodicéia reencarnacionista e organizam-se as primeiras federações que associam terreiros até então totalmente fragmentados (Negrão, 1993:113).

São encontradas diferenças entre as práticas espíritas e as umbandistas no exercício de determinados rituais, bem como na presença de certas classes de entidades. Mesmo reprovando a crença e cultos nessas entidades, os espíritas admitem que certos espíritos que transitam pela Umbanda conseguem resolver problemas como aqueles relacionados a saúde, de modo mais eficiente do que nos centros espíritas. Daniele Chaves Amado de Oliveira, historiadora, em artigo em que discute o papel da imprensa na consolidação da Umbanda, pontua que:

Quanto à aproximação dos médiuns kardecistas das práticas religiosas africanas, conhecida também como macumba, considera que esses médiuns julgavam os espíritos e as divindades africanos e indígenas mais eficazes que os evoluídos espíritos que se manifestavam nos centros kardecistas na cura e no tratamento de doenças, por exemplo. No entanto, consideram primitivos os rituais africanos de sacrifício de animais, a participação nas atividades religiosas dos espíritos denominados Exús, considerados diabólicos pelos kardecistas, o uso de bebidas alcoólicas nos rituais e em alguns casos, o hábito de cobrar do público consultas e tratamentos (Oliveira, 2016:3).

Essa pluralidade de rituais irá diferenciar a Umbanda também em relação a outros cultos presentes em sua matriz. Saulo Conde Fernandes afirma que:

Ao se pensar em religiões afro-brasileiras, em especial a umbanda, a macumba e o candomblé, é necessário que se considere no plural. Sob a denominação de ‘Tenda de Umbanda’, podemos nos afrontar com cultos, que nada têm de espiritismo kardecista, mas sim de macumba ou mesmo candomblé. Não há uma padronização nem na ritualística nem na mitologia: há diversas formas de se praticar e vivenciar tais cultos (Fernandes, 2013:3).

Derivado das diversas formas de organizar o culto, encontramos duas características que ajudam a elucidar a composição do universo umbandista: a presença de classes de espíritos que se apresentam na Umbanda e a diversidade na forma de lidar com os indivíduos que frequentam terreiros, sejam estes iniciados dentro da religião, sejam “clientes” que a buscam para resolver problemas pessoais sem assumir quaisquer outros compromissos religiosos.

Os espíritos cultuados na Umbanda estão sujeitos, em alguns terreiros, ao processo de doutrinação. Busca-se por meio dele promover comportamentos e discursos atrelados as práticas de bondade e caridade. Assim, almeja-se aproximar as entidades da Umbanda com o catolicismo e com o kardecismo francês por meio do binômio de bem e mal.

A existência do “mal” vai possibilitar a utilização de outro mundo mágico que está paralelo à Umbanda. Neste outro ambiente os pedidos dos frequentadores serão atendidos, mesmo que para isso princípios éticos e morais sejam relativizados. O sociólogo Reginaldo

Prandi afirma que:

O controle moral na umbanda se estende sobre a atividade religiosa de tal modo que as entidades espirituais, os espíritos dos mortos, devem praticar a caridade, ajudando seus fiéis e clientes a resolverem toda sorte de problemas. A noção de que os espíritos vêm à Terra para trabalhar é basilar no kardecismo. Igualmente, as práticas de ajuda mágica vão constituir o centro do ritual umbandista. A incorporação da noção cristã de um mundo cindido entre o bem e o mal, associada à necessidade de praticar a caridade, fez com que a umbanda se afirmasse como religião voltada precipuamente para a prática do bem. Todas as forças religiosas deveriam ser canalizadas na prática da caridade. Isso não impediu, no entanto, que junto à prática do bem pelas entidades do chamado panteão do bem ou da direita, surgisse, desde o início, ainda que de modo escondido, uma ‘face inconfessa’ do culto umbandista: uma espécie de universo paralelo em que as práticas mágicas de intervenção no mundo não sofrem o constrangimento da exigência ética, em que todos os desejos podem ser atendidos. Afinal, a herança africana foi mais forte que a moralidade kardecista e impôs a idéia de que todos têm o direito de ser realizados e felizes neste mundo, acima do bem e do mal (Prandi, 2022:491).

Esse mundo ao qual a Umbanda combate é chamado de Quimbanda⁷, em que o culto de entidades como Exus (falarei dessa classe de entidade no próximo capítulo) que permite as classes subalternas, em contraponto a classe média atrelado ao catolicismo e ao espiritismo francês, acessem a esse culto para que possam resolver de forma prática, rápida, seus problemas relacionados aos conflitos pessoais, como a busca pelo dinheiro, relacionamentos amorosos, abertura de caminhos, curas para doenças de todos os tipos. Sobre essa questão, Violeta Holanda, cientista social, em sua tese “Obaluaiê: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará” afirma que:

O Espiritismo de Umbanda irá predominar, por um lado, entre setores da classe média, aproximando-se, sobretudo, dos princípios doutrinários do Espiritismo de Allan Kardec, legitimando a idéia de evolução dos espíritos e voltando-se para o bem e a caridade, à luz da linha branca da Umbanda, afastando-se do seu contrário, a Quimbanda, rechaçada por espíritos obsessores, típicos das práticas afro-brasileiras, como os exus que integram a macumba. E, por outro, a Umbanda se sobrelevará entre setores das classes subalternas, representando um elo significativo entre essas populações periféricas no que diz respeito ao aparato de inserção social, como de atendimento a demandas individuais nos diversos campos: amor, cura, fortuna, proteção espiritual, abertura de caminhos, etc (Holanda, 2013:87).

Outra demanda move as pessoas para a solução de seus problemas: a atomização das relações sociais em uma grande cidade, em que traições, invejas, são motivos para buscar a proteção individual junto as entidades, marcando assim um estilo de vida individualista. Como afirma Lísias Negrão em seu artigo “Magia e religião na Umbanda”:

...a idéia de que os relacionamentos sociais são perigosos; os outros, por

⁷ Sobre o tema da Quimbanda, ver Carvalho e Bairrão (2019) e Barros, (2007).

disposições naturais, inveja ou simples maldade, são capazes de causar danos ao sujeito em sua sanidade, em suas condições econômicas e seu relacionamento afetivo e familiar. O caráter fragmentado da vida social nas grandes cidades, com o isolamento que acarreta e a competição como seu processo social predominante, culmina por reforçar esta percepção, ao invés de ultrapassá-la, por efeito dos fatores racionalizadores e moralizadores também aí operantes. As demandas contra os rivais, desafetos e pessoas maldosas estão presentes na vida real e são transpostas para o plano simbólico através da prática mágica (Negrão, 1996:86).

Para acessar a ajuda espiritual das entidades é necessário expor seus pedidos as mesmas. Diante dessa necessidade, na Umbanda, apresentam-se os mecanismos da mediunidade⁸ e do transe. A mediunidade é capacidade dada a uma pessoa estabelecer a comunicação com o mundo espiritual: um universo invisível aos olhos humanos, mas que pode se manifestar para as pessoas que possuem essa capacidade. Dessa forma, os indivíduos denominados de médiuns, podem ver, ouvir, conversar com espíritos. O psicólogo Wellington Zangari, em seu artigo “Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de Umbanda” argumenta:

Há uma grande variedade de modalidades de mediunidade, como a ‘mediunidade de vidência’ (ou ‘clarividência’), a ‘mediunidade de audição’ (ou ‘clariaudiência’), a ‘mediunidade intuitiva’ (ou sensibilidade), a ‘mediunidade de escrita’ (ou ‘psicografia’), dentre outras, além da ‘mediunidade de incorporação’. Assim, nem todas as pessoas seriam médiuns, e dentre os médiuns, nem todos seriam médiuns de incorporação. A mediunidade de incorporação é definida como a capacidade de deixar que as entidades controlem o corpo do médium para, assim, poderem realizar seus trabalhos de caridade na Terra. (Zangari, 2005:70).

O que Zangari acima definiu como incorporação, é o mecanismo religioso acessado pelo transe. É o estado de transe que permite os indivíduos ceder seus corpos para que as entidades possam se comunicar por eles. Nesse sentido, Prandi concorda com Zangari ao afirmar que:

Todas essas formas de cultos nascidas no Brasil, que podemos genericamente chamar de religião dos encantados ou religião cabocla, são religiões de transe. As entidades cultuadas se manifestam em transe no corpo de devotos devidamente preparados para isso, tal como ocorre nos cultos dos orixás, voduns e inquices. Como também se dá no conjunto todo das religiões afro-brasileiras, todas desenvolvem ampla atividade mágico-curativa e de aconselhamento oracular, todas elas são dançantes e sua música é acompanhada de tambores e ritmos de origem africana, embora em modalidades como o catimbó a dança tenha sido adotada mais tarde, nesta provavelmente por influência do xangô (Prandi, 2022:483).

É a partir do corpo do médium em que a entidade se expressará, por meio de advertências aos presentes, conselhos, estreitando assim a comunicação entre o mundo dos

⁸ O transe e a mediunidade permeiam os rituais apresentados no capítulo 2, sem os quais não haveria comunicação com os espíritos das consultas e das rezas.

vivos e dos mortos. Violeta Holanda em sua tese afirma que:

Na Umbanda, através do transe, é permitida a interação entre o mundo espiritual com o mundo físico. Por intermédio da mediunidade, as entidades se apresentam nos terreiros para transmitir ensinamentos, dar conselhos e orientações, recomendações no sentido de promover a cura e solucionar problemas, seguindo as linhas ou falanges que se dividem conforme as fases de evolução espiritual. A riqueza do universo simbólico religioso constitui uma importante herança histórica e social, com influências indígenas, africanas e portuguesas (Holanda, 2013:33).

O transe mediante o exercício da mediunidade precisa ser exercido de maneira controlada. Cada local vai desenvolver seus rituais e a manipulação de objetos como: cachimbos, velas, estátuas, cigarros, bebidas alcoólicas.

Os elementos apresentados também fazem parte do processo de iniciação na Umbanda. A Umbanda se configura assim como uma religião iniciática. Janaina Leite de Azevedo Corral, em seu artigo sobre websites e intolerância religiosa contra religiões afro-brasileiras afirma que:

O Candomblé e a Umbanda, são, por excelência, religiões iniciáticas e endogênicas, assim, para frequentar os ritos e cultos e ter acesso a todos os rituais, é necessário passar por ritos de iniciação, que o tornam apto a ser um membro daquela comunidade religiosa, e, para tomar parte em uma Casa, em geral, é necessário pertencer à comunidade sobre a qual aquela casa se fundamentou, ou ser apresentado e introduzido por membro iniciado e confiável do grupo. Os conhecimentos são passados, não de forma escrita, mas pela Tradição Oral, pelos cantos, danças, orikis (orações de invocação aos deuses), entre outros (Corral, 2015:2).

A frequência do indivíduo simpatizante na Umbanda vai depender da urgência em que o mesmo encontra-se frente a seus problemas. Por outro lado, os iniciados da casa, mantêm uma relação que somente finda com suas mortes carnais, ou a do dirigente da casa. Dessa forma, é necessário para a estabilização da vivência no terreiro, práticas de sociabilidade moral e também religiosa. Violeta Holanda argumenta que:

A relação de acolhimento aos clientes externos pode ser pontual ou duradoura, a depender do nível de dificuldade demandado pela doença e dos anseios e dedicação de quem procura. Mas, a relação com os filhos de santo comumente é mais densa e prolongada. As lideranças religiosas assumem um importante papel na condução moral de seus filhos de santo, demandando todo um processo de socialização moral e religiosa na comunidade dos terreiros. Essa relação de poder que une pai ou mãe de santo aos seus filhos de santo é considerada indissolúvel e dura até a morte (Holanda, 2013:52).

Mesmo que a clientela mantenha uma relação de frequência esporádica com o terreiro, não significa que relações de gratidão entre os indivíduos não existiam. Dessa forma até mesmo quando instituições estatais, perseguiram e destruíam os terreiros, aqueles

que precisavam de sua ajuda - normalmente pessoas das classes mais baixas economicamente e socialmente - sempre se organizavam para que o espaço religioso voltasse a existir e a manutenção dele fosse garantida. Assim, Wilson do Nascimento Barbosa, historiador, vai argumentar que:

A visão oficial do Estado quanto ao dirigente da Tenda ou do Centro Espírita (versão ‘civilizada’ este) era de que se tratava de um criminoso, um espertalhão e um estelionatário. Um delegado de polícia nunca se perguntava como num mundo mercantil um sacerdote da Umbanda lograva obter um fiador para alugar ou comprar uma casa relativamente grande, onde se instalaria o terreiro. Isso quase sempre era visto como alguma forma de crime. Favelados, empregados de serviço, domésticas e funcionários de baixo escalão constituíam o público majoritário de tais centros espíritas. Seria, pois, de perguntar por que tais “criminosos” não agiam em interesse próprio, mas continuavam – ao contrário – pobres. A resposta mais simples para a ressurreição da tenda ou do centro tantas vezes destruído estava no apoio material de seus crentes e na solidariedade efetiva de pessoas de classes sociais menos pobres, mas em dívida espiritual para com benefícios recebidos daquele terreiro. (Barbosa, 2008:15).

Essa variedade de rituais, de entidades, chamou a atenção de acadêmicos. O sociólogo Cândido Procópio Ferreira de Camargo (1961), ao estudar a Umbanda paulista, desenvolveu o conceito de *continuum* mediúnico. Uma espécie de régua onde em uma extremidade estão as práticas categorizadas como africanas e em outra as mais próximas do Kardecismo Espírita.

No recorte histórico do autor sua teoria era coerente. Contudo em estudos mais recentes que apontam para uma nova configuração da Umbanda, como o de Léo Carrer Nogueira (2017), historiador, percebe-se que a religião umbandista pode ser compreendida a partir do conceito de rizoma desenvolvido pelos filósofos Gilles Deleuze e Felix Guattari.

Tal conceito apropriado para explicar a Umbanda pode ser definido como a capacidade desta religião em criar inúmeras confluências, apropriações, promovendo então um imenso emaranhado entre outras religiões, cultos, filosofias. Assim, ao invés de pensar-se em uma régua como propunha Camargo, (1961), pode-se olhar para a Umbanda como uma grande raiz que se espalha em diversas direções de onde não é possível afirmar onde a mesma começou e para onde se vai. Diva Damato, linguista, citada por Nogueira demonstra o conceito de rizoma:

[...] rizoma é uma raiz que vai em todas as direções, que se mistura às raízes de todas as plantas que venha a alcançar, resultando num emaranhado inextrincável [...]; O rizoma [...] se caracteriza pelos princípios da conexão, da heterogeneidade, da multiplicidade, da recusa de um eixo, da ausência de um modelo, quer estrutural, quer gerativo (Damato, 2003:37 apud Nogueira, 2017:56).

Aponto que a Umbanda é uma religião iniciática, com uma presença em diversas regiões do Brasil, ao mesmo tempo em que ela se apresenta com práticas inseridas dentro

de cada contexto social, cultural. Dessa maneira, diversas configurações vão sendo construídas ao longo do tempo, trazendo para dentro dos cultos elementos que podem ser encontrados em um local, e não localizados em outros. A influência de cultos africanos vindo de diferentes países, bem como o Espiritismo Kardecista vindo da França, facilitando a criação dessa imensa rede de cultos plurais.

1.3 As primeiras ondas de perseguição: Estado, religião, medicina

Neste tópico eu vou apresentar o contexto de perseguições que a Umbanda sofreu durante as primeiras décadas de século XX, orquestrada por quatro principais instituições: o Estado brasileiro com seu aparato repressor, a Igreja Católica juntamente com o Espiritismo Kardecista e a medicina.

Como eu havia apontado, a perseguição sofrida pelos cultos africanos não iniciou-se no século XX. Entre os séculos XVIII e XIX, por exemplo, houveram movimentos políticos querendo desqualificar toda forma de prática mágico-religiosa de origem africana.

Dessa forma, as instituições que fomentavam as perseguições buscaram categorizar as práticas dos escravizados e posteriormente ex-escravizados, como oriundas de sujeitos “ignorantes e doentes”. Dessa forma, os indivíduos que foram escravizados, e mormente, moravam em periferias recém formadas e praticavam cultos africanos nos grandes centros urbanos brasileiros, eram perseguidos sistematicamente. Artur Cesar Isaia, historiador, vai argumentar que

Os estigmas da cor, da desqualificação social, eram reincidentemente invocados pelo discurso eclesiástico, médico e jurídico para desacreditar práticas ‘impropriamente’ consideradas como religiosas e julgadas esdrúxulas, próprias de seres ignorantes e doentes (Isaia, 1999:99).

A Umbanda então precisou adaptar-se a realidade social e política a qual estava inserida, buscando então ser associada ao Espiritismo Kardecista e também negociar com a Igreja Católica sua existência, que na época era uma instituição com grande poder político.

O Brasil no começo do século XX viveu um processo histórico com diversas e profundas consequências sociais e políticas para o Estado e a população. Proclamou-se a República brasileira e com isso novas ideias, como “racionalidade”, “progresso”, “civilização”, “evolução” começavam a ser disseminadas principalmente nos grandes centros urbanos em uma tentativa de ordenar a vida social. Desse modo, como afirma Célia das Graças Arribas, socióloga, argumenta que:

O fato é que na incipiente República dos Estados Unidos do Brasil, principalmente na primeira década de 1890-1900, e especialmente na sua capital e nas grandes cidades, surgiam em diferentes níveis as preocupações de conter, de controlar, de mapear e de classificar agentes, ações e disposições da sociedade brasileira, preocupações ligadas ao objetivo do novo governo de instituir uma ordem urbana, fator necessário para a realização do progresso social. (Arribas, 2011:328).

Neste mesmo período, na Europa, está sendo difundida o chamado Espiritismo Kardecista, tendo como seu codificador Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec), pedagogo francês, interessado em fenômenos místicos apresentados em sessões públicas ou privadas no território francês. Apesar de não ter alcançado grandes seguidores em todo o planeta, ao chegar no Brasil as ideias dos livros que remetiam a valores que interessavam ao republicanismo, acabam sendo absorvidas pelo Estado brasileiro, principalmente por seu conteúdo que acreditava na evolução dos indivíduos, e por consequência, dos países. Para o historiador Artur César Isaia:

A ligação estabelecida entre surgimento da Umbanda, abolição da escravatura e proclamação da República pode ser melhor compreendida ao acrescentarmos a essa relação o surgimento e difusão do Espiritismo Kardecista no Brasil. De fato, os intelectuais espíritas faziam questão de relacionar a difusão do Espiritismo no Brasil com as conquistas pós-revolucionárias, advindo daí a relação entre espírita, republicano e abolicionista. Por outro lado, aflora, em argumentos como esse, a defesa da Umbanda como uma religião essencialmente nacional, surgida em consonância com os planos do 'astral', visando tomar o Brasil mais próximo da civilização e da razão. Portanto, afirmando a ideia de progresso evolutivo, caríssima ao Espiritismo codificado por Kardec (Isaia, 1999:104).

Os ideais dessa época fazem parte do chamado Iluminismo, movimento social e histórico, responsável pela difusão das ideias que preconizam a primazia do mundo material sobre a ideia da existência de um mundo espiritual, habitado por espíritos. Allan Kardec então apropria-se desse pensamento em uma tentativa de apontar o espiritismo como um movimento que unia religião e ciência. Argumenta Célia das Graças Arribas que:

Como é sabido, as principais teorias e concepções científicas do século XIX – o positivismo, o evolucionismo e o materialismo – tiveram a marca do legado Iluminista, ao mesmo tempo progressista, racionalista e experimental. A imagem do mundo projetada por essa visão não contemplava a possibilidade de qualquer realidade além do domínio "material" que não fosse explicada através: (1) de experimentações laboratoriais, (2) de verificações racionais de suas causas e (3) do controle de suas variáveis, sobretudo por meio de cálculos e comprovações das leis que governam os fenômenos físicos, biológicos e inclusive sociais. Essa cultura científica assumiu sua forma vicejante na França, influenciando os diversos sistemas de pensamento nela florescentes. É neste contexto que devemos compreender as principais características do Espiritismo, criado por um herdeiro de seu tempo, Allan Kardec. Assim, ao contrário das corporações místicas, ocultistas e teosóficas de sua época, que deslocavam o "problema das manifestações dos espíritos" para o terreno do mistério, ele propunha relacioná-lo com a ciência, pensando-a como um procedimento racional de observação, de experimentação e de conclusão. (Arribas, 2011:323).

O Espiritismo Kardecista é uma doutrina que adquire apelo e aceitação dentro do

Brasil, principalmente na classe média. Sua crença em espíritos, na dualidade do bem e mal, tentam demonstrar um caráter de racionalidade, de ciência, a este movimento. Como afirma o Lísias Negrão:

Religião extremamente racionalizada desde a codificação espírita promovida por seu fundador francês na segunda metade do século XIX, inspirou-se na doutrina kármica hindu para explicitar o sentido da comunicação com os espíritos e no experimentalismo científico para captar suas mensagens. Se o positivismo de Comte transformou-se de ciência em religião, o Kardecismo teve trajetória inversa, sem deixar de ser religião e assimilando do positivismo inclusive seus elementos religiosos (Negrão, 1993:117).

Há também outras características que serão proferidas pelo movimento espírita, buscando ressaltar o caráter científico, verdadeiro, do mesmo. Célia das Graças Arribas teoriza que:

Allan Kardec conhecido por ter sido o ‘codificador’ de um corpo teórico-doutrinário, alcunhado por ele mesmo de *Espiritismo*, que partia de pressupostos indiscutíveis tais como: (1) a existência de espíritos e a imortalidade da alma, (2) a pluralidade das vidas e (3) a existência de Deus (Arribas, 2011:321).

Apesar de alguns pontos em comum, como a existência de espíritos, as relações entre a Umbanda presente nas periferias dos grandes centros urbanos e o Espiritismo Kardecista, é caracterizada por conflitos e momentos de aproximação. Muito disso se deve a estratégias políticas umbandistas para escapar da perseguição das instituições que as perseguiam. Além disso, a própria forma como o Espiritismo e a Umbanda promoviam seus cultos, por meio do exercício da mediunidade, despertará discursos relacionados por exemplo a “qualidade”, ao nível de “evolução”, dos espíritos presentes. Desta forma, terreiros de Umbanda passavam a se chamar de espíritas, buscando escapar das instituições repressoras. Léo Carrer Nogueira, afirma que:

Com a chegada do kardecismo no Brasil, no início do século XX, estes terreiros vão sendo aos poucos influenciados pela doutrina kardecista. As explicações dadas pelos kardecistas para os vários fenômenos que ocorriam nos terreiros de umbanda acabam sendo apropriadas por muitos destes, que passam a se utilizar da doutrina kardecista dentro de seus terreiros. Outro fator que aproxima estas duas religiões era a perseguição sofrida ainda pelos terreiros de macumba e a legitimidade social que tinha o kardecismo na sociedade. O espiritismo kardecista era uma religião de status social, intelectualizada e freqüentada em grande parte por membros da elite brasileira. Para fugir das perseguições, muitos terreiros passam a se dizer espíritas, intensificando a associação entre estas duas religiões. Já no início do século XX, em artigos de jornais e escritos católicos, podemos encontrar as denominações de alto e baixo espiritismo conferidas, respectivamente, ao kardecismo e às práticas da macumba, candomblé e umbanda. Esta era uma forma de diferenciar as duas religiões, já que, aos olhos de seus perseguidores (a Igreja Católica e os jornais conservadores da época), espiritismo e práticas afro-brasileiras eram a mesma coisa (Nogueira, 2007:489-490).

Esse movimento de se aproximar do Espiritismo Kardecista sofreu de violenta

rejeição, na medida em que o mesmo luta para transparecer uma imagem civilizatória que na época estava em oposição aos cultos afro-brasileiros, considerados como “primitivos”. Isso acarreta a convocação de um Congresso com o objetivo de fortalecer o Espiritismo e se desvincular da Umbanda. Artur César Isaia argumenta:

A aproximação tentada pelos primeiros umbandistas com o kardecismo no Brasil, contou com a enérgica oposição dos círculos espiritas do centro do País. Esses não admitiam a ligação entre o kardecismo, que se credenciava à sociedade com uma identidade próxima aos valores consentidos pela elite, e a Umbanda, ainda presa a conteúdos imagéticos que a confinavam aos subterrâneos sociais. A esse respeito, manifestou-se o Primeiro Congresso Espirita, reunido em São Paulo em 1947, organizado pela União Social Espirita. Entre as conclusões do referido congresso estava a de que era preciso unificar o Espiritismo, devido à sua ‘dispersão generalizada e sistemática’, que levava a práticas totalmente desvirtuadas do substrato científico, filosófico e religioso da codificação kardecista (Isaia, 1999:110-111).

Mesmo com o Congresso, a Umbanda manteve-se em movimento para aproximar-se do Espiritismo Kardecista, ao mesmo tempo em que internamente lutava para manter suas raízes africanas. Como consequência, foi preciso reelaborar seu universo simbólico. Dessa forma, Lísias Negrão afirma que “Através da incorporação da doutrina kardecista da evolução espiritual e dos princípios morais cristãos, a umbanda reelaborou as raízes negras de seu universo simbólico”. (Negrão, 1996:86).

Ao mesmo tempo em que a Umbanda lutava politicamente com o Espiritismo Kardecista, desdobrava-se uma nova luta: a associação perjorativa das práticas denominadas de “mandigueiras” (Idem, 1998), pela elite republicana da época.

A elite da época queria demonstrar que somente ela seria capaz de instruir a população a um novo tempo social, em que quaisquer práticas religiosas fora do catolicismo deveriam ser visualizadas como resquícios de um tempo primitivo. Assim, rejeitava-se tudo que fosse considerado como prática popular:

Recorrendo às sutilezas de sua socialização ideológica ou, abertamente, à violência que lhe possibilitava a sua posição, a elite brasileira tentou impor sobre as camadas pobres uma representação da realidade marcada pela sua desvalorização. Desvalorização que deveria trazer consigo a aceitação do papel messiânico da elite, detentora de ‘legítimos’ saberes e de práticas religiosas opostas à “superstição” e ao ‘atraso’ (Ibidem, 1999:98).

Nesse contexto do começo do século XX, houve um evento histórico (e posteriormente político) que foi utilizado para frear a violência da elite sobre os cultos umbandistas. Cria-se então uma data⁹ de fundação para a Umbanda, que foi rapidamente

⁹ A Umbanda, por tudo que já foi demonstrado até o momento, já existia antes desta data, não sendo possível

reconhecida pelos adeptos da época e é utilizada até hoje como marco político dentro de algumas vertentes da Umbanda.

O evento começa por sua figura principal, um jovem chamado Zélio Fernandino de Moraes. Com então 17 anos, o mesmo estava doente e os médicos da época não conseguiam descobrir a causa. A família então pediu ajuda a padres, por acreditar que se tratar de problemas espirituais. Contudo o problema não foi solucionado. Zélio frequentava uma casa espírita, e foi conduzido a ela após alguns dias do início de sua enfermidade, para compreender e solucionar a mesma.

Ao chegar na casa espírita, incorporou-se nele um espírito, que por sua vez avisou aos presentes chamar-se de Caboclo 7 Encruzilhadas. Foi dito pelos que conduziam a sessão que o mesmo deveria retirar-se, pelo fato do Caboclo ser um espírito atrasado, de origem indígena. O espírito retrucou dizendo que veio até aquele espaço para fundar uma nova religião, que acolheria a todos aqueles que buscassem ela, dando o nome de Umbanda. A partir daí Zélio passou a ministrar em seu terreiro, consultas, por meio de entidades, e assim, nasceu a Umbanda.

Essa história com seus revesses e detalhes, é divulgada positivamente por alguns umbandistas e negada por outros no que tange a fundação da Umbanda. O argumento principal de negação¹⁰ é que esse evento possuiu o objetivo de apagar o lado africano da Umbanda, tornando-a assim “branca”, ou seja, atrelando-a fortemente ao Espiritismo Kardecista, buscando assim, direta ou indiretamente, se adequar aos planos racistas e elitistas da elite brasileira. Wilson do Nascimento Barbosa, historiador, vai argumentar que:

Uma importante viragem no processo para ‘tornar branca’ a Umbanda deu-se com a experiência relacionada à descida do Caboclo Sete Encruzilhadas, no médium então kardecista Zélio Fernandino (15 de novembro de 1908), que levaria a uma gradual reestruturação da Umbanda como Umbanda de Linha Branca, isto é, como um ramo cada vez mais desafricanizado de religião, sob a influência dos discípulos de Alan Kardec. A Umbanda de Linha Branca iria se estruturar no período 1913 (com um conselho de cinco membros, entre os quais haveria um padre católico) a 1930, com a formação de associações civis que enquadravam no total cerca de trezentas tendas, no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, nesta fase inicial. Mais tarde, o movimento se estenderia a todo o Brasil (Barbosa, 2008:12).

Barbosa também aponta para o movimento contraponto ao modelo racista que recaiu

ignorar toda a gama de cultos africanos presentes no Brasil.

¹⁰ Ver < <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2022/01/zelio-o-fundador-da-umbanda-que-nao-e-bem-aceito-por-umbandistas.shtml>

sobre a Umbanda, capitaneado por indivíduos pretos, vivendo na periferia das grandes cidades e os brancos que também viviam nesses bolsões. Essa aproximação demarca uma resistência política a tentativa de apagar os traços que compunham a Umbanda. Como diz o autor:

No entanto, esta primeira Umbanda (1913-1960) reformada, embora de ampla difusão, foi sempre socialmente considerada uma “religião de pretos”. Ela legalizava a aproximação de brancos e pretos, sendo a maioria dos brancos que dela participavam pessoas pobres e de baixa instrução formal, que já viviam nos bolsões de cultura negra e que precisavam talvez ser educados religiosamente como negros, para suportar a adversidade de suas vidas. Nesse sentido, nela não havia muito, diferente daquelas aproximações, entre Judiarria, Ciganaria e religião Afro-indígena do fim do período colonial (1780-1830). (Idem, 2008:14).

Reginaldo Prandi pontua que a Umbanda mesmo em um movimento de resistência, utilizou-se de alguns elementos espíritas. O objetivo era tornar-la uma religião de prestígio no Brasil, ao mesmo tempo em que não deixou suas práticas africanas serem apagadas. Para isso, a religião umbandista utilizou-se da política de acolhimento às pessoas, em um momento histórico no qual o Estado não promovia o bem-estar social da maioria populacional brasileira. Sendo assim:

Assim, a formação da umbanda, no Rio de Janeiro e em São Paulo dos anos 30 e 40, já significava a possibilidade da adesão indiscriminada dos brancos a uma nova religião afro-brasileira, numa época em que o espiritismo kardecista, introduzido no Brasil no final do século passado, já conquistara significativa fatia de conversos e simpatizantes de origem católica. Ao assimilar muitos traços do espiritismo de mesa branca, a umbanda ganhava também feição assemelhada com uma religião de prestígio na sociedade brasileira, uma religião que apostava numa certa racionalidade e na eficácia da organização burocrática, que enfatizava a importância da educação e do progresso intelectual e que se publicizava muito positivamente através de suas instituições de caridade que cuidavam de toda sorte de desvalidos e desamparados, numa época em que a presença do Estado na esfera do bem-estar social era pífia. Nos seus primórdios, a umbanda se autodenominava espiritismo de umbanda, e se ela nunca logrou reproduzir completamente esses traços tão caros ao kardecismo, no mínimo sua preocupação em valorizar o modelo muito contribuiu para arrefecer em parte o preconceito contra religiões de origem negra e assim atrair mais facilmente boa parte de seu contingente de adeptos brancos (Prandi, 1995:128).

Quase na metade do século XX surge o movimento político chamado de Estado Novo. Alguns estudiosos da buscaram promover sua aproximação com esta manifestação política. Para tanto, o discurso evolucionista foi acionado, demonstrando assim um interesse por parte dos umbandistas em promover um processo de limpeza, aprimoramento religioso, apagando tudo aquilo que fosse considerado como “horripilante”. Para propagar essas ideias é criado o Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, em 1941. Isaia aponta que:

A inserção da Umbanda no curso evolutivo da humanidade e, particularmente, no

‘progresso’ revelado por um Brasil que acentuava características industriais e urbanas em alguns centros do sudeste do país é enfatizada em tese defendida por Martha Justina no Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda, celebrado no Rio de Janeiro em 1941. Esse Congresso, acontecido ainda em plena vigência do Estado Novo, fixou explicitamente a posição dos intelectuais da nova religião em relação à identidade, doutrina e ritual. Na tese de Martha Justina, a autora sustenta que, apesar de trazida do continente africano, a Umbanda possuía um princípio evolutivo capaz de ‘aprimorá-la’ constantemente, em sintonia com o ‘progresso’ do País. Assim, se os ritos observados pelos africanos possuíam ‘uma série de coisas exóticas e horripilantes’, a religião, em contato com a civilização, abandonaria essas práticas “bárbaras”, como esforço racionalizador da Umbanda no século XX. Entre as práticas ‘horripilantes’ detectadas pela autora, incluem-se as observadas pelo candomblé no Brasil, tais como: ‘raspar totalmente a cabeça... fazer jejum, ficar em retiro durante muitos dias, em um camarim, e quando daí sair dançar sob o som de músicas africanas... sacrificar animais e oferecer bebidas’. A Umbanda trazida pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, por outro lado, inserindo-se totalmente no curso evolutivo da humanidade e no ‘progresso’ revelado pelo País, deveria revelar uma mensagem totalmente compatível com o modo de vida de pessoas educadas, letradas e urbanas (Isaia, 1999:106).

A figura de Getúlio Vargas, então presidente durante do Estado Novo, observava na Umbanda uma oportunidade de ressaltar um sentimento nacionalista brasileiro e angariar para si apoio popular. Daniele Oliveira afirma que:

Assim, a fundação da Umbanda estaria inserida nas relações de classe urbana sem processo de mudança. Significa dizer que a escolha dos espíritos de índios e velhos africano, não foi mero acaso, mas sim uma decisão consciente e influenciada pelo nacionalismo pregado pelo regime de Getúlio Vargas e pela tentativa de construir uma cultura nacional centrada na unificação das diferentes raças que compunham o povo brasileiro (Oliveira, 2016:5).

A partir de 1934, Getúlio Vargas apesar de todo apoio político que obtivera dos umbandistas, toma a decisão de colocar a Umbanda e demais manifestações religiosas “periféricas” dentro das leis que coíbiam práticas consideradas marginais, enquadrando assim os cultos afro-brasileiros na mesma categoria que o uso de drogas, prostituição, abuso de álcool.

Os centros religiosos foram obrigados a procurar os departamentos estatais para a expedição de um documento que dava acesso para as práticas religiosas. Assim, quem não portasse o papel estatal autorizando as práticas, sujeito a perseguição e fechamento do terreiro. Diana Brown, antropóloga, afirma que:

Apesar de apoiarem as políticas de Vargas, os umbandistas sofreram consideravelmente com a repressão que caracterizou o período do Estado Novo (1937-1945). Embora a repressão tenha sido dirigida sobretudo contra organizações políticas e sindicatos de esquerda, atingiu também grupos sociais e religiosos muito menos radicais: os maçons, os kardecistas, a Umbanda e as religiões afro-brasileiras. Uma lei datada de 1934 colocou todos esses grupos sobre a jurisdição do departamento de Tóxicos e Mistificações da Polícia do Rio de Janeiro, na sessão especial de Costumes e Diversões, que lidava com problemas relacionados com álcool, drogas e jogo ilegal e prostituição. Esses grupos religiosos, para poderem funcionar, eram obrigados a solicitar registro

especial dos departamentos de polícia locais, e a polícia fixava suas próprias taxas. Portanto, esta lei enquadrou, em termos sociais, as práticas desses grupos como atividades marginais desviantes, e por extensão ou associação, como vícios que requeriam controles punitivos mais do que controles simplesmente reguladores. Essa classificação continuou vigorando para os centros de Umbanda até a reorganização do Departamento de Polícia do Rio, em 1964. (Brown, 1985:13).

A imprensa da época acompanhou os processos de perseguição, autorizavam e fez questão de acompanhar os debates para disseminar as ideias evolucionistas dos palestrantes do Primeiro Congresso do Espiritismo de Umbanda e conseqüentemente ajudou os palestrantes da época a proclamar suas ideias, como argumenta Oliveira:

O processo de legitimação da Umbanda se solidifica com o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, realizado pela federação em 1941. Durante o congresso diversas teses foram apresentadas pelas lideranças umbandistas no sentido de racionalizar e codificar as práticas religiosas e contextualizar o surgimento da Umbanda através de um discurso que a afastasse das religiões de matriz africana e reforçassem sua origem nacional. A imprensa acompanhou os debates realizados durante o evento e os divulgou (Oliveira, 2016:1).

A Umbanda que nesse momento estava em processo escancarado de perseguição, depara-se com o mesmo movimento acontecendo com o Espiritismo Kardecista. Dessa vez, o inimigo em comum era a Igreja Católica, que mesmo sem todo o poder que possuía durante o período colonial¹¹, ainda condenava os cultos diferentes ao seu, principalmente quando se tratava de práticas que envolviam a crença em comunicação de/com mortos. A figura do diabo, representante de todo mal que há no mundo, passa a integrar, segundo o pensamento católico, os cultos da Umbanda e do Espiritismo Kardecista. Apesar da condenação inicial, a Igreja lentamente muda sua percepção, tornando-se menos virulenta em relação a autoria moral dos fenômenos religiosos compreendidos como maléficis. Isaia afirma que:

A constatação por parte de hierarquia, da disseminação das práticas de invocação aos mortos na cotidianidade brasileira é visível desde o final do século XIX, armando-se o clero para um combate que reputava renhido, dramático, fiel a concepção de Pio IX, para quem o Espiritismo aparecia como o mais terrível inimigo que jamais enfrentou a Igreja. Esse inimigo mostrava-se particularmente perigoso em um contexto como o nosso, onde as manifestações mediúnicas pareciam ter encontrado o cenário ideal. Em todas essas fontes o Espiritismo é representado como integrante de construção do outro, o lugar da demonização é recorrente, aparecendo a invocação aos mortos como verdadeira forma de dar voz às hostes satânicas. Contudo, é mister nuançar essa presença do demônio no discurso da hierarquia católica em relação ao Espiritismo. Se ela aparece de forma saliente em inúmeras fontes em todo o período estudado, é, sobretudo, no material empírico mais distante dos meados do século XX, que a demonização

¹¹A Constituição de 1891 separa de forma definitiva a relação existente entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro. Contudo, na prática a mesma continua a influenciar os bastidores de como as políticas de Estado funcionam.

direta é recorrente. No período mais recente, recorre-se à intervenção demoníaca direta como explicação para os fenômenos do Espiritismo e do Umbanda de maneira bem mais parcimoniosa. Nas fontes desse período mantém-se a demonização do Espiritismo e Umbanda, mas o demônio passa a aparecer mais como 'autor moral' dos fenômenos mediúnicos do que presença direta nos mesmos (Isaia, 2001:70).

Isaia personaliza sua argumentação ao resgatar a figura pública da Igreja Católica que esteve diretamente empenhada na tentativa de sufocamento da Umbanda e do Kardecismo Espírita: o Frei Boaventura Kloppenburg. Sua atuação foi fundamental para articular junto a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB) estratégias políticas para este fim. O uso de livros e artigos foi amplamente utilizado para difundir seus pensamentos:

Frei Boaventura Kloppenburg foi o religioso mais atuante no ataque católico às religiões mediúnicas no Brasil, sobretudo na década de 1950. Será o nome chave com quem a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil contará. Seja através dos livros e artigos que escrevia, seja através das conferências realizadas em todo o Brasil, que reuniam multidões ávidas de descobrirem os segredos do Espiritismo e da Umbanda. O Frei será a peça-chave do órgão que coordenava a luta católica em favor da preservação da ortodoxia: o Secretariado Nacional em Defesa da Fé, fundada em 1939 na Arquidiocese do Rio de Janeiro e absorvida na estrutura interna da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fundada em 1951. (Isaia, 2001:76).

A campanha encabeçada pelo Frei era forte o suficiente para que a prática de excomunhão, (Schulz, 2013) punição máxima para um católico, fosse ventilada à todos aqueles que frequentassem quaisquer centro espíritas ou terreiros de Umbanda. Essa ameaça possuía aval da CNBB até os fins dos anos de 1950, como pontua Lísias Negrão:

...ao longo da década de 50 a CNBB desenvolve extensa campanha liderada por frei Boaventura Kloppenburg contra o espiritismo, especialmente de umbanda, que vinha crescendo intensamente como revelara o recenseamento de 1940. Antigas e novas acusações lhe são feitas e pairou sobre a cabeça dos católicos que frequentassem seus terreiros a ameaça da excomunhão” (Negrão, 1996:78).

Ainda nesse momento de perseguição a todas as práticas que não fossem católicas, o Papa Pio XII dirigiu-se ao catolicismo brasileiro para enunciar a inclusão de outros perigos a sua fé: a maçonaria, para o Espiritismo Kardecista, o comunismo e para protestantismo. O objetivo era afastar seus fiéis de tais ideias. Para Isaia:

Em 1957, o Papa Pio XII dirigia-se aos militantes brasileiros da Ação Católica enumerando os principais perigos enfrentados pelo catolicismo na América Latina. Os quatro elementos deletérios para a religião católica eram detectados no comunismo, protestantismo, maçonaria e espiritismo. O posicionamento de Pio XII, ao lado de ratificar a postura tradicionalmente defensiva da hierarquia frente ao mundo moderno e a 'perigos' que somente poderiam ser enfrentados com o reforço da autoridade, do magistério eclesiástico, evidenciava o lugar destacado que o espiritismo lograra como 'heresia' condenável pelo catolicismo. Se bem que a condenação do magistério eclesiástico seja bem anterior à mensagem de Pio XII, será em meados do século XX que as chamadas religiões mediúnicas ganhariam visibilidade no Brasil, aumentando, consideravelmente, a frequência

com que são atacadas pelo discurso da hierarquia (Isaia, 2001:68).

Um dos motivos pelos quais o Espiritismo Kardecista foi perseguido é a sua mutabilidade desde que desembarcou no Brasil. Enquanto na França, seus adeptos estavam ligados aos assuntos unicamente científicos, no Brasil, o mesmo aproximou-se do campo religioso, sendo assim interpretado como religião. Dessa forma Arribas comenta que:

Conforme dito no princípio, o Espiritismo propunha o diálogo entre as três formas clássicas de conhecimento (o científico, o filosófico e o religioso). E foi exatamente essa definição que suscitou polêmicas por onde quer que tenha passado. Nem inteiramente filosofia, nem ciência, nem religião: o Espiritismo não só foi interpretado de diversas maneiras por seus adeptos no Brasil, como também recebeu ataques de todas as partes, principalmente dos campos científico e religioso (Arribas, 2011:324).

Por outro lado, o processo de redemocratização do Estado brasileiro feito em 1945 após a saída de Vargas, demonstrou a necessidade do Estado brasileiro, por meio do populismo instalado, de favorecer de algum modo os cultos umbandistas. Sendo assim pontua o autor que:

Apenas com a redemocratização de 45, a relação do Estado para com esses cultos, sob a pressão da retomada do processo eleitoral e o florescimento do populismo característico do período, se inverte: de perseguidos passam eles a ser favorecidos e os antigos algozes transformam-se em protetores. (Negrão, 1996:78)

Os processos de perseguição e aproximação pontuados nesse capítulo demonstram que a relação da Umbanda com o aparato estatal obedeceu um regime onde calculava-se todo momento politicamente qual o preço de manter sua existência.

Apesar da perseguição que foi iniciado na década de 1960, ocorre uma reviravolta dentro de movimentos políticos que atuavam internamente na Igreja Católica. Em 1962, com a formulação do Concílio Vaticano, os membros da Igreja adotam uma visão política de pluralismo religioso. Dessa forma, a Umbanda deixa de ser uma religião perseguida para ser interpretada como um movimento religioso com suas próprias lógicas de funcionamento e portanto suas práticas deveriam ser respeitadas.

Assim, o catolicismo buscava um ganho político por meio dos cultos afro-brasileiros da época. Em movimento oposto, a chamada “Umbanda branca”, “pura” buscava condenar com cada vez mais intensidade os cultos que se utilizavam das práticas africanas. Diana Brown, vai afirma que:

Depois de 1962, segundo as diretivas do Concílio Vaticano Segundo, a Igreja Católica no Brasil reviu sua postura para com a Umbanda e outras formas de espiritismo, e adotou uma posição de 'pluralismo litúrgico'. Abandonando seus

ataques aos umbandistas, ela de início, a partir desse momento, a uma nova campanha para tranquilizá-los, proclamando a Umbanda uma religião válida em si mesma. A Igreja chegou mesmo a fazer algumas tentativas para capitalizar exatamente os aspectos sincréticos do afro-catolicismo que anteriormente esforçara-se para abolir [...] Não deixa de ser irônico que ao mesmo tempo que os líderes do setor médio da Umbanda Pura estivessem procurando influenciar os grupos afro-brasileiros na direção de uma Umbanda “embranquecida” e desafricanizada, a Igreja Católica estava tentando se movimentar exatamente na direção oposta, no sentido de uma maior tolerância das influências africanas nos rituais populares (Brown, 1985:34).

Os cultos africanos também enfrentaram outra inimiga: a medicina. A ciência médica do século XVIII e XIX e até a metade do século XX inspira-se em ideais racistas, eugenistas. A eugenia do grego, “bem nascido”, é a crença que é possível aperfeiçoar as raças humanas, alçando-as para um grau de “evolução” superior. Para isso, é necessário que algumas delas desapareçam.

Aos povos de origem africana, serão atribuídos adjetivos pejorativos, atribuindo seus traços culturais, entre eles o religioso, como frutos de um rebaixamento moral que deverá ser combatido pela raça branca, de ascendência europeia e por isso, “superior”.

A eugenia possuiu repercussão nos círculos acadêmicos/intelectuais brasileiros. Entre os nomes mais proeminentes dessa corrente de pensamento encontra-se o farmacêutico paulistano Renato Kehl. Segundo ele, seria possível a construção de indivíduos superiores, longe da fraqueza apresentada pelas raças humanas inferiores. Em suas palavras no “Boletim de Eugenia”:

A eugenia tem por fim cooperar para o aumento progressivo dos homens, física, psíquica e moralmente sadios; para a diminuição paulatina do contingente dos fracos, doentes e degenerados, - concorrendo desse modo, para a constituição de uma sociedade mais sã, mais moralizada, em suma, uma humanidade equilibrada, composta de indivíduos fortes e belos, elementos de paz e de trabalho (Kehl, 1929:1).

Alguns anos antes do lançamento desse boletim, em 1911, foi realizado em Londres o chamado Primeiro Congresso Internacional de Raças, com o objetivo de apoiar e demonstrar todos os “argumentos” eugenista da época. Durante esse evento, foi apresentada uma obra de arte ícone da época. A obra em questão chama-se “A redenção de Cam¹²” e traz elementos que podem ser analisados para representar a época.

¹² Cam é uma referência bíblica de um personagem da mesma, utilizada para argumentar sobre o porquê da existência de toda sorte de desgraças que acometem o continente africano.



Figura 4 – A redenção de Cam, obra de Modesto Brocos (1895). Fonte: <https://www.edusp.com.br/mais/a-tela-a-redencao-de-cam-e-a-tese-do-branqueamento-no-brasil/> Acessado em 07 de julho de 2023.

A obra do pintor espanhol Modesto Brocos, de 1895, coloca quatro pessoas de gerações diferentes em um mesmo contexto. Uma senhora, negra, idosa, avó, em posição de agradecimento, com as mãos estendidas para o alto. A mãe, mestiça, com o dedo apontando para a idosa. O homem, branco, demonstrando satisfação com a criança e finalmente a criança igualmente branca.

O quadro retrata o desejo da época de que os indivíduos negros, por meio o processo de miscigenação com os brancos pudesse gerar indivíduos mestiços que lentamente iriam promover um processo de embranquecimento racial no Brasil, sendo o argumento dos sociólogos Carolina Cyrino, Pâmela Marques e do antropólogo José dos Anjos (2022) em seu artigo “O que fazer com toda essa gente preta? Racismo científico e cativéis do pós-abolição”. É possível concordar com o pensamento de Abrahão de Oliveira Santos, psicólogo, quando se pontua que “Genocídio e abandono foram e continuam sendo estratégias de eliminação e controle da população negra na sociedade brasileira” (Santos, 2018:136).

A perseguição promovida pela medicina também chegou ao Espiritismo Kardecista, (com menos força por se tratar de um movimento nascido de um país que a elite brasileira considera “evoluído”, “branco”, a França). Dessa forma, ela interessou-se em estudar os chamados fenômenos mediúnicos no Brasil, visando combatê-los. Dessa forma argumenta Zangari que:

Mas outra classe, a médica, também se propôs a investigar os fenômenos mediúnicos no Brasil. A posição da comunidade médica brasileira sobre o Espiritismo parece acompanhar os acontecimentos históricos relacionados a essa religião no Brasil. A perseguição feita aos espíritas durante governo do Presidente Getúlio Vargas parece ter legitimado a posição da comunidade médica, francamente contrária ao Espiritismo (Zangari, 2005:72).

A psiquiatria, ramo da medicina, terá papel fundamental em atribuir “primitivismo” ao negro. Assim surge no centro da República brasileira a ideia de sanitização da população, visando a limpeza da raça, apoiada em ideias positivistas¹³ de para que o país pudesse entrar em um processo de progresso. Carolina Cyrino, Pâmela Marques e José Anjos, apontam que:

Nessa compreensão de um país condenado pela raça, havia uma chaga irrepreensível marcando a jovem república, impedindo-a de desenvolver-se. O Brasil precisava ser saneado. Correntes positivistas, inspiradas em Augusto Comte, animaram os intelectuais brasileiros, na busca da cura dessa ferida racial instalada no território brasileiro. Se o país estava enfermo, havia um povo doente que precisava ser curado. A medicina brasileira apresentava-se como elemento salvador desse mal (Cyrino, Marques, Anjos, 2022:25).

A figura mais famosa do Brasil do discurso eugenista foi Raimundo Nina Rodrigues. Nascido no município de Vagem Grande, no interior do Maranhão, estudou medicina na atual Universidade Federal da Bahia (UFBA), e posteriormente foi à França aprimorar seus estudos sobre antropologia criminal e medicina legal.

Ao retornar para o Brasil, passou a ser professor da referida universidade, escrevendo diversos trabalhos considerados na época “avançados” e que possuíam em si toda a carga racista e eugênica da época. Considerava que a “raça negra” era inferior a “branca”, bem como a primeira possuía tendências para distúrbios mentais. Considerava os cultos africanos expressão desse “primitivismo” atribuindo ao que o autor chamou de “animismo-fetichista” um dos traços mais marcantes desse processo “primitivo” de religiosidades. Mario Teixeira de Sá Junior, historiador, em seu artigo “A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda” afirma que:

...a Umbanda passará por algumas provas de fogo. A primeira com uma outra arqui-inimiga, representante do saber oficial: a medicina. É nesse terreno, bem representado pelas obras de Nina Rodrigues, que é possível encontrar uma grande oposição aos cultos ‘afro-brasileiros’. A inferioridade do negro é de origem racial. E, é através de uma patologia “animista-fetichista” que é possível compreender as manifestações religiosas desses homens. (Júnior, 2012:9).

Apesar de todas as críticas feitas e válidas sobre seu pensamento, é possível afirmar que seus estudos contribuíram em parte para demarcar, influenciar o campo dos chamados

¹³ Positivismo é uma corrente filosófica que ressaltava a necessidade de ordem, rigor e cientificismo para a sociedade desenvolver-se. Seu representante máximo foi Augusto Comte.

estudos “afro-brasileiros”. Como aponta o antropólogo Vagner Gonçalves da Silva:

O Animismo Fetichista..., obra de indubitável conteúdo racista, foi resultado do conhecimento científico da psiquiatria e do evolucionismo da época e, embora não possamos defini-la exatamente como de cunho antropológico (pelo menos no sentido crítico que atribuímos hoje em dia a essa ciência), acabou servindo de marco ou modelo obrigatório de interlocução aos novos textos que se seguiram a ela, definindo, por sua influência, os temas recorrentes dos chamados estudos antropológicos afro-brasileiros (Silva, 2022:41).

Silva está se repontando a obra de Nina Rodrigues intitulada “O animismo fetichista dos negros baianos”, publicado pela primeira vez no ano de 1896. O autor tinha como campo de pesquisa os candomblés presentes na cidade de Salvador. É importante entender o que Nina Rodrigues quis problematizar ao criar a expressão animismo- fetichista: para ele, esse conceito nos cultos africanos está ligado ao uso religioso de objetos materiais, como pedras, animais, em que se acredita que eles possuam uma alma. A segunda parte da expressão está ligada a veneração que objetos possuidores de poder mágico que seriam carregados pelos indivíduos, como amuletos, talismãs.

É importante salientar duas questões: no momento histórico em que Nina Rodrigues criou conceito, ele estava inspirado pelo evolucionismo de Edward Burnett Tylor e posteriormente por Emile Durkheim (1989). No século XX este último autor utiliza o termo “animismo” para seus estudos em seu livro clássico denominado “As formas elementares da vida religiosa” acerca de cultos mágico-religiosos no território australiano.

Em segundo lugar, a categoria criada por Nina Rodrigues será apontada como um dos motivos pelos quais os povos negros presentes no Brasil deveriam ser considerados como inferiores, já que não tiveram a capacidade, segundo ele, de absorver práticas católicas da época e ainda reforçaram seus cultos “primitivos”. Filipe Pinto Monteiro, historiador, afirma que:

O ‘animismo fetichista’ é um conceito típico da etnologia dos oitocentos, que agrega, em nível teórico e descritivo, duas características das populações “primitivas” da África, Ásia e Américas. A primeira delas é a noção de que minerais, vegetais e animais possuem uma espécie de energia intangível, uma alma, uma personalidade, um espírito animado, o animismo. A segunda característica traz o aspecto da adoração, por parte dos africanos, de coisas, amuletos, talismãs, objetos mágicos, eventos naturais, enfim, fetiches de toda sorte. (Monteiro, 2020:199).

Os argumentos “científicos”, propagados por Nina Rodrigues extrapolaram os muros da psiquiatria e serviram de argumentação para que aparelhos repressivos policiaescos da época obtivessem autorização estatal para perseguir as práticas religiosas africanas. Sendo

assim, o plano de controlar, exterminar qualquer prática cultural de origem africana continuou a pleno funcionamento. A “selvageria” do negro serviu de motivo para que um dos seus traços de sociabilidade fosse tratado da pior forma possível. Segundo Monica Pinchemel Nascimento, psicóloga, e Paulo Cezar Borges Martins, sociólogo, (2019) em seu artigo “Alternativas populares à medicina oficial: assistência à saúde e religiões de matriz africana”:

Foi graças a contributos como o de Nina Rodrigues que se montou um cenário favorável à reivindicação, aceitação e normalização de um controle repressivo do Estado sobre o negro liberto, prolongando, assim, numa forma de governo caracterizada pela igualdade entre os cidadãos, expectativa normal que se poderia alimentar pela instalação de uma República, o *apartheid* que sempre existiu até 1888. De acordo com essa visão de mundo, o negro era selvagem, seus costumes bárbaros, sua sexualidade degenerada, sua religião um conjunto de práticas de feitiçaria, propenso geneticamente à criminalidade, entre tantos outros atributos negativos. Esses pseudo-argumentos, reforçados pelo local de fala e das credenciais acadêmicas de seu emissor, emprestavam roupagem científica para uma política criminal que visava, primeiro que tudo, colocar na ilegalidade o candomblé enquanto espaço de sociabilidade dos africanos e seus descendentes... (Nascimento, Martins, 2019:701).

A “selvageria” do negro brasileiro, estava atribuída diretamente ao seu ancestral africano escravizado, carregando assim todo um conjunto de características compreendidas como negativas. Assim, Leila Maria Gonçalves Leite Hernandez, historiadora, pontua que:

Os africanos são identificados com designações apresentadas como inerentes às características fisiológicas baseadas em certa noção de raça negra. Assim sendo, o termo africano ganha um significado preciso: negro, ao qual se atribui um amplo espectro de significações negativas tais como frouxo, fleumático, indolente e incapaz, todas elas convergindo para uma imagem de inferioridade e primitivismo (Hernandes, 2005:18).

O transe mediúnico também foi estudado por Nina Rodrigues, sendo tachado como anormalidade. Somente depois de revisões posteriores passou-se a ver o mesmo como um elemento contextualizado dentro dos cultos, e não uma desordem. Como afirma Ortiz:

O transe aparece então como uma forma de anormalidade, um sinal patológico de manifestação com o sagrado. Foi necessário esperar a revisão das teorias psiquiátricas e a difusão de novas ideias a respeito da possessão, para que uma transformação dessa imagem negativa da religião se concretizasse (Ortiz, 1991:198).

A perseguição que a medicina realizava através da linha de pensamento racista de Nina Rodrigues, encontrava nas práticas de cura promovidas por diversos indivíduos um motivo para que os mesmos fossem processados pelo Estado, uma vez que existia uma lei do Código Penal da época que considerava as práticas curativas fora da medicina institucional como “charlatanismo”, e por isso passível de prisão.

Posso afirmar que a Umbanda conseguiu sobreviver a diversos ataques políticos ao longo de sua existência, uma vez que negociou com os mesmos. Assim, os cultos umbandistas conseguiram se provar enquanto movimento religioso, e não como práticas de desvio moral ou charlatanismo visando obter algum tipo de ganho econômico.

1.4 Federações umbandistas e nova onda de perseguição: o caso do neopentecostalismo

Foi próximo da metade do século XX que zeladores de terreiros irão unir-se para criar um mecanismo visando a proteção da Umbanda das ondas de ataques a seus locais de culto. São criadas então as chamadas federações umbandistas, instituições político/jurídico que visava dar legitimidade e conseqüentemente proteção para os terreiros.

Contudo, por causa da multiplicidade de locais, a recepção sobre as federações não foi ponto de comum acordo com todos os terreiros da época. Dependendo de como os indivíduos pensavam sua matriz religiosa, e do recorte social dos membros do mesmo, havia maior ou menor aceitação sobre o papel das federações. Como afirma Negrão:

Por outro lado, também não há homogeneidade de terreiros, que variam sobretudo em decorrência da condição social de seus membros. Os terreiros de classe média tendem a ser os mais sensíveis ao discurso racionalizador e moralizador das federações, e os de periferia os menos. (Negrão, 1993:115)

Wilson Barbosa reafirma a importância das federações visando impedir o aparelho repressivo imposto pelo Estado. Para ele “As federações de Umbanda, a Liga São Jerônimo (SP), etc, lutaram sempre para escapar ao impacto repressivo, o que só foi obtido nos anos (19)50 e (19)60, em seu apoio a grupos políticos instalados no poder” (Barbosa, 2008:15).

Quando não se compreendia o papel que as federações poderiam exercer para os terreiros, o clima entre os mesmos, inclusive quando afiliados, oscilava entre hostilidade pura ou completa indiferença sobre sua existência. Afirma Negrão que “De uma maneira geral, contudo, as atitudes dos terreiros frente às federações, mesmo àquelas às quais são filiados, oscila entre a hostilidade e a indiferença”. (Negrão, 1993:115).

Um dos motivos, explica o autor, para esse clima hostil ou de indiferença dá-se pela visão de que para alguns terreiros o que importava era a eficácia mágica que as entidades, as consultas, traziam para os frequentadores do local. As federações assim estariam em um plano exterior as práticas religiosas dos terreiros. O autor afirma que:

Para os terreiros as federações tendem a ser vistas como algo exterior à própria

umbanda, cuja vivência se dá nas ‘giras’, nos “passes”, nas consultas aos guias, nos “trabalhos” a eles oferecidos. Não importa que sejam eles sérios como os caboclos, dóceis como os pretos-velhos, inocentes e bem humorados como as crianças, assustadores como os exus, desbocados e folgazões como os baianos, ébrios como os marinheiros e zês-pilintras ou mesmo sensuais e provocantes como as pombagiras. O importante é sua eficácia, não a qualidade moral do guia ou de seu aconselhamento (Idem, 1993:115).

Atravessada a segunda metade do século XX, temos no ano de 1988, após o fim da ditadura civil-militar, a escrita e promulgação de uma nova Constituição Federal brasileira. Dentro do documento, em específico no inciso VIII do art. 5º, presume-se e ao Estado determina-se a responsabilidade de garantir que todas as religiões possuam dentro do território nacional a liberdade de funcionar desde que cumpram as demais leis impostas. Sendo assim, as populações praticantes dos cultos religiosos afro-brasileiros têm o direito de não serem mais referidos de maneira pejorativa por palavras como feitiçaria, crendices, bruxaria e nem terem suas práticas de culto perseguidas.

Contudo, os meios de comunicação brasileiros são responsáveis pela contínua tentativa de abafar a visibilidade dos cultos afro-brasileiros. Ferreti, escrevendo dez anos após o a promulgação constitucional observa que:

É evidente que hoje não se admite o uso de termos preconceituosos como crendices, superstição, feitiçaria, bruxaria e ou expressões ultrapassadas como animismo e fetichismo, que foram empregados com frequência por estudiosos no passado e continuam sendo difundidos pelos meios de comunicação ao se referirem às religiões de origem africana, visando negar-lhes seu caráter religioso específico (Ferreti, 1998:188)

Uma das motivações para esse ambiente difamatório e intolerante sobre os cultos, no fim do século XX, dá-se por meio da exotização dessas práticas religiosas, tornando fácil desvirtuar e inculcar na mente das pessoas ideias negativas e solidificadas acerca do que se passa dentro do espaço religioso de um terreiro. A jornalista Janaina Leite de Azevedo Corral, em seu artigo “Mídia & Cidadania: Websites de Templos Afro-religiosos como ferramenta de combate à Intolerância” afirma que:

Falando especificamente sobre a Umbanda, a grande variedade de ritos e cultos, de performances da liturgia, e mesmo de dogmas faz com que a propagação de informações mal direcionadas e mal intencionadas, seja cada vez maior, tornando a religião um alvo recorrente para os ataques de Intolerância Religiosa (Corral, 2015:2)

Aliado a essa variedade de rituais e ritos, Stênio Soares, teatrólogo, ressalta que o papel histórico subalterno em relação as outras práticas religiosas também contribuem para esse preconceito recente praticado contra as religiões africanas.

Soares então afirma que “Sabe-se que as coisas mudaram, mas como reflexo da

forma tradicional de como foram inseridas na sociedade, na subalternidade, as religiões afro-brasileiras ainda sofrem os reveses da história” (Soares, 2009:151).

Aponto então que a subalternidade se constrói quando, segundo os sociólogos, Giulliano Placeres, Breno Minelli Batista e Fernando Augusto de Souza Guimarães em seu artigo “O candomblé e a umbanda como formas de resistência da identidade cultural negra no Brasil” “A intolerância, o preconceito e a discriminação são cotidianamente reproduzidos no seio de nossa sociedade a partir de uma hierarquização de culturas e corpos” (Placeres, Batista, Guimarães: 2017:3). Como exemplo prático das ações de intolerância, resgato a entrevista que fiz com Pai Fernando. Ele afirmou que no início dos trabalhos da TESL, sofreu intolerância religiosa por parte de seus vizinhos, na década de 1990, que acionaram o Ministério Público afim de evitar as atividades da TESL, sobre o argumento de perturbação sonora. Tal pedido foi acatado pelo Ministério Público que depois, mediante visita a TESL constatou que a reclamação não procedia:

Já foi uma relação mais complicada. Eu digo, né, porque nós tínhamos no início aqui uns processos do nada que apareciam pelos vizinhos de abuso de som. Enfim, eram coisas que eles inventavam para o Ministério público. O Ministério público acatava, aí vinha aqui com os aparelhos, o decibelímetro, fazia a medição e não encontrava o que reclamar. Então já foi uma situação muito difícil, mas hoje em dia eu acho que está todo mundo no seu lugar, cada um sabe qual é o seu direito e o seu dever, né? As igrejas evangélicas do bairro não conheço. Só tem uma aqui atrás, mas enfim, eu não sei quem são, não conheço eles. A gente se respeita no limite de que não nos conhecemos, então problema nenhum. Até então.

Em uma situação que atrapalhou os trabalhos da TESL, Pai Fernando relatou também que um dos vizinhos chegou a atirar um saco contendo urina, que por sua vez escorreu em cima do teto da TESL e atingiu algum dos presentes.

Alguns. Os vizinhos que moravam aqui do lado no passado, tipo há uns 10 anos atrás, faziam algazarra quando a gente tinha sessão, botavam um som alto e chegaram uma vez a jogar um saco com... urina aqui no telhado e aí ficou escorrendo nas pessoas e nós detectamos que aquilo era uma intolerância, né? Era um ataque de intolerância, mas enfim, com o tempo eles entenderam qual era o lugar deles e o nosso. Hoje, não mais.

Desse modo é possível atestar que indivíduos não medem esforços para prejudicar, de quaisquer formas possíveis, os cultos afro-brasileiros, sem qualquer consideração por quem é iniciado ou não nas religiões afro-brasileiras.

A partir dos anos de 1980, a Umbanda e demais religiões vão enfrentar um novo inimigo, com roupagem e discurso que se aproxima daquele proferido pela Igreja Católica na primeira metade do século XX, e ao mesmo tempo que se utiliza de mais violência

física para impor sua condenação aos cultos africanos: o neopentecostalismo brasileiro, movimento que tem como principal expoente brasileiro a chamada Igreja Universal do Reino de Deus, (IURD).

O antropólogo Vagner Gonçalves da Silva afirma que “os membros das igrejas neopentecostais muitas vezes invadem terreiros visando destruir altares, quebrar imagens e ‘exorcizar’ seus freqüentadores, o que geralmente termina em agressão física” (Silva, 2007:217). Não é possível ignorar que as bases da perseguição às religiões afro-brasileiras também carregam consigo os mesmos ideais racistas que continuam reverberando contra a população periférica e preta que praticam os cultos de base africana no país. Nesse sentido remeter a África de qualquer forma é visto como um mal que precisa ser combatido. Prandi afirma que:

Décadas mais tarde, o preconceito contra religiões afro-brasileiras entraria para a receita do sucesso de religiões evangélicas formadas no Brasil, que se propagam por muitos países do mundo, e que usam deuses, santos e entidades das religiões nascidas negras para publicizar a presença do demônio, enxovalhá-lo e enxotá-lo, no exercício exorcista da vitória do bem sobre o mal. Mal que se manifesta, segundo este neopentecostalismo, na experiência religiosa da herança africana e que só a religião do bem pode afastar (Prandi, 1995:114).

Em seu plano teológico, encontra-se por exemplo a crença de uma “batalha espiritual” contra forças maléficas, representadas pela figura do Diabo e como discursar, pregar para seus adeptos a chamada Teologia da Prosperidade, corrente de pensamento na qual o cristão é visto como um indivíduo “abençoado” através dos signos de prosperidade material. Ricardo Mariano, sociólogo, afirma que:

No plano teológico, caracterizam-se por enfatizar a guerra espiritual contra o Diabo e seus representantes na terra, por pregar a Teologia da Prosperidade, difusora da crença de que o cristão deve ser próspero, saudável, feliz e vitorioso em seus empreendimentos terrenos, e por rejeitar usos e costumes de santidade pentecostais, tradicionais símbolos de conversão e pertencimento ao pentecostalismo (Mariano, 2004:124).

Para os neopentecostais, a crença profunda da necessidade de expulsar o mal do planeta e conseqüentemente a figura do Diabo, esbarra na morosidade de quaisquer cultos que não estejam empenhados com a mesma energia para esse processo de purificação. Desta forma, os cultos afro-brasileiros atuam como esconderijos para tais forças maléficas, não restando ao cristão neopentecostal outra alternativa que não seja o empenho em batalhar, destruir a existência das religiões afro-brasileiras.

As duas figuras que mais recebem discursos sobre representarem o mal na terra, a partir dos cultos afro-brasileiros, são os Exus e as Pombagiras. Vagner Gonçalves da Silva

afirma então que:

O neopentecostalismo, em consequência da crença de que é preciso eliminar a presença e a ação do demônio no mundo, tem como característica classificar as outras denominações religiosas como pouco engajadas nessa batalha, ou até mesmo como espaços privilegiados da ação dos demônios, os quais se “disfarçariam” em divindades cultuadas nesses sistemas. É o caso, sobretudo, das religiões afro-brasileiras, cujos deuses, principalmente os exus e as pombagiras, são vistos como manifestações dos demônios (Silva, 2007:207).

Essa batalha contra o mal, não apenas acontece dentro dos templos religiosos neopentecostais, mas também no campo da política partidária. Há em São Gonçalo, um caso emblemático. Camila Aguiar, historiadora, em sua dissertação de mestrado relata o caso da ex-prefeita da cidade, Aparecida Panisset, que governou a cidade de 2005 a 2012, e munida do poder público, corroborou diretamente para que a antiga casa a qual se atribui ter nascido a Umbanda, de posse da família de Zélio Fernando de Moraes, fosse demolida.

Apesar de toda a movimentação política de lideranças religiosas-políticas vinculadas as religiões afro-brasileiras, a casa foi derrubada e nenhuma ação concreta contra a governante foi obtida. Tal ação configurou-se como manejo político para atender os interesses dos neopentecostais da região, configurando assim uma vitória dentro da “guerra santa”. Como pontua Aguiar:

Observamos então que a derrubada da antiga casa de Zélio de Moraes foi transformada pelas lideranças do município em um símbolo das ações de intolerância religiosa que essas lideranças acusavam enfrentar perante o poder público municipal. Dessa forma entendemos que para essas lideranças de terreiro não se tratava apenas da derrubada do que consideravam ser o primeiro centro de umbanda do país, ou o que a família de Zélio de Moraes achava sobre a preservação do local... (Aguiar, 2018:13).

O acontecimento em questão demonstra que o papel político das religiões afro-brasileiras ainda é desbalanceado, demandando assim que instituições e atores políticos reivindiquem constantemente não apenas seu lugar público, mas também se apresentem como guardiões de toda uma herança afro-brasileira iniciada no período escravocrata do Brasil que diariamente sofre tentativas de apagamento como também pontua a autora:

As religiões afro-brasileiras aparecem na disputa pelo espaço público articulando símbolos religiosos, o Estado e os movimentos políticos. Ao se proclamarem herdeiros da cultura negra brasileira, os afro-religiosos expõem suas desvantagens sociais e econômicas frente ao catolicismo e ao pentecostalismo. Essas desvantagens também aparecem nos dados quando os censos apresentam que a maioria da população negra do Brasil professa oficialmente a fé católica e, por outro lado, em termos absolutos, os números também indicam que há mais evangélicos negros do que praticantes das religiões afro-brasileiras (Idem, 2018:24)

A eleição de Aparecida Panisset, e sua atuação política vitoriosa sobre a casa de

Zélio de Moraes é uma característica de seu agrupamento religioso-político, por suas capacidades em adaptarem-se à diversas situações que podem inicialmente promover repúdio público. O pensamento do sociólogo Ricardo Mariano (2004) aponta para a compreensão de que “Sem perder necessariamente sua distintividade religiosa, as igrejas neopentecostais revelam-se, entre as pentecostais, as mais inclinadas a acomodarem-se à sociedade abrangente e a seus valores, interesses e práticas” (Mariano, 2004:124).

A teologia e seu caráter político tem atraído a atenção de pesquisadores ao longo dos anos para compreender o fenômeno dos neopentecostais, com destaque à IURD, (Mariano, 2004; Teixeira, 2018). É possível traçar assim a linha histórica de nascimento do neopentecostalismo, como afirma Mariano:

O neopentecostalismo teve início na segunda metade dos anos de 1970. Cresceu, ganhou visibilidade e se fortaleceu no decorrer das décadas seguintes. A Universal do Reino de Deus (1977, RJ), a Internacional da Graça de Deus (1980, RJ), a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976, GO) e a Renascer em Cristo (1986, SP), fundadas por pastores brasileiros, constituem as principais igrejas neopentecostais do país. (Mariano, 2004:123-124).

A IURD por sua vez tem como seu principal representante Edir Macedo. Foi ele quem fundou a igreja no ano de 1977 em um bairro da zona norte do Rio de Janeiro onde funcionava uma funerária. Transformou-se em um indivíduo influente, poderoso economicamente e politicamente, inclusive sendo dona de uma emissora de televisão (Rede Record) que ocupa relevante índices de audiência. Ari Pedro Oro, afirma que:

Igreja Universal do Reino de Deus, ou simplesmente Universal, ou Iurd, como também é conhecida, consiste num dos mais impressionantes fenômenos religiosos do Brasil dos últimos anos. Fundada em 1977 por Edir Macedo, essa igreja neopentecostal brasileira alcançou um crescimento espantoso na última década. De 269.000 adeptos em 1991, atingiu 2 milhões em 2000, um crescimento anual de 25,7%. Está presente em 80 países de todos os continentes, tendo cerca de 600 mil fiéis no exterior. Implantou 7.000 templos e possui 14.000 pastores, 17 catedrais estão sendo construídas no Brasil por grandes construtoras como a Queiroz Galvão e a Odebrecht (Folha de S. Paulo, 7/12/2003, seção Dinheiro). Sua visibilidade é enorme, por ser detentora da terceira maior rede de televisão do país, a Rede Record, mas também pela sua diversidade administrativo-econômica, pela sua presença na política, pelos seus métodos arrojados de evangelização, pelo uso explícito do dinheiro, entre outras características, como veremos mais à frente (Oro, 2006:320).

A IURD elegeu ao longo das últimas décadas seus inimigos principais. Em um primeiro momento, atacou a Igreja Católica. Dentre todos os episódios de ataque, o mais memorável é aquele conhecido como “chute na santa”. Esse caso aconteceu no ano de 1995, especificamente no dia 12 de outubro, dia em que os católicos do Brasil celebram a Nossa Senhora Aparecida, santa católica interpretada como a padroeira do Brasil.

Neste dia, uma multidão de católicos costuma-se dirigir ao Santuário atribuído a

santa, na cidade de Aparecida, no interior do estado de São Paulo. Ao mesmo tempo em que em que se praticavam os atos devocionais, na Rede Record, ocorria um fato que chocaria a comunidade católica brasileira: um dos bispos da IURD, Sérgio Von Helder, colocou em seu programa de televisão, chamado “Despertar da Fé”, uma imagem de Nossa Senhora Aparecida.

Não bastando a exposição da figura da Santa, em tom agressivo, gritando, Von Helder desferiu tapas e chutes nela, argumentando entre outras coisas que aquela imagem não representava nada. A Igreja Católica, bem como a imprensa da época, condenou a atitude, além de divulgar as imagens em rede nacional. Correu-se processo criminal contra Von Helder ao qual foi condenado a dois anos e dois meses de prisão¹⁴. Emerson Alessandro Giumbelli, antropólogo, relata que em:

Doze de outubro de 1995, como em outros anos, dia consagrado a Nossa Senhora Aparecida. Enquanto em Aparecida do Norte (SP), a multidão comparecia às tradicionais devoções organizadas pela Igreja Católica em um dos maiores santuários do país, quem sintonizara os canais da Rede Record de Televisão assistia uma cena inusitada. Apresentando um programa religioso (‘Despertar da Fé’), Sérgio Von Helder, bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, tinha ao seu lado uma imagem da mesma Nossa Senhora Aparecida, em sua habitual representação como santa de pele escura. Referindo-se à ineficácia e à futilidade da devoção à santa, Von Helder usava de mãos e pés contra a imagem. (Giumbelli, 2003:169).

Para Giumbelli, um dos argumentos do ataque foi o fato da imagem remeter a uma mulher negra, trazendo um elemento de africanidade, que por sua vez é historicamente desprezada pelas religiões cristãs, ao mesmo tempo em que seus traços são absorvidos, tentando moldar este elemento a uma visão que agrada ao seu público. O autor afirma que “No caso da Igreja Católica, ocorre através da ênfase na negritude da santa, que desloca o lugar da africanidade para o interior do próprio cristianismo” (Idem, 2003:21).

Superada a comoção dos católicos, a IURD mira em outros alvos: as religiões afro-brasileiras. Desde os anos 2000, pelo menos, é possível encontrar dentro dentro dela discursos contra as religiões afro-brasileiras, com um apelo a “guerra santa” que é travada entre seus adeptos e as entidades que são encontradas dentro do universo afro-brasileiro. Para isso, são utilizados rituais que teatralizam a atuação demoníaca de certos espíritos. Júlio César Benedito, sociólogo, argumenta que:

Teatralizando e rotinizando o carisma, os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus assumem uma posição de superioridade em relação aos demônios que afirmam possuir o corpo do fiel e, em um processo de dramatização dos

¹⁴ <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/5/01/brasil/36.html>

problemas da vida cotidiana, se oferecem para resolver estes problemas, nos quais os exorcismos rituais praticados pelos pastores da Igreja Universal do Reino de Deus representam basicamente um movimento de guerra espiritual, um processo de demonização dos cultos de orientação afro-brasileira. (Benedito, 2005:248).

Esta “guerra santa” também é motivada por uma disputa no campo do “mercado religioso”. Acostumados a lidar com os problemas dos indivíduos, por meio do pagamento feito aos chamados serviços mágicos, a Umbanda é uma religião que sofre concorrência por parte dos neopentecostais. No passado a luta era provar o “merecimento” de existir dentro da sociedade brasileira. Hoje, perante as novas religiões intolerantes, a luta se dá na medida em que práticas mágicas disputam território com outras. Como afirma Prandi:

A umbanda e o candomblé, cada qual a seu modo, são bastante valorizados no mercado de serviços mágicos e sempre foi grande a sua clientela, mas ambos enfrentam hoje a concorrência de incontáveis agências de serviços mágicos e esotéricos de todo tipo e origem, sem falar de outras religiões, que inclusive se apropriam de suas técnicas, sobretudo as oraculares. Concorrem entre si e concorrem com os outros. Por fim, foram deixados em paz pela polícia (quase sempre), mas ganharam inimigos muito mais decididos e dispostos a expulsá-los do cenário religioso, contendedores que fazem da perseguição às crenças afro-brasileiras um ato de fé, o que se pode testemunhar tanto no recinto fechado dos templos como no ilimitado e público espaço da televisão e do rádio (Prandi, 2004:229).

A consequência dessa “guerra santa” leva aos neopentecostais a prática de converter pessoas em locais públicos, bem como criarem rituais dentro de suas Igrejas, para demonstrar a capacidade de converter pessoas para sua religião. Há também a prática de exibição pública de objetos dos cultos afro-brasileiros e a libertação da pessoa que praticava a crença. É importante salientar que os neopentecostais e os indivíduos das religiões afro não compartilham da mesma cosmologia, sendo difícil a compreensão das motivações dos ataques físicos aos terreiros. Mariza de Carvalho Soares, historiadora, afirma que:

A novidade implantada por essas igrejas é o hábito de sair pelas ruas abordando pessoas e tentando invadir terreiros para expulsar o demônio no seu próprio reduto. Finalmente, a chamada ‘fogueira santa’ é o ritual, no qual, uma vez convertido, o antigo ‘macumbeiro’ queima diante da comunidade – como prova de sua conversão – todos os objetos pessoais e religiosos ligados a sua antiga crença. (...) Pela primeira vez, então, vê-se, por parte de cristãos, uma atitude frontal de enfrentamento. Essa é a grande novidade. Isso faz com que a ‘guerra santa’ seja uma sucessão de batalhas cujos oponentes estão bastante desequilibrados em suas forças. Do lado evangélico temos um verdadeiro exército de ‘salvos’ com um projeto bem definido de expansão. De outro, pequenas comunidades que não entendem por que estão sendo atacadas nem tampouco têm como se defender (Soares, 1990:92-95).

Cansados então de ataques verbais e físicos aos integrantes e/ou terreiros, líderes dos cultos afro-brasileiros, resolvem deixar dissidências cosmológicas e passam a se unir com

o objetivo de viabilizar as estratégias de resistência frente a tentativa de apagamento de suas religiões, e convocam movimentos sociais para lutar pelo seu direito de existir. Nesse sentido, Vagner Gonçalves da Silva pontua que:

O povo-de-santo, percebendo a necessidade de se contrapor aos ataques neopentecostais e de se defender deles, tem procurado articular-se e superar as divergências existentes entre as várias denominações religiosas (candomblé e umbanda, por exemplo) e entre os diferentes modelos de culto que há no seu interior (candomblé queto e angola, entre outros). Historicamente, essas religiões desenvolveram-se muito mais por dissidências ou contraposições do que por aglutinação em torno de entidades de representação coletiva. O modelo de organização federativa dos centros espíritas, por exemplo, foi adotado com relativo sucesso pelos terreiros de umbanda, mas pouca influência teve entre os de candomblé. Mesmo assim, algumas entidades federativas têm procurado encaminhar posições e estabelecer interlocução com outros agentes do poder público, do movimento negro, das organizações não-governamentais etc (Silva, 2007:223).

O debate então chega na esfera do Judiciário e com isso é fundada, após encontros com diversos agentes públicos, a Comissão de Combate a Intolerância Religiosa (CCIR), na cidade do Rio de Janeiro em 2008. Um dos eventos que propiciou a criação da comissão é a constante conversão ao neopentecostalismo de traficantes (Miagusko, 2016; Rocha, 2018) que atuam em determinadas regiões periféricas nas quais também se encontram terreiros. Desta forma, portando armas de fogo, os mesmos invadem, depredam e agredem as pessoas que estão no local no momento do ataque. Silva constata que:

A criação da Comissão de Combate a Intolerância Religiosa -CCIR- foi fundada, formado por diversas organizações religiosas, instituições estatais e vítimas de intolerância religiosa em março de 2008 a partir da mobilização de religiosos em resposta aos acontecimentos que ocorreram na cidade do Rio de Janeiro na época. Em algumas favelas cariocas traficantes de drogas convertidos ao neopentecostalismo invadiram espaços religiosos, quebraram imagens e ameaçaram de morte os religiosos que não se convertessem ao Evangelho; em outras áreas pobres da cidade, líderes milicianos perseguiram os religiosos de matriz africana; um terreiro de umbanda, na Zona Sul da cidade, foi invadido e depredado por quatro pessoas neopentecostais (Silva, 2012:71).

Mesmo com as constantes denúncias, ainda se encontra uma resistência por parte de veículos midiáticos quanto a divulgação dos ataques aos terreiros no Brasil. O poderio bélico e econômico de traficantes neopentecostais e suas igrejas, o poderio midiático e político da imprensa e o racismo presente na sociedade brasileira, facilitam a ocultação das denúncias. Mesmo quando são efetivadas, a investigação policial e jurídica costuma não ter resultado efetivo que de fato coíba toda forma de violência. Dessa forma, pontuam Placeres, Batista, Guimarães que:

Os episódios envolvendo intolerância religiosa e racismo são raramente reportados pelos grandes veículos midiáticos, e em algumas ocasiões não se tornam sequer alvo de investigações. Dessa maneira, ataques permanecem

ocultados, ficando ausentes das estatísticas oficiais. E mesmo quando as ocorrências se tornam inquiridos a partir de denúncias, não há garantias de que a investigação irá identificar os responsáveis (Placeres, Batista, Guimarães: 2017:10)

Os autores ressaltam que o preconceito e racismo impostos contra as religiões afro-brasileiras advém de uma tentativa de apagar qualquer traço de identidade com raiz africana, bem como eleger uma hierarquia entre as culturas presentes no Brasil criando um fosso que será utilizado para dizer quais culturas devem ser aceitas.

Tais ideais existentes na sociedade brasileira até os dias de hoje, padrões hegemônicos nos processos de diferenciação continuam a diminuir de forma ignorante e preconceituosa os aspectos culturais advindos das raízes africanas, sendo um dos alvos mais comuns: a religião. A diferença é importante para a construção da identidade, e mais ainda para combater uma desigualdade que temo poder de apagar todo um riquíssimo passado histórico. Porém, quando essa diferença é utilizada para hipervalorizar uma cultura como hegemônica, estipulando uma hierarquia, em que grupos culturais são subjugados, e tem sua cultura desvalorizada e marginalizada, é preciso enfrentamento e reafirmação (Idem, 2017:15).

Concluindo, a Umbanda é uma religião brasileira advinda do cruzamento e constante processo de permeabilidade de cultos religiosos que se encontraram no território brasileiro a partir do processo escravista promovido do século XVI em diante. Incontáveis seres humanos foram arrancados de seu território e tragos a força para trabalhar de maneira forçada em extração e exploração dos recursos naturais presentes no território brasileiro.

Durante esse processo, os africanos escravizados trouxeram uma imensa diversidade de rituais e cultos que ao aportarem no Brasil precisaram desenvolver mecanismos que nublassem a percepção do catolicismo imposto na época. Posteriormente, esses cultos foram transportados para as periferias dos grandes centros urbanos industriais no século XX e precisaram mais uma vez buscar formas de sobreviver em meio a perseguições de instituições como o Estado, a medicina, outras religiões.

Finalmente, é a partir do começo do século XXI que vemos a batalha pelo respeito religioso adquirir mais voz, mesmo que seja por meio de processos árdus de manifestação pública e reivindicação perante os aparelhos estatais que devem juridicamente proteger toda e qualquer manifestação religiosa. Sendo assim, segundo Soares, “A inserção social, bandeira maior na luta dos cultos afro-brasileiros, não é mais seu reconhecimento pelo Estado, mas o respeito para convivência harmoniosa com a sociedade civil geral” (Soares, 2009:151-152).

CAPÍTULO 2: PRÁTICAS RITUAIS

Neste segundo capítulo vou apresentar sessões rituais, chamadas de consultas, de rezas, que fazem parte do calendário anual da Tenda Espírita São Lázaro. Dois eventos repetem-se em vários meses do ano, momento em que as pessoas têm oportunidade para expressar seus pedidos diretamente as entidades que atuam na TESL.

Outra sessão acontece apenas no mês de agosto, sem que os consulentes possam se consultar por muito tempo com as entidades. Elas são carregadas de símbolos, ritos, e traçarei uma análise das mesmas. A divulgação do calendário ocorre dentro da TESL, por meio de cartazes apregoados em suas dependências, assim como pode ser visualizado no perfil na rede social Instagram do terreiro e em seu site oficial¹⁵.

A internet vêm assumindo importância para as religiões afro-brasileiras. É por meio de perfis que as pessoas podem criar comentários em vídeos, fotos, bem como entrar em contato para a marcação de consultas particulares, por exemplo. Como afirmam Ana Carolina Dias Cruz e Ângela Arruda, psicólogas, em seu artigo sobre a Umbanda no Rio de Janeiro: “A Internet, aliás, com os *sites* e perfis de terreiros nas redes sociais, promove um menor distanciamento dos templos umbandistas entre si e entre eles e seus frequentadores” (Cruz, Arruda, 2014:101).

Quero refletir sobre questões teóricas acerca da categoria ritual e das consequências deste. Estudar rituais é uma tarefa complexa, a começar pela sua definição, já que muitos autores ao longo de seus trabalhos etnográficos criaram várias formas de defini-lo.

Tomo como primeira referência a definição da antropóloga Marisa Peirano (2001) que destaca o papel especial dos eventos que categorizam os rituais e do sentido coletivo atribuído a ele. Afirma a autora que:

Tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos. Em outras palavras, tanto eventos ordinários, quanto eventos críticos e rituais partilham de uma natureza similar, mas os últimos são mais estáveis, há uma ordem que os estrutura, um sentido de acontecimento cujo propósito é coletivo, e uma percepção de que eles são diferentes (Peirano, 2001:4).

Cada terreiro de Umbanda apresenta suas próprias dinâmicas rituais. Arelado a esse processo estão os atos performáticos como pontuou o antropólogo Victor Turner em vários de seus escritos. Resgatando os conceitos deste autor, Grasielle Aires da Costa,

¹⁵ Link para o site da TESL: www.tesl.org.br

pesquisadora da área cênica, em seu artigo sobre o conceito ritual em Victor Turner e Richard Schechner, afirma, que o tal conceito está atrelado a um estado liminar dos indivíduos. Sendo assim, tempo e espaço encontram-se em um estágio fora da normalidade do cotidiano. Como afirma a autora:

Então, ritual, segundo a definição deste autor, é uma manifestação religiosa ou ligada a certo grau de sacralização – no sentido amplo do termo – onde por meio de representações simbólicas suscita-se um estado liminar dos indivíduos, o que provoca uma reelaboração simbólica do espaço e tempo, que são relativizados. O atributo liminar do ritual é potencializador da relação de *communitas* e visa o desencadeamento de uma mudança nos indivíduos e/ou no grupo – esta mudança pode ser referente a uma cura ou a uma elevação de status social, por exemplo (Costa, 2013:54).

Atrelada ao ritual, está a performance. Ela é responsável pela compreensão coletiva da execução satisfatória dos atos, movimentos, gestos. Não basta então apenas saber a ordem da sequência do que precisa ser feito, é preciso que aquilo que foi executado obedeça a uma lógica interna própria da comunidade e que por consequência gere um resultado esperado dentro de um espaço-tempo designado.

De outro modo, o gesto, o canto, o movimento bem executado é avaliado como uma performance que gera na comunidade um efeito simbólico satisfatório que dá sentido a prática ritual. Leda Maria Martins, pesquisadora em estudos literários, em seu artigo sobre a categoria performance pontua que:

Cada uma dessas práticas (o teatro, a dança, o ritual, o esporte, as atividades lúdicas, os jogos, encenações coletivas, atos artísticos e mesmo expressões pulsionais emotivas) são modos subjuntivos, liminares, gêneros performáticos cujas convenções, procedimentos e processos não são apenas meios de expressão simbólica, mas constituem em si o que institui a própria performance. Ou seja, numa performance da oralidade, por exemplo, o gesto não é apenas uma representação mimética de um sentido possível, veiculado pela performance, mas também institui e instaura a própria performance. Ou ainda, o gesto não é simplesmente narrativo ou descritivo mas performativo. As práticas performáticas não se confundem com a experiência ordinária, são sempre provisórias e inaugurais, mesmo quando se sustentam em modos e métodos de transmissão profundamente enraizados e tradicionais; sempre se apoiam em convenções, estilos e molduras espaciais e temporais, ainda que escorregadias (por exemplo, a constituição e designação do espaço, seja ele o edifício-teatro, a rua, um beco, a praça pública, a igreja, um auditório; ou ainda a modulação da duração temporal em horas, dias, anos) (Martins, 2003:65-66).

Sobre os cultos afro-brasileiros, tema geral dessa tese, a autora pontua que suas performances são um modo de inscrever em um território afastado do continente africano, a apresentação de epistemologias e saberes africanos. Assim:

No âmbito dos rituais afro-brasileiros (e também nos de matrizes indígenas), por exemplo, essa concepção de performance nos permite apreender a complexa

pletora de conhecimentos e de saberes africanos que se restituem e se reinscrevem nas Américas, recriando-se toda uma gnosis e uma episteme diversas (Idem, 2003:66-67).

A autora chama a atenção para outra categoria importante dentro das práticas religiosas afro-brasileiras: o corpo. Sua importância deve-se na medida em que é por causa dele e do modo como o qual é manipulado pelos sujeitos, que as informações, não apenas são repassadas à frente, mas também ativam um mecanismo de recriação, reencenação de práticas gestuais, orais, que permitem assim a inscrição no tempo-espaço de sentidos que são então atribuídos as práticas rituais dos cultos afro-brasileiros.

O uso do corpo torna-se recipiente por onde a memória pode ser preservada, reconstruída e repassada aos demais, evitando-se assim o risco de perder-se no tempo, seja por esquecimento, seja pelo natural processo de falecimento de quem possui estes conhecimentos, uma vez que diversos ensinamentos possuem base oral. Segundo a autora:

Nas danças rituais brasileiras, sejam de ascendência banto ou nagô-iorubá, as coreografias côncavas e convexas que criam um espaço de circunscrição do sujeito e do cosmos remetem-nos não apenas ao universo semântico e simbólico da ação ali rerepresentada, mas constituem em si mesmas a própria ação instituída e constituída pela performance do corpo. Dançar é performar, inscrever. A performance ritual é, pois, um ato de inscrição. Nas culturas predominantemente orais e gestuais, como as africanas e as indígenas, por exemplo, o corpo é, por excelência, o local da memória, o corpo em performance, o corpo que é performance. Como tal esse corpo/corpus não apenas repete um hábito, mas também institui, interpreta e revisa o ato reencenado. Daí a importância de ressaltarmos nas tradições performáticas sua natureza meta-constitutiva, nas quais o fazer não elide o ato de reflexão; o conteúdo imbrica-se na forma, a memória grafa-se no corpo, que a registra, transmite e modifica dinamicamente. O corpo, nessas tradições, não é, portanto, apenas a extensão de um saber rerepresentado, e nem arquivo de uma cristalização estática. Ele é, sim, local de um saber em contínuo movimento de recriação formal, remissão e transformações perenes do corpus cultural. Nas tradições rituais afro-brasileiras, arlequinadas pelos seus diversos cruzamentos simbólicos constitutivos, o corpo é um corpo de adereços: movimentos, voz, coreografias, propriedades de linguagem, figurinos, desenhos na pele e no cabelo, adornos e adereços grafam esse corpo/ corpus, estilística e metonimicamente como locus e ambiente do saber e da memória. Os sujeitos e suas formas artísticas que daí emergem são tecidos de memória, escrevem história (Ibidem, 2003:78).

Os atos rituais e suas consequentes performances adquirem sentido na medida em que culturas, inscritas em certo espaço-tempo, sustentam um sentido coletivo e lógico. Sendo assim, além de não haver nada “natural” dentro de um ato ritual e performático, deve-se compreender como aquela cultura constrói e autoriza os atos rituais/performáticos: Segundo Richard Schechner:

Algo ‘é’ performance quando os contextos histórico e social, a convenção, o uso a tradição, dizem que é. Rituais, jogos e peças, e os papéis da vida cotidiana são performances porque a convenção, o contexto, o uso e a tradição assim dizem.

Não se pode determinar o que ‘é’ performance sem antes referir às culturais específicas. Não existe nada inerente a uma ação nela mesma que a transforma numa performance ou que a desqualifique de ser uma performance. A partir da perspectiva do tipo de teoria da performance que proponho, toda ação é uma performance. Mas da perspectiva da prática cultural, algumas ações serão julgadas performances e outras não; e isto varia de cultura para cultura de período histórico para período histórico (Schechner, 2006:38).

Sobre os temas acima, Patrícia Birman chama a atenção para uma estratégia importante ao se realizar uma pesquisa que abarque rituais e performance, envolvendo por exemplo práticas de possessão. Afirma a autora ser importante atribuir as entidades, aos espíritos, o papel de indivíduos reais em relação aos médiuns, uma vez que os últimos atribuem um sentido factual em suas vidas religiosas. Para a autora então:

...temos tudo a ganhar se adotarmos uma perspectiva analítica que não ‘desrealiza’ os efeitos da possessão para os seus praticantes mas que, ao contrário, aceita a condição de agentes que os religiosos atribuem aos seus santos e entidades (Birman, 2005:404).

Assim, o transe, a possessão, adquirem um papel inescapável dentro dos cultos afro-brasileiros, na medida em que sem ele não é possível o contato direto entre o mundo espiritual, seja dos Orixás, seja das entidades. Nesse sentido, sem o transe o papel do Pai ou Mãe de santo estaria incompleto. Como afirma Chaves:

Se existem certos trabalhos que os pais e mães-de-santo podem fazer sem estar incorporados, a maior parte deles, no entanto, e os mais importantes, só podem ser realizados pelas mãos e vozes das entidades. Por isso, o transe de possessão, a incorporação, vem para fundar a interação entre os homens e os seres espirituais. (Chaves, 2010:27)

As categorias discutidas até o momento são importantes para a descrição a ser apresentada nesse capítulo, na medida em que os atos apresentados a seguir não devem ser reduzidos a uma visão teatral de uma comunidade, mas como ações, palavras, gestos, que possuem a intenção verdadeira de gerar sentido, significado na vida daqueles que estão presentes.

2.1 O ritual de consulta com os pretos-velhos

Vou descrever em detalhes os rituais de consultas dos pretos-velhos. O material aqui apresentado é resultado da minha frequência por quase dois anos seguidos nos rituais de consulta presentes no calendário da TESL. Os pretos-velhos constituem uma classe de entidades que compõem a Umbanda. Cada conjunto delas apresenta um perfil arquetípico e são compreendidas como residentes de determinados locais. Como afirmam Cruz e Arruda:

Manifestam-se e interagem, dessa forma, crianças e velhos, médicos e boiadeiros, padres e prostitutas. As moradas das entidades podem ser os mares,

cachoeiras, matas e pedreiras, como rege a tradição africana; mas também podem ser as igrejas e até as lixeiras (Cruz, Arruda, 2014:103).

A manifestação das entidades é acompanhada pelo oferecimento de elementos rituais para a realização de tarefas simbólicas como a limpeza energética do local, entre outras simbologias. Dessa forma, bebidas, fumos, comidas, são elementos comuns na prática umbandista e seu usos não obedecem a vontade pessoal do médium. Afirma Livia Lima Rezende, historiadora, que:

Outro elemento bastante típico das giras umbandistas é a oferta de comida, bebida e fumo aos espíritos incorporados. Aos erês, por exemplo, que são os espíritos de crianças, é comum que sejam oferecidos doces e refrigerante, enquanto os pretos-velhos solicitam seu cachimbo, com fumo à base de ervas e café amargo. Em muitos casos, essa oferta se estende também aos consulentes, sendo que eles são convidados a beber um pouco da cachaça dedicada aos exus, ou da feijoadinha dos pretos-velhos, por exemplo. (Rezende, 2017:75)

As consultas com os pretos-velhos sempre acontecem nos dias úteis da semana, às segundas feiras, e sempre uma vez ao mês, propiciando assim previsibilidade temporal para qualquer pessoa que sinta a necessidade de se consultar. São compreendidos por meio do discurso religioso umbandista como indivíduos escravizados africanos trazidos por meio do rapto, sequestro, para terras brasileiras a fim de trabalharem em regime de escravidão ao desembarcarem aqui. Assim, Rafael de Nuzzi Dias, psicólogo, em sua dissertação sobre pretos-velhos, argumenta que:

Algumas interessantes considerações podem ser feitas a partir da apreciação do ‘assentamento’ dos pretos-velhos no altar do terreiro. A primeira, amplamente propalada na literatura, é a clara referência aos pretos-velhos como espíritos de negros, em sua maioria velhos, que vivenciaram a experiência da servidão forçada no Brasil escravocrata. A esse respeito, não há dúvida quanto à afirmação de que os pretos-velhos são espíritos de escravos, sendo essa característica provavelmente a mais evidente dentre todas as que compõem o eixo simbólico conformador da experiência que a comunidade possui dessa categoria espiritual (Dias, 2011:166).

Os gestos corporais dos preto-velhos, quando incorporados, reforça a ideia de um indivíduo cansado, castigado pelo tempo depois de muito esforço feito em vida. Ao mesmo tempo, seu modo de se comportar apresenta um sentimento de superação, alento, em relação ao período em que o espírito estava escravizado. Cruz e Arruda afirmam que

...cada um deles tem uma forma típica e uma mensagem exemplar a transmitir: os pretos-velhos, com a sabedoria dos anciãos, a compreensão e superação do sofrimento, o alento tranquilizador na voz e na lentidão do movimento (Cruz, Arruda: 2014:102).

Apesar de alguns gestos corporais serem reconhecidos como sendo de pretos-velhos – como permanecer sentado durante as consultas - é importante destacar que cada espírito

incorporado é uma consciência individual, tendo seu comportamento individual autorizado pelos que administram o terreiro de Umbanda, e por consequência não somente utilizará objetos materiais diversos quando em atuação em um terreiro, como também poderá enunciar para aqueles com quem conversa, sua história individual, com nuances e representações. Afirmam os autores que:

Como cada entidade é única, as experiências de cada médium de incorporação são peculiares. Afinal, lida-se com um espírito próprio, diferente de qualquer outro, que toma corpo a partir de pessoa igualmente única, que por sua vez traz representações da umbanda e de suas tipologias, bem como uma história de vida de inserções singulares (Idem, 2014:106).

Sua presença constante em terreiros de Umbanda chamou a atenção de acadêmicos que começaram a pesquisar sobre o tema. Nesse sentido torna-se importante comentar sobre os dados coletados por acadêmicos. Afirmam então Rafael de Nuzzi Dias e José Francisco Miguel Henriques Bairrão em seu artigo acerca dos conceitos que envolvem a figura do preto-velho que:

No que tange enfim à afirmação de serem os pretos-velhos uma das entidades mais largamente comentada se referidas na literatura acadêmica parece não haver quaisquer ressalvas a serem feitas. De fato, ao contrário do que acontece com muitas categorias espirituais, sobretudo aquelas tidas como de aparecimento mais recente, que são muitas vezes ignoradas ou simplesmente desconhecidas por alguns autores, não há provavelmente nenhum estudo já realizado sobre a umbanda – não importando a esse respeito sua amplitude, generalidade, recorte temático ou alcance – que não tenha dedicado ao menos alguns parágrafos para descrever e analisar os pretos-velhos, ou mesmo algum aspecto contingente a seu culto e sua presença em meio ao panteão umbandista (Bairrão, Dias, 2011:151).

Os dados colhidos por acadêmicos contemplam principalmente o momento da consulta, em que tais entidades estão incorporados e irão repassar conselhos, feitiços, de acordo com a necessidade dos consulentes. Afirmam assim Luciana Macedo Ferreira Silva e Fábio Scorsolini-Comin, psicólogos, em seu artigo acerca eficácia nas consultas mediúnicas da Umbanda:

Um dos elementos rituais mais expressivos da umbanda é a consulta mediúnica, espaço no qual um médium, a partir da incorporação de uma entidade espiritual, atende a um fiel em busca de ajuda (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:236).

A relação estabelecida entre a entidade e o indivíduo que busca a consulta, encontra na realização das magias e dos conselhos verbais, um mecanismo capaz de realizar uma modificação prática da realidade do consulente. Isso fica exemplificado no discurso de Fabiana, mulher, branca, que em entrevista, afirma que os pretos-velhos têm então um papel em promover ajuda e acolhimento para as outras pessoas: “Preto Velho mais centralizado assim na ajuda, não que os outros não ajude, né! Que eles ajudam do jeito deles, mas eu

acho que os Pretos Velhos são mais cuidadosos, vamos colocar assim, de te abraçar, de te orientar, né, eu acho”.

Pai Fernando dá um destaque aos pretos-velhos, definindo-os a partir do seu papel de acolher, ouvir os consulentes, funcionando, primeiramente como “psicólogos de pobre”:

Leia o preto velho como, como o psicólogo do pobre. Aquele que não pode pagar a um psicólogo na rede privada, que não vai ter acesso na rede pública e que, na verdade, o que tudo que ele precisa é de uma terapia de fala, como uma (...), terapia, né? De chegar aqui e falar, ser ouvido e ouvir os conselhos. Então o preto velho está para umbanda como esse grande psicólogo que vem aqui para ouvir as pessoas na grande maioria das vezes, eles dão conhecimento às pessoas, eles distribuem sabedoria as pessoas. Mas se você tiver em 100% das consultas, a grande maioria das falas que você vai perceber é, eu preciso ser ouvido e eles estão aqui para ouvir essa função do preto velho.

Leonardo Almeida, antropólogo, em seu livro sobre energias espirituais e o papel sagrado dos ogãs ressalta o papel de orientação que as entidades na Umbanda apresentam:

Já nas giras de entidades, o centro das atenções não é a entidade espiritual, principalmente porque a grande quantidade de entidades que ‘descem’ ao mesmo tempo durante uma gira não permite a mesma atenção dada aos orixás (geralmente um por ritual). Assim, o centro das atenções recai sobre o trabalho mágico religioso e, por meio dele, a ritualização do cotidiano e a existência de certo grau de inventividade e improvisação. O trabalho mágico-religioso está aqui compreendido como o processo de atendimento aos que procuram conselhos, passes, limpezas, curas, orientações etc. (Almeida, 2018:84).

A consulta depende do transe do médium. Nesse sentido é importante chamar atenção para esse mecanismo sem o qual o consulente não se sentirá a vontade para expor seus conflitos. Silva e Scorsolini-Comin afirmam então que:

A consulta também representa um momento ritual importante no qual o consulente entra em contato direto com uma divindade por meio de um médium em transe mediúnico, permitindo um diálogo entre o mundo material e o mundo espiritual, entre uma pessoa em busca de ajuda e orientação e o divino (2020:236).

São quatro tipos de indivíduos que participam das consultas, cada um com suas funções: os médiuns, a assistência, os ogãs e as sambas/cambones. Explicarei como cada um se comporta adiante. A consulta, apresentada no calendário do TESL, inicia-se por volta das 20h. A partir das 18 horas inicia-se o processo de distribuição de “senhas” para criar uma lista de nomes e ordem de chamada. Antes de ser permitida a entrada das pessoas nas dependências da TESL, aquelas que chegam com antecedência ao horário previsto, passam pelo primeiro processo de triagem do lado de fora, onde seus nomes são anotados e as entidades escolhidas. Abaixo, a representação esquemática da TESL afim de apresentar uma noção acerca da configuração do local.

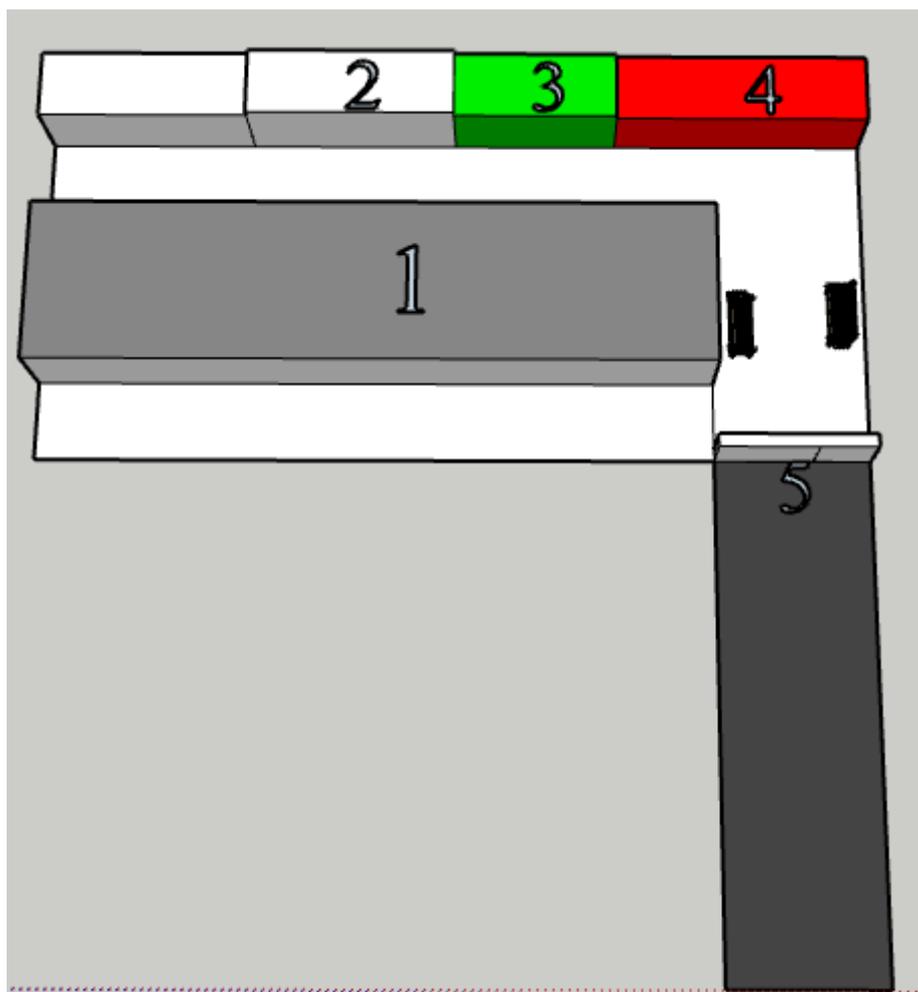


Figura 5 – Representação esquemática da distribuição espacial da TESL.

Legenda: 1 – Casa de Pai Fernando. 2 – Quarto do altar. 3 – Jardim. 4 – Casa dos Exus e Pombagiras. 5 – Portão de entrada.

Eu chego a TESL em diversos horários para perceber algum possível evento que destoe da ordem apresentada acima. Até o momento não captei nada que fuja do padrão descrito.

Ao chegar na TESL e ultrapassar os dois portões¹⁶ do local, costumo encontrar alguns médiuns e/ou algumas pessoas da assistência no primeiro hall. Esse espaço é onde se encontra a porta de entrada da casa, onde mora o dirigente Fernando, e que delimita todo o espaço compreendido do terreiro.

Existe nessa primeira parte um apêndice em que são localizados vasos com diversas plantas, como comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*), Espada de São Jorge (*Dracaena trifasciata*), espécies de cactos, bem como um batente de dois degraus, ao qual

¹⁶ O primeiro portão dá direto na calçada e o outro dá acesso ao espaço do terreiro em si.

as pessoas costumam ficar sentadas, conversando e por vezes fumando cigarros.

A assistência, também nomeada de consulentes, é definida como aqueles indivíduos que irão realizar pedidos e pedir aconselhamentos para as entidades, além de manterem as vezes amizades com médiuns da casa. Vânia Zikán Cardoso e Scott Correll Head, antropólogos, em seu artigo sobre performance e religiões afro-brasileiras, argumentam que:

Nessa casa de santo, um de nós estava também entre a numerosa ‘assistência’ da festa – termo com o qual o povo de santo se refere ao público convidado para as festas nos terreiros – enquanto a outra dançava entre os outros filhos de santo (Cardoso, Head, 2013:275).

O clima geral é de descontração. Sempre observo diversas conversas sobre temas variados, envolvendo afazeres, dificuldades familiares e/ou individuais, situações que envolvem o dia a dia.

O uso de celulares é permitido para a assistência de forma livre antes dos rituais; antes de iniciar é pedido algumas vezes que os aparelhos sejam colocados em modo silencioso durante a sessão. Isso não impede o uso dos mesmos durante os rituais, não sendo chamada a atenção dos presentes quanto a isso.

Em relação aos médiuns presentes, a utilização de celulares é desaconselhada/proibida antes da sessão e veemente proibida durante a mesma. Os médiuns que irão incorporar na sessão daquela noite não irão utilizar seus celulares durante toda a realização das consultas. Outros integrantes como as sambas¹⁷, também não utilizam celulares durante a consulta.

O hall em si é um local dividido, onde há uma porta feita de madeira, pintada na cor branca, apregoada a um dos muros da TESL, que faz divisa com a casa vizinha. A porta movimenta-se para trás e para frente, tampando por exemplo o que acontece dentro do terreiro durante os rituais. Na porta é apregoada um banner feito com material plástico contendo o símbolo que representa o TESL.

A porta ocupa cerca de 80% do local da passagem e com isso, uma vez cheio o espaço para a assistência, quem por ventura chegar tarde, vê-se obrigado a ficar nessa

¹⁷ Samba é a palavra que designa, e a que ouvi certa vez dentro do TESL, bem como a que cumpre a função da palavra cambone, ou seja, a pessoa responsável por auxiliar tanto os presentes, quanto oferecer os elementos rituais que as entidades pedem durante uma consulta, como vinho, café, fumo para cachimbo, cigarro, charuto, etc. Contudo, não observo a utilização das palavras cambone, samba, quando as entidades chamam as pessoas designadas para essa função; escuto assim com frequência a palavra “sinhá” seguida do nome da pessoa, que prontamente dirige-se a entidade para perguntar o que a mesma deseja ou mesmo já identifica ao chegar perto, qual elemento está em falta e vai em buscar de repor tal componente necessário.

primeira parte do hall e sem acesso visual as movimentações internas do local, restando apenas ouvir aos pontos cantados no espaço interior da TESL aguardando que alguns dos presentes deixe o ambiente e vague espaço.



Figura 6 – Porta feita de madeira com banner contendo o logotipo da TESL.

Ultrapassada a porta branca, encontra-se os espaços que será ocupado pela assistência. Uma pequena sala coberta, com bancos de madeira nos quais as pessoas podem permanecer sentadas. Aqueles que chegam próximo ao horário de início acabam não encontrando mais espaço e se vêem obrigados a ficar em pé.

Há várias pessoas no local, por volta de 30. Homens, mulheres, jovens, idosos, brancos, pretos, pessoas que moram próximas, pessoas que moram distantes do local, enfim, uma variedade de indivíduos busca a TESL.

O clima no recinto é de descontração. Mesmo aqueles que não são frequentadores assíduos, acabam em algum momento sendo abordados uma das médiuns da casa, chamada Rita, mulher preta. Ela é designada especificamente para anotar o nome das pessoas em uma folha de papel e enunciar quais são as entidades presentes naquele dia. Por vezes vejo pessoas confusas em relação a qual entidade escolher; nesse momento Rita se prontifica a, caso a pessoa permita, escolher uma entidade para ela, o que é bem aceito.

Rita também é responsável por conduzir a ordem da consulta da assistência. Essa preocupação em anotar os nomes é para evitar confusão no momento da chamada, bem como para que todos os médiuns presentes saibam a ordem das pessoas, caso Rita precise se ausentar rapidamente do local. Almeida comenta que:

Cada médium no terreiro pesquisado possui seus orixás e um pequeno grupo de

entidades que realizam as curas, os passes e dão conselhos nas giras semanais. Portanto, quando um visitante vai à busca de resolver determinado problema pessoal nas giras de entidades, escolhe ou é orientado a escolher uma entidade mais adequada ao seu problema e passa a identificar as principais entidades de cada médium (Almeida, 2018:90).

Enquanto Rita anota os nomes, outra médium se dirige aos presentes carregando um livro de capa preta, com folhas pautadas para a criação de uma lista de presença da assistência. Essa lista é interessante por permitir um controle nominal e numérico daqueles que anualmente frequentam o local. Pai Fernando comentou certa vez, orgulhoso, para todos os presentes que passam de 1000 o número de pessoas consultadas anualmente.

Depois dos nomes assinados, as pessoas continuam suas conversas. Nesse intervalo de tempo, Pai Fernando por vezes sai de sua casa, vai até onde está a assistência, e cumprimenta a todos pessoalmente, independente se conhece de longa data ou não as pessoas. Suas falas são de acolhimento e respeito pelos presentes, o que torna o clima entre os frequentadores que não haviam pisado ainda no local, tranquilo.

Neste ano de 2023, há alguns meses, foi introduzida durante os dias de consulta de preto-velho, a prática espiritualista do Reiki. É oferecido o serviço de forma gratuita para os presentes. Rita costuma perguntar a cada participante se há interesse na participação do ritual; em caso positivo ela anota os nomes e cria uma lista que será utilizada para a condução ordenada da pessoa para o Reiki.

Reiki é uma palavra japonesa formada pelo prefixo Rei, relacionado a um aspecto cósmico, energético, e o sufixo ki, significando força vital que flui pelos seres existentes. Dessa forma, essa prática está relacionada a imposição de mãos humanas sobre o corpo de outro visando o reestabelecimento energético, espiritual dos indivíduos que se dispõem a participar desse processo. (Freitag *et al*, 2014).

A sessão de Reiki acontece assim: no quarto onde se localiza o Congá, encontram-se de três a quatro médiuns do TESL. Em frente a cada pessoa que vai aplicar o Reiki, encontra-se uma cadeira de plástico a qual o participante irá sentar-se e ficar de costas para o médium. Ao fazer isso, é comunicado ao consulente o pedido de fechar os olhos e concentrar-se naquilo que ele veio alcançar no terreiro. Nesse momento, as pessoas fecham os olhos e é possível perceber que os médiuns ficam com as mãos abertas, perpassando sem tocar o corpo das pessoas, e subindo e descendo suas mãos no espaço compreendido entre os ombros e a cabeça das pessoas. O procedimento como um todo dura de dois a três minutos. Ao fim do procedimento o médium agradece a presença e a pessoa pode levantar-

se, sair do local e voltar para os bancos aguardar ou o início do da consulta, para os primeiros que foram chamados, ou sua vez na fila para se consultar com as entidades.

Enquanto a consulta não inicia os médiuns portando roupas “comuns”, utilizados em seus ofícios, chegam ao terreiro, cumprimentando rapidamente a assistência presente e imediatamente dirigem-se ao interior da casa que delimita a TESL para trocarem de vestimenta. Médiuns e sambas vão trazendo para a mesa que fica ao lado da entrada da sala Congá indumentárias, bebidas, cigarros, que serão utilizados naquela noite. Cada elemento trazido para a mesa é pensado para as específicas entidades.

Espaço da TESL organizado, nomes anotados, indumentária reservada em cima da mesa, possibilita tempo para os os médiuns conversarem entre si. Faltando cerca de dez, quinze minutos, Pai Fernando, que havia voltado para o interior da casa, saí dela para dar início ao ritual consulta.

A indumentária e o comportamento esperado dos presentes para a consulta, é repassado pela rede social Instagram. Espera-se o uso de roupas claras e decoro compreendido como necessário para um encontro religioso, ou seja, evitar roupas curtas e decotes pronunciados, bem como seja respeitado o jejum de álcool, por 48 horas, antes da consulta.

Quanto aos médiuns presentes o código de vestimenta é: os homens devem portam camisa e calça branca; normalmente a camisa ou é desprovida de qualquer símbolo ou possui o da TESL em sua face anterior. Quanto as mulheres, aquelas que vão incorporar estão vestindo uma longa saia, ou completamente branca ou em tom xadrez, além de uma blusa branca ou completamente desprovida de símbolos ou com o da TESL. Os ogãs seguem o mesmo pressuposto dos médiuns homens e Pai Fernando, sendo o único que destoa das regras gerais, apresenta-se com uma calça na cor branca, mas com uma blusa sempre em tom de cores diversos.

Além disso, existe uma atenção bastante recorrente ao pano-de-cabeça que é sempre amarrado a mesma antes de começar a consulta. Em mais de uma vez, vi algumas médiuns perguntando aos demais onde estava seu pano de cabeça, ou mesmo procurando em cima da mesa. Tamanha apreensão e zelo por tal pano reflete a importância simbólica dele, como assinalam Ademir Barbosa Junior e Jorge Luís da Hora de Jesus, (2023).

Inicia-se o ritual com toques acelerados nos atabaques, assim como o uso de uma sineta/sino. Atabaques são espécies de tambores que passam por processos de sacralização e são utilizados em diversas religiões afro-brasileiras, da Umbanda, passando pelo Candomblé, pela Jurema Sagrada, etc, como pontua Marcelo Máximo Purificação (2022).

O papel da música, seja por meio do toque no atabaque é componente crucial para os cultos de religião afro. Os pontos cantados podem ser pronunciados e há um incentivo para isso, direto ou indireto. Assim espera-se que todos os presentes entoem os pontos afim de manter um padrão sonoro durante determinadas fases dos rituais. Como bem pontuam Rita Amaral e Vagner Gonçalves da Silva:

Nas religiões afro-brasileiras, a música desempenha um papel fundamental. É um dos principais veículos por meio dos quais os adeptos organizam suas diversas experiências religiosas e invocam os orixás, caboclos e outras entidades espirituais que os incorporam em festas, giras, sessões e outras cerimônias coletivas. Nesses rituais, a música é produzida por diversos instrumentos (atabaques, cabaças, chocalhos, agogôs, ganzás, etc), que variam segundo os ritos, acompanhados por cantos que são considerados formas de orações que unem o homem ao sagrado. (Amaral, Silva, 2006:190-191)

Os pontos cantados também tem por função a convocação das entidades. Percebi durante minha pesquisa que cada entidade chega durante o cântico relacionado a seu nome; sempre são cantados pontos curtos, que não duram mais do que alguns minutos e repetem estrofes, desse modo percebi que os presentes não tinham dificuldade em acompanhar a letra. Sobre o tema, afirma Lívia Rezende, historiadora, que:

Os pontos cantados são canções rituais, entoadas com o intuito de convidar as entidades a virem à terra, firmarem-nas aqui ou ainda para se despedir das mesmas. Normalmente são acompanhados pelos sons dos atabaques e das palmas do público e dos filhos da casa. São cânticos curtos, com pequenas estrofes que se repetem duas ou três vezes. (Rezende 2016:103)

Os pontos cantados também são cantados pelas entidades no ritual, assim como também são ensinados novos para os médiuns presentes que não estejam incorporados. Além disso, cantar com intensidade é sempre bem visto, demonstrando assim conhecimento e entusiasmo pela presença da entidade. A autora afirma que:

No que diz respeito especificamente à questão da musicalidade, ritmo e, de modo mais prático, cabem algumas considerações específicas. A importância dada aos pontos cantados durante qualquer ritual da umbanda é uma delas. Durante praticamente toda a gira é imprescindível que todos os médiuns entoem os pontos com força e determinação. É comum presenciar nos terreiros algumas entidades incorporadas chamarem atenção dos filhos-da-casa para que aprendam os pontos e os cantem com vontade e dedicação. (Idem, 2016:112).

Ainda sobre os pontos, os Ogãs possuem mais conhecimentos sobre o tema, haja

visto a necessidade deles aprenderem não somente a letra mas também o ritmo do atabaque. Dessa forma, Almeida, afirma que:

O ogã é um especialista que domina determinados conhecimentos específicos, é portador de saberes especiais que conferem prestígio e o tornam objeto de fortes sentimentos sociais. Atribui-se a ele uma destreza e uma ciência incomum (Almeida, 2018:102-103).

A profundidade que a aprendizagem sobre os pontos apresenta é considerável ao ponto de dificultar também as análises científicas sobre os mesmos, haja visto que eles mudam de terreiro para terreiro, dependendo da influência histórica que o mesmo tenha, assim como as entidades que se apresentam no local.

A identificação dos toques e suas respectivas funções no ritual foram e continuam sendo um dos principais objetivos de diversas pesquisas etnomusicológicas. É uma tarefa que demanda tempo, pois cada casa pode possuir um número grande de cantigas em seu repertório, e pode variar de acordo com o terreiro, a nação, a cidade, as influências religiosas de outras nações, entre inúmeros outros fatores (Idem, 2018:75).

A musicologia, ou seja, o estudo científico da música, tornam análises possíveis em relação ao que se é cantado em determinado contexto cultural, e com qual intenção se faz isso. Dessa forma, para entender o papel que ogã desempenha na TESL, tomo como referência o argumento de John Blacking que em seu artigo “Música, cultura e experiência” em que o autor afirma:

Uma importante tarefa da musicologia é descobrir como as pessoas produzem sentido da ‘música’, numa variedade de situações sociais e em diferentes contextos culturais, distinguindo entre as capacidades humanas inatas utilizadas pelos indivíduos nesse processo e as convenções sociais que guiam suas ações (Blacking, 2007:201).

Sendo assim é por meio dos pontos cantados que mitos, histórias, acontecimentos, em um contexto religioso são atualizados, revividos, permitindo assim que os presentes tenham contato com o mundo do sagrado, bem como contato com a ancestralidade simbolizada durante um ritual, na medida em que se tornam artificios mágicos, modificando o tempo-espaço e inserindo assim um caráter sacro naquele momento. Almeida afirma que:

Ressalto que estas últimas, as músicas, também podem adquirir o caráter de instrumento mágico, capaz de atualizar mitos, possuir palavras advindas de ancestrais sagrados, levar o indivíduo a tornar-se contemporâneo dos deuses (Almeida, 2018:104-105).

Os mitos, então, entram em uma circularidade que atravessa gerações, permitindo que os mais novos médiuns possam aprender com os mais velhos. Esse ciclo não pode ser

quebrado, apenas no máximo, atualizado. Samuel Abrantes, historiador, argumenta que “De um modo geral, a história mítica dos orixás e da criação são repassadas oralmente de geração em geração. Isto tem importância extrema para a compreensão do sentido de circularidade contido nos cultos afro-brasileiros” (Abrantes, 1996:45-46).

Xavier Vatin, antropólogo, em seu artigo sobre música e possessão, ressalta o caráter organizador e condutor de gestos, hábitos que são acionados quando determinadas músicas desencadeiam ações rituais. Assim, a música funciona como estímulo para conduzir comportamentos esperados nos indivíduos presentes. Afirma o autor que:

Durante o ritual, um ‘desencadeador cultural’ – é neste sentido que a música parece exercer a sua função litúrgica e seu poder simbólico, através de cantos ou ritmos específicos – provocará nele, sob certas condições, os gestos e condutas associados à imagem inconsciente da divindade. Esta construção de uma personalidade segunda, cujas manifestações poderiam ser desencadeadas automaticamente a partir de certos *stimuli*, implicaria em um condicionamento de tipo pavloviano. A música serviria assim para veicular *stimuli* sonoros constituídos pelas fórmulas melódicas e rítmicas associadas a determinada divindade. Tais *stimuli*, existentes na cultura sob a forma de repertórios musicais, seriam inscritos e “gravados” nos iniciados para desencadear, após a aquisição de hábitos estereotipados, respostas automáticas de sua parte (Vatin, 2013:245).

Continuando a descrição do ritual, os médiuns vão para o centro do terreiro. Forma-se assim um meio círculo e Pai Fernando fica no centro do mesmo. Vou apresentar então a ordem e as letras que compõem os pontos cantados. Contudo, nem sempre são entoados os mesmos pontos e na mesma ordem.

Os atabaques começam a tocar, acompanhados pela sineta. Tanto os médiuns, assistência, quanto Pai Fernando, cantam este ponto referente ao ato de defumar e batem palma de forma rítmica demarcando o compassos.

Olha vamos defumar, essa casa de Oxalá, com as ervas da Jurema
olha vamos defumar... eu defumo é com Jesus, com Maria e José,
defumo o terreiro e também os filhos de fé.

Daniel Garcia *et al* (2016), argumentam que o uso do processo de defumação é importante para os rituais umbandistas por representar a abertura dos rituais. Ao mesmo tempo promove uma limpeza espiritual nos presentes, que por sua vez também facilita a comunicação entre os médiuns e as entidades. Segundo os autores:

O ritual de defumação é por vezes demorado e cauteloso, pois é preciso que se defume um indivíduo por vez, primeiro aparte anterior e depois a parte posterior. As finalidades da defumação no ritual, antes da abertura dos “trabalhos”, são principalmente para “harmonizar” e “limpar”, tanto o ambiente quanto a pessoa;

além de promover a comunicação entre as entidades e o mundo material (Garcia, *et al*, 2016:5).

A defumação é feita a partir da queima de ervas específicas, assim como a enunciação de cantos. Com isso retiram-se energias negativas e implantam-se no ambiente energias positivas, mantendo o ambiente controlado contra qualquer evento negativo. Afirmam Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino e Ivonete Barreto de Amorim sobre o tema que:

As ervas muitas das vezes já se fazem presentes no início da gira, no momento da defumação – quando se queima o incenso, constituído por um aglomerado de folhas que – com seus axés e seus ofôs –, purificam o ambiente energizando-o, com as forças dos Orixás/entidades –. (Purificação, Catarino, Amorim, 2019:750).

A foto a seguir exemplifica como funciona o ritual de defumação na TESL, com destaque para as ervas moídas colocadas dentro do vasilhame de cerâmica.



Figura 7 – Processo de defumação dos consulentes da TESL.

O ponto é entoado por cerca de cinco minutos, enquanto o incensário aceso passa em frente a todos os presentes, jogando fumaça nos mesmos. Dois médiuns sempre realizam o serviço. Um movimentando o instrumento de frente para trás constantemente promovendo o máximo de fumaça possível, enquanto outro carrega ervas a serem utilizadas e repostas quando necessárias dentro do vasilhame. O segundo médium sempre porta um copo com água.

O médium que possui o incensário primeiro perpassa todos os médiuns, sambas/cambones, ogãs, atabaques e Pai Fernando, em seguida é passado o objeto por toda a assistência presente, em seguida as duas pessoas dirigem-se ao portão de saída da casa.

Ao chegar no portão de saída, segue-se o ritual: o médium portador do incensário passa a fumaça em quem estava lhe auxiliando. Depois, quem movimenta o incensador fica de costas para a saída da TESL, passa o mesmo em volta de seu corpo três vezes, pega o copo de água e joga o conteúdo para fora da casa, sem visualizar a queda do líquido no solo. Em seguida o incensador é colocado no chão, próximo a entrada do terreiro, e lá permanece até o fim da sessão.

Então vêm a sequência de pontos:

Oxalá meu pai, tem pena de nós tem dó, que as voltas do mundo é grande seus poderes são maior...

Umbanda, Umbanda querida, Umbanda, Umbanda minha vida, a Umbanda é um mundo de luz, foi na minha Umbanda onde eu conheci Jesus...

Tum tum tum, bateu na porta do céu, tum tum tum, São Pedro abriu pra ver quem é, mas eram as Almas Santas Benditas que se pesavam na balança de Miguel...

Neste ponto se percebe que a influência do catolicismo na Umbanda. Nas giras de preto-velhos não é incomum encontrar referência a crucifixos, a orações católicas (Pai Nosso e Ave Maria), referência a santos católicos, ou a Jesus Cristo. Como afirma Dias:

De fato, um aspecto que chama a atenção durante as giras dos pretos-velhos é a grande quantidade de referências “cristãs” – mais propriamente “católicas” – que permeiam suas ações rituais em seus mais variados níveis: orações católicas (como o pai-nosso e a avemaria); preces e evocações dirigidas a santos católicos (São Benedito; Santo Antônio; Santa Catarina; dentre outros), Jesus Cristo e Nossa Senhora (Aparecida; Imaculada; da Conceição; do Rosário; apenas para citar as mais frequentes); “cruzes” (referência às almas e à cristandade) e “estrelas de cinco pontas” (referência ao orixá Oxalá que, no limite, é também ‘sincreticamente’ o próprio Jesus Cristo) como elementos que compõem, nas mais variadas configurações, os seus pontos-riscados; e a utilização por parte das entidades de objetos tipicamente ‘católicos’ durante seus passes e consultas, tais como rosários e crucifixos (Dias, 2011:223).

Os pontos continuam:

No dia 13 de maio, quem tinha escravo chorou, chorou, chorou, chorou o cativo acabou.

Este ponto acima reforça o contexto mítico dos pretos-velhos. O ponto faz referência a um

dia famoso na história brasileira, 13 de maio de 1888, em que Isabel de Bragança, também conhecida por Princesa Isabel, assinou a Lei Áurea, que concedia a liberdade aos indivíduos negros em estado de escravidão presentes no território brasileiro. Faz-se então uma referência a uma suposta tristeza para com aqueles que possuíam indivíduos escravizados naquele momento e se viram obrigados a libertá-los. É importante dizer que o fim do regime escravista ocorreu sem qualquer tipo de indenização aos indivíduos escravizados; ao contrário, os ex-escravos foram lançados pelo território nacional e obrigados, dentro do contexto urbano, a morarem em locais periféricos.

Os pretos-velhos, ao representarem arquetipicamente um espírito do escravo africano em terras brasileiras, encontra espaço na Umbanda para ‘descer’ em terra e ajudar a aqueles que pedem sua ajuda. Wagner Gonçalves da Silva em seu livro sobre a Umbanda e o Candomblé, argumenta que:

O preto velho, quando incorporado nos médiuns, apresenta-se como o espírito de um negro escravo muito idoso que, por isso, anda todo curvado, com muita dificuldade, o que o faz permanecer a maior parte do tempo sentado num banquinho fumando pacientemente seu cachimbo. Esse estereótipo representa a idealização do escravo brasileiro que, mesmo tendo sido submetido aos maus tratos da escravidão, foi capaz de voltar à Terra para ajudar a todos, inclusive aos brancos, dando exemplo de humildade e resignação ao destino que lhe foi imposto em vida (Silva, 1994:152).

Chamo a atenção para o uso dos seus cachimbos, já que eles possuem também a função de afastar energias negativas, mantendo ele e a pessoa que está se consultando, limpos energeticamente. Afirmam Purificação, Catarino e Amorim que “o cachimbo do Preto-Velho, também tem a função de defumação. A fumaça direcionada ao/a consulente é uma forma de limpeza e energização”. (Purificação, Catarino, Amorim, 2019:750).

Os pontos cantados então continuam:

Meu santo Antônio de Lisboa, olha esse mundo como está [...] Oh meu Santo Antônio pelo amor de Deus.

Segura o touro Cambinda, amarra no mourão, que o touro é brabo Cambinda, amarra no mourão. Meu Santo Antônio é pequenino, auê, me abra as portas do céu auê...

Eu andava perambulando sem ter nada pra comer eu pedi às Santas Almas para vir me socorrer eu andava perambulando sem ter nada

pra comer eu pedi às Santas Almas para vir me socorrer foi as almas que me ajudou, foi as Almas que me ajudou meu divino espírito santo viva oh Deus Nosso Senhor...

Durante o canto, inicia-se o processo de incorporação. O processo de forma geral ocorre assim: os médiuns já estão vestidos com as roupas que utilizarão por toda a sessão. Quando algum ponto cantado é atribuído a entidade de determinada pessoa, a mesma fecha os olhos, permanece paralisada, em pé, concentrada. A entidade chega, em meio a solavancos corporais que não desestabilizam o médium.

O médium então dobra seu tórax e abdômen em direção ao solo e começa a mover-se devagar, agachado, acompanhando o ritmo da música, transmitindo a imagem de cansaço e lentidão. A relação existente entre as entidades e os médiuns que permitem a utilização de seus corpos é ponto importante na Umbanda, sem o qual a comunicação não seria possível. Como afirmam Cruz e Arruda:

[A Umbanda] Destaca-se pela inter-relação direta que se estabelece entre as entidades (as manifestações ocorridas durante o transe, sempre nomeadas e tipificadas) e os “consulentes” que nelas procuram conselhos, consolos, respostas e soluções mágicas as suas mais diversas necessidades. Tais entidades são entendidas como espíritos dos mortos, que possuem biografias da sua vida na terra, passado determinante para a forma que assumem no presente durante a chamada “incorporação”, isto é, a manifestação durante o transe (Cruz, Arruda, 2014:102).

Findado o processo, é trazido sejam pelas sambas ou por outros médiuns da casa um banquinho de madeira, branco, com cerca de quarenta, cinquenta centímetros de altura. Algumas entidades antes de sentarem-se no banquinho, realizam um sinal, desenhando uma cruz, por tocar nos quatro lados do objeto.

Ao sentar-se, rapidamente são entregues à entidade aparatos individuais que são atribuídos a figura do preto-velho: cachimbos com fumo, copo com água, uma caixa de madeira na qual a entidade poderá cuspir saliva após tragar em seu cachimbo, velas brancas que podem ou permanecer acesas ao lado da entidade ou podem ficar presas entre seus dedos dos pés, pomba branca¹⁸, cruces pequenas feitas de madeira que normalmente ficam em cima da borda do copo d’água, bengalas que serão por vezes batidas no chão durante a consulta.

¹⁸ Espécie de giz normalmente na cor branca utilizada para riscar desenhos no chão específicos de cada entidade.



Figura 8 – Consulta com os pretos-velhos.

O uso de cachimbos e bengalas representam um modo de se comportar. Assim, sentimentos como bondade, paciência, são vistos como constituintes dessa classe de entidades. A figura de um preto-velho, então, fumando cachimbo, repassa para os presentes o sinal da necessidade de humildade e paciência para enfrentar as dificuldades. Como afirma Dias:

‘Bengalas’ e “cachimbos” parecem, dessa forma, conter o sentido de duas dimensões distintas do trabalho ritual atinente aos pretos-velhos, duas maneiras possíveis de auxiliarmos consulentes que os procuram: a primeira pela assunção de uma posição subjetiva de humildade, paciência e aceitação das mazelas (do ‘peso’) da vida; e a segunda pela ação direta da feitiçaria (Dias, 2011:180-181).

Assim, por vezes vi pessoas saírem das consultas com preto-velhos com os olhos marejados de lágrimas, possuindo, contudo, uma expressão de esperança e felicidade. Afirma Dias que:

Como ‘conselheiros’, os pretos-velhos utilizam o que chamam de ‘envolvimento pela palavra’ para passarem aos seus devotos um pouco da reconhecida sabedoria e experiência devida que possuem, adquiridas à custa dos enormes sofrimentos, privações e sacrifícios a que foram submetidos como escravos. Oferecem conselhos e orientações para todos os tipos de problemas e dificuldades que lhes sejam trazidos, muitas vezes por consulentes aflitos e desesperançosos. Com um tom acolhedor, paciente, calmo e encorajador, um convite implícito para que o consulente se sinta seguro para ‘abrir seu coração’ e desabafar seus sentimentos, temores e receios mais íntimos, ‘escutam’ por longo tempo àqueles que os procuram – o que por si só já provoca comoção e efeitos apaziguadores nas pessoas, como pude atestar por meio de minha experiência como cambone – sempre prontos para, terminado o ‘desabafo’, transmitirem suas palavras de bondade, humildade e amor (Idem, 2011:258).

Quanto ao número de médiuns, têm-se a presença de sete. Após todos os médiuns terem incorporado, serão iniciadas as consultas. Rita, como responsável por anotar os

nomes dos consulentes, chama o primeiro nome da lista para determinada entidade, em seguida chama o primeiro da lista de outra entidade, até que sete pessoas simultaneamente estejam sentadas em frente aos médiuns incorporados. Nesse momento, ao sentarem nos banquinhos disponibilizados para a assistência, iniciam-se gestos diversos com o intuito de recepcionar aquela pessoa que se sentou em frente a entidade. Aperto de mão, ponta dos dedos dos médiuns formando cruzes que perpassam a testa, boca e queixo, são alguns dos sinais apresentados pelas entidades no sentido de abençoar e recepcionar o consulente ali presente.

Durante a consulta, caso o membro da assistência não compreenda totalmente o que esteja sendo dito, as sambas estão sempre dispostas não somente a prover o fumo, o café para as entidades, mas também estão dispostas a elucidar determinadas palavras desconhecidas. Isso também acontece quando o consulente está anotando em pequenas folhas de papel alguma receita para banho, despacho, magia.

Na TESL observei eventos que fogem do padrão apresentado na maioria das consultas. Alguns consulentes durante a consulta apresentam comportamentos bem próximos do que eu descrevi sobre o processo de incorporação. Vou exemplificar uma dessas situações: certa noite um homem estava consultando-se com uma preta velha. Durante sua conversa, percebi que o mesmo estava apresentando comportamento fora do usual. Um dos médiuns, Samuel, e a samba Márcia, ao perceberem o ocorrido, posicionaram-se assim: Samuel atrás do consulente, e Márcia ao lado, com uma de suas mãos voltadas para às costas do consulente, que estava nesse momento com a cabeça abaixada enquanto escutava falas vinda da preta-velha.

A seguir, Samuel começa a impor suas mãos, sem tocar no consulente, em direção às costas do mesmo. Concentra-se, fecha os olhos, e após alguns momentos começa-se a escutar um som, uma espécie de assovio. Após isso ouço os médiuns evocando uma palavra associada à Orixá das águas doces, Oxum, “Orayeye”. Samuel e Márcia permanecem próximo ao consulente por alguns minutos, até que finde o comportamento do consulente. Finalizado esse processo, ambos se afastam do consulente que continua sua conversa com a preta-velha.

Um dos pretos-velhos presentes na casa incorpora através de Tom. A entidade chama-se Pai Joaquim da Angola e traz um componente ritual destacado entre os demais presentes. Eu passei pelo ritual após Rita ter me encorajado a isso, pois para ela era de bom tom em toda consulta de preto-velho eu conversar com Pai Joaquim de Angola, o que de

fato sempre que possível. Mesmo na ocasião em que considerei haver muito mais pessoas necessitando conversar com o mesmo, Pai Joaquim não “foi embora” sem antes fazer questão de conversar comigo.

Em uma noite, antes de ir embora, o mesmo apontou em minha direção, já no fim das consultas, me chamando para ir conversar com ele, o que prontamente fiz; conversei com o mesmo rapidamente, e ele disse que eu tinha passagem livre pela TESL, o que me fez agradecer pela receptividade que sempre tive. Findada a conversa, voltei para meu local.

Em outra noite, antes do término das consultas, conversei com Rita e a mesma perguntou se eu gostaria de falar com Pai Joaquim, respondi positivamente e ela anotou meu nome como sendo o último da lista¹⁹. Aguardei meu nome ser chamado e fui em direção a entidade.

Ao me sentar-me no banquinho, percebi diversos elementos já pontuados anteriormente: copo de água, vela branca, pequena, no pé direito do mesmo preso entre os dedos, cachimbo, um chapéu de palha. Ele estendeu-me sua mão, a qual eu apertei; levou sua mão em direção a minha boca, a qual beijei, depois encostou sua mão em meu tórax, levando sua mão e a minha para o lado esquerdo e direito de meu tórax, especificamente, soltando-a em seguida. Permaneci calado, enquanto o mesmo batia levemente um de seus pés no chão, fazendo esse ato por alguns segundos. Perguntou-me em seguida se eu gostaria de um passe, o que eu prontamente respondi que sim, então iniciou-se o rito.

O passe é peculiar de cada entidade, obedece a uma ordem gestual e simbólica única. Para o passe ser realizado, precisei levantar-me do banquinho e permanecer em pé de frente para Pai Joaquim. O mesmo, tomou em sua mão um ramo composto por caules e folhas das plantas aroeira (*Schinus terebinthifolia* Raddi) e comigo-ninguém-pode (*Dieffenbachia amoena*). Para saber quais eram as plantas perguntei a um dos médiuns da casa quais eram as ervas utilizadas e o mesmo prontamente me respondeu.

Sobre a manipulação de plantas, bem como a prescrição das mais diversas formas possíveis de utilização dessas, como chás, banhos, vale pontuar que faz parte não somente das consultas de preto-velho, mas também é uma característica inescapável das religiões de base afro-brasileira. O livro “Ewé Òrìsà” de Eduardo Napoleão e José Flávio Pessoa de

¹⁹ Sempre direciono minha conversa com as entidades para eu ser o último da lista, visando favorecer aqueles que por ventura possam estar com mais pressa do que eu, haja visto que sempre saio depois de todos os consulentes do TESL, bem como poder observar sem qualquer tipo de pressa ou apreensão as consultas com as entidades.

Barros (2003) proporciona uma visão interessante sobre o nome e uso das mais diversas plantas dentro dos cultos. Dias, (2011) chama a atenção para importância das plantas nesse contexto. Segundo o autor:

Feitas essas considerações e prosseguindo com a contextualização do espaço 'externo' do terreiro, cabe destacar que passando pela tronqueira e pela casa das almas, ainda à esquerda pode-se notar a presença de grande número de vasos contendo plantas e ervas que são utilizadas frequentemente nos trabalhos espirituais, dentre as quais se destacam: arruda, guiné, espada-de-são-jorge, boldo e melissa. Os pretos-velhos são as entidades a utiliza remessas ervas com mais frequência (sobretudo arruda e guiné), geralmente em trabalhos de cura e prescrições de chás e banhos para limpeza espiritual. Outras entidades que também se utilizam bastante das ervas, mas para manipulações (mágicas) bastante diferentes, são os pretos-velhos da mata (sobretudo guiné, à qual chamam de 'erva fedida') (Dias, 2011:162).

Retornando a minha consulta, abro meus dois braços em direção à Pai Joaquim. Ao mesmo tempo, ele me avisou que deveria eu girar lentamente. Assim o fiz. De forma lenta, compassada, ele foi ditando a velocidade na qual eu deveria executar o gesto. Ele então bateu com o ramo de plantas em meu corpo; repetiu esse movimento três vezes. A intensidade das batidas produzia sons que poderiam ser ouvido por todos.

Ao fim do gestual, sento-me novamente no banquinho, Pai Joaquim se despede de mim, agradecendo novamente pela minha presença e cooperação, eu lhe dou boa noite, agradeço pelo passe e volto para meu local.

Quando acabam os nomes da lista de consulentes, alguns médiuns aproveitam a oportunidade para conversarem com as entidades, seguindo os mesmos gestuais pontuados aqui. Ao fim desse processo, os pretos-velhos vão desincorporar de seus médiuns.

Durante o processo de desincorporação os seguintes pontos são cantados:

Adeus madrugada linda, adeus umbanda, adeus umbanda, a umbanda chora, meus pretos- velhos eles vão embora

Brilhou no céu mais uma estrela, a lua clareou meu candomblé.

Adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, Zambi lhe trouxe, Zambi vai te levar, Zambi lhe trouxe, Zambi vai te levar, agradeço a toalha de renda que deixou nesse Congá, agradeço a toalha de renda que deixou nesse Congá.

O gestual desse processo funciona por dois caminhos: alguns vão até a sala onde fica

o Congá, e de frente para o mesmo, o médium incorporado passa por um solavanco, normalmente auxiliado por um outro médium que permanece atrás do mesmo para impedir qualquer eventual queda. Esse solavanco joga o indivíduo incorporado para trás. Ao fim desse processo, o médium retoma a consciência de seu corpo, sai da sala e junta-se aos demais presentes.

Há ainda aqueles que desincorporam de frente para o jardim do terreiro, passando pelo mesmo processo que descrevi acima. O jardim da TESL é um espaço localizado entre o quarto do Congá, a casa dos Exus e a parede que separa o terreiro da casa de um de seus vizinhos. Nele há uma série de plantas, bem como uma fonte de água, luzes artificiais, velas que são colocadas pelos médiuns por vezes, e um pequeno altar portando a figura de um caboclo, figura tão importante para o universo umbandista quanto os pretos-velhos e exus; acima dessa figura, talhada em uma peça de madeira está escrito 7 estrelas, referenciando o caboclo que comanda a TESL, como ouvi certa vez Pai Fernando falar.



Figura 9 – Jardim da TESL.



Figura 10 – Imagem do Caboclo 7 Estrelas exposto no jardim da TESL.

Findada a desincorporação, os médiuns começam a guardar os bancos de madeira, bem como os outros instrumentos utilizados naquela noite. Bancos destinados ao público presente são colocados próximos a entrada da sala do Congá e os médiuns dirigem-se ao interior da casa para trocarem de roupa e saírem da TESL. Alguns médiuns apressam-se para ir embora enquanto outros ficam conversando no local, fato esse atrelado a distância da casa do médium, ao tipo de transporte utilizado. Já são por volta das 22 horas da noite. Dessa forma, finda-se uma sessão de consulta de pretos-velhos na TESL.

2.2 O ritual de consulta com os Exus e Pombagiras

Neste tópico descrevo o funcionamento, as dinâmicas do ritual de consulta dos Exus e Pombagiras na TESL. Exu é compreendido como elemento fundamental para que as sessões aconteçam, cabendo a ele desempenhar segurança espiritual nos rituais. Existem histórias, - também chamadas por Itãs - principalmente no Candomblé, - relacionadas diretamente a esse papel, seja do Orixá, seja das entidades (Prandi, 2001). Juana Elbein dos Santos, antropóloga, sobre os conceitos fundamentais das religiões de matriz Iorubá, argumenta que “Sem a colaboração de Èsù, a dinâmica ritual ficaria paralisada” (Santos, 1986:183).

Exu é quem transporta o axé, energia fundamental, vital (Silva, Rodrigues, Aisengart, 2021) invisível e mágica que permeia e é difundida a cada ato ritual dos terreiros. Ele garante então o dinamismo das relações entre o mundo espiritual e material entre humanos e Orixás/entidades. Como afirma Liana Trindade, antropóloga:

Exu é um princípio. Pertence e participa de todos os domínios da existência

cósmica e humana. Ele representa e transporta o 'ase' (força mágica sagrada) que designa em Nagô a força vital que assegura a existência dinâmica permitindo acontecer e o devir. Exu representa esta força encontrada em todos os elementos animados e inanimados, que define a ação e estrutura desses elementos. Exu transporta 'ase', mantendo a intercomunicação entre os diferentes domínios do universo. A força vital é única e várias são as suas manifestações, sendo transmitidas através de Exu aos seres e domínios do universo (Trindade, 1985:26).

Ao presenciarem a representação mágica de Exu, os colonizadores portugueses, o associaram ao diabo cristão, que segundo a crença católica é responsável pelas infelicidades dos indivíduos. Por sua vez, os africanos raptados para servir de mão de obra escravizada no Brasil, ao perceberem a associação da figura de Exu a um ser maligno, perceberam sua dualidade:

Esta abordagem explica as razões que levaram os brancos a identificar Exu com a noção cristã do diabo, reinterpretando a ação do herói africano através da concepção ocidental de feitiçaria. Se houve a assimilação do conceito de diabo pela cultura do negro, esta por sua vez foi reinterpretada pelas noções africanas, concebendo o diabo como entidade mágica ambígua (Idem, 1985:36).

Voltando a TESL, a sessão de consultas também ocorre somente às segundas feiras, uma vez por mês e costuma sempre estar lotada. Esse número elevado de consulentes para a consulta é explicado pela atração que essas entidades causam aos indivíduos que o conhecem. Independente das motivações particulares, não é incomum encontrar uma grande reverência a estas entidades. Cruz e Arruda afirmam que:

Apesar dos porquês divergentes, convergem as ideias de que o Exu é a entidade umbandista de maior afinidade com os encarnados e a mais próxima deles, além de que é nesse contato, através do trabalho para a caridade efetuado nas consultas públicas dos terreiros, que se permitirá sua transmutação, sua evolução. A descrição de campo mostra que, apesar da existência das outras tipologias, a dicotomia entre Exus/povo de rua e pretos-velhos/caboclos é marcante (Cruz, Arruda, 2014:122).

O horário da consulta é às 19 horas. Como citei no tópico anterior, Rita continua sendo a principal responsável por anotar os nomes, esclarecer quem são as entidades presentes naquela noite bem como ditar quantas vagas há para cada entidade e a ordem de chamada que será feita. Dependendo da hora em que as pessoas chegam, é pedido para que as mesmas esperem do lado de fora da TESL. Nesse processo, forma-se uma fila e Rita vai conversar com cada indivíduo e perguntar com qual entidade o mesmo deseja conversar, anotando em uma folha de papel o nome da pessoa e a entidade escolhida para conversar.



Figura 11 – Fila dos consulentes aguardando a distribuição de senhas para consulta.

Nas consultas dos preto-velhos, as luzes colocadas nos ambientes eram de cor branca. Na consulta de Exu e Pombagiras percebo que tais luzes são modificadas pelos médiuns, entrando em cena a cor vermelha que dominará todo o ritual. Esta cor é bastante presente tanto no vestuário dos médiuns quanto nas figuras que representam imagetivamente os Exus e Pomba-giras.

Por volta das 18 e 30, as pessoas que estão no portão são convidadas a entrar na TESL. Cerca de 18 horas e 50 minutos, a sineta é tocada com vigor, anunciando que o ritual irá iniciar, o que leva aos médiuns, independente se irão incorporar ou não a se movimentarem em direção ao centro do terreiro. Nessa noite, as roupas utilizadas pelos que irão incorporar são diferentes das utilizadas na consulta dos preto-velhos. Saem de cena os chapéus de palha, as saias brancas, as blusas brancas, e entram em cena os vestidos da cor preta, as blusas pretas e/ou vermelhas.

Pai Fernando e os médiuns do local formam um meio-círculo no centro do terreiro. Dentro desse meio-circulo, estão presentes aqueles médiuns que irão incorporar. Eu contabilizo cerca de vinte e três médiuns, dos quais somente cinco a sete incorporam. Nesse meio tempo, os atabaques que estavam no quarto do Congá, são colocados em posição de frente para o semicírculo. Pai Fernando posiciona-se no meio do semicírculo, agradece a presença de todos naquela noite e assim inicia-se o ritual.

O ritual inicia com uma reza católica, o “Pai Nosso”. A partir desse momento, todos os médiuns assim como Pai Fernando direcionam sua atenção para o jardim da TESL. A oração é a seguinte:

Pai nosso que estais no céu, santificado seja vosso nome, venha a nós o vosso reino seja feito a sua vontade assim na terra como no céu, o pão nosso de cada dia nos daí hoje, perdoais a nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido, não deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal, amém.

Após essa reza, os atabaques e as sinetas começam a ser tocados em um ritmo acelerado. Pai Fernando então evoca outro ponto cantado de forma lenta e acompanhada pelos atabaques:

Senhores mestres, do outro mundo, do outro mundo e deste também.

Enquanto esse ponto é cantado os médiuns presentes, assim como Pai Fernando, ficam agacham-se em direção ao jardim. Ao fim do cântico, todos ficam em pé e Pai Fernando fala aos presentes:

Laroyê Exu! Laroyê Exu! Laroyê Exu!

Em seguida seguem os pontos, acompanhados pelas palmas dos presentes, pela sineta e pelos atabaques:

Tranca Ruas no reino é uma beleza, Tranca Ruas no reino é uma beleza, eu nunca vi um Exu assim ele é madeira que não dá cupim. Eu nunca vi um Exu assim ele é madeira que não dá cupim.

Ele se chama Tranca Ruas, nasceu em Mato Grosso e se criou em Nazaré, era um filho de um Xavante é neto de um navegante é Tranca Rua de Embaré.

Tanto sangue derramado, oh luar, em cima do frio chão, oh luar, tanto sangue derramado, oh luar, em cima do frio chão, oh luar aonde mora Tranca Rua é morador desse portão.

Oh luar, oh luar, oh luar, mas ele é dono da rua, oh luar, quem cometeu as suas faltas, há de me pagar, peça perdão pra Tranca Rua.

Ele se chama senhor, é o rei da madrugada, seu Tranca Ruas de Embaré.

Sererê sererê, ela gira na estrada, Sererê sererê alta madrugada...

Laroyê Exu!

Seu Marabô, Seu Marabô, Ninguém deveria morrer sem conhecer a razão...

Serra madeira e serra o pau, serra a madeira e serra o pau, se serra o pau, serra o tronco também, se serra o pau, serra o tronco também. Oh dá licença Encruzilhada, o cemitério e a Figueira também...

Lá no caminho eu deixei meu sentinela, lá no caminho eu deixei meu sentinela, eu deixei seu Marabô, tomando conta da cancela, eu deixei seu Marabô tomando conta da cancela. Lá no caminho eu deixei meu sentinela, lá no caminho eu deixei meu sentinela, eu deixei seu Tiriri, tomando conta da cancela, eu deixei seu Tiriri tomando conta da cancela.

Vinha caminhando a pé para ver se encontrava uma cigana de fé, vinha caminhando a pé para ver se encontrava uma cigana de fé...

Ciganinha, ciganinha, da sandália de pau, ciganinha, ciganinha, da sandália de pau, quando ela chega no reino, traz o bem e leva o mal.

A Cigana ganhou um baralho de ouro... só para ela jogar! Embaralha, auê, auê, auê...

Laroyê Exu!

Foi no brilho da lua que eu vi Dona 7 passar [...] ela é uma moça de fé...

Laroyê Exu!

Maria Padilha é uma moça tão formosa...

Se a sua catacumba tem mistério, ela é a filha de seu Omolu, [...]
Saravá Maria Padilha do cemitério...

Mas o inferno pegou fogo, Maria Mulambo quem mandou... [...],
mas ela não tem pena, ela não tem dó, eram 7 homens para uma
mulher só.

Lá no caminho eu deixei meu sentinela, lá no caminho eu deixei
meu sentinela... eu deixei Maria Padilha, tomando conta da
cancela... eu deixei seu Marabô tomando conta da cancela...

Laroyê Exu!

Exu que tem duas cabeças, ele faz sua gira com fé, Exu que tem
duas cabeças, ele faz sua gira com fé, mas uma é satanás do
inferno, e a outra é Jesus de Nazaré, mas uma é satanás do inferno, e
a outra é Jesus de Nazaré.

Neste último ponto cantado vê-se a face perigosa, dual, de Exu. É importante dizer que outros grupos religiosos, como o kardecismo, também associaram negativamente esta figura. Cruz e Arruda argumentam que ‘para formar a umbanda, a imagem sincrética do Exu-diabo foi compreendida a partir da teorização kardecista’. (Cruz, Arruda, 2014:104).

Durante todos os pontos cantados, um a um, os médiuns vão incorporando suas entidades e vão sendo atendidos prontamente pelas sambas que estão observando a movimentação das mesmas. O atendimento consiste na entrega de bebidas, cigarros, charutos para elas. O processo de incorporação acontece mediante o sacolejar do corpo do médium, quando este encontra-se concentrado nos pontos. Ao chegar no corpo do indivíduo, a entidade começa a dançar, locomover-se pelo terreiro. Por vezes as entidades incorporadas abraçam alguns dos presentes, estabelecendo uma relação maior de respeito e proximidade. Ao fim desse processo, os atabaques param de tocar, são recolhidos para dentro do quarto do Congá.

Nesse momento as entidades, uma a uma, posicionam-se em locais estratégicos com o intuito dos consulentes ficarem mais à vontade para expressar seus desejos com as

mesmas, buscando assim privacidade, ficando vedado a quem está na assistência transitar pela área onde estão as pessoas a serem atendidas, naquele momento, a não ser para deixar as dependências da TESL.

Algumas entidades ficam próximas das casas dos Exus, que nesse momento encontram-se com as portas abertas. Essas duas casas ficam fechadas em praticamente todos os outros eventos, com exceção das festas dedicadas aos Exus em dias específicos no calendário, aos sábados.



Figura 12 – Gira de Exu



Figura 13 – Gira de Exu

A casa dos Exus é um pequeno espaço coberto, cerca de 1,5 metros quadrados, construída de forma elevada a mais ou menos 1 metro do solo. Dentro dessa casa, o piso e as paredes são revestidos com azulejo de cor branca. Em seu interior encontram-se objetos simbólicos e atribuídos aos exus: luz vermelha, alguidares, tridentes forjados a ferro, flores, champagnes, imagens dos Exus e Pombagiras, cigarros e velas vermelhas acesas. Cada casa possui representação dos Exus: a primeira casa, colada ao jardim, apresenta a

figura de uma mulher e na casa mais à direita, é possível ver duas figuras, de um homem e uma mulher. A presença desses objetos e estatuas é muito recorrente nos diversos terreiros, como aponta Dias: “Os desenhos presentes no “garfo” são facilmente encontráveis em pontos riscados e objetos de ferro pertencentes às linhas da “esquerda”, sobretudo aos exus” (Dias, 2011:182). Todos esses símbolos transportam um sentimento mágico, capaz de impor respeito aos presentes. Como afirma Trindade:

Entre as representações simbólicas dos Exus, encontram-se estatuetas talhadas em ferro ou esculpidas em gesso ou barro, cujas formas antropomórficas designam os tragos peculiares a cada um deles. Estas imagens correspondem aos conceitos atribuídos pelos umbandistas a estas divindades representadas com características do diabo antropomórfico ou como figuras humanas. As estatuetas do Exu colocadas em altares e no ‘peji’, contém atributos mágicos. Impregnadas de conteúdos valorativos, transmitem aos adeptos sentimentos ambíguos de temor e segurança. Os Exus são caracterizados pelos médiuns que através de vestuários e atitudes interpretam. estas entidades durante a possessão (Trindade, 1985:105).

A casa dos Exus é dividida ao meio por uma pequena parede. A existência da casa é fenômeno recorrente dentro dos cultos umbandistas, servindo para demarcar um ponto de força, onde concentram-se energias:

A casinha de Exu, onde ele se acha preso à cadeia, situa-se entrada do terreiro, para guarda-lo dos perigos do exterior e atender as necessidades de seus fiéis que lhe depositam alimento. Conservar esta entidade presa, amarrada, significa a forma de apropriar-se e deter a sua força mágica a serviço dos interesses daqueles que o conservam. Ter Exu assentado consiste em deter, através dele, o poder mágico (Idem, 1985:69).



Figura 14 – Quarto dos Exus



Figura 15 – Quarto dos Exus



Figura 16 – Quarto dos Exus



Figura 17 – Quarto dos Exus

Todos os Exus e Pombagiras possuem personalidades quando comparadas entre si. Alguns não se comunicam com o público que está aguardando a consulta, apenas com os outros médiuns presentes e as sambas, enquanto outros fazem questão de interagir, seja indo até onde estão os consulentes, seja no curto intervalo entre o atendimento dos consulentes, aproveitando para conversar em voz alta com os médiuns, propositalmente de forma que todos possam ouvir seu discurso.

Entre todos os Exus e Pombagiras da TESL há uma entidade que se destaca por seu modo extrovertido de lidar com a assistência e médiuns: Pombagira Rainha das 7 Encruzilhadas. Todos os Exus, demais Pombagiras e médiuns da casa lhe tratam com maior reverência quando ela está presente, já que seu modo extrovertido convida todos a interagirem com ela. Ela costuma andar pelo terreiro quando quer pedir algo, ou mesmo quando reencontra um consulente e troca algumas frases. Lourival Andrade Júnior, historiador, argumenta que:

A depender da entidade, podemos perceber nas giras, comportamentos observáveis em todos nós com a diferença de que estamos vivos e elas não. Nos aproximamos por identificação e curiosidade. Obviamente que na performance das entidades, por estarem no seu ambiente ritual, se apresentam como melhores convier ou ainda, da melhor maneira que gostariam de ser identificadas e reconhecidas. Beber com os consulentes é uma dessas pontes. Entregar doces dados por uma entidade criança é outra. Oferecer frutas benzidas pelos caboclos também. Materializar o contato e estabelecer empatias são formas de aproximação e de confiança compartilhadas. Tudo isso sem perder o respeito, visto as entidades serem consideradas superiores aos mortais, por já terem superado aquilo que ainda estamos vivenciando (Andrade Júnior, 2021:12).

Cláudia, em entrevista, ressalta quem são os Exus e Pombagiras, destacando as possibilidades de comportamento, que podem ser desde uma entidade que converse em tom mais direto, até quem seja mais extrovertido, elegante:

O Exu, ele é mais direto. Mesmo com a elegância de algumas senhoras de algumas moças e de alguns moços, uns são mais incisivos, são mais rudes no que falam, mais diretos, né? Não querem muito assim, não têm, como diriam muita paciência, mas a gente tem aqueles que são mais elegantes, que são mais sábios no sentido de não de saber, mas de colocar de uma forma mais amena, vamos assim dizer. Mas todos eles ali têm a função de proteção daquilo que vem de negativo. Então, é a barreira, é a barreira da casa. (...)

Assim sendo é esperado que a figura de Dona 7 se destaque sempre entre os demais, por exercer um papel de performance único em relação aos presentes. Como afirma o autor:

As pomba-giras são corpos em movimento constante, que dançam, que giram, que riem, que gargalham, que bebem, que fumam, que gritam ao som das palmas e atabaques nas giras. Sua figura se destaca quanto maior for sua performance corporal. (Idem, 2021:17)

A figura da Pombagira, em perspectiva histórica, foi atribuída a uma mulher perigosa, extremamente vaidosa, possuindo a capacidade tanto de defender os interesses românticos das mulheres que vão até ela, ou mesmo defendê-las da violência masculina imposta historicamente.

Devido a maior liberdade que as mulheres vêm obtendo na sociedade brasileira, as Pombagiras então têm sido interpretadas como uma mulher livre, decidida. Como afirma Cristiane Amaral de Barros em sua dissertação sobre a figura feminina de Iemanjá e Pombagira:

Pomba-gira seria, portanto, um espírito das trevas, o Exu das mulheres, ligada à magia e feitiçaria, assumindo para si o estereótipo da mulher devassa e prostituída. Por muito tempo Pomba-gira nos terreiros foi representada como uma ‘messalina’, uma ‘mulher de vida fácil’, uma mulher ‘de zona’. Há já algum tempo, fruto talvez das transformações sofridas pela sociedade moderna, em que a mulher se impôs e conquistou novos espaços de atuação tanto dentro como fora do lar, essa entidade vem sendo representada, ou compreendida, também assumindo o perfil de uma mulher livre, forte, corajosa, senhora de seu corpo e de seu próprio destino – e que recusa a dominação masculina. Essa nova imagem

propõe uma Pomba-gira feminina, fêmea, livre, mulher plena, mas que não se subordina ao poder masculino (Barros, 2006:47).

Dona 7, como chamada por diversas pessoas, veste-se, com uma calça de cor bege, uma blusa preta com estampas de rosas, e pano enrolado em sua cabeça. Ao dirigir-se ao público, sempre cumprimenta a todos, dando boa noite em alto e bom som. Quando percebe a presença de alguém que procura sua consulta com recorrência, não perde a oportunidade de conversar rapidamente com a pessoa.

O caráter extrovertido, de Dona 7, pode ser considerado como indesejável em relação a imagem socialmente e historicamente construída sobre como uma mulher deve se comportar. As Pombagiras são reportadas por alguns estudos, com esse comportamento alegre, envolvente. (Prandi, 1996, Fernandes e Favaro, 2017).

Ao avançar da noite entidades e a assistência, vão interagindo na consulta, e a lista de pessoas controlada por Rita diminui. Em alguns momentos do ritual algumas entidades interagem com os médiuns, principalmente para solicitar cigarros e bebidas, que são servidas por estes rapidamente, e/ou pelas sambas.

Outro momento de interação é quando as entidades pedem papel e caneta, para fazer o “escrevinhador” o que os médiuns e sambas providenciam imediatamente. Neles são anotados ingredientes e modos de fazer as magias, visando atender a necessidade dos consulentes.

As consultas variam de tempo; algumas não duram mais do que 10 minutos, outras estendem-se por 40 minutos, mas não há um movimento por parte dos integrantes da TESL para que aquelas pessoas que já deram seu nome não usem o tempo que for preciso, ainda mais pelo fato das entidades quererem atender a todos.

O que pode ocorrer é eventualmente alguma pessoa que chegou tarde, cerca de uma hora após o início dos rituais, ser comunicado que não há mais espaço na lista para a consulta daquela noite. Várias vezes presenciei essa cena e as sambas são irredutíveis, na medida em que o número de consulentes para cada entidade não passam de 5 ou 6 pessoas.

Em minhas primeiras interações com Dona 7 após ter sido autorizado a realizar a pesquisa, ela assim como Pai Joaquim, me comunicou que sempre gostaria de falar comigo antes de acabar as consultas em que eu estivesse presente. Diante disso, pedi a Rita que meu nome sempre fosse colocado para conversar por último, uma vez que eu ficava sempre até o fim dos rituais e por consequência não possuía pressa em ser consultado.

Quando chega minha vez na fila dos consulentes, Rita chama meu nome, eu retiro

meus tênis rapidamente, ficando apenas de meias, sou conduzido por ela ou outro médium da TESL até o encontro de 7 Encruzilhadas. Ao ver-me, sempre me dá boa noite, me dá um abraço²⁰.

7 Encruzilhadas porta em uma das mãos uma pequena taça contendo espumante/champagne e na outra mão um cigarro, sempre da marca “Djarum Black Menta”. O comportamento que eu exerço até chegar a Dona 7, é procedimento observado rotineiramente. Trindade aponta para a existência dessa prática:

Algumas pessoas saem de seus lugares, tiram seus sapatos e são introduzidas no espaço sagrado. Dirigem-se a Pomba-gira e iniciam em voz baixa os seus pedidos. Esta ouve atentamente cada - um deles, aconselha e diz o que deve ser feito para ser por ela atendida. A maioria de seus adeptos são pessoas que ela conhece em outras sessões e nestes casos retoma o desenrolar de seus problemas (Trindade, 1985:126).

O uso de bebidas alcoólicas e o uso de cigarros, é corriqueiro entre as entidades. Não há qualquer tipo de repreensão em relação ao quanto que se fuma e se bebe. Esse comportamento dos integrantes da TESL difere do que foi apontado por Dias em sua pesquisa, afastando-se assim por exemplo da prática mediúnica do espiritismo kardecista, que buscam frear ao máximo o uso de tais objetos. Aponta a autora que:

De modo geral, nota-se no terreiro um sistemático esforço em aproximar as suas atividades a um modelo de prática mediúnica próximo do espiritismo kardecista e das vertentes intelectualizadas da umbanda, e um empenho em se evitar todo tipo de ‘excesso’ que possa ser manifestado pelos médiuns ou entidades da casa. Assim, espíritos ‘da esquerda’ são desencorajados a utilizar em demasia bebidas alcoólicas e a falar ‘palavrões’; entidades recém- incorporadas são desestimuladas a realizar performances extravagantes e com trejeitos exagerados; e médiuns são pedagogicamente advertidos ao manifestar possessões ‘violentas’, supostamente produzidas pela falta do devido controle sobre o processo de incorporação (Dias, 2011:150-151).

Por ela saber de minha pesquisa, sempre me pergunta como anda o desenvolvimento da mesma. 7 Encruzilhadas sempre me alerta que a pesquisa dará tempo de ser finalizada, bastando que eu caminhe, continue com minha escrita e pesquisa. No meio dessa conversa, ela aproveita para conversar com alguém próximo, médium ou samba, sobre algum assunto que por vezes não consigo identificar totalmente o que é, reforçando seu lado extrovertido em relação a todos os presentes.

Ao terminar minha consulta, sempre levo a ela uma carteira do cigarro mencionado

²⁰ O abraço dado aos consulentes funciona assim: o indivíduo primeiramente abraça apoiando seu tronco para o lado esquerdo do corpo do médium, e depois para o lado direito.

anteriormente. Minha entrega para ela é despreziosa e sempre bem recepcionada. Dona 7 aceita sempre, diz que está agradecida e que tenho liberdade para sempre vir e pedir o necessário. Eu digo que se precisar irei sim me comunicar com a mesma. Dou um novo abraço, digo boa noite e retiro-me para meu local, calço meu tênis e fico no aguardo das últimas pessoas da lista serem atendidas para que o ritual seja finalizado.

Após todos serem atendidos, as entidades, uma a uma despedem-se dos presentes, vão até a frente da casa dos Exus e Pombagiras. Para em frente ao local, concentram-se, e os presentes cantam os pontos:

Zoa atabaque zoa [...] chamar quando a Umbanda precisa...

Exu vai pelo pé, pelo pé, Exu vai pela mão, pela mão, Exu já vai embora...

A sineta é tocada de forma acelerada enquanto as entidades estão passando pelo processo de desincorporação. Os médiuns, incorporados e de frente para a casa dos Exus, auxiliados de perto pelos membros da TESL, curvam-se direção ao interior da casa, depois jogam seus corpos para trás, em um rápido movimento que por vezes gera um desequilíbrio dos mesmos, que é amparado imediatamente por quem está ao seu lado para evitar possíveis quedas. Ao recobrar a consciência, os médiuns formam uma espécie de meio-círculo, aguardando os outros desincorporarem.

7 Encruzilhadas é a última a desincorporar, sendo comum ela dar recados a todo o corpo mediúnico. Pai Fernando agradece a presença de todos, demonstrando felicidade por o ritual daquela noite ter transcorrido sem nenhum contratempo, comunica aos médiuns presentes os futuros eventos do TESL bem como quais dias naquela semana eles devem se dirigir ao TESL para preparar os próximos rituais e a consulta enfim é encerrada com todos os médiuns dirigindo-se para o interior da casa afim de trocarem suas roupas, conversarem um pouco de maneira descontraída e irem se despedindo e saírem do TESL.

2.3 As rezas para Omolu no mês de agosto

Eu vou descrever o funcionamento das rezas celebradas sempre no mês de agosto, em homenagem ao orixá Omolu²¹. Esse Orixá pode ser nomeado de quatro formas: Omolu, Obaluaiê, Sapatá e Xanapã. Seus nomes não mudam a simbologia do seu significado e poder. Ana Cristina de Souza Mandarino, Estélio Gomberg e Reginaldo Daniel Flores em seu

²¹ Além dessas rezas, em um dos sábados do mês de agosto é realizada uma festa para Omolu e Iemanjá.

artigo sobre comensalidade e ações terapêuticas no Candomblé, afirmam sobre as nomenclaturas do orixá que:

É neste contexto que iremos encontrar Obaluaiê, Oba(rei) lu (senhor) ayê (terra) Rei e Senhor da Terra. Vários são os nomes atribuídos a este orixá: Omo (filho) lu (filho do senhor); Sapatá e Xapanã, sendo que este último seria impronunciável, entre os afro-brasileiros pois estaria associado a sua mais terrível condição, a do deus da varíola. Todos os nomes remetem a um título do mesmo orixá: ‘Senhor do Mundo, Senhor da Terra e de todos os caminhos’ (Mandarino, Gomberg, Flores, 2008:340).

Omolu possui uma associação por meio do sincretismo à figura histórica de São Lázaro, santo que para o catolicismo foi curado da lepra, doença infecto-contagiosa, passando assim a ser patrono daqueles que carregam essa doença. (Caprara, 1998).

As rezas na TESL são realizadas em quatro semanas, sempre às segundas-feiras, dentro do mês de agosto, às 20 horas. Omolu é um orixá considerado velho e que possui influência sobre doenças, curas e relação direta com a morte. Afirmam Édila Doler e demais autores: “Os orixás representam as forças da natureza, Omolú é o orixá ligado à doença e cura, conhecido como o deus da varíola e das pragas, ele também recebe o nome de Obaluaê, Xapanã e Sapatá, a saudação para este orixá é “atotô Baluaê”. (Doler *et al*, 2020:86).

Omolu não é apenas o Orixá que representa a doença em seu nível físico e visível, carrega também em si a doença enquanto má-sorte, representada muitas vezes pelas epidemias. A má-sorte nesse sentido se apresenta como um castigo que recai a aqueles que por exemplo destratam o Orixá. Dessa forma, as colheitas perdidas seriam um símbolo de seu lado negativo. Dessa forma, a atuação de Omolu tem um caráter bastante ambíguo. Omolu também assume uma representação daquele que vive com a doença ao mesmo tempo em que sabe como se livrar dela. Como argumenta Elena Maria Andrei em sua dissertação sobre iconografia afro-brasileira:

Omolu, como Oxumaré e Nanã, deus jejes, tem um traço característico de inquietação, de temor ligado à sua personalidade. É o orixá da doença, principalmente das doenças epidêmicas e, também, da cura. O conceito de doença ligado a Omolu, no entanto, não é o mesmo relativo a Ossanha. O deus das folhas tem a doença como um infortúnio, um mal a ser conjurado; a doença que Omolu traz é um castigo, uma penitência, uma peste. Omolu é a representação da terra ressecada após a colheita e, ao mesmo tempo, a esterilidade e a colheita dos frutos. Se caracteriza pela ambivalência: é doente e médico, chagado e belo, jovem e velho, mendigo e soberano, morto e vivo (Andrei, 1994:235).

Voltando ao ritual na TESL, chego ao local volta das 18 horas e 30 minutos e encontro vários médiuns na parte exterior do terreiro, assim como parte da assistência. Ao me sentar em uma parte dos bancos, visualizo alguns médiuns ajudando as sambas a

organizarem a mesa com os acessórios a serem utilizados na noite de hoje. Enquanto isso, uma das médiuns da casa passa com um livro de folhas pautadas, solicitando aos presentes que assinem seus nomes.

Ao perceber indivíduos que acabaram de chegar ao local, alguns médiuns vão ao seus encontros e perguntam se eles já pegaram o pedaço de papel e o lápis. Esse procedimento é repetido em todas as segundas feiras do mês de agosto. É informado para quem nunca frequentou a TESL nesse mês, que nesse papel devem ser escritos pedidos individuais para o orixá Omolu. Eles por sua vez serão depositados em uma cabaça.

A cabaça possui uma grande simbologia para o Orixá Omolu. É por meio dela que as magias podem ser realizadas para apaziguar quadros de doença por exemplo. Os pedidos que serão depositados nela carregam a esperança de que aspectos positivos do Orixá apareçam na vida das pessoas. A ambiguidade do caráter do Orixá é deixada de lado; foca-se apenas no lado benéfico de sua presença na TESL, como o afastamento de doenças, a preservação e manutenção da vida, por exemplo. Como pontua Samuel Abrantes em sua dissertação sobre a indumentária do Orixá Omolu:

Obaluayê é considerado o ‘Senhor das cabaças’, já que as cabaças contêm os grandes ‘axés’, os grandes mistérios, as grandes poções mágicas. Assim, por silogismo, chego ao título de ‘senhor dos mistérios’, com o qual, alguns autores denominam OBALUAYÊ. Em sua indumentária, a presença da cabaça pode ser "lida" como a existência de “poções” possíveis para aplacar as doenças, combater as epidemias. No Dicionário de Símbolos²², a cabaça está associada à noção de espaço, de extensão. Ela é a imagem que ‘simboliza o corpo do homem e do mundo em seu conjunto²³’: Esta definição reforça a idéia defendida pelos entrevistados, no que diz respeito aos princípios da cabaça de encerrar mistérios, mas que comporta um todo único, universal, no sentido de totalidade absoluta e permanente de vida. Outra leitura aponta para a relação feminina e de reprodução que a cabaça também referencia. A cabaça é vista como símbolo de útero, do princípio feminino de vida. Creio, portanto, que é pertinente agrupar estes conceitos em um mesmo campo simbólico: universo, mistério, vida. útero, corpo do homem, etc.: signos que apontam para um mesmo campo semântico, relacionado à vida (Abrantes, 1996:43-45).

²² CHEVALIER, Jean. Gheerbrant. Dicionário de símbolos. **Mitos, sonhos, costumes, figuras**, v. 7, 1988.

²³ DIETERLEN, Germaine. Classification des végétaux chez les Dogon. **Journal des africanistes**, v. 22, n. 1, p. 115-158, 1952.

Aspectos simbólicos aparecem em vários locais do terreiro. Em frente ao jardim da TESL percebo a deposição de elementos que serão transmitidos posteriormente para dentro do quarto do Congá: velas brancas de 7 dias, colocadas ao lado direito, esquerdo e em frente a um alguidar contendo cebolas cortadas em rodela que foram imersas em óleo de dendê, folhas de alguma espécie de planta e uma pequena estátua representando Omolu.

Com o avanço dos minutos, pessoas continuam a conversar no local enquanto os médiuns chegam ao terreiro, apressados, dão boa noite rapidamente para os presentes e adentram a casa para trocarem de roupa e contribuírem com a organização da TESL. Todos os médiuns, incluindo Pai Fernando estão vestidos com roupas brancas. Boa parte da assistência também está presente com roupas claras, diferente dos outros dias em que alguns portam trajes com tons mais escuros.

Por volta das 19 horas e 50 minutos, a sineta é tocada por um médium da casa. Todos os outros vão para o centro do TESL, formando o mesmo tipo de semicírculo relatado em outros rituais. Pai Fernando é o primeiro a evocar as rezas da noite, estando ele e outro ogã da casa posicionados nesse momento para tocar os atabaques durante essa primeira parte do ritual.

Enquanto as rezas são feitas, Samuel, acompanhado por outro médium da casa realizam o ritual de defumação, na mesma sequência lógica encontrada nas outras noites: primeiramente são defumados os médiuns da casa e em seguida são defumados os presentes; depois Samuel e o outro médium vão até a porta de entrada da TESL, se defumam e a água do copo é jogada para fora do local.

Começa então a sequência de rezas. Essas rezas são intercaladas com discursos de Pai Fernando, bem como é nesse momento em os médiuns incorporarão falangeiros²⁴ de seus Orixás, e dançam próximos aos atabaques e ao jardim do TESL. A sequência de rezas dá-se assim:

Oxalá seus filhos abençoa Oxaguiã, guerreiro de Deus Oxalufã,
cajado de Deus...

Oxalá meu pai, eu sou filho da virgem Maria, Oxalá meu pai, eu

²⁴ Falangeiros são representantes dos Orixás, sem sê-los. As danças, as vestimentas, os sons apresentados podem parecer para um indivíduo desapercebido, como sendo mesmo um Orixá presente.

sou filho da virgem Maria, eu tenho uma estrela, que me ilumina, eu tenho uma estrela que me ilumina, essa estrela é a minha guia, essa estrela é a minha guia, que meu anjo da guarda seja minha companhia, que meu anjo da guarda seja minha companhia.

Após essas primeiras rezas, Pai Fernando discursa sobre os momentos da vida de Omolu. Há quatro momentos principais: Omolu presente em sua forma mais densa; realizando uma passagem de criança para jovem; o encontro entre Omolu, Iansã e o reino dos mortos; Omolu quase sendo expulso do reino de Oyo²⁵ e impedido por Iansã de passar por essa humilhação e finalmente Omolu encontrando as almas e a família real dos caçadores.

Essa história é descrita também por Prandi (2001) em seu livro sobre as histórias dos Orixás e dá uma visão interessante para compreender a relação que os Orixás possuíam entre si. Relações que permanecem até hoje sendo atualizadas, gerando afastamentos, aproximações e proibições entre as figuras divinas dentro de determinados rituais. Como pontua o autor:

Obaluaê tem as feridas transformadas em pipoca por Iansã. Chegando de viagem à aldeia onde nascera, Obaluaê viu que estava acontecendo uma festa com a presença de todos os orixás. Obaluaê não podia entrar na festa, devido à sua medonha aparência. Então ficou espreitando pelas frestas do terreiro. Ogum, ao perceber a angústia do orixá, cobriu-o com uma roupa de palha que ocultava sua cabeça e convidou-o a entrar e aproveitar a alegria dos festejos. Apesar de envergonhado, Obaluaê entrou, mas ninguém se aproximou dele. Iansã tudo acompanhava com o rabo de olho. Ela compreendia a triste situação de Omolú e dele se compadecia. Iansã esperou que ele estivesse bem no centro do barracão. O Xirê estava animado. Os orixás dançavam alegremente com suas equedes. Iansã chegou então bem perto dele e soprou suas roupas de mariô, levantando as palhas que cobriam sua pestilência. Nesse momento de encanto e ventania, as feridas de Obaluaê pularam para o alto, transformada numa chuva de pipocas que se espalharam brancas pelo barracão. Obaluaê, o deus das doenças, transformou-se num jovem, num belo jovem e encantador. Obaluaê e Iansã Igbalé tornaram-se grandes amigos e reinaram juntos sobre o mundo dos espíritos, partilhando o poder único de abrir e interromper as demandas dos mortos sobre os homens (Prandi, 2001:206-207).

Em seguida é cantado:

Meu Pai Oxalá é o Rei venha me valer, meu Pai Oxalá é o Rei venha me valer, o velho Omolu atotô Obaluaiê, o velho Omolu

²⁵ Oyo é uma cidade localizada em Nigéria, constantemente referenciada nas histórias referentes aos Orixás, no que tange a questões míticas de guerras, desavenças, vitória sobre exércitos inimigos.

atotô Obaluaiê, atotô Obaluaiê, atotô babá, atotô Obaluaiê, atotô é Orixá.

A saudação “atotô” é importante para compreender Omolu. Ela carrega consigo a necessidade de manter-se em silêncio, em gesto de respeito com o orixá. Não à toa a tradução do termo atotô é “silêncio”, como afirma Emília Guimarães Mota em seu artigo sobre o ritual do Olubajé, dedicado a Omolu (Mota, 2022).

Enquanto as rezas acima são feitas, Tom, acompanhado por um integrante da TESL, enche suas mãos com pipocas que foram colocadas dentro de uma cesta de palha, e dirigindo-se aos presentes de modo que todos os escutem, diz: “Saúde a todos os seus filhos meu Pai”, e imediatamente começa a jogar as pipocas em direção tanto aos médiuns quanto a assistência, não cessando o ato até a cesta estar vazia. Abaixo, uma foto com o cesto de pipocas utilizado no ritual:



Figura 18 – Balaio contendo pipocas

O uso da pipoca e sua simbologia é muito importante para compreender seu significado. É afirmado que um dos caminhos a serem seguidos para obter a cura de uma doença é justamente ter contato com as mesmas, por possuírem uma ligação direta com Omolu. As pipocas também podem ser chamadas de *deburù*. É ela que vai ativar o caráter curativo do Orixá. Como afirma Gildeci Leite em seu artigo sobre o uso delas:

Apesar de concordâncias e discordâncias, exemplos de alteridade positiva e negativa, afirmando entendimentos controversos do mito, há, ao menos, um elemento unificador: a pipoca. O *deburù*, flor do velho ou a pipoca do velho compõe-se como elemento unificador da existência da energia sagrada e curativa de Obaluae/Omolu/São Roque/São Lázaro (Leite, 2019:673).

Leite também afirma que a pipoca funciona com uma “esponja” para absorver as enfermidades, malefícios. Afirma então que “Se a pipoca é um dos alimentos ofertados ao médico dos pobres e dos orixás, portanto alimentando sua energia sagrada, ela é também uma espécie de esponja espiritual, tal seu dono, Omolu” (Idem, 2019:680).

A fama desse alimento ultrapassa os limites dos terreiros. Mesmo aqueles que não frequentam qualquer culto de base afro-brasileira usam da pipoca para limpar-se espiritualmente. Afirma Leite que “Dentre os procedimentos ritualísticos para curas espirituais, conhecidos e praticados livremente, sem orientações sacerdotais, por não iniciados e/ou apenas curiosos, o banho de pipoca ocupa lugar de destaque... (Ibidem, 2019:680).

Voltando ao ritual da TESL, é cantado por todos os presentes:

Saravá Omolu, Orixá de lei, saravá Omolu, coroa de Rei, abençoa seus filhos, (atotô Omolu) nos caminhos que vai (atotô Omolu) da tua luz mostra o brilho, (atotô Omolu), Omolu é um bom pai.

Calunga, calunga, rodeada de muro branco, calunga, calunga, rodeada de muro branco, cemitério é praça santa, no cruzeiro de Omolu, Xapanã seu ponto firmou, na catacumba branca mora Omolu atotô.

A referência acima ao termo calunga é famosa no vocabulário umbandista. Por um lado, “calunga grande” é traduzida como oceano, morada da Orixá Iemanjá, por outro lado, “calunga pequena”, ou simplesmente calunga, é traduzida como cemitério, local sagrado para os umbandistas, onde trabalham diversas classes de entidades e onde Omolu possui atuação.

Calunga é um termo de origem banto, oriundo da África Centro-Occidental (antigos Reino do Congo e Ndongo), que nomeia basicamente a divindade do mar (RAMOS, s/d; LOPES, 2006), elemento e força da natureza que no interior da lógica cosmológica banto pode ser tomado também no sentido do mar propriamente dito. Na umbanda é comum a presença do termo “calunga” (sinônimo de “cemitério”), sobretudo no contexto do culto aos pretos-velhos. (Dias, 2011:169).

Continuam os pontos:

Campo santo cemitério calunga pequena é lá, quem manda nela é um rei, é Omolu vamos saravá.

Saravá Omolu, Orixá de lei, saravá Omolu, coroa de Rei, abençoa seus filhos, (atotô Omolu) nos caminhos que vai (atotô Omolu) da tua luz mostra o brilho, (atotô Omolu), Omolu é um bom pai.

O sereno caí, ele está de pé, o sereno caí, ele está de pé, ele é Omolu, orixá de fé, bate cabeça, firma gongá, firma na calunga, firma no endá, ele é Omolu, Orixá de fé...

I ê Xapanâm, atotô, I ê Xapanâm, atotô, oba barongue o ba nagô

É tempo, zara tempo, é tempo do senhor Omolu, atotô babá, é tempo, zara tempo, atotô Omolu grande Orixá.

Galo cantou, é hora, é hora, é o rei da Umbanda, que eu vou louvar agora, há ele vem a seus filhos valer, é o Rei da Umbanda, atotô Obaluaiê.

No alto da montanha, o sol clareou, Obaluaiê atotô o sol clareou. Nas ondas do mar, o sol clareou, Obaluaiê atotô o sol clareou, no terreiro de Umbanda, o sol clareou, Obaluaiê atotô o sol clareou, na coroa dos seus filhos, o sol clareou, Obaluaiê atotô o sol clareou.

No jardim das Oliveiras eu vi um velho...

Quem ver um velho no caminho toma a benção, quem ver um velho no caminho toma a benção, Deus te abençoe, Deus te abençoe, Obaluaiê, Deus te abençoe, Deus te abençoe.

São flores Nanã, são flores, são flores do seu filho Obaluaiê, é seu filho Nanã, é seu pai, o seu filho é Obaluaiê.

Omolu possui relação direta com duas Orixás: Iemanjá e Nanã. Iemanjá foi quem lhe salvou na praia dos ataques dos caranguejos, o que não impediu que o mesmo permanecesse com feridas em seu corpo. Nanã, é sua mãe, mas não o quis criar, abandonando-o na praia para que o mesmo morresse. Essa história é um Itã, repassado e atualizado em cada terreiro na medida em que a tradição oral se mantém viva para os participantes. Como afirmam Doler e outros autores:

Segundo os itans, Omolú foi abandonado por sua mãe Nanã, Yemanjá com a

doçura do enorme coração de mãe, adota um menino que tinha o corpo coberto por chagas. A tradição oral do candomblé narrara as histórias de seus deuses, apontam Omolú como um dos orixás mais antigos, sua ligação é direta com a terra (Doler *et al*, 2020:86).

Continuam os pontos:

Toma conta desses filhos Iemanjá sobá...

Como é lindo o canto de Iemanjá, faz até o pescador chorar, quem escuta a Mãe D'água cantar, vai com ela pro fundo do mar.

Ie, Iemanjá, rainha das ondas sereia do mar, o seu canto é bonito quando tem luar.

Pescador, de Iemanjá, joga a rede no mar. Joga a rede no mar, pescador, pescador.

Ao fim das rezas, o atabaque e as palmas cessam; Tom pede para os médiuns da casa darem espaço e tempo para a assistência (quem, porventura, ainda não tenha anotado seus pedidos) anotar seus pedidos na folha dada ao chegarem a TESL, e assim, enquanto os pedidos são feitos, as luzes da TESL são desligadas.

Pouco a pouco, aqueles que já anotaram seus pedidos formam uma fila em direção ao quarto do Congá. Esta segunda parte do ritual acontece assim: com a fila formada, as pessoas portam uma vela branca, entregue por Márcia, uma das sambas da casa, ou pelos demais médiuns, e o papel contendo os pedidos escritos à lápis. Dentro do quarto do Congá, do lado esquerdo encontram-se dois médiuns da casa, e a direita, três outros médiuns. Uma das médiuns, carrega um Xaxará, instrumento de percussão atribuído a Omolú, que transmite um som vindo das pedras que se chocam em seu interior. O Xaxará é uma espécie de vassoura.



Figura 19 – Fila de consulentes e médiuns para depositar a vela em frente ao altar da TESL em uma reza para Omolu no mês de agosto

Esse instrumento é utilizado simbolicamente para afastar ou atrair as doenças, ressaltando o caráter ambíguo que Omolu transporta. Característica poderosa, que não deve ser desafiada, mas sim, venerada. Xaxará é formada por uma sílaba, “xaxá”, que significa “pintas de varíola” e mais a sílaba “rá” que significa tirar, esfregar, varrer (Abrantes, 1996). Argumentam Flora Ricciopo Karat e demais autores em seu artigo sobre envelhecimento e arquétipos dos Orixás:

[Omolu] também comanda as doenças e, conseqüentemente, a saúde; é o curador divino, tanto da alma ferida quanto do corpo doente. Seu instrumento Xaxará é usado tanto para propagar, quanto afastar, e curar as doenças” (Karat, et al, 2019:430).

Eu sempre sou um dos últimos a realizar o ritual do depósito do papel afim de observar os detalhes possíveis dentro do quarto e o que acontece em seu exterior. Do lado de fora, observo em alguns médiuns um estado de contemplação; as conversas existentes entre eles e os presentes, quando ocorrem, é sempre em tom baixo de voz,

e quando alguém extrapola esse procedimento logo algum médium ressalta a importância de conversar pouco ou conversar baixo.

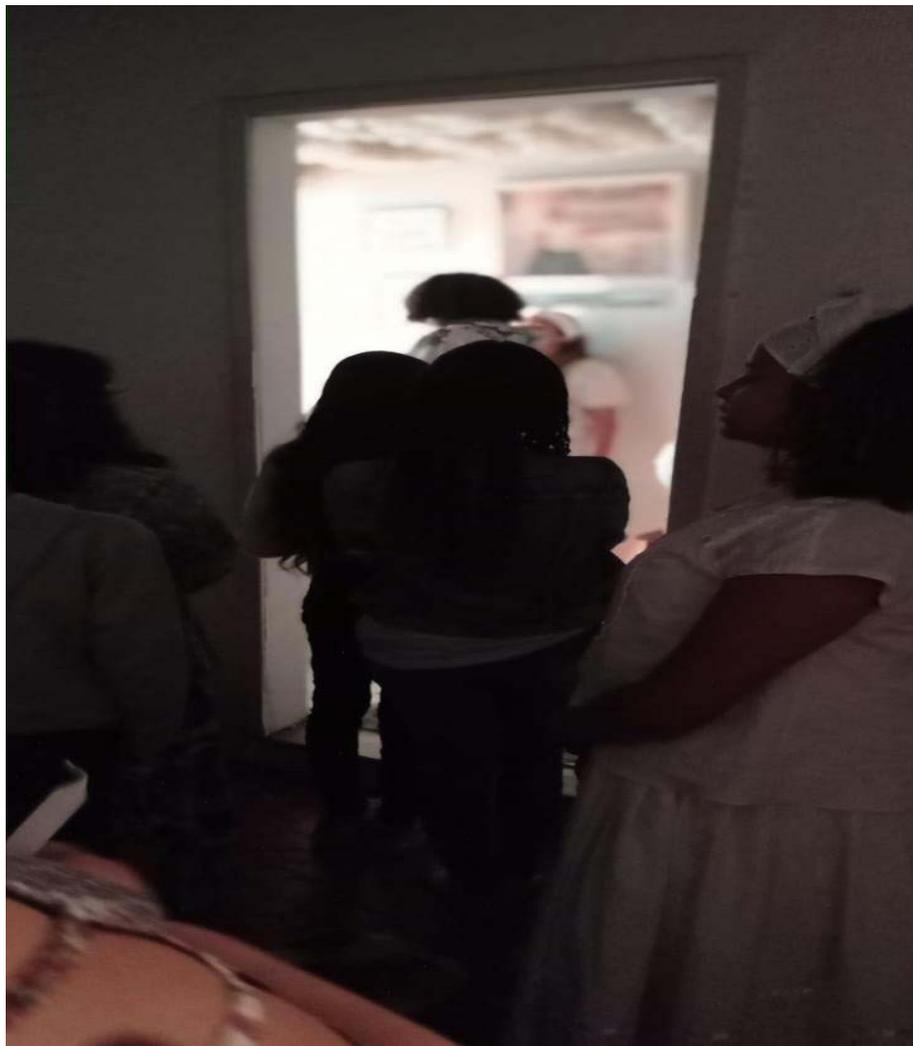


Figura 20 – Entrada para o quarto do altar em uma noite de reza para Omolu no mês de agosto.

De dentro do quarto do Congá, algumas rezas são entoadas de forma repetitiva até que a última pessoa, incluindo os médiuns, participe do ritual:

Deus nos dê firmeza e a vossa proteção... Deus nos dê coragem,
força e muita luz... a nossa devoção...

Ele gira na terra, gira nos astros, atotô Obaluaiê, ele gira na terra,
gira nos astros, atotô Obaluaiê...

Obaluaê 7 montanhas...

Seu camuetê a vossa devoção...

Enquanto as rezas são entoadas, a pessoa que entra no quarto é sempre orientada por algum médium da casa, a esperar que a pessoa da vez finalize seus afazeres. O ritual funciona assim: a pessoa entra no quarto, espera sua vez, vai até em frente do altar elaborado com os símbolos de Omolu, agacha-se, ficando assim de joelhos em frente à uma placa de granito claro que está no chão.

No cenário encontra-se um altar contendo toda a simbologia de Omolu, com suas palhas, como é possível ver na foto abaixo:



Figura 21 – Altar para Omolu em uma segunda feira no mês de agosto

Além disso, encontra-se o mesmo alguidar do começo dessa descrição, contendo as cebolas cortadas em rodelas e cobertas por óleo de dendê. Na imagem acima é possível ver as palhas de costas que são atribuídas a Omolu. Essa espécie de proteção decorre do Itã relacionado ao seu corpo castigado pelas chagas. Nesse sentido, as palhas protegem ao mesmo tempo que escondem sua feição, para não provocar estranhamento a quem pudesse ver sua pele. Afirma Abrantes:

Outra presença marcante da indumentária de OBALUAYÊ é o ‘filá’ de palhas da costa que está associado à imagem de proteção, ao princípio de que o orixá teria o corpo coberto de chagas. Ao se apresentar, no decurso das cerimônias, Omolu traz sempre na cabeça o filá, que cobre o seu rosto e protege o seu corpo. (Abrantes, 1996:46).

Um dos médiuns a esquerda do consulente, próximo da pedra de granito, solicita a sua vela branca. A mesma é acesa e esquentada em sua base com um isqueiro. A pessoa ou pega a vela e coloca-a no granito, ou pede para o médium realizar essa ação, a depender da sua capacidade de mobilização. Feito isso, o médium à direita da pessoa pede o papel com os pedidos. Papel entregue, o mesmo é depositado imediatamente dentro da cabaça na frente do consulente.

É concedido e realizado pela pessoa agachada, um momento de oração em silêncio, ao qual pode reafirmar seus pedidos mentalmente. Finalizado esse ato, a pessoa levanta-se, contando as vezes com a ajuda do médium da esquerda e da direita que oferecem suas mãos para que a pessoa não corra o risco de se desequilibrar.

Nesse momento, a pessoa vira-se de costas ao Congá. Logo ao lado da porta de entrada do mesmo, estão duas pretas-velhas, uma incorporada em Pai Fernando e a outra incorporada na médium Renata. A pessoa é direcionada a preta-velha primeiramente de Renata, que está mais próxima da porta de saída, e depois de uma conversa que dura alguns segundos, vai até a preta-velha de Pai Fernando. Ao perguntar a Pai Fernando qual era a função das pretas-velhas naquele momento, ele me respondeu que elas servem para dar apoio emocional para aqueles que acabaram de depositar seus pedidos, transmitindo um sentimento de aconchego e apoio:

Na verdade, os pretos velhos estão fazendo um suporte emocional e espiritual da coisa, tá? É como se a gente pudesse imaginar assim. É um momento que o rito se transforma numa situação mais pesada, numa situação mais necessária, em que todas as pessoas estão aflorando o sentimento, às vezes não muito bom, de tristeza, né? De procurar a cura e aquele preto velho tá ali como um amparo, como é a função do preto velho em todas as situações. Ele está presente para dizer, eu estou aqui, conta comigo, eu estou no seu amparo. A partir desse momento. Então essa função que eles fazem de segurar as pessoas, de amparar as pessoas e de trazer carinho, amor, esperança, né? Porque eles estão naquele momento se abrindo para buscar, é isso.

Finalizada essas conversas, a pessoa, assim como todos os médiuns da casa, ganha um colar feito de palha, distribuído de forma que todos consigam o seu, independente se é na primeira reza ou na última reza do mês. Ao receber o colar de uma médium que está no lado direito do quarto, do lado da médium que toca o Xaxará, a pessoa pode sair do quarto e caso deseje, deixar o espaço da TESL.

Após todas as pessoas da assistência realizarem esse ritual, chega a vez dos médiuns, que um a um passam pelo mesmo procedimento. Ao fim dos processos, são entoadas várias rezas, como:

Bahia, oh África, vem cá vem nos ajudar, Bahia, oh África, vem cá vem nos ajudar.

Adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, Adeus vovó das almas quando eu precisar lhe chamo, Zambi lhe trouxe, Zambi vai lhe levar, agradeço a toalha de renda que deixou nesse gongá, agradeço a toalha de renda que deixou nesse gongá.

Após essas rezas, todos ficam em silêncio, boa parte da assistência já foi embora, e os médiuns aguardam a saída de Pai Fernando e Renata do quarto do Congá após cada um passar pelo processo de desincorporação. Ao sair, Pai Fernando agradece a presença de todos, informa que todos podem trocar de roupa e pede para que as pipocas deixadas no chão sejam varridas, o que é feito com cuidado e rapidez por parte dos médiuns. Enquanto esse ato é feito, alguns médiuns trocam de roupa e voltam para ajudar aqueles que ficaram varrendo o chão. Ao fim desse processo, alguns deles vão embora enquanto outros ficam conversando na TESL e finda-se a reza do dia.

CAPÍTULO 3: RELAÇÕES ENTRE MEDICINA E CURA NA UMBANDA

Neste terceiro capítulo trago a discussão os conceitos abordados pela chamada Antropologia da saúde, campo de estudo que vem sendo aprofundado especialmente no Brasil a partir dos anos de 1980. Discutir esse tema é importante para demonstrar o entrelaçamento da teoria antropológica e a visão de meus interlocutores sobre conceitos-chaves dessa área.

Farei um pequeno retrospecto sobre como o campo da saúde se desenvolveu no Brasil desde os primeiros séculos da colonização até meados do século XX, sem pretensão de esgotar o tema e as discussões. Resgato trechos das entrevistas feitas por mim com interlocutores desta pesquisa bem como apresentarei meu argumento principal acerca desta tese: a possibilidade ou não das práticas de cura da medicina “oficial” (Cordeiro, 2017, Canesqui e Queiroz, 1986), articularam-se com as práticas de cura encontradas na Tenda Espírita São Lázaro, por meio dos rituais do local.

Estudar diferentes modo de promover a cura, cuidado, com práticas, significações, é um campo em conflito. Isso acontece pelo fato da chamada medicina tradicional, alopática, ser ainda considerada como “a medicina”, portanto aquela que possui profunda legitimação e crença pelos órgãos estatais, entre outras instituições. Como afirma Elsa Pegado, socióloga portuguesa:

Medicinas alternativas, medicinas complementares, medicinas tradicionais, medicinas paralelas, medicinas marginais, medicinas naturais, medicinas suaves, medicinas holísticas, medicinas não convencionais, medicinas não ortodoxas, outras medicinas, são variados os termos que têm sido mobilizados para dar conta de uma mesma realidade. O mesmo se poderia dizer, num primeiro olhar menos atento, relativamente à chamada medicina convencional, quando se invocam termos como medicina moderna, medicina oficial, medicina ortodoxa, medicina ocidental, biomedicina, alopátia (este último por contraste com a homeopatia). No entanto, se a diversidade terminológica não pode ser negada, o que uma reflexão mais cuidada revela é que essa diversidade só emerge numa lógica relacional, ou seja, quando se procura estabelecer comparações entre a Medicina (leia-se convencional) e outros sistemas terapêuticos. A medicina (convencional), ao contrário das medicinas complementares e alternativas, não necessita de adjetivação. E este facto aparentemente simples é revelador do lugar social dos diversos sistemas terapêuticos; a medicina convencional, nas modernas sociedades ocidentais, é a Medicina. (Pegado, 2020:6)

O Estado nesse contexto de disputa é figura importante por ser, a partir dos princípios constitucionais atuais, o garantidor/financiador da saúde da população. Essa tarefa, contudo, nem sempre esteve presente desde o início do que conhecemos como Brasil. Durante o período colonial, por exemplo, havia uma preocupação em preservar a saúde da mão de obra escravizada, ao mesmo tempo em que se temia o alastramento de

epidemias que poderiam comprometer a produção de bens, mas não havia por parte do Estado, o financiamento público para garantir que os escravizados tivessem qualquer tipo de acesso as práticas de saúde disponíveis.

Não somente as doenças causavam medo nos portugueses. O próprio território desconhecido da colônia impunha temor, ao mesmo tempo em que se via o território brasileiro como um paraíso terrestre. Assim, existia um imaginário sobre o novo local a ser explorado alimentado pelo catolicismo. Afirma sobre o tema Bittencourt Filho que:

A par do pensamento religioso propriamente dito, o imaginário europeu era povoado tanto da existência de paraísos terrestres de paz e prosperidade, como de terras onde viveriam monstros perigosos e criaturas demoníacas. Parte significativa desse imaginário migrou para o Novo Mundo por intermédio dos colonizadores. Assim, tão logo foi “descoberto”, o Brasil foi visto tanto como um paraíso terreal, em virtude das belezas e das riquezas naturais, como um lugar de sofrimentos e de expiação, em virtude dos perigos e dificuldades. (Bittencourt Filho, 2003:47-48).

Os indígenas foram interpretados como criaturas fantasmagóricas, que necessitavam assim do processo de conversão ao catolicismo para salvar suas almas, o que serviu como justificativa para o exercício de sua escravidão pelos portugueses. O autor afirma então que: “Os moradores nativos, por sua vez, foram tidos como criaturas semidemoníacas, portanto absolutamente carentes de conversão. Essa crença que demonizava os habitantes da terra oferecia a vantagem adicional de justificar a escravização”. (Idem, 2003: 47-48).

Houve o processo de resistência indígena às práticas de colonização/escravização. O que levou, como pontuei no capítulo 1, ao início da escravização de famílias advindas da costa Oeste de África. Este movimento foi facilitado pelo fato de naquele momento o território africano estar configurado em milhares de comunidades, cada uma com seus aparatos tecnológicos, modos de viver, o que não gerou um movimento realmente organizado capaz de frear a sanha por colonizar o continente africano (Rocha, Severo, Félix-Silva, 2019). Nesse sentido, uma vez em território brasileiros, os africanos criaram categorias para administrar as doenças, a morte, o modos de curar. Bárbara e Gomes pontuam que:

...doença, morte, cultura material e dimensões da diáspora no Brasil escravista. Em que medida padrões de doenças, práticas terapêuticas, rituais funerários, conjunturas demográficas, tráfico atlântico e variações climáticas podem ser analisadas numa dimensão teórica para abordar adaptações culturais dos africanos na diáspora? (Barbosa, Gomes, 2016:273).

Assim, grupos africanos que se aglutinavam no meio urbano e principalmente no meio rural, criavam estratégias para manter longe de si doenças e mortes, através por

exemplo do uso de folhas de plantas, chás, infusões. Tais práticas originaram o campo de estudo conduzido por indústrias farmacêuticas posteriormente definem como sendo a fitoterapia (Feitosa *et al*, 2012, Bastida *et al*, 2019).

Havia ainda a crença entre os africanos de que poderes de ordem sobrenatural poderiam intervir diretamente no mundo material e ajuda-los a sobreviver no dia a dia, caracterizado por trabalhos braçais difíceis, extenuantes. Dessa forma, como bem pontua Pimenta:

...as plantas estavam presentes no cotidiano de africanos e seus descendentes no Rio de Janeiro como um importante elemento em suas concepções de mundo, de acordo com a qual o sobrenatural poderia interferir no natural, sobretudo entre os grupos procedentes da África Central, que constituíam a maior parte dos africanos vindos para a cidade durante o século XIX, mas também de outras regiões africanas (Pimenta, 2022:10).

É importante pontuar a diversidade de objetos que os escravizados utilizavam, sendo comum também o uso de outros artifícios afim de promover a cura de uma doença, como a pedra-ume, banha de animais como tamanduá, além da pedra bezoar, encontrada no abdômen de animais, e no caso do Brasil, retirada dos porcos dos matos, como bem pontua Furtado (2005). Além da crença sobrenatural que alimentava de certos grupos africanos daquele momento histórico, havia também a circulação de saberes bastantes cristalizados, que por sua vez, permitiam dentro do contexto de práticas religiosas mediadas por seus líderes, realizar tratamentos em relação a doenças, ou também promover envenenamentos ou amansamentos (dos senhores de escravos) daqueles indivíduos tidos como inimigos. Pimenta afirma então que:

Desse modo, ainda que se possa identificar de modo bastante genérico grupos procedentes da África Central e da África Ocidental e os usos de plantas, deve-se levar em conta também que havia uma intensa circulação de saberes e práticas que envolviam plantas específicas em rituais religiosos, em tratamentos ou envenenamento e que esses usos não estavam restritos a determinados grupos de procedência africana (Idem, 2022:3).

Não somente capitaneada pelos africanos, as práticas de cura também encontravam nos coletivos indígenas uma maneira de fornecer apoio à população geral. Assim, diversas substâncias passaram a ser utilizadas e vendidas por indivíduos chamados de boticários²⁶, em comércios espalhados pelos centros urbanos, para todos os tipos de males. Tais práticas duraram até o fim do século XIX, resistindo a diversos movimentos orquestrados pelo

²⁶ Eram pessoas com acesso a substâncias, utilizadas por vezes pelos médicos, que por sua vez possuíam o aval estatal para ministrar compostos. Dessa forma, como pontua Rabelo, os boticários seriam uma espécie de “cozinheiro dos médicos”, com acesso e certo conhecimento na elaboração de compostos químicos Rabelo, (2011).

Estado e pelos médicos para finalizar o uso e punir quem disponibilizasse certos materiais as pessoas. A historiadora Sylvia Couceiro pontua que:

Desde o período colonial até praticamente o final do século XIX, os remédios empregados para a cura das enfermidades eram, na maior parte, formulações manipuladas por boticários, executadas às vezes à vista dos clientes, à base de substâncias como iodo, mercúrio, ácido bórico, quinino, arsênio, óleos variados, ervas, sementes, raízes e vinhos importados. Muito desse conhecimento foi herdado dos indígenas ou adquirido a partir do contato com os escravos. (Couceiro, 2004:248)

Paralelamente as ações dos indígenas e africanos, a Coroa Portuguesa deixava à revelia qualquer plano de desenvolvimento da medicina impulsionada pelo Estado. Por décadas, os indivíduos que habitavam o Brasil dependiam dos saberes obtidos com povos indígenas e africanos e das próprias práticas e cura tragas da Europa, mesmo que despertando o temor de envenenamento para solucionar problemas de saúde. Assim, configura-se um tipo complexo de cura, com características coloniais, como aponta Ribeiro (1997). Até metade dos anos de 1750 não havia nenhum plano para combater doenças trazidas tanto por colonizadores, quanto aquelas que já existiam no território nacional antes do processo de exploração. A realidade das doenças no Brasil, capitaneada pela natureza local é encarada então como algo sobre o qual nada pode ser feito, apenas observado. Como pontua Galvão:

...a administração portuguesa não se caracterizou, pelo menos até a segunda metade do século XVIII pela organização do espaço social, visando a um ataque planejado e continuado às causas da doença, agindo dentro de uma perspectiva mais de combater o mal do que o de cultivar um bem. A saúde não aparece como algo que possa ser produzido, incentivado, organizado, aumentado; só é percebida negativamente por causa da realidade representada pela doença (Galvão, 2009:10).

Após esse período de negligência, a medicina no Brasil passa pela tentativa de expandir sua atuação, mas esbarra em questões que permanecerem por várias décadas. Enquanto o desenvolvimento de técnicas medicinais não ocorria no Brasil, na Europa ocidental haviam descobertas que vieram a revolucionar a história da medicina. Girolamo Fracastoro, médico italiano, desenvolve a hipótese no século XVI, que viria a se confirmar futuramente que as doenças podem ser transmitidas por meio do contato com seres invisíveis ao olho humano. (Ferreira, 2008). No século XVII, Francesco Redi refuta a teoria que afirmava ser espontâneo o nascimento de insetos, (Azevedo, 2020) abrindo assim caminho para campos de estudo futuros, como genética. No século XVIII, Edward Jenner desenvolve a primeira vacina (Durães, Oliveira, Monteiro, 2019) contra uma doença humana, a varíola, abrindo caminho para o aperfeiçoamento da imunologia humana, entre

outros campos.

A primeira barreira deu-se pela concorrência já apontada anteriormente, entre aqueles que já exerciam práticas de curas no território nacional, o que irritava os poucos médicos que se atreviam a vir para nosso território buscando exercer sua profissão, (na época não existiam os cursos de medicina no Brasil, portanto os médicos eram necessariamente formados em faculdade europeias). O Estado, ao mesmo tempo em que não incentivava massivamente a promoção/prevenção da saúde, ainda expedia autorizações temporárias, mediante apresentação de documentos perante um tribunal para indivíduos que tivessem em algum momento tido acesso a certas práticas medicinais, como partos, sangrias, elaboração de compostos fitoterápicos, etc. Dessa forma, o trabalho medicinal desses sujeitos, encontrava mais capilaridade em meio a população, já que por vezes seus serviços não eram cobrados. Como pontuam Escorel e Teixeira:

O pequeno número de médicos de formação e a inexistência de ações governamentais visando à saúde num quadro de dificuldades sanitárias mostram o pouco alcance da medicina oficial, que, por muito tempo, teve de disputar com diversos agentes de cura a prerrogativa de se responsabilizar pela saúde dos brasileiros. No período colonial, as ações dos poderes públicos no campo da saúde se restringiram à regulamentação das artes de curar, realizada por tribunais portugueses que expediam licenças, autorizando a prática aos diversos tipos de postulantes que comprovassem experiência. Da mesma forma que os físicos cirurgiões (médicos cirurgiões) e boticários (farmacêuticos), outros agentes de cura sem formação acadêmica, como parteiras, sangradores, aplicadores de ventosas e diversos tipos de curandeiros, obtinham licenças para exercer suas funções em localidades específicas e por tempo determinado (Escorel, Teixeira, 2012:280).

A segunda barreira era o preço oferecido pelo médico. Os escravizados daquele momento dependiam inteiramente de seus senhores, o que tornava o acesso aos médicos algo luxuoso, prendendo-os aos centros urbanos ou apenas indo as zonas rurais para atender fazendas, podendo assim cobrar preços elevados a serem pagos pela reduzida elite da época. Restava então recorrer aos curandeiros mais próximos que tinham um discurso alimentado por crenças sobrenaturais. Como pontuam Barbosa e Gomes:

A prática da medicina na colônia era precária – sendo irregular o abastecimento de remédios, insuficiente o número de médicos, elevados os preços dos tratamentos – dificultando o acesso de grande parte da população. Alternativas eram encontradas junto às práticas terapêuticas populares. Não somente a fragilidade do sistema de saúde colonial motivava tais escolhas, especialmente a busca por curandeiros, sangradores e barbeiros. Concepções sobrenaturais sobre a doença e a cura impregnavam o imaginário social do século XVIII, para vários setores sociais, mesmo na Europa. A medicina setecentista colonial ganhava contornos muito particulares, moldados pelas especificidades da natureza exuberante do novo mundo... (Barbosa, Gomes, 2016:274).

A terceira barreira referia-se as diversas formas de encarar as doenças que aqui

habitavam. Os próprios médicos disputavam entre si o domínio do diagnóstico correto. (Witter, 2005). Pode-se atribuir esse obstáculo ao fato das doenças encontradas normalmente na Europa, de clima frio, temperado, não estarem de acordo com aquelas encontradas em um ambiente que naquele momento ainda era permeado por algumas matas tropicais e clima quente, propiciando assim a existência de doenças como malária, algumas verminoses, dengue, etc.

A quarta barreira encontrada dentro da colônia brasileira dava-se pela crença de que certas práticas mágicas poderiam ser o melhor caminho para resolver certos problemas, descartando assim o poder da medicina. Havia assim, um paralelismo entre elas, alimentado pelas escolhas da população. Como pontua o autor:

Em primeiro, a idéia de que, ao longo dos três primeiros séculos da história do Brasil, apenas uma tênue fronteira distanciava o saber médico oficial dos saberes populares. Em segundo, existência de conflitos não apenas entre a medicina e suas concorrentes populares, mas entre os próprios médicos acadêmicos e as teorias explicativas da doença e das terapias que utilizavam, daí o uso do termo “medicinas”. Em terceiro, a idéia de que medicina e magia permaneceram associadas para uma boa parte da população brasileira, influenciando as escolhas terapêuticas e a busca de curadores – médicos ou curandeiros – até meados do século XX. (Idem, 2005:17).

Após quatro séculos de avanços tecnológicos na medicina europeia, a classe dos médicos adquiriu junto ao Estado brasileiro maior poder de barganha, haja visto que algumas epidemias como febre amarela no século XIX, varíola a partir do século XVI, trouxeram bastante malefícios para o sistema econômico da elite brasileira. Dessa forma, no fim do século XIX os médicos começam a chantagear as instituições estatais, prometendo empenho em aniquilar certas doenças, ao mesmo tempo em que exigia que do mesmo, a manifestação contra os indivíduos (Pimenta, 2022) que não pertencessem a classe médica, categorizando os mesmos de charlatões. Como pontua Machado:

Ao mesmo tempo em que a medicina enquanto medicina social oferece ao Estado seus préstimos no combate à epidemias, na elaboração da legislação, distribuição da justiça, urbanização, cobra dele a luta contra o charlatanismo e o reconhecimento da exclusividade do saber sobre a saúde (Machado, 1978:199).

Questões históricas de credibilidade depositada aos chamados terapeutas populares, e nessa categoria incluíam-se os cativos, os escravizados africanos, promoviam a continuidade da convocação de seus serviços, haja visto que seus métodos eram tidos como funcionais. Os jornais da época destacavam a fama e a busca por esses indivíduos, deixando médicos de lado quando o assunto era doença. Pimenta pontua que:

Se, por um lado, observa-se cada vez mais o discurso da elite médica e de autoridades que procuravam desqualificar e desautorizar os terapeutas populares, por outro, proprietários consideravam que cativos com conhecimento de ‘ervas e raízes medicinais’ poderiam ser mais valorizados, constituindo uma qualidade a ser destacada em anúncio de venda nos jornais da Corte... (Pimenta, 2022:10-11).

No século XX, as condições de saúde da população brasileira não melhoraram; a medicina enquanto prática médica não capilarizou de forma satisfatória perante as classes sociais menos abastadas. Com o processo de industrialização e a formação de periferias, abarrotadas de indivíduos que acabaram de passar pelo êxodo rural, as epidemias (Muniz, 2021) encontraram nas capitais uma forma de expandir-se rapidamente, também devido à falta de urbanização controlada e planejada.

Além disso, o processo que a colônia viveu, em que os saberes médicos eram importados e não contextualizados para o cotidiano brasileiro também teve sua importância para o aparecimento de doenças que se alastravam com facilidade, afinal “as sociedades latino-americanas eram entendidas como regiões periféricas, unicamente como receptoras dos modelos científicos produzidos no Velho Mundo” (Fonseca, 276:2002).

O Brasil passou por campanhas de vacinação no começo do século XX com o objetivo de erradicar doenças letais como a varíola, objetivo alcançado com sucesso após campanhas para vacinas orquestradas por médicos como Oswaldo Cruz. Contudo, esse processo passou por críticas da população da época que não entendia os objetivos de injetar algo no corpo das pessoas, gerando assim eventos como a famosa revolta da vacina, contornada posteriormente com ajuda do Estado brasileiro.

No período pós II Guerra Mundial, as políticas de saúde traçadas para o Brasil eram influenciadas fortemente pelo aparato científico e tecnológico que se desenvolveu de maneira considerável na época. Isso acarretou um movimento de separação entre o aspecto político da saúde, enquanto obrigação do Estado, e o modo como na prática a saúde iria ser mantida e disponibilizada para a população como um todo. Entra então o cenário de forte burocratização e hierarquização do atendimento de saúde.

Com isso, um espaço institucional ganha relevância dentro do cenário nacional, o hospital. É por meio desse dispositivo que as burocracias irão operar visando a erradicação de doenças pelas campanhas vacinais bem como a busca pelo controle de vetores de doenças. Se antes do século XX a prática do médico ir até a casa do paciente era comum, apela-se agora para locomoção do paciente para o aparato hospitalar. Como afirma Pires-Alves e Paiva:

Como decorrência do desenvolvimento científico e tecnológico do pós- Segunda

Guerra, aprofundou-se a separação entre as políticas e práticas de saúde pública e aquelas de medicina curativa. A saúde pública, orientada, sobretudo, nos modelos das campanhas de vacinação, controle e erradicação de vetores, tornou-se crescentemente centralizada e hierarquizada, constituindo complexos aparatos institucionais para o combate a determinadas doenças. Por outro lado, a assistência médica passou a girar em torno do hospital (que concentrava e organizava as capacidades profissionais, operacionais e tecnológicas disponíveis para a atenção curativa), ao mesmo tempo em que os gastos aumentavam continuamente nessa área. O cuidado tornava-se também cada vez mais especializado e fragmentado, o que se refletia na organização do ensino e do próprio conhecimento em saúde. (Pires-Alves, Paiva, 2010:166)

Durante o período em que esteve no poder, João Goulart, o último presidente antes do golpe de estado civil-militar, que perdurou de 1964 até 1984, o campo da saúde do Brasil que houvera passado pela transformação de suas políticas, vivenciou momentos de turbulências e constantes trocas dentro da pasta ministerial, demonstrando que o interesse daquele momento era puramente político, sem um planejamento necessário para assegurar o aprofundamento da promoção necessária da saúde para a população brasileira. Assim pontua-se que:

No Ministério da Saúde, verificou-se um verdadeiro ‘baile das cadeiras’ na poltrona do ministro. Até o momento do golpe militar, sucederam-se seis ministros, nenhum deles conseguindo dirigir a pasta durante um ano sequer. Wilson Fadul, deputado do PTB eleito por Campo Grande (na época Mato Grosso), estava no seu décimo mês de exercício do cargo quando os militares tomaram o poder (Escorel, Teixeira, 2012:316).

No governo militar, o que foi observado foi uma aceleração do processo de entrega da saúde à esfera privada (Mendes, 2017, Escorel, Teixeira, 2012), que por sua vez buscou obter o máximo de lucro em cima daqueles que buscavam seus serviços.

Todos esses processos históricos vivenciados dentro do território brasileiro foram importantes e contribuíram de alguma forma direta ou indireta para que posteriormente ao fim do governo militar, o chamado Sistema Único de Saúde fosse criado. Ele é resultado então de todo um processo de acúmulo e pressão política visando criar uma instituição que apesar de sofrer com corrupção e subfinanciamento, esteja apto a propiciar diversos serviços para a população brasileira (Escorel, Teixeira, 2012).

3.1 Antropologia da saúde e seus desdobramentos conceituais

A Antropologia, enquanto ciência, está interessada com os aspectos culturais do ser humano e para isso está em um eterno processo de observar o comportamento dos grupos sociais e analisa-los teoricamente. Dentro desta perspectiva, o campo da saúde despertou interesse nos antropólogos a partir do fim do século XIX. Nesse recorte histórico, diversos autores estavam em contato com comunidades espalhadas ao longo dos continentes, imbuídos não apenas por interesses acadêmicos, mas também patrocinados por potências

coloniais europeias, com o objetivo então de compreender em detalhes como as diversas sociedades, consideradas primitivas, para aquela época, funcionavam; dessa forma, o modo como as culturas compreendiam os aspectos relacionados a saúde, doença, práticas de cura, acabou sendo descrito em algumas obras, mesmo sem ser o foco principal desses autores (Pritchard, 2004, Malinowski, 1978). Eunice Nakamura, antropóloga, aponta que:

[Saúde, doença, formas de tratamento e cura] têm sido estudados, direta ou indiretamente, por antropólogos desde o final do século XIX, possibilitando à ciência antropológica, por meio da descrição e da análise proporcionadas por estudos etnográficos, acumular um vasto conhecimento acerca das diferentes experiências de sociedades e grupos sociais sobre esses fenômenos (Nakamura, 2009:27).

Foi somente a partir da segunda metade do século XX, que surge então a nomeada Antropologia da saúde que (também pode ser chamada de Antropologia médica) (Teixeira, 2017) em meio a necessidade de compreender como os conceitos de saúde, doença, podem variar no tempo e possuírem diversas formas de se organizar dentro de certos agrupamentos humanos. Seu nascimento é resultado do cruzamento entre antropologia e saúde pública internacional, que se utiliza tanto de estudos qualitativos como quantitativos, assim como a modo pelos quais os países lidam com seus aspectos regionais de qualidade da saúde populacional. Iriart e Caprara afirmam que:

A antropologia médica surge nos anos 50 do século passado enquanto uma subdisciplina na interface entre a antropologia e a saúde pública internacional. Inicialmente, basicamente empírica e aplicada, a antropologia da saúde experimentou, nas últimas décadas, um grande desenvolvimento quantitativo e qualitativo alcançando alto refinamento teórico. A influência da antropologia médica anglo-saxônica e da *anthropologie de la maladie/anthropologie de la santé* francesas foram marcantes no desenvolvimento do campo, ressaltando-se, no entanto, o crescimento de perspectivas regionais, a exemplo do Brasil, México e Canadá, nas Américas, ou da Itália, Espanha, Alemanha, Inglaterra e Holanda, na Europa. (Iriart, Caprara, 2011:1256).

O interesse em compreender os processos relacionados a saúde, doença, morte, adquirem relevância na medida em que as sociedades criam categorizações para as mesmas. Dessa forma como aponta Guerriero e outros autores “não há conhecimento de nenhuma sociedade, no tempo e no espaço, que não tenha criado um sistema médico que busque dar conta da morte e das enfermidades” (Guerriero et al, 2020:107).

Essa busca eterna por combater e compreender as causas das doenças e garantir a manutenção do estado de saúde do indivíduo é de tão profunda importância que o mesmo, independente da sua cultura, caso perceba estar diante de uma doença degenerativa, e por consequência, incurável para os padrões da medicina praticada em sua sociedade, pode entrar em um estado de erraticidade, que por sua vez somente será corrigido quando for

obtido um ponto de equilíbrio em que a doença, fisicamente, socialmente e psicologicamente consiga ser domada e ressignificada. Como aponta Mandarino e demais autores:

O medo do adoecimento é recorrente em indivíduos e nas distintas culturas. Buscar formas explicativas para os processos de saúde-doença, principalmente se há a comprovação de uma doença degenerativa, faz com que os indivíduos busquem diversas formas de auxílio, chegando mesmo, em casos extremos de inconformismo e repúdio, a desenvolver uma vida conturbada e conflituosa em busca de um ponto de equilíbrio onde a aceitação do quadro de saúde se torna algo suportável. (Mandarino et al 2012:6).

Diante dos sistemas locais de saúde, a Antropologia da saúde esforça-se em compreender como esses sistemas podem servir de base para analisar eventos globais, elaborando assim um pensamento geral sobre os aspectos que tocam a saúde das grandes populações. Assim, por meio de categorias como diagnóstico, prognóstico, dado a uma pessoa de um determinado grupo, que é possível compreender o que esta determinada comunidade expõe como sendo a causa de uma doença. Como afirmam Cavalcante *et al*:

O campo da Antropologia da Saúde iniciou-se com a constatação do elo inexorável entre doença, medicina, cultura e sociedade humana. Teorias da doença (científica ou religiosa), envolvendo etiologia, diagnóstico, prognóstico, tratamento e cura são arraigados culturalmente e variam no tempo e no espaço. (Cavalcante et al, 2013:40-41)

Assim, a preocupação da Antropologia da saúde não está em como a biologia/medicina lida com determinado quadro de sintomas, mas sim como as construções sociais, culturais de um determinado agrupamento vai interferir justamente nas alterações psicológicas, sociais, dos indivíduos. Cecil Helman então, acredita que a antropologia da saúde busca compreender “como essas crenças e práticas relacionam-se com as alterações biológicas, psicológicas e sociais no organismo humano, tanto na saúde quanto na doença” (Helman, 2009:11).

Assim, a antropologia da saúde reivindica o papel de deslocar o debate atrelado inicialmente apenas ao binômio saúde-doença, para a compreensão social desenvolvida a partir dele. Afirmo Couto que:

A Antropologia reivindica a saúde e a doença como objetos próprios e fecundos de estudo, pois estes são fenômenos constitutivos da dimensão social da vida humana. Igualmente estuda a medicina, os doentes e os profissionais de saúde como parte de suas questões. Tal empenho fundamenta-se no reconhecimento de que o processo saúde-doença, embora geralmente assentado em um substrato biológico, ganha, pela cultura, sentidos e significados para o indivíduo e seu grupo de pertencimento e, igualmente, possibilidades de ação/intervenção sempre concernentes ao grupo social em questão. (Couto, 2012:155).

Este binômio também possui ligação com as chamadas ciências biológicas, que

criaram por sua vez um paradigma epistemológico para investigação e tratamento de doenças, chamado de “modelo biomédico” que norteia toda uma série de procedimentos para lidar com as consequências de uma enfermidade. Lucas Pereira de Melo, Elizabeth Regina de Melo Cabral e José Ademário dos Santos Júnior, enfermeiros, afirmam que:

Realidade objetiva, que pode ser extirpada, controlada e debelada pelo emprego de recursos farmacológicos e cirúrgicos, a doença passou a ser classificada, padronizada, meticulosamente esquadrinhada e os profissionais de saúde – notadamente os médicos – constituíram-se os juízes capazes de identificá-las e intervir sobre elas com o objetivo de aniquilá-las ou, ao menos, aliviar o convívio com tais entidades externas. (Melo, Cabral, Júnior, 2009:1206)

Desse modo, o modelo biomédico vai ditar quais são os símbolos que podem ser acionados para resolver os problemas de saúde da população de um determinado país. A esse processo, somam-se a visão das instituições oficiais, estatais, e com isso as disputas de poder. Langdon e Wiik apontam que:

O sistema de atenção à saúde engloba todos os componentes presentes em uma sociedade relacionados à saúde, incluindo os conhecimentos sobre as origens, causas e tratamentos das enfermidades, as técnicas terapêuticas, seus praticantes, os papéis, padrões e agentes em ação nesse ‘cenário’. A esses são somadas as relações de poder e as instituições dedicadas à manutenção ou restauração do ‘estado de saúde’. Esse sistema é amparado por esquemas de símbolos que se expressam através das práticas, interações e instituições; todos condizentes com a cultura geral do grupo, que, por sua vez, servem para definir, classificar e explicar os fenômenos percebidos e classificados como ‘doença’ (Langdon, Wiik, 2010:178).

O desenvolvimento acentuado das técnicas biomédicas, como intervenções cirúrgicas, medicações e exames para detecção de problemas de saúde, gerou uma percepção de superioridade em relação a quaisquer outras práticas de saúde, que não fosse a biomédica.

Tal superioridade não se desenvolveu em todo local onde o este modelo se faz presente. É característica dos países desenvolvidos que o sistema de saúde biomédico, se sobreponha de modo mais violento e eficiente para si sobre todo e qualquer outro modo de conseguir e manter a saúde. Oliveira então afirma que “é o setor [profissional] que, em certos países, por ser mais desenvolvido, organizado e poderoso, acabou submetendo todas as outras práticas de saúde à sua autoridade”. (Oliveira, 2002:70). Trazendo a discussão para os países em desenvolvimento, o que se percebe é uma constante luta entre o autoritarismo do sistema médico oficial e as práticas de cura consideradas como “alternativas”, “populares”. Dessa forma, cria-se um ambiente de crise, em que novos paradigmas, como pontua Luz (2005) nascem. Para a autora, o ambiente de pobreza, desigualdade social, é fator crucial para a população repensar as práticas de saúde, criando

assim um ambiente de insatisfação que pode acelerar a disseminação de novas doenças bem como contribuir para o ressurgimento de antigas. A autora então afirma que:

Essa crise se torna particularmente aguda nas sociedades onde há desigualdade social profunda, como no continente latino-americano, com a grande concentração de renda atual gerando problemas graves de natureza sanitária, tais como desnutrição, violência, doenças infecto-contagiosas, crônicas degenerativas, além do ressurgimento de velhas doenças que se acreditavam em fase de extinção, tais como a tuberculose, a lepra, a sífilis e outras doenças sexualmente transmissíveis, que se aliam a novas epidemias como a AIDS. Tudo isto, sem mencionar o consumo de drogas como cocaína e crack, que tem crescido em proporção maior entre nós que nos países do Primeiro Mundo. (Luz, 2005:148).

É importante pontuar que no Brasil, as práticas de saúde oficial também buscam ofuscar as práticas “alternativas”.

Tradicionalmente, no Brasil, há como que uma postura da ‘medicina hegemônica’ de tratar autoritariamente as práticas concorrentes, aquelas que se apresentam como alternativa; seja para lhe negar real valor terapêutico ou, mesmo, quando lhe interessa, para lhe disciplinar, controlar, normatizar. (Jungblut, 2010:220).

O interesse político é presente e constante, ocasionando que órgãos relacionados ao exercício da medicina tentem implodir as práticas de saúde “populares” de dentro para fora de suas estruturas, arquitetando planos que visam corromper práticas antigas de saúde. Por exemplo, esses órgãos tentam convocar indivíduos que atuam com práticas populares de saúde, visando controlar seus saberes para em seguida neutralizá-los. Como assinala Paula Monteiro, antropóloga:

Cumprе ressaltar que todas as vezes que a Medicina hegemônica se voltou para a compreensão das práticas populares, sobretudo no que diz respeito às tentativas de seu aproveitamento dentro da chamada “medicina comunitária”, que pretende treinar “agentes nativos” para o atendimento médico-hospitalar mais imediato, ela o fez no sentido da reapropriação, e conseqüente neutralização, desses valores em seu próprio esquema de conhecimento e exercício. Desse modo a revalorização das práticas populares se dá no sentido de tornar mais contundente, duradora e eficaz a penetração da Medicina hegemônica, e não no da compreensão e revalorização das práticas mágico-religiosas (Monteiro, 1985:108-109).

Dessa forma, o objetivo continua a ser desqualificar todo e qualquer indivíduo que não esteja habilitado dentro do padrão biomédico de exercer a cura de uma doença, reduzindo os demais grupos a charlatões. Para Couceiro “o discurso da medicina científica lutou para desqualificar os populares que se dedicavam à saúde da população, construindo uma representação que os colocava como enganadores e trapaceiros” (Couceiro, 2004:251). Dessa forma, como pontua Langdon, “a cultura foi vista como um possível obstáculo à saúde - um conjunto homogêneo de crenças e práticas que determinam o comportamento e que resiste a mudança” (Langdon, 2014:1021).

Os cursos acadêmicos de medicina, por sua vez, são um espaço de negação das práticas de cura populares, na medida em que se entendem como um lugar privilegiado, onde o fazer ciência, é “natural”, inato, não havendo assim espaço para pensar, como a Antropologia da saúde faz em relação a outros modelos que lidam com saúde e doença: uma construção cultural e social localizada dentro de uma determinada sociedade. Há assim, segundo Santos, (2019), “uma tendência formativa nos cursos de medicina em geral a não relativizar o próprio saber médico como cultura” (Santos et al, 2019:60).

Santos aponta ser interessante promover um movimento político/social em que os currículos acadêmicos de medicina fossem modificados, levando a uma reflexão, de que as práticas culturais de determinados agrupamentos sejam levadas em conta na hora de realizar as consultas, explicar procedimentos, demonstrar o que está acontecendo com o indivíduo em questão. Isso não penalizaria então o saber técnico dos médicos. Assim para o autor

É sugerido que seja incorporado aos currículos uma análise de conceitos básicos vigentes na esfera da saúde a partir dos contextos culturais com as quais o futuro profissional vai trabalhar. Desse modo, para além da formação cognitiva, deve-se assegurar, no campo da formação intercultural aos profissionais de saúde, aqui em destaque os futuros médicos, uma atitude de abertura, aceitação e sintonia com os pacientes culturalmente distintos. (Idem, 2019:58).

Essa nova proposta de se fazer medicina traria impactos positivos, uma vez que na periferia do capitalismo as questões relacionadas a saúde são bem mais complexas de serem compreendidas, na medida em que há mais agrupamentos sociais com pouca instrução formal sobre o fazer médico, levando os indivíduos e seu grupos a criarem formas complexas de compreender a medicina. Assim, o quadro que se aponta, da perda da eficiência em cuidar da saúde da população poderia ser revertida. Como aponta Luz:

Deve ser destacada aí a questão da perda progressiva da capacidade das escolas ou faculdades da área de atenção à saúde para formar profissionais aptos para resolver, ou mesmo equacionar, problemas de saúde/doença de grande parte da população, sobretudo nos países de grandes desigualdades sociais, isto é, os do Terceiro e Quarto mundos. (Luz, 2005:150)

Esta incapacidade de refletir sobre os contextos sociais ao qual o modelo biomédico está inserido, a autora categoriza como “irracionalidade médica”. Nesse sentido, ela aponta que o problema pode ser resolvido mudando-se a forma de gerenciamento e também criando-se políticas públicas. Segundo a autora “neste caso, a ‘irracionalidade da medicina’ se resume a um problema puramente gerencial ou, no máximo, de políticas públicas adequadas que é necessário implantar, controlar e avaliar. (Luz, 2005:151).

Assim, o que se busca na relação entre o médico e paciente é a compreensão por

parte do profissional médico de que “os pacientes que nos chegam estão envolvidos por sua cultura como se esta fosse um manto e permanecem conectados a ela”. (Oliveira, 2002:73).

Esta relação conflituosa será também responsável pela criação de um movimento dirigido por grupos, de caráter cultural e político, surgido na segunda metade do século XX. Esse movimento, denominado de holístico, desejava modificar o modo pelo qual a sociedade, começando pela norte-americana, encarava e se utilizava de todos os aparatos técnicos desenvolvidos pela ciência principalmente após a II Guerra Mundial, em processo de aceleração, com a criação de técnicas, desenvolvimento de novos medicamentos pela indústria farmacêutica, entre outros avanços. Souza e Luz, pontuam que:

O persistente crescimento do uso de novas práticas terapêuticas tem chamado a atenção de diversos atores sociais, tanto na sociedade civil como no Estado. Denominadas alternativas, complementares, integrativas ou holísticas, essas práticas ganharam progressivo espaço em grupos civis e em instituições e serviços públicos de saúde. Seu surgimento e desenvolvimento remontam ao final da década de 1960, tendo desempenhado importante papel no conjunto de transformações denominado contracultura²⁷ (Souza, Luz, 2009:294).

Com isso, emerge o combate ao reducionismo científico sobre o existir no mundo. As comunidades humanas deveriam olhar para suas realidades a partir de uma tentativa de uma conexão com o mundo natural, em que as relações sociais devem estar pautadas em convivência pacífica com a natureza, e não em uma relação de pura exploração para obter recursos naturais. Aponta Teixeira que:

O paradigma holístico emerge de uma crise da ciência, de uma crise do paradigma cartesiano-newtoniano, que postula a racionalidade, a objetividade e a quantificação como únicos meios de se chegar ao conhecimento. Esse paradigma busca uma nova visão, que deverá ser responsável em dissolver toda espécie de reducionismo. A holística força um novo debate no âmbito das diversas ciências e promove novas construções e atitudes. (Teixeira, 1996:286)

O excesso de medicalização dos indivíduos, a visão do homem enquanto explorador do mundo, entre outros fatores, também foi alvo de crítica do movimento holístico. Criticava-se tudo aquilo que progredisse em direção a um movimento de mercantilização da vida e dos recursos naturais.

O desenvolvimento de novos conhecimentos a partir da ciência fez da observação e do experimentalismo as bases sistemáticas para estabelecimento de verdades, tendo a tecnologia como principal instrumento para dominar a

²⁷ A contracultura pode ser vista como uma tentativa de resgatar aspectos subjetivos do indivíduo no que tange ao modo como o mesmo interpreta e atua no mundo, (Sigolo, 2018) visando escapar de uma visão estritamente pragmática enquanto ser que habita o planeta.

natureza. Os avanços em direção ao controle, fixando a doença como categoria central, foram constituindo o modelo biomédico. Os avanços da biomedicina foram reconhecidos. Contudo, seus efeitos iatrogênicos, em níveis biológico e social, a excessiva medicalização e a mercantilização da saúde constituíram o pano de fundo para eclosão dos chamados movimentos de contracultura (Antunes, 2019:353).

Assim, a natureza passa a ser vista como um local onde doenças podem ser curadas, por meio de terapias mais eficientes do que aquilo que era produzido em laboratório, como afirma Luz: “não apenas a rejeição da medicina especializada e tecnicada, por ser invasiva e iatrogênica, portanto antinatural, mas também a afirmação da força curativa da natureza e da eficácia das terapêuticas dela provenientes”. (Luz, 2013:360).

O modo holístico de interpretar as sociedades humanas e a sua relação com a natureza teve repercussões diretas dentro do campo da saúde. Contudo, o objetivo dessa proposta não era abdicar totalmente da medicina oficial e exaltar apenas a medicina “popular”, mas sim, promover uma conversa entre as duas, criando um ambiente com pretensões integrativas. Apela-se então para os modelos místicos de saúde, como afirma Teixeira:

A abordagem holística em saúde convoca uma aproximação entre saber oficial e saber popular e os estudos transculturais terão enorme valia na construção de novas formas integrativas de saúde. Os modelos místicos e diversas culturas tradicionais precisam ser conhecidos, estudados e integrados ao modelo holístico de saúde que se quer. (Teixeira, 1996:288)

Assim, terapias com fundamento holístico, por isso mesmo, plurais, são criadas pelos grupos interessados em repassar tais conhecimentos para aqueles que tenham interesse de fugir da lógica cartesiana e biomédica de lidar com seus problemas de saúde. Com isso, busca-se um estado de bem-estar físico que por consequência atuaria no aspecto individual das pessoas por meio de uma reaproximação de um universo espiritual. Enfim, estar saudável é uma questão que depende apenas do indivíduo, cabendo ao movimento holístico mostrar as ferramentas para obter tal estado mental, físico, saudável. Afirma então Guerriero que:

Para compreender as terapias holísticas, é necessário ter em conta os elementos centrais do *ethos* nova era que o aproximam do universo mágico-religioso. Parte-se do princípio de que o indivíduo é o responsável pela sua integralidade física, mental e espiritual. O bem-estar é almejado como um caminho para a salvação espiritual. Corpo saudável, mente tranquila e espírito elevado formam uma tríade interdependente. A meta final é a evolução da consciência, que seria o alcance da plenitude. Consequentemente, as terapias holísticas da Nova Era não visam apenas a cura física. O indivíduo é o responsável, portanto, pela sua própria salvação, e utiliza das terapias holísticas como caminho (Guerriero *et al*, 2020:108).

Toda essa movimentação política e social, originada na segunda metade do século

XX, gerou efeitos práticos. Conscientes das dificuldades de homogeneizarem as práticas de saúde em todos os países do globo, o então diretor da Organização Mundial da Saúde, o dinamarquês Halfdan Mahler, declarou na conferência de Alma-Ata, cidade localizada na Ex-URSS, haver uma urgente necessidade de separar saúde, medicina e cultura, haja visto que o desenvolvimento tecnológico, mesmo progredindo rapidamente, não dava conta das realidades sociais e culturais em imensa parte dos países do planeta, assim havendo um apelo para que os governos locais olhassem com mais atenção quais eram suas políticas públicas para a garantia da saúde de sua população. Como afirma Luz:

Tomo como marco histórico simbólico da dissociação entre saúde, medicina e cultura a conferência de Alma Ata, realizada na União Soviética, em 1978. Nela o diretor geral da Organização Mundial da Saúde declarou a incapacidade da medicina tecnológica e especializante para resolver os problemas de saúde de dois terços da Humanidade, fazendo um apelo aos governos de todos os países para o desenvolvimento de formas simplificadas de atenção médica destinadas às populações carentes no mundo inteiro, com o correspondente esforço no campo da formação de recursos humanos, utilizando-se, para isso, os próprios modelos médicos ligados às medicinas tradicionais. ‘Saúde para todos no ano 2000’ foi o lema então lançado (Luz, 2005:152).

A disputa desenvolvida entre profissionais da saúde e o movimento holístico sobre quem tem a razão final dentro dos processos relacionados à saúde e à doença, encontra na consulta médica uma espécie de partícula fundamental, onde os saberes, compreensões, as tensões políticas, podem ou não vir à tona e gerar, tanto um ambiente saudável, principalmente para o paciente, quanto reproduzir violências simbólicas (Bourdieu, 1989) que demarcarão uma diferença hierárquica que será demonstrada a cada gesto, palavra, como apresentado em trabalhos como o de Pereira, (2004). Dessa forma, qualquer nível de troca, a nível discursivo dependerá necessariamente da permeabilidade entre quem escuta e quem fala. Como pontua Oliveira:

De modo análogo, podemos então dizer que, no cenário de um serviço de saúde, há pelo menos dois ‘dedos de luva’ se encontrando, recobertos por uma hipotética “fina membrana semipermeável”: a do profissional de saúde e a do paciente, cada um deles conectado, no momento do contato, ao seu universo cultural e simbólico, que o ‘alimenta’, dá sustentação e possibilita a realização de ‘trocas’ (Oliveira, 2002:66)

Quando tais trocas não são bem articuladas, diz-se que a interação entre o profissional e o paciente foi reduzida a um caráter impessoal, frio, em que aquele que pagou pela consulta diretamente, ou obteve por meio do serviço público, simplesmente é colocado em um modo passivo dentro do processo, em que se escuta muito, e se fala pouco. As equipes profissionais nesse sentido, encaram os pacientes como sendo unicamente indivíduos leigos, que por não possuírem formação na área, não devem ter suas queixas

subjetivas levadas em consideração, podendo levar a pessoa a depois de sair da consulta médica, simplesmente ignorar todo e qualquer procedimento orientado pelo profissional. Afirma o autor que:

Em geral, tem-se a visão de que o atendimento à saúde é organizado pelos técnicos para ser simplesmente “usufruído” pelos pacientes, que assumiram uma posição um tanto quanto passiva diante do que lhes é ofertado – talvez devêssemos dizer que os serviços de saúde são ‘equipecêtricos’, um tipo particular de etnocentrismo, em que a equipe de saúde passa a julgar seus usuários a partir da visão de seus membros, estabelecendo unilateralmente o que é certo ou errado, adequado ou inadequado em relação ao cuidado à saúde. Convém lembrar, porém, que é esse “leigo” quem faz a escolha final se realiza ou não a consulta, quando vai fazê-lo e onde. Mesmo depois da consulta ter-se consumado, é ainda ele quem detém o poder de cumprir ou não as determinações médicas ou mesmo procurar outras alternativas. (Idem, 2002:70)

Apesar da falta de treinamento formal quanto ao modo de tratar os pacientes, existem contextos em que profissionais da saúde possuem uma escuta em que leva-se em consideração aquilo que está sendo informado de forma “leiga” pelo indivíduo doente. Nesse cenário, o profissional estabelece uma relação horizontal, agradando ao paciente que se sente à vontade em ouvir o médico, e levar em consideração seus apontamentos. Dessa forma, aspectos culturais como a religião do indivíduo ou o modo dele enxergar a vida deixam de se tornar um obstáculo para o exercício da profissão da medicina. Como afirmam Silva e Scorsolini-Comin:

No entanto, é importante ressaltarmos que as considerações dos profissionais em relação aos atendimentos de saúde estão mudando. Em muitas situações o profissional de saúde considera os aspectos espirituais e religiosos que circundam o universo dos indivíduos, principalmente tentando compreender o impacto desses no seu adoecimento e almejando uma avaliação holística do sujeito e do processo saúde-doença (Freire; Moleiro, 2015). Esse perfil profissional, mais aberto, é compreendido de modo positivo pelos adeptos. Ainda assim, reforça-se, especificamente pelos relatos dos participantes deste estudo, que tão importante quanto entender que o profissional de saúde acredita ou possui alguma proximidade com a R/E²⁰ é que ele esteja alinhado aos pressupostos do credo do adepto, facilitando o processo de compreensão e, conseqüentemente, de aceitação dessa dimensão por partilhar um mundo simbólico comum (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:11).

A necessidade criada pelos pacientes frente aos profissionais de saúde, não é apenas uma forma de manterem-se informados em relação aos procedimentos biomédicos praticados dentro de um consultório médico. O paciente busca através do seu discurso, ser cuidado, acolhido. Assim, ao procurar ser cuidado, o paciente pode elaborar narrativas que o ajudarão a suportar o tratamento, os efeitos colaterais, e em último caso, até mesmo o caráter terminal de sua doença. Como bem afirmam Lacerda e Valla:

Diante da complexidade dos problemas de saúde-doença, os profissionais de saúde nem sempre vão conseguir ‘curar’ o adoecimento e sofrimento da

população. No entanto, a atitude de cuidar do outro, incluindo a compaixão, a solidariedade e o apoio mútuo, pode contribuir para aliviar o impacto do adoecimento e sofrimento, ajudando os sujeitos a construir novas perspectivas para enfrentar seus problemas cotidianos (Lacerda, Valla, 2008:94).

A história de vida do paciente nesse momento é importante, na medida em que ativam-se memórias pretéritas. Assim “Cuidar é, portanto, uma atitude interativa que inclui o envolvimento e o relacionamento entre as partes, compreendendo acolhimento, escuta do sujeito, respeito pelo seu sofrimento e pelas suas histórias de vida” (Idem, 2008:97).

O conceito de etnocentrismo utilizado pela antropologia - atitude de considerar o outro inferior, estranho ao mundo de nós mesmos - é importante para pensar analiticamente o processo de consulta através do modelo biomédico. Assim, ao invés de perceber o paciente como apenas um número, mais um indivíduo que vai utilizar-se de um serviço, é importante estabelecer um diálogo compatível com o contexto das pessoas, sem uso excessivo por exemplo de jargões técnicos e levando em consideração a realidade econômica daqueles que frequentam a sala de consulta, como ressalta Massé, (1995). Santos e demais autores argumentam também que:

Dito de outra maneira, um cuidar em saúde que não seja etnocêntrico, isto é, que não se centre apenas no modelo biomédico de cuidado centrado em um saber biomédico. O cuidado em saúde se configura, portanto, como uma experiência de encontro, de trocas dialógicas, de crenças, de ritos, de diversidade cultural de saberes entre médicos e pacientes, revelando, assim, que o modelo biomédico sobre o processo saúde-doença-cuidado é apenas uma das lógicas possíveis. (Santos et al, 2019:58)

Um dos objetivos a serem alcançados com o apoio do profissional de saúde, então, é evitar o sofrimento decorrente das enfermidades. Sofrimento são situações desagradáveis que atravessam a existência do *homo sapiens* sobre o planeta terra. Sofrer, então, propiciou o registro e/ou nascimento de relatos históricos, mitológicos dentro das mais diversas culturas e sociedades. Compreender o sofrimento é uma busca pela compreensão daquilo que denominamos de perturbações. Ceres Victora, antropóloga, afirma sobre o tema que:

O sofrimento, como um evento que acompanha o homem desde a sua mais remota existência, é um processo complexo e multifacetado que tem sido debatido nas diferentes áreas de conhecimento. Isso porque são enormes os desafios colocados individual ou coletivamente para o enfrentamento da dor e dos males que acometem o mundo das mais diversas maneiras, o que acaba desafiando também as fronteiras das próprias formas através das quais estamos acostumados a compreender e conceituar as perturbações. (Victora, 2011:3)

O sofrimento, pode provocar a diminuição da qualidade de vida, entre outras consequências. O sofrer então pode findar com sonhos, expectativas sobre o presente e o futuro que o indivíduo havia traçado. Dessa forma, degrada-se a parte mais íntima do ser, atingindo-o de forma individual e também repercutindo na vida social do mesmo. Desse

modo “o adoecimento e o sofrimento afetam a dimensão física, também podem destruir a parte secreta de cada um, isto é, os sonhos, projetos e esperanças” (Lacerda, Valla, 2008:96).

Externar aspectos do sofrimento é de grande valia, já que o enfermo cria narrativas que geram sentidos, e com isso o paciente se sente mais dono de si, menos fragilizado, e pode tomar decisões que impactem positivamente em sua vida social quanto em seu corpo físico. Como afirma a autora Langdon: “Um ponto central destas análises é a ideia de que a doença é uma experiência que gera narrativas que procuram dar sentido ao sofrimento e também ajudam as pessoas a negociar as decisões”. (Langdon, 2014:1024).

Apesar do corpo físico ser afetado por doenças biológicas, o sofrimento não atua apenas nas condições corporais como a dor, limitações de movimentos físicos. Dessa forma, os aspectos objetivos e subjetivos interferem na vida do paciente, cabendo ao profissional de saúde perceber até onde a reação orgânica está agindo e por consequência, repercutindo sócio e psicologicamente na vida da pessoa enferma. Afirmam Lacerda e Valla que:

O sofrimento é uma experiência dos sujeitos na sua totalidade, afetando todas as suas dimensões e não se restringindo apenas ao corpo físico. Esses aspectos subjetivos e objetivos precisam ser levados em consideração pelos profissionais de saúde. (Lacerda, Valla, 2008:101).

O corpo torna-se uma categoria importante para a discussão traçada até aqui. É por meio dele que percepções e ações são vividas e feitas. Assim, ele tornar-se o veículo pelo qual a doença demonstra seus sintomas, sua desordem, e ativa o sofrimento do indivíduo (Vale, 2013, Victora, 2011).

A percepção da doença está ligada igualmente a própria característica do que é um corpo: não um objeto que percebe as coisas ao seu redor, mas sim um sujeito que por meio da sua percepção capta o mundo. Então o corpo se apresenta como um instrumental pelo qual a consciência humana percebe a si mesma. Apontam Carvalho e Steil que:

Central ao seu propósito é compreender que o corpo da pessoa não é de forma alguma um objeto, mas sempre o sujeito da percepção. A pessoa não percebe o próprio corpo; a pessoa é seu corpo e percebe com ele tanto no sentido de ser uma ferramenta perfeitamente familiar. (Carvalho, Steil, 2008:294).

Outras ciências possuem suas interpretações epistemológicas sobre o corpo que por sua vez não estão alinhadas ao pensamento antropológico. A medicina, por exemplo, possui a compreensão de que o corpo humano é um conjunto de reações bioquímicas

buscando um constante equilíbrio de suas funções, desconsiderando que as relações sociais, psicológicas, interferem diretamente no estímulo ou secreção de marcadores bioquímicos. Desse modo, ao olhar um paciente, pode-se pensar de forma abstrata em um conjunto de órgãos que podem apresentar um ou mais problemas orgânicos, do que pensar que o profissional de saúde está diante de uma pessoa, envolta em todo um contexto social, familiar, profissional. Afirmam Comparin e Schneider que:

O corpo é, e sempre foi objeto de muitas pesquisas nos mais variados campos de atuação, nas ciências da saúde, humanas, exatas e sociais. Para quem atua na área da saúde, talvez pela própria formação acadêmica, é mais fácil visualizar o corpo como objeto biológico, químico e psicológico, mas é difícil visualizá-lo como um objeto social e as relações que nele interferem. (Comparin, Schneider, 2000:175)

A própria Antropologia pode cair em um reducionismo sobre o tema, caso não leve em consideração haver nesse debate, um ser atrelado a natureza, assim como os outros animais, e ao mesmo tempo uma presença que vai sendo socialmente construída na medida em que os grupos vão delimitando o que pode ser feito e não pode ser feito com e a partir dele. Sônia Maluf, antropóloga, afirma que:

Um sentido em comum às várias abordagens antropológicas sobre o corpo - por diferentes e às vezes antagônicas que possam ser - é o de pensar o corpo como uma construção social e cultural, e não somente como um dado natural. A antropologia busca desnaturalizar o que é visto como dado pela natureza - seja isso uma regra de comportamento e de classificação social (a proibição do incesto por exemplo), seja a própria noção de corpo - e mostrar as dimensões sociais e simbólicas desses fenômenos. Esse ponto de partida é importante na medida em que muitas vezes o 'corpo' é tomado, mesmo por estudiosos e pesquisadores no campo das ciências humanas, como o reduto da natureza em um ser humano genérico, obedecendo a instintos e necessidades biológicas, e não como produto e produtor de regras e valores culturais. (Maluf, 2001:88- 89).

Dessa forma, possuir um corpo é exercer sobre o mundo uma série de conclusões, pensamentos, ações, que permitem então ao ser humano construir e ser construído por meio da realidade que o cerca. Ou como afirma Le Breton, “pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo” (Le Breton, 1995:65).

Sendo assim, quando a ciência biomédica abre-se a teorias e problematizações advindas de outras áreas que lidem com questões relacionadas ao que é o corpo, e quais as consequências de se ter um, pode-se pensar em minimizar os sofrimentos dos sujeitos, criando assim um ambiente em que a integralidade, enquanto visão totalizante de quem é o indivíduo, dita as melhores maneiras de lidar com seus problemas de saúde. Como afirma Lacerda e Valla:

Dentro dessa visão, assim como a questão do sofrimento não deve se restringir à área sanitária, tendo em vista que muitos dos seus determinantes estão

diretamente relacionados à conjuntura socioeconômica e política, a discussão da integralidade na atenção e no cuidado desses sujeitos também implica uma abordagem e um trabalho interdisciplinar. (Lacerda, Valla, 2008: 94)

A integralidade então, enquanto aspecto do modo de abordagem ao paciente, vêm ganhando espaço e despertando interesse das instituições que lidam diretamente com a burocracia e os trâmites de cuidado com os indivíduos. Assim, no início do século XXI, o Estado brasileiro formulou políticas públicas que foram inseridas dentro da medicina oficial, com o objetivo de estabelecer um comportamento mais acolhedor para com enfermos. Tais medidas são importantes e podem inclusive coincidir com terapias que já eram frequentadas pelos mesmos, estabelecendo uma ponte direta entre a vida privada, o modo de pensar a saúde a partir de cada pessoa, e o sistema de saúde ensinado nas universidades. Como pontua Miwa:

No Brasil, as terapias complementares e integrativas vêm ganhando espaço dentro da medicina convencional após a aprovação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS – PNPIC-SUS1, publicada na forma de Portarias Ministeriais nº 971 em 03 de maio de 2006 e nº 1.600, de 17 de julho de 2006. (Miwa, 2014:58).

Um dos principais objetivos apontados então pelo Ministério da Saúde é capilarizar o acesso dos indivíduos ao sistema público de saúde, uma vez que é função e obrigação do Estado propiciar tal atendimento, assim como evitar que haja um contingente de indivíduos doentes que não vão atrás de combater suas doenças por terem receio do modo como serão tratados ou se a terapêutica assinalada pelo profissional é compreendida como eficaz. Assim, como pontuam Alves e Seminotti:

O Ministério da Saúde considera que a melhoria dos serviços, o aumento da resolutividade e o incremento de diferentes abordagens, como as terapêuticas tradicionais, são prioridades na atenção aos usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), pois disponibilizam opções preventivas e terapêuticas, aumentando o acesso à saúde. (Alves, Seminotti, 2009:86)

É possível afirmar que a integralidade é capaz de gerar um efeito positivo, mentalmente e fisicamente nos indivíduos, levando os mesmos a criarem novos hábitos, desenvolvendo neles capacidades como concentração, resiliência, maior atenção aos sinais de seus corpos, novos modos de compreender a natureza e sua importância para a continuidade de sua vida, entre outros fatores que no fim desejam elaborar formas de autoconhecimento que muitas vezes o indivíduo sequer achava ser possível de desenvolver. Afirmam Andrade e Costa que:

Práticas integrativas e complementares em saúde constituem denominação recente do Ministério da Saúde para a Medicina complementar/alternativa, em suas ricas aplicações no Brasil. Esse campo de saberes e cuidados desenha um

quadro extremamente múltiplo e sincrético, articulando um número crescente de métodos diagnóstico-terapêuticos, tecnologias leves, filosofias orientais, práticas religiosas, em estratégias sensíveis de vivência corporal e de autoconhecimento. Esse amplo acervo de cuidados terapêuticos abriga ainda recursos como terapias nutricionais, disciplinas corporais, diversas modalidades de massoterapia, práticas xamânicas e estilos de vida associados ao naturalismo e à ecologia (Andrade, Costa, 2010:499).

Interesses políticos, contudo, entre quem opera as funções burocráticas e os profissionais de saúde nem sempre caminham lado a lado. Parte dos profissionais de saúde que não veem sentido, nem lógica, em tentar encaixar ao atendimento público práticas de saúde sem comprovação científica. Ao mesmo tempo em que individualmente cada profissional pode ter uma visão negativa sobre as práticas alternativas de saúde, ironicamente é encontrado em centros avançados de desenvolvimento de pesquisas interesse nelas, buscando compreender como os indivíduos as abordam e mesmo até que ponto elas influem de fato em sua qualidade de vida. Como aponta Luz:

Em geral, as instituições ligadas à reprodução do saber biomédico, como as faculdades de Medicina, ou os hospitais, são as que mais se opõem à inserção de medicinas alternativas em espaços institucionais. Entretanto, não raras vezes as instituições mais avançadas de pesquisa biomédica empreendem investigações visando à eventual comprovação de procedimentos ou princípios terapêuticos ligados às medicinas não convencionais. (Luz, 2005:165).

A argumentação principal desses institutos é a ligação existente entre a frequência a uma instituição religiosa e o conforto emocional decorrente disso. Assim, não se trata de acreditar ou não na existência de um mundo espiritual, mas sim do efeito psicológico positivo que a busca por um auxílio pode propiciar ao indivíduo. Como afirmam Silva e Scorsolini-Comin:

Estudos científicos têm apontado que frequentar instituições religiosas auxilia os fiéis no desenvolvimento de estratégias de suporte para resolução de problemas e nos processos de enfrentamento de situações consideradas adversas, de modo que o contato com o divino pode proporcionar segurança e conforto espiritual e emocional (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:2).

A Antropologia da saúde então tem como objetivo final descrever e analisar os processos sociais decorrentes do binômio saúde-doença. Assim, busca-se compreender qual o papel que narrativas e comportamentos desempenham nesse processo.

3.2 Saúde, doença em perspectiva antropológica

Vou agora discutir nesse tópico dois conceitos arraigados importantes para a discussão do capítulo: saúde e doença. As concepções acerca do que os representam, são particulares de cada cultura e portanto não permitem esgotarem-se as representações acerca das mesmas.

Sendo assim, ter saúde ou estar acometido de uma doença depende necessariamente a partir de onde, e de quem está enunciando seus significados, bem como os impactos na vida social do indivíduo. Desse modo, para instituições políticas surgidas após o fim da II Guerra Mundial, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), inserida em uma lógica globalizada dos países, ou seja, onde há uma interdependência entre eles, entende-se que a saúde é um modo pleno de bem estar; nesse sentido, contempla não apenas uma homeostase, equilíbrio bioquímico dos órgãos e sistemas interligados do corpo humano, mas também está expressada nos aspectos mais subjetivos dos seres humanos, como o mental e o social. Em contraposição a esse quadro, a doença é vista simplesmente como a ausência desse equilíbrio. Claudia, mulher, branca, uma das minhas interlocutoras no campo, em entrevista, concorda com a definição:

Eu acredito que saúde como diz o conceito é um bem-estar, físico, social e mental. Só que dentro da capacidade, ou melhor, dentro da potencialidade que cada doença oferece para ser cicatrizado, para ser curado, para ser tirado. Esse bem-estar, nem se quer dizer um bem-estar..., porque muitas das vezes a gente lida com problemas que são sociais, em que quem precisa mudar sou eu, e não a sociedade toda que está em volta. Sou eu é que preciso, em mim que precisa acontecer a mudança primeiro, para que depois por fora, as outras pessoas modifiquem as outras pessoas, ajam diferentes comigo, me tratem ou sejam diferentes comigo. Então eu acho que esse equilíbrio é o grande segredo que a gente tem como ser humano, é o é o grande desafio como um ser humano, de estar equilibrado.

Araújo e Repetto apontam para o papel desempenhado pela OMS:

A Organização Mundial de Saúde (OMS) (1948) define a saúde como ‘um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades’. E define doença como ausência total de saúde. Nesta perspectiva a saúde passou, a ser mais um valor da comunidade que do indivíduo. É um direito fundamental da pessoa humana, que deve ser assegurado sem distinção de raça, de religião, ideologia política ou condição socioeconômica. A saúde não é um bem individual, de vez que nenhum indivíduo sentirá esse bem quando em seu meio sofrem muitos e isto se reflete no funcionamento da comunidade (Araújo, Repetto, 2016:10)

Os aspectos mais subjetivos relacionados a saúde, que por sua vez não estão ligados ao combate biomédico às doenças, por meio de procedimentos, medicamentos, cirurgias, somente vieram ganhar relevância ao fim da década de 1980. Foi organizada para essa discussão então a conferência de Ottawa, no Canadá, em 1986, em que as ideias relacionadas ao conceito de “qualidade de vida”, realmente passaram a ser pauta importante para se pensar a saúde da população mundial:

O discurso sanitário com enfoque na saúde ainda é recente. A ideia de saúde como qualidade de vida condicionada por vários fatores, tais como: paz, abrigo, alimentação, renda, educação, recursos econômicos, ecossistema estável,

recursos sustentáveis, equidade e justiça social, surgiu com a Conferência Internacional sobre a Promoção da Saúde, em Ottawa, em 1986. (Backes *et al*, 2009:112).

Desse modo, pode-se realizar uma aproximação pacífica entre aquelas práticas de saúde consideradas como populares, e o saber técnico, que até então era instruído politicamente a ver os indivíduos de um modo em que apenas o bem-estar criado pela biomedicina havia elencado como biomédico de seus órgãos estivesse enquadrado como satisfatório. Como argumenta Buss:

A promoção da saúde, como vem sendo entendida nos últimos 20-25 anos, representa uma estratégia promissora para enfrentar os múltiplos problemas de saúde que afetam as populações humanas e seus entornos neste final de século. Partindo de uma concepção ampla do processo saúde-doença e de seus determinantes, propõe a articulação de saberes técnicos e populares, e a mobilização de recursos institucionais e comunitários, públicos e privados, para seu enfrentamento e resolução (Buss, 2000:165).

A Antropologia elabora então uma série de questionamentos acerca desse debate político, concluindo que a saúde a partir desse momento deve ser compreendida como um produto cultural criado e recriado pelas sociedades. Para Andrea Caprara, devemos considerar que a “saúde nas ciências sociais e na antropologia em particular, não é vista somente como consequência de fatores sociais e econômicos. Uma tradição importante interpreta a doença como um produto culturalmente determinado” (Caprara, 2003:924). Assim, vou após esse quadro político, vou apresentar como os conceitos de saúde e doença se desenvolvem teoricamente dentro de uma perspectiva antropológica.

As primeiras representações do que é saúde e doença estavam atreladas ao campo religioso-mágico. A seres, entidades sobrenaturais, eram atribuídos a acusação do processo de adoecimento que poderiam ser expressos por sintomas físicos ou mesmo algum tipo de desequilíbrio comportamental para os padrões culturais de sua sociedade. Assim, a pessoa era categorizada como doente, vítima de uma mágica ao qual o ser humano dentro de um contexto social não poderia praticamente fazer nada para se livrar. Sevalho pontua que:

As representações primevas de saúde e doença foram mágicas. Entre os povos sem escrita, a doença era vista como o resultado de influências de entidades sobrenaturais, externas, contra as quais a vítima comum, o ser humano não iniciado, pouco ou nada podia fazer (Sevalho, 1993:352).

As doenças são resultado a nível mágico-religioso de uma condição em que o corpo humano se encontra “aberto”, na medida em que o mundo ao qual ela vive é randômico, onde os comportamentos individuais pode findar na morte de uma pessoa. Dessa forma, têm-se um eterno estado de apreensão, onde viver é colocar-se em risco tanto pela necessidade de convivência com pessoas, quanto pela atuação mágica de entidades

sobrenaturais que podem colocá-las em um estado de doença. Como pontua Maggie:

A crença na magia e na capacidade de produzir malefícios por meios ocultos e sobrenaturais é bastante generalizada no Brasil desde os tempos coloniais. De acordo com a crença, certas pessoas podem usar consciente ou inconscientemente esses poderes sobre os outros, para atrasar a vida, fechar caminhos, roubar amantes, produzir doenças, mortes e uma infinidade de outros males. Essa crença enche e encheu desde a Colônia as casas dos curandeiros, centros, terreiros, benzedeiros, espíritas e médiuns de todas as espécies. (Maggie, 1988:3).

Por outro lado, a crença na capacidade de recuperação de uma doença é importante. Rita, em sua entrevista traz este argumento, tomando como ponto de apoio uma situação recente, ao qual para uma doença física sua, não haveria possibilidade de curar-se, cabendo assim a fé dela romper esse problema:

Falta de amor a Deus ou ao Orixá ou no que ela acredita. Eu acho que quando você tem uma fé, você acredita naquilo... você acreditando, você vence, você não pode perder a fé. Ultimamente fiquei doente e nunca perdi a fé, meu rim parou. E os médicos dizendo que eu não iria voltar, que fosse uma doença... que eu teria uma doença renal crônica, que eu teria que fazer hemodiálise pelo resto da vida e eu não aceitava isso. Eu não aceitei isso. Isso que eles falavam, eu aceitava que eu ficasse bem. E passados dezesseis dias. Na verdade, meu rim voltou. No caso, eu tive fé, acreditei nos meus Orixás. E eu saí disso, não faço mais hemodiálise. Fiquei curada. Foi com ajuda espiritual, foi muita gente pedindo, muita gente fazendo oração, os guias, né? Trabalhando a favor, eu acho que tem tudo a ver.

Assim, adoecer também é um processo cultural, não bastando apenas ter febre, etc; para ser diagnosticado como doente. Langdon argumenta que:

A doença não é um evento primariamente biológico, mas é concebida em primeiro lugar como um processo vivido cujo significado é elaborado através dos contextos culturais e sociais, e, em segundo lugar, como um evento biológico (Langdon, 2014:1024).

Assim, comportamentos, sintomas, assim como relatos de um indivíduo irão ditar a forma pela qual, dentro de um contexto cultural a categoria doença será construída. Há modelos construídos que explicam as razões pelas quais uma pessoa é compreendida como doente. Como afirma Oliveira:

Podemos dizer que nós literalmente ‘aprendemos a ficar doentes’, de acordo com o nosso meio social, que influencia diretamente a forma como sentimos as doenças, expressamos seus sintomas e utilizamos os recursos de cura à nossa disposição. Há, resumidamente, pelo menos cinco elementos envolvidos nesse modelo explanatório sobre a doença: 1) etiologia do problema; 2) duração e características dos sinais e sintomas iniciais; 3) fisiopatologia do problema; 4) evolução natural e prognóstico; e 5) tratamento indicado para o problema. Ou seja, utilizando o exemplo da pneumonia citado anteriormente, poderíamos dizer que, quando ficamos doentes, procuramos identificar a causa do que nos aflige (‘isso é gripe mal curada’, ‘foi praga de alguém’ ou ainda ‘peguei uma friagem’); analisamos o que estamos sentindo (‘febre, calafrios, tosse’); buscamos compreender quais os mecanismos fisiológicos (‘o pulmão está ruim, cheio de catarro’, ‘meu pulmão está fraco por causa do cigarro’); fazemos uma

análise da sua gravidade ('posso morrer disso?'); e, por fim, buscamos estabelecer um plano para que possamos retornar à situação anterior, sem a doença ('bom para curar isso é uma injeção', 'vou tomar um passe') (Oliveira, 2002:66-67).

A doença pode ser definida como um estado ao qual o funcionamento anormal tanto dos órgãos do corpo físico, quanto das características físicas e intelectuais são postas em uma condição que impede o exercício pleno de algumas atividades desejadas pelos indivíduos, ou mesmo a ele impostas. Assim, levando-se em conta o sistema socioeconômico ao qual países periféricos do capitalismo como o Brasil encontram-se, a incapacidade de vender sua mão-de-obra diariamente pode ser visto como doença. Tal incapacidade de realizar trabalho foi discutida em trabalhos antropológicos que se tornaram clássicos, como o de Luiz Fernando Dias Duarte (1988) que estudou o impacto da vida urbana nas questões "nervosas" de pessoas. Canesqui corrobora com esse ponto:

...a percepção da doença dando-se através de alguns sinais e sensações corporais, indicativos de que "algo" impede o funcionamento 'normal' do corpo (dor, febre, não dormir, não comer, fraqueza) e pela incapacidade de realizar as atividades cotidianas e de trabalhar, em qualquer modalidade assalariada ou não, assim vista por homens e mulheres. (Canesqui, 2003:115).

É importante ressaltar a importância da dor dentro dos processos de saúde-doença. Mais do que se sentir e saber que se está doente, a dor é um agente que funciona para informar ao indivíduo que algo não está funcionando corretamente em seu corpo e por isso torna-se uma companheira perniciosa de todo processo ligado a doença. Lucas e demais autores argumentam que "a dor escapa em muitos sentidos ao paradigma biomédico, transgride os conceitos da racionalidade e cria situações ameaçadoras aos saberes e práticas de cuidado em saúde, onde a dor se tornou uma entidade indigna". (Lucas *et al*, 2014:1935)

Tanto a doença quanto a dor, enquanto desordenadoras da vida social dos indivíduos, exigem imediatamente uma busca incessante pelo seu fim, sobre pena de causarem a morte do indivíduo. Desse modo, busca-se a cura e com isso o retorno ao estado social considerado como normal. Como afirma Rabelo:

Neste sentido, trata-se de um evento [a doença] a exigir, das pessoas envolvidas, que dêem início a ações que permitam reconduzir a vida cotidiana dentro de pressupostos aceitos. Na sua dimensão social, a doença é 'problema' e seu estudo implica a compreensão dos projetos e práticas formulados para resolver os impasses decorrentes e, assim, normalizar a situação (Rabelo, 1999:205).

A Antropologia da saúde desenvolveu categorias analíticas que servem como norteadores para as pesquisas. Desse modo, a partir da década de 1980 tornou-se comum a utilização de categorias: *disease*, *illness* e *sickness*. Cada uma aponta para a forma

discursiva pela qual o enfermo pode se comunicar e transmitir o real sentido e impacto que a doença está causando. Esse apontamento é de grande valia para os profissionais da saúde, quando os mesmos compreendem, como já aponte, que estar doente não é simplesmente enumerar sintomas e jargões que possuem repercussão em um corpo físico e precisam ser neutralizados. Assim, afirma Couto que

As noções de *illness* e *disease*, desenvolvidas pela Antropologia Médica nos anos de 1980 ainda hoje repercutem na produção acadêmica de interface entre Antropologia e Medicina, a despeito das releituras mais recentes destas noções. *Illness* e *disease* ressaltam o aspecto de que as produções de significado acerca da doença remetem a visões de mundo que, expressas pelo indivíduo singular, são conformadas pela cultura da qual ele toma parte. Com a distinção entre *illness* e *disease* é possível compreender e se posicionar frente às tensões produzidas no ‘encontro’ entre profissionais da saúde e usuários. *Illness* (perturbação, sofrimento, enfermidade) é a forma como os indivíduos e os membros de sua rede social categorizam e atribuem sentido aos sintomas. *Illness* é a resposta subjetiva do indivíduo à situação de doença, uma resposta que engloba aspectos individuais, sociais e culturais à experiência de estar doente. Por outro lado, *disease* (doença) é a forma como a experiência da doença (*illness*) é reinterpretada pelos profissionais de saúde com base no modelo biomédico que orienta seu trabalho clínico. (Couto, 2012:156).

A *illness* é a forma como a pessoa vai expressar e compreender os sinais que estão aparecendo em seu corpo. De outro modo, como os sintomas físicos, em se tratando de doenças físicas, vão se expressar para o indivíduo. A *disease* é a forma como se apresenta a doença para o padrão biomédico de interpretação da mesma. Já a *sickness* (Amadigi *et al*, 2009) se refere ao contexto político, econômico ao qual os indivíduos estão inseridos e impactam em seu processo de saúde-doença. De forma exemplificada, uma pessoa acometida pela tuberculose, ao se consultar com um médico, receberia um diagnóstico de sua condição (*disease*). A mesma pessoa, ao expressar fraqueza, ausência de apetite, ou mesmo externar para a família que possui medo de morrer por ter cuspidor há pouco tempo, estaria expondo sua *illness*, e caso essa pessoa viva em um bairro sem infraestrutura, água encanada, rede de esgoto, explicaria sua condição política e social para sua doença (*sickness*). Oliveira aponta então que:

Por outro lado, *disease* é a forma como a experiência da doença (*illness*) é reinterpretada pelos profissionais de saúde à luz de seus modelos teóricos e que os orienta em seu trabalho clínico. É portanto, uma definição de disfunção, a disfunção assentada num substrato essencialmente biomédico. E aqui, por biomedicina, referimo-nos à teoria e prática médica predominante no ocidente e amplamente disseminada em todo o mundo. [...] Uma das atribuições principais do médico é, então, ‘traduzir’ o discurso, os sinais e os sintomas do paciente para chegar ao diagnóstico da doença, ou seja, decodificar *illness* em *disease*. (Oliveira, 2002:65).

Outra maneira didática para a compreensão pela visão da Antropologia da saúde acerca da categoria *illness*, é perturbação, no sentido de incomodo mediante sintomas

físicos que por sua vez forçam no indivíduo uma situação de experiência que necessariamente despertam e articulam sentimentos em relação ao que está sendo vivenciado. Vale lembrar que essa experiência também se transmite para seu entorno, na medida em que as doenças individuais podem reverberar com considerável impacto no meio familiar. Afirma então o autor que:

Podemos dizer que illness, o equivalente a ‘perturbação’, é a forma como os indivíduos e os membros de sua rede social percebem os sintomas, categorizam e dão atributos a esses sintomas, experienciando-os, articulando esse sentimento por meio de formas próprias de comportamento e percorrendo caminhos específicos em busca da cura. Além da experiência pessoal, o indivíduo atribui significado à doença. Enfim, illness é a resposta subjetiva do indivíduo à situação de doença... (idem, 2002:65).

Além da repercussão física, e por consequência a tendência de apontar a causa como sendo originada por questões materiais, os indivíduos podem expressar seu estado de doença como sendo fruto de problemas espirituais. Assim, os agentes causadores variam desde uma entidade sobrenatural maligna, como apontei anteriormente, um feitiço de outrem ou um castigo vindo de Deus. O enfermo irá escolher, seja por meio de um médico, seja por meio de um religioso, qual o melhor modo de se livrar de sua angústia. Como bem pontua Loyola:

As doenças espirituais podem ser causadas, como já vimos, por mau-olhado, espírito encostado ou por um castigo de Deus, de acordo com a crença religiosa do indivíduo; esta é que determina, em grande parte, a escolha do tipo de tratamento, ou seja, as escolhas feitas entre os especialistas do sistema oficial de saúde e os especialistas religiosos (Loyola, 1984:163).

As razões para uma doença dita espiritual também pode estar atrelada ao entendimento de uma vida passada²⁸, crença abarcada em algumas religiões e doutrinas, como a Umbanda e a espírita kardecista. Assim, essa compreensão da existência de erros passados pode ser utilizada para uma reelaboração da realidade, em que a cura para aquilo que se está vivendo pode ser alcançada mais rapidamente se o indivíduo tiver resiliência para aceitar os sintomas, a desordem. Aponta Guerriero e demais autores que:

As razões espirituais, inclusive vidas passadas, podem interferir na saúde atual, e fazem parte dessa plêiade etiológica. A compreensão ou conscientização dessas ditas passagens por vidas anteriores é considerada por muitos terapeutas como um passo importante no processo de cura e, principalmente, na trilha do indivíduo rumo à sua evolução espiritual. (Guerriero et al, 2020:116).

Atrelada a crença nas vidas passadas, outra explicação que acompanham as doenças espirituais refere-se à existência do karma. Essa palavra refere-se à contração de dívidas

²⁸ Sobre o tema ver Silva, Scorsolini-Comin, 2020, Camurça, 2016.

oriundas das vidas passadas e que precisam de alguma forma serem pagas mediante algum tipo de infortúnio por aquele que provocou inicialmente a perturbação:

Verifica-se, portanto, que a noção de doença não se limita somente à fisicalidade do corpo, uma vez que se apresenta como categoria, incluindo ‘doença espiritual’, além de trazer como possibilidade, a noção de karma ao apontar a doença como consequência direta de erros cometidos, possivelmente, em vidas pregressas. Compreender a doença, então, é de suma importância para se compreender os motivos que levaram o sujeito a adoecer e não somente perder saúde como algo que se tem em sua propriedade e a qualquer momento pode ser perdido sem um porquê e mesmo que esse porquê não se desvele claramente (Brandão et al, 2022:635).

Não somente o karma pode servir de explicação para as situações vividas pelo indivíduo enfermo. Questões relacionadas ao desequilíbrio mental, como o excesso de nervosismo, desestabilizando assim a convivência com seus grupos sociais, assim como a crença da mediunidade²⁹, capacidade de comunicação com espíritos que pode estar ou não equilibrada, pode interferir diretamente na vida das pessoas. Assim a mediunidade é um complexo de experiências, que envolve a capacidade de ver, ouvir, sentir cheiros, comunicar-se com espíritos e dar “passagem” para os mesmos se comunicarem através do indivíduo. Nesse sentido, a argumentação de Scorsolini-Comin e Campos é de que a “...mediunidade pode ser definida como uma gama de experiências espirituais nas quais os sujeitos alegam estabelecer uma comunicação com seres não materiais, como espíritos de pessoas falecidas ou de outra natureza” (Scorsolini-Comin, Campos 2017:365).

Da mesma forma, sintomas considerados graves, principalmente quando não diagnosticados precocemente pelo modelo biomédico, como desmaios, dores sem causa definida no corpo, podem ser atribuídos a causas espirituais. Assim, pode-se afirmar que questões psicológicas, como também sintomas físicos sem explicação, estão em uma fronteira bastante limiar com as explicações de ordem espiritual, demandando assim um diagnóstico para posteriormente cessar os sintomas. Argumentam Rocha, Severo e Félix-Silva que:

Desse modo, situações como desmaios, dores de ordem física ou o escutar vozes também poderiam ser explicados pelos seguintes aspectos: energia espiritual em desequilíbrio; más condutas que as pessoas tiveram em tempos passados, sejam eles durante essa existência carnal ou em outras; situações de nervosismo; a influência de espíritos ruins; mediunidade não desenvolvida; e questões de cunho médico ou psicológico. (Rocha, Severo, Félix-Silva, 2019:17).

Dennise, interlocutora, mulher, parda, descreve que sua mediunidade não controlada

²⁹ Sobre o tema da mediunidade na Umbanda e na doutrina Espírita, ver Camurça, 2017, Signates, 2019.

durante sua infância lhe trazia consequências físicas e emocionais, como choros repentinos que não cessavam facilmente:

Eu ia com a minha mãe ao centro. É desde bem pequena desde 10 anos, mais ou menos, nós íamos a centros, e fomos a uns outros e tal. E aí eu comecei aos 14 anos, eu comecei, vinha da escola, sempre chorando, sempre chorando, sempre chorando e minha mãe recebia a Vovó e a Vovó me rezava e eu ficava bem e isso acontecia várias vezes até que a minha mãe conversou com a Yalorixá da época que era a Maria Luísa de Oxóssi, conversou com a mãe e perguntou, o que é que poderia ser feito. Aí ela fez uma obrigação, pedindo um tempo aos meus orixás para que eu amadurecesse e depois seguisse o meu rumo.

Assim, um indivíduo acometido por desordem, expressa a um profissional de saúde que não consegue apontar para um problema biológico, tende a buscar o reestabelecimento do seu equilíbrio (Luz, 2007) mediante um sistema popular de saúde, haja visto a necessidade de reestabelecer o equilíbrio inicial de sua vida, mesmo que a medicina oficial aponte que não há nada de errado clinicamente. Como aponta Luz:

...nas representações populares da doença, a imagem de ruptura de equilíbrio espiritual aparece frequentemente como causadora do adoecimento. A cura dependerá de resgatar esse equilíbrio. Dessa forma, os sistemas de cura que privilegiam esse aspecto têm grande aceitação nessa faixa da população. (Luz, 2008:16)

Apesar de haver descrições sobre o que é uma doença física e o que é uma doença espiritual, há situações que instigam o enfermo, sofrendo de sintomas que ele não acredita terem razões orgânicas, primeiramente procurar um médico, e somente depois, caso descartado razões físicas, buscar um religioso. Como afirma Vale:

Há uma oposição entre saberes/fazer, as doenças físicas/materiais devendo ser tratadas na alçada de competência médica e as doenças espirituais tratadas espiritualmente. A oposição entre esferas de competências reconhece a legitimidade médica, pois deve-se primeiro consultar o médico e tentar diagnosticar o problema (Vale, 2013:82).

Há outro motivo que pode levar o indivíduo a não dissociar o uso do modelo biomédico para curar sintomas aparentemente sem explicação biológica: a crença de que a parte física do corpo, com seus órgãos, sistemas, estão necessariamente em uma simbiose profunda com seu espírito. Nesse sentido, não haveria como uma ação de natureza sobrenatural não acabar obrigatoriamente afetando um órgão físico. Assim, a descrição de um estado de confusão, de tristeza, angústia, que podem passar a impressão para o profissional de saúde serem um problema psicológico, pode, rapidamente, começar a atingir órgãos físicos, em um processo que é descrito pela literatura médica pelo termo psicossomatização. Giglio-Jacquemot aponta que:

O recorte em doenças materiais e doenças espirituais não se baseiam em critérios descritivos. Ele não separa as doenças em função da parte atingida da pessoa - seu corpo ("parte material") ou seu espírito ('parte espiritual') - nem segundo suas manifestações. Nenhuma classificação nosográfica se perfila atrás dessa distinção que, também, não remete à uma oposição entre doenças físicas e mentais. Corpo e espírito estão numa relação demais simbiótica para que a doença atinja um, sem atingir o outro. (Giglio-Jacquemot, 2006:86)

A umbanda possui em seus terreiros, modos de lidar com doenças aparentemente físicas e/ou espirituais. Nesse sentido, a autora reforça que as duas partes, física e espiritual, que compõem um indivíduo estão de tal modo entrelaçados, que membros que compõe um terreiro, principalmente a pessoa com maior hierarquia, que é quem normalmente acompanha com mais afinco o enfermo, dirão para o mesmo que tratar de sua doença, independente dos sintomas, é compreender a junção contínua entre corpo e espírito. Aponta a autora que:

Na umbanda, esses dois componentes da pessoa, se são concebidos como diferentes, não são independentes: eles interagem e se penetram mutuamente. Em virtude dessa concepção, o espírito e o corpo estão implicados em toda doença, quer seja classificada na categoria das doenças materiais ou na das doenças espirituais. (Idem, 2006:86)

Dessa forma, a umbanda reconhece a legitimidade médica quando o profissional encaminha o paciente para um terreiro, sob o argumento de que não pode nada ser feito contra os sintomas vivenciados pelo enfermo. Assim, dentro da lógica umbandista, a pessoa participará de uma consulta com alguma entidade espiritual para entender o que está acontecendo com ela. Do mesmo modo, caso a pessoa visitasse um ilê de Candomblé, o procedimento oracular seria o jogo de búzios, para também descobrir o que o acomete. A prática umbandista pode inferir se de fato o que está acontecendo é da alçada do médico e, portanto, faltou perícia diagnóstica para o mesmo, ou se os acontecimentos estão atrelados a problemas espirituais e a conduta do profissional foi a correta. Vale aponta que

Reconhece-se também a legitimidade médica por encaminhar àqueles que acreditam portar 'doença espiritual' quando não há evidência do problema, que é auferido através da "entidade" ou do jogo de búzios. O que nos escapa é que esses procedimentos, que auferem sentido sobre a doença, retêm um argumento de autoridade, indicando o que é ou não da alçada médica. (Vale, 2013:82).

Há, desse modo um ambiente em que a preocupação inicial da comunidade de terreiro será cuidar do enfermo, buscando assim repassar para ele aspectos subjetivos como paz, acolhimento, visando resgatar um estado de equilíbrio, anteriormente presente. Assim, um dos trabalhos do terreiro é apagar as marcas da aflição do doente, e transmitir para ele, posteriormente, o que pode ser e será feito para extinguir seu quadro patológico. Durante esse processo, será informado se os sintomas têm uma raiz física, ou espiritual, o que,

como disse, não deixa de escapar ao argumento da interconectividade entre o corpo físico e o espiritual.

Os cuidados oferecidos pelos terreiros variam de acordo com as razões que desencadearam a aflição, havendo uma alusão constante à diferença entre causas espirituais e causas materiais ou físicas. Quando os sintomas do enfermo apontam para doenças reconhecidas como originalmente orgânicas, o suporte oferecido pelos terreiros consiste em aconselhar e orientar uma melhor alternativa para cura. Os próprios fiéis distinguem e direcionam seus sintomas em busca do tratamento que lhes parece mais eficaz... (Mota, Trad, 2011:334).

Por meio da abordagem do cuidado ao indivíduo doente, o terreiro oferece uma perspectiva em que os procedimentos estritamente técnicos da biomedicina findam se tornando defasados. Isso acontece justamente pela comunidade ali presente estar inserida, em maior ou menor nível, na mesma cultura local do indivíduo, propiciando a ele uma série de argumentações que fazem sentido culturalmente. Alves e Seminotti, argumentam que “ao trabalhar com a tríade físico-espiritual-cultural, o terreiro, com sua auto-organização, tem um modo de produzir saúde que extrapola as verdades técnico-científicas das práticas convencionais. (Alves, Seminotti, 2009:90).

3.3 Itinerários Terapêuticos

O oferecimento de serviços mágicos, bem como os aspectos relacionados ao cuidado, desperta nos indivíduos enfermos, seja curiosidade, seja certeza, de que é possível livrar-se, ou amenizar, as questões envolvidas ao processo de adoecer.

Desse modo, há um subtema na Antropologia da saúde que busca compreender os diversos caminhos traçados pelos indivíduos para os serviços de saúde. Chama-se essa trajetória de itinerários terapêuticos. Os IT's são atrelados a construções culturais sobre o que pode ser mais eficaz para cessar uma doença. Argumentam Demétrio, Santana e Pereira-Santos ser possível:

“inferir que a integralidade do cuidado em saúde-doença é fundamental na tomada de decisões à construção de IT, aproximando os processos de busca de cuidado e assistência da concepção positiva de saúde”. (Demétrio, Santana, Pereira-Santos, 2019:215).

O primeiro ponto a ser discutido é que nos IT's há uma escolha pelo enfermo em relação ao quais equipamentos/locais serão acessados para resolver sua doença. Como afirma Silva e Scorsolini-Comim:

...itinerário define, por exemplo, quais equipamentos de saúde procurar (formais, informais ou populares), a quais profissionais recorrer (médicos, enfermeiros, curandeiros ou entidades espirituais) e a partir de qual lógica responder à experiência do adoecimento” (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:8).

Alves (2015) argumenta que os IT's estão relacionados a um horizonte construído pelo enfermo, delimitadas por quem ele é, e onde está inserido socialmente. Esse local então propiciará ao doente uma forma pela qual aprende-se como se comportar perante sua situação. O pesquisador, ao se deparar com um indivíduo que esteja construindo um IT para sua doença, o faz pelo motivo de haver determinações/delimitações, apontadas pelas suas práticas culturais, que assim irão gerar condutas, comportamentos. Alves então argumenta que:

A busca e avaliação de tratamento dependem daquilo que rodeia o ator, das circunstâncias nas quais ele se encontra. Nesse sentido, o IT implica necessariamente 'horizontes'. Isso é, um fundo (situações, interações, espaços, bens, valores, princípios) copresente nos processos de busca de tratamento. Em síntese, o horizonte é como um fundo que delimita as coisas e a visão delas; é uma determinação por meio da qual as coisas se tornam visíveis. Nessa perspectiva, é importante que os pesquisadores deem mais atenção as complexas relações entre condutas e construções de significados elaboradas pelos atores sobre sua condição de saúde. É necessário não perder de vista o fato de que IT é uma forma de engajamento em uma dada situação (logo, requer aprendizagem) e, portanto, é modo prático de compreender a doença. O itinerário terapêutico explicita simultaneamente 'mundo de práticas' e 'ontologias práticas' (ou seja, nexus de significados para o entendimento do mundo da doença). Por último, é importante salientar que tais questões demandam desafios metodológicos que podem provocar abalos nos nossos sólidos princípios científicos. Talvez o reconhecimento desses desafios seja a mais dolorosa lição que temos de aprender ao lidar com os problemas suscitados pelo IT, e essa talvez seja a maior das contribuições atuais nos estudos sobre itinerários terapêuticos. (Alves, 2015:41)

Ruiz e Gergardt (2016) argumentam que o papel da família é central na construção de um IT. Isso acontece na medida em que o núcleo familiar é uma zona de contato constante, íntimo, do enfermo. Desse modo, o caminho percorrido pelo indivíduo pode ter influência do modo como sua família compreende qual o melhor caminho a ser trilhado para o resgate do seu equilíbrio físico, mental, espiritual.

O itinerário terapêutico (IT), na nossa leitura, compreende as experiências de pessoas e famílias em seus modos de significar e produzir cuidados, empreendendo trajetórias em diferentes redes que possam lhes dar sustentabilidade nessa experiência. Deste modo, olhar para o IT e as redes que o compõem permite analisar o papel que o encontro entre pessoas possui. Um encontro que, contudo, ultrapassa a dimensão biológica e técnica do cuidado ao adoecido e faz aparecer uma dimensão relacional e, conseqüentemente, simbólica, imbricada no que é posto em circulação nesses encontros. (Ruiz, Gerhardt, 2016:185).

Demétrio, Santana e Pereira concordam com a argumentação acima na medida em que ressaltam a importância da compreensão de que os IT's sejam vistos a partir de uma abordagem que leve em conta os significados atribuídos e mediados pela experiência vivida pelo enfermo. Deve então o pesquisador estar atento as complexas relações sociais

estabelecidas nos IT's. Para os autores:

os caminhos percorridos pelos sujeitos na tentativa de solucionar algum problema de saúde são carregados de significados e mediados pelas experiências, inseridos em complexas redes de relações sociais (Demétrio, Santana, Pereira-Santos, 2019:213).

Os IT's vem chamando tanta atenção dos estudos acadêmicos. É também por meio deles que os processos que estão fora da alçada da descrição/categorização das doenças puramente pelo viés biológico, se apresentam e podem servir de impulso para os estudos voltados à área das ciências humanas. Assim, o que as pesquisas devem buscar é compreender em qual ponto de contato a prática biomédica encontra a biografia do indivíduo que por sua vez está envolvida em construções culturais, advindas tanto de seu círculo de amizade, quanto por de sua família, bem como as construções psicológicas individuais que o enfermo carrega para si. Assim, pode ser afirmado que os IT's carregam em si a capacidade harmonicamente alinhar quaisquer diferenças existentes entre a *disease*, *illness* e *sickness*, o que por sua vez é de grande valia para os profissionais de saúde. Desse modo, argumentam os autores que:

Os estudos sobre IT adquiriram importância ao chamar a atenção para os fatores extrabiológicos da doença. Dessa maneira, estudiosos da socioantropologia da saúde passaram a sugerir distintas classificações de sistemas terapêuticos na tentativa de ordenar as diferentes interpretações sobre as doenças e os processos de tratamento entre as várias alternativas disponíveis em uma dada sociedade. Nesse sentido, o uso do conhecimento sobre IT pode oferecer elementos teórico-práticos capazes de proporcionar maior diálogo entre a clínica e a biografia dos sujeitos, com vistas a atos de saúde interpretativos e compreensivos que levem em conta esses e outros aspectos da história pessoal, sociocultural e do adoecimento. (Idem, 2019:205).

Outra questão a ser compreendida acerca dos IT's é a capacidade dos indivíduos buscarem sistemas diferentes, quando não antagônicos se colocados em comparação, para a obtenção da sua cura. Desse modo, um esforço antropológico para compreender tal atitude como sendo compatível com os objetivos dos IT's deve ser levado em conta, uma vez que, diferente do pesquisador, o indivíduo que se encontra em estado de enfermidade não poupará esforços, dentro das suas capacidades e acessos a serviços, para se livrar de uma enfermidade. Assinala então Portugal que “recorrer, portanto, a diferentes (e mesmo antagônicos) recursos na construção do itinerário terapêutico é algo bastante comum” (Portugal, 2014:60, Kleinman, 1988).

Diferentes indivíduos podem criar caminhos diferentes para combater uma determinada doença, agenciando assim suas ações individuais que percorrerão o tempo necessário para que o mesmo se encontre satisfeito com o serviço e sentindo que sua saúde

foi reestabelecida. Ao mesmo tempo, essas escolhas individuais tensionam e demonstram até onde vai a eficácia, bem como a integralidade das políticas públicas para a promoção da saúde da população. Segundo Soraya Fleischer e Mônica Franch, é possível concluir que:

O 'IT' não é automático, previsível, generalizável para uma mesma doença. Conhecer os ITs não implica ausência de agência dos sujeitos adoecidos tampouco, como já pontuado acima, uma ausência de agência da própria doença ao longo do tempo. Eles não se limitam aos percursos pelo sistema de saúde oficial, mas conformam outros possíveis recursos terapêuticos acionados, bem como as redes que os sujeitos vão construindo ao longo de sua trajetória com a doença. Ao mesmo tempo, os ITs elucidam o alcance e os limites das políticas sociais e de saúde, pondo a cru as dificuldades que as pessoas enfrentam na sua busca por diagnóstico e tratamento (Fleischer, Franch, 2015:24).

Dessa forma, cada indivíduo embarca em um caminho único, seguindo suas regras estabelecidas em relação ao seu nível de confiança nos profissionais ou então aos representantes de quaisquer religiões, na busca por encontrar uma linha narrativa que vá dar conta do seu problema de saúde. Existe assim uma lógica interna do porquê as ações caminharem em determinado sentido como afirma Alves:

Assim, o IT depende de uma 'lógica interna de funcionamento' dos serviços de saúde (seu 'contexto social') e das 'forças sociais' implícitas nas ações realizadas pelos atores no uso desses serviços. Assim, uma vez definidas tais 'lógicas' e 'forças', ainda que de maneira vaga, o IT é reduzido a um tipo especial de causalidade para explicitar uma determinada linha de ações ('padrões de percursos') realizadas para o tratamento à saúde. (Alves, 2015:31)

3.4 Modos de curar: complementares ou opositivos?

Tomando a umbanda como exemplo específico de uma religião onde os indivíduos podem depositar sua esperança em um itinerário terapêutico que vá dar conta de suas aflições, pode-se dizer que pela sua fama e presença em praticamente todo o território nacional o indivíduo que a procura tende a conhecer, mesmo que de modo limitado, seu funcionamento.

Quem busca um terreiro pela primeira vez possivelmente conhece a existência e presença de entidades no local, sabe da existência de consultas mediúnicas em que se fazem pedidos a espíritos para resolver os mais diversos problemas que afligem o cotidiano das pessoas. Assim, a curiosidade inicial, a busca desesperada por uma cura que pode não ter vindo de outro lugar podem ser fatores mais do que necessários para induzir as pessoas a procurarem a umbanda, que por sua vez, os acolherá e criaram uma narrativa carregada de esperança para solucionar a doença. Como afirma Spezani sobre o tema:

Pode-se afirmar que a procura pelo terreiro nunca é desprovida de

conhecimentos. Ainda que incipiente, quem vai ou quem conduz alguém ao terreiro sempre leva consigo algum conhecimento sobre possíveis benefícios que a espiritualidade pode oferecer. Logo, a chegada à casa espiritual é mobilizada a partir de alguma representação. O terreiro, micro espaço físico onde se pratica a Umbanda era, nesse caso, num primeiro momento, representado como território sagrado para projeção de esperança e busca por soluções, acolhendo aquilo que muitas vezes não foi atendido em itinerários anteriormente percorridos em outras instâncias ou instituições presentes no cenário social (Spezani et al, 2020:318).

A escolha pela Umbanda supera inclusive todos os avanços tecnológicos desenvolvidos até o momento pela medicina biomédica, ressaltando que não basta apenas uma série de procedimentos se inferirem sobre o corpo do doente, é preciso oferecer conforto e narrativas que satisfaçam o enfermo. Argumentam Purificação, Catarino e Amorim que:

No que tange a relação religião e saúde, pode-se afirmar que as tecnologias e globalização trouxeram grandes aparatos para a medicina tradicional e para as ciências de modo geral. No entanto, a busca pelas religiões está atrelada às questões como melhoria da qualidade de vida, busca da felicidade, sabedoria, autoestima, um clamor angustiado por proteção, paz, aproximação com a fé etc. respostas que muitas vezes não se encontram na medicina. Nesse contexto, a Umbanda aparece como uma religião aberta a todos... (Purificação, Catarino, Amorim, 2019:747)

A escolha por determinado terreiro de Umbanda para obter uma cura inclusive pode ser resultado de relações de amizade entre o enfermo e pessoas de seu círculo social. Nesse sentido, a fama, o histórico do terreiro em já ter curado outras pessoas é fator que impulsiona o indivíduo a buscar um centro religioso umbandista bem como previamente despertar no mesmo um sentimento de esperança de que sua cura será alcançada. Fabiana, interlocutora, em entrevista afirma seu contato primeiramente com a Umbanda se deu por esse mecanismo:

Sim! Foi através dos meus pais, né! Quando eu era bem criança mesmo, né! Que a gente tinha uma amiga, uma senhora que já era da Umbanda, é e, assim tinha amizade com meus pais, e a gente acabou, sempre que ele atendia em casa, a gente ia lá para se rezar, então eu sempre tive essa experiência de reza, né, tomar passe, desse tipo, né! Mas era uma coisa bem intimista mesmo, porque ela atendia em casa, então eu conheço a Umbanda religião desde criança. Mas só nesse sentido de reza, de você ir lá se rezar, né! Então, o meu contato foi bem de criança mesmo.

Silva e Scorsolini-Comin argumentam sobre o tema que:

Considerando-se a importância e o significado do contexto religioso no cotidiano dos sujeitos, podemos destacar que a dimensão religiosa e espiritual amplia sua credibilidade e conhecimento mediante diálogo entre consulentes que obtiveram benefícios frente ao tratamento espiritual. Nesta categoria podemos identificar que muitos dos consulentes recorrem à umbanda quando percebem o êxito do tratamento com outros consulentes, e que as realizações alcançadas por terceiros passam a ser um estímulo e uma motivação para a procura das práticas religiosas (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:240).

Ao chegar, por meio da trajetória de seu itinerário terapêutico em um terreiro, o

indivíduo estará diante de toda uma gramática de significados e ações que visam alcançar objetivos específicos ligados à sua demanda. Para isso, o ato de cuidar, pode ser extrapolado a questões que envolvam unicamente uma narrativa discursiva que busque dar sentido e acolhimento ao indivíduo. Desse modo, categorias internas pertencentes aos rituais, a cosmologia umbandista, podem ser enunciados como tratamento necessário para a cura. Como afirmam então Mota e Trad, “a palavra ‘cuidado’, porém, aproxima-se mais deste contexto religioso e revela práticas como ‘cuidar da cabeça’, ‘cuidar do corpo’, ‘cuidar do orixá’, facilmente relacionadas com a busca do bem-estar” (Mota, Trad, 2011:327).

Essa procura através da Umbanda para obter a cura de uma doença também é facilitada, diferente de alguns serviços de saúde privados, pela oferta gratuita, movida pelo ideal de caridade presente em alguns terreiros. Desse modo, o indivíduo ao constatar uma doença, sabe que em caso de falta de recursos financeiros, pode contar com o caráter gratuito da Umbanda, fator que impulsiona sua busca à religião. Como afirma Silva, Scorsolini-Comin:

Identificamos que o cenário umbandista é visto como um espaço de acolhimento físico, mental e espiritual, marcado pela assistência à saúde e pela caridade, conceituada e compreendida como forma de cuidado espiritual, o que vem atraindo novos adeptos à religião (Silva, Scorsolini-Comin, 2020:222).

Assim, o mínimo conhecimento prévio de como opera um terreiro de Umbanda, bem como sua gratuidade em relação aos serviços, transforma esses espaços em uma espécie de santuário orientado a práticas de cuidado à população. Os elementos humanos e subjetivos da Umbanda, como velas, bebidas, bem como a escuta direcionada, irão revolucionar como o indivíduo lida com a vida, como a doença. Assim, Gomes argumenta que:

Por isso, ao fim desta argumentação, reforça-se a ideia inicial de que os terreiros se constituem como um espaço de cuidado à saúde e como um tempo de possibilidades de autoconhecimento e de novas atitudes diante da vida, em função do sentido que se constrói coletivamente e que se acredita, ao menos para a multidão de pessoas que passam por esse complexo espaço/tempo chamado terreiro, profundamente marcado pelo Divino. Nele, há dores, velas, abraços, escuta, conhecimento, manutenção de uma sabedoria específica, flores e seres humanos se constituindo como tais e reconstruindo suas vidas diante das impossibilidades da existência e da característica ontológica da limitação e da morte que nos é própria (Gomes, 2021:3)

Brandão acerca do tema da escuta, afirma que a mesma, principalmente quando acompanhada de pessoas mais velhas, e, portanto, com mais vivência das práticas religiosas, dos rituais, dos discursos, das capacidades encontradas na Umbanda, têm o poder de ser traduzida em cura para o enfermo, por meio de uma reverberação psicológica

que findará atuando no corpo físico do consulente. Argumenta o autor que:

Outrossim, destaca-se o cuidado em saúde através, principalmente, da escuta e dos conselhos ‘dos mais velhos’, cujo foco nem sempre é a saúde física, mas o emocional e o psicológico que podem, a partir daí, reverberar em seus corpos e traduzir-se em cura (Brandão, 2021:634)

Lages (2012) traz um argumento interessante para compreender o papel e a importância da escuta dentro de um terreiro. A autora chama a atenção para a figura dos pretos-velhos, que como disse no capítulo anterior, repassam uma imagem de indivíduos que foram escravizados durante o período colonial brasileiro, bem como repassam a imagem de pessoas idosas, pacientes, que sabem e gostam de escutar além de saberem aconselhar as pessoas sobre seus problemas. Assim, esse papel desempenhado por essa classe de entidades além de estar presente em grande parte dos terreiros no Brasil, bem como ser comum a procura dos mesmos pelos indivíduos aflitos por doenças, também conseguem desempenhar um papel ligado a integralidade, aspecto que vale lembrar é caro à Organização Mundial de Saúde, bem como às políticas públicas desenvolvidas pelo Sistema Único de Saúde, como argumentei anteriormente. Dessa forma, argumenta Lages que:

A atenção do Preto-velho aos consulentes, a escuta, sua paciência e compreensão dos problemas humanos, suas orientações quanto aos tratamentos e mudanças no estilo de vida atuam no sentido do que o Humaniza SUS tanto anseia, e aqui uma outra possibilidade de diálogo se configura, oportunidade em que, de forma simbólica, a entidade teria muito o que ensinar aos médicos e equipes de saúde do SUS. Dessa forma, os procedimentos terapêuticos utilizados nos terreiros – os chás, as ervas, a água, a crença em entidades sobrenaturais, a escuta das entidades, o acolhimento dos médiuns e cambones, a visão integralizada da saúde, condizem com o que é preconizado pela Organização Mundial da Saúde, conforme documentos apresentados. (Lages 2012:409).

A integralidade está ligada ao corpo do médium, que possuído pela entidade, desempenhará pelo seu modo de falar, de se comportar, de manipular objetos rituais, transmitindo com a mais veracidade possível a presença de um ser sobrenatural para o enfermo. Por sua vez, o doente, movido e convencido pela coletividade do terreiro que se empenhou em construir um momento com toda a ritualística ímpar do local, irá se aproximar da entidade e começar a relatar o que se passa com seu corpo e/ou sua mente. Como argumenta Junior:

O corpo se performatiza a cada incorporação e estabelece um contato sensível com os clientes e médiuns. Os seus movimentos servem também para estabelecer características de cada uma das entidades e colocá-las num nível de compreensão visual que aproxima os que desejam se consultar, ouvir conselhos, pedir, agradecer ou apenas observar. As entidades, que possuem arquétipos comportamentais construídos ao longo da história da Umbanda, precisam de um corpo que compreenda estes sinais, estes códigos corporais para que o culto se

cumpra na sua totalidade. O espírito para se manifestar na gira precisa deste corpo e o médium, momentaneamente, se deixa levar pelo outro, pelo transcendente, pelo sagrado. O corpo do médium estará sempre a serviço do múltiplo, que não anula, soma. O corpo é uma das moradas das entidades. (Junior, 2021:13)

É importante salientar que o enfermo terá acesso a rituais, discursos, de um determinado terreiro, mediante o respeito com a tradição consolidada do local. Diante disso, a tradição religiosa encontrada dentro do local, não permitirá questionamentos acerca da ordem de utilização de elementos físicos bem como os rituais em que são manipulados seguindo pré-determinadas ordens. Mandarinó e demais autores argumentam então que:

Elementos comunicativos, interações sociais e acolhimentos são registrados no momento da consulta. Contudo, a primazia e a hierarquia do sobrenatural encontram-se pautadas neste processo terapêutico, não permitindo espaços para questionamentos acerca das prescrições terapêuticas assim como dos elementos a serem utilizados. (Mandarinó, et al, 2012:9)

Um terreiro de Umbanda como local mágico em que a cura para as doenças pode ser acessada, funciona por meio de dois procedimentos: rituais específicos que obedecem a tradição do local, bem como humanização do atendimento de sua clientela. Esses dois movimentos geram um sentimento de coletividade, em que todos estão trabalhando com e por um objetivo específico. Desse modo, a cura, e a eficácia que advém antes da chegada da mesma, fica em segundo plano nos processos relacionados a saúde-doença. Como bem afirma Silva e Scorsolini-Comin:

Pode-se concluir que a umbanda, ao ser situada como equipamento popular de saúde, permite a emergência de uma noção de eficácia que ultrapassa o modelo biomédico, em um modelo de integralidade e de humanização. Nesse novo paradigma, a eficácia deixa de ser uma evidência que comprova a melhora, a cura ou a evolução e passa a ser indício que destaca as expectativas produzidas pela coletividade e que legitimam um determinado espaço como sendo de cuidado e de acolhimento e determinada prática mágica como sendo um procedimento para o restabelecimento da saúde (Silva, Scorsolini-Comin 2020:247-248).

Desse modo, quero chegar ao argumento central dessa tese mediante o que foi observado na Tenda Espírita São Lázaro bem como as entrevistas que realizei com os médiuns, com o Pai de Santo do local bem como com frequentadores que buscaram o local para se curar de algum problema de saúde.

Minha conclusão é que para a maioria das pessoas que possuem algum tipo de vínculo com a TESL, as práticas locais de saúde estão em uma relação de complementaridade com as práticas da medicina “oficial”. Fabiana por exemplo argumenta que:

Ah, eu acho que é complementar, né? É complementar, com certeza. Você imagina no meu caso, eu já faço meu tratamento, já tenho um ano, né? E em

paralelo com isso, eu vou às consultas, eu faço (...) nunca me pediram assim para fazer um trabalho, alguma coisa assim. Só o rapaz ou entidade do rapaz lá que me passou o banho. Não? Então, assim de cura, né? Porque aquela erva vai ter um efeito para curar as minhas feridas, ok? Tem a vovó lá que benzeu o azeite para eu passar na mama. Então assim, é complementar, né? O fato de eu acreditar, acho que potencializa isso, né? Que eles te pedem ou te orientam, olha. Passa esse olhinho aqui e tal. Ela benzeu e eu passei. Eu acho que seria a mesma coisa do que eu ir na igreja e o padre benzer uma garrafa d'água e, eu beber aquela água benzida, né? Então assim, só complemento, eu acho que complemento, né? O seguinte, você segue o tratamento não na medicina tradicional e, em complemento, os tratamentos com a espiritualidade.

Cláudia também concorda com a visão de Fabiana.

Sem sombra de dúvida, complementa. Tudo, complementa, entendeu? É uma junção de coisas. Então assim, complementa, existem casos que a gente sabe que um banhozinho de erva funciona. Como um analgésico também funciona, né? E outras coisas a gente tem mais dificuldade, então tudo vem a somar, vem a contribuir para a cura.

A mesma visão sobre o assunto é relatada por Rita:

Eu acho! Eu acho que a gente sempre deve ir ao médico também, além de cuidar espiritualmente (...) tem que (...) o médico também. Não, existe, existe, mas eles nunca falam (...) para deixar de ir ao médico de branco. Mas eles curam! Eu acredito que eles curam. Só que elas nunca falam: “ah, não vai ao médico, não! Trata só aqui comigo.” Jamais eles vão fazer isso. Eles curam, mas sempre pedem para a pessoa acompanhar o médico também. Ah, de repente, né? Uma pessoa piorar às vezes é uma coisa mais séria, né? E aí, ficando só no banho de erva, só nos padeiros e na coisa. Pô, você pode piorar de uma outra maneira. Então, para se resguardar, não ficar com aquela culpa, né? Eles atribuem-na sempre também ao médico. Não deixar de fazer o tratamento médico.

Joseane, mulher, preta, também relata ser uma relação complementar:

Complementar. Eles complementam tudo em volta. Complemento eu vou dizer uma coisa para vocês jamais, jamais. Não sei se nos outros terreiros eu não frequento outro terreiro, mas eu tenho certeza que jamais pai Nando vai falar assim, olha para de tomar esse remédio e toma só esse chá, porque preto velho falou que eu preciso tomar chá, isso nunca vai acontecer lá naquela casa. Que o doutor, o criador, deu sabedoria ao homem para aquele homem que trabalha de branco poder dar medicamento e você que está de branco aqui faz as suas rezas. Os dois se unirem e faz o trabalho isso sim. Uma coisa jamais vai substituir a outra.

Esse argumento é previsto na literatura sobre o tema, como por exemplo em Portugal (2016), quando a autora argumenta que “não se pode deixar de lado, porém, a consideração de que a religião é capaz de dar um sentido à doença, à cura e à saúde, o que aponta para a complementaridade existente entre religião e medicina...” (Portugal, 2016:8).

Minha discordância com a autora, mediante os depoimentos das entrevistas dá-se pelo argumento de que não há uma prevalência do lado espiritual sobre o lado material das doenças, mas sim um enquadramento contextualizado em relação a cada tipo de doença que o enfermo comporta em si. A autora argumenta que:

pode-se perceber que os diversos atores sociais envolvidos frequentemente acabam por conferir à segunda uma supremacia sobre a primeira, no sentido de buscar um referencial mágico-religioso como explicação para a doença. (idem, 2016:8)

Uma das entrevistadas que é membro do terreiro, Sandra, mulher, preta, discordou em relação dos demais entrevistados, ao afirmar que as práticas de saúde encontradas na TESL e no sistema “oficial” são antagonistas, por meio da falta de acolhimento que a mesma relatou em relação ao modo como médicos tratam seus pacientes, de forma fria e burocrática, enquanto que no terreiro, há um processo de cuidar, escutar, acolher os indivíduos, como já relatado a partir dos estudos de Lacerda, Valla, (2008) e Silva, Scorsolini-Comin, (2020). Como disse a interlocutora:

É mais carinho, né? Entendeu? Eu acho que dá um pouco mais de aconchego. Verdade, verdade! (...) Não, eu acho. Eu acho que o procedimento do espiritismo, ele te acalma, quando manda você tomar um banho, quando manda você fazer alguma coisa assim, entendeu? Eu acho que te acalma mais do que a medicina tradicional. Eu acho que é para manter a confiança. Sei lá, para dar um pouco de paz, sei lá, não sei, não tenho uma resposta específica para isso, não tenho uma resposta específica, mas foi o que falei. Eu acho que o espiritismo te conforta, a maioria te conforta. Não, não teria, não teria. Eles conversam assim. Fala uma coisa para todo mundo, sabe? E o lado do espiritismo não. Já... já... tem um outro lado, uma outra conversa, sabe? Isso é meu modo de pensar. Isso. Isso é tipo a caneta. Você vai falando, ele [o médico] vai na caneta, entendeu? Passa o remédio... E o espiritismo não, já te conforto, já te conversa já te dá um parecer, já fala uma outra coisa ou vem assim ser o seu passado, sabe? Te lembra de alguma coisa, entendeu?

Na TESL, porém, todo o ambiente construído para as consultas das entidades, que podem ser acessadas para buscar a solução para um quadro de doença, não apaga a importância do tratamento médico. Pai Fernando, por exemplo, em sua entrevista, afirma categoricamente que nunca deixaria de indicar a consulta médica a uma pessoa que vá até a TESL buscando consultar-se com as entidades do local:

Complementariedade porque, na verdade, de novo, a gente não vai negar as funções da medicina comum, né? Como é que chama? Legal. Medicina tradicional? (...) Não vamos negar porque, por exemplo, se eu sou o médico e eu recomendo a você que você pare de usar determinado... mude determinado hábito, como por exemplo, comer carne vermelha, porque vai aumentar as suas, enfim, os seus glóbulos vermelhos. Enfim, eu não sei o que faz direito, que eu não entendo a função. Ok, então se um, se eu sou o médico e o médico me recomenda isso. E eu entendo o seguinte, caramba, mas esse médico me recomendou isso, então eu vou lá no preto velho pra ver o que que o preto velho vai me dizer? Aí eu vou lá no preto velho ele vira pra mim e fala assim, filho, o que você precisa agora é tomar o chá desintoxicante disso, disso, disso, daquilo. Eu, Fernando, eu estou falando por mim, tá? Eu não estou falando de qualquer outra pessoa, eu, Fernando, vou literalmente, fazer a diminuição da carne vermelha e vou tomar o chá. Então é esse o momento que um vai complementar o outro. Mas eu nunca vou deixar de fazer é de continuar comendo a carne vermelha numa churrascaria enorme e tomando chá. E não vou só deixar de comer a carne vermelha para tomar só o chá, entende? Então eu acho que nós precisamos ter uma inteligência emocional para frequentar essas duas casas. Vamos botar assim o banho, o padê, a beberagem, o emplastro, a obrigação, elas

vão te trazer a paz emocional, sim... vão te trazer a paz espiritual? Sim, no caso das que se ingerem, como os chás e as coisas, vão te trazer o resultado químico. Sim, que você está buscando através daquela homeopatia aplicada, mas você não pode nunca de novo, né? Isso eu gostaria que ficasse muito registrado no seu trabalho, como um zelador falando. A gente não pode, nunca, negar a existência da medicina tradicional e os e a ciência que foi desenvolvida através desses séculos para que nós chegássemos no que nós temos hoje, porque senão nós caímos, Herson.

O argumento de que as práticas de saúde na Umbanda, especificamente na TESL são complementares aos processos biomédicos também são constatados no estudo de Alves e Seminotti, (2009), quando os autores não apenas argumentam que as práticas de saúde entre terreiros e práticas biomédicas praticadas no SUS são complementares mediante uma construção dos próprios consulentes, bem como aos mesmos cabe o papel de responsabilizar-se por si e buscar atendimento médico para suas doenças, independente se está frequentando ou não um terreiro. Argumentam os autores que:

Na perspectiva do terreiro, na maioria das vezes as terapêuticas tradicionais não concorrem com os tratamentos do SUS, tampouco entram em conflito. Essas práticas são entendidas por seus adeptos como complementares, implicando-os e co-responsabilizando-os no cuidado à saúde (Alves, Seminotti, 2009:89).

Couto chama a atenção para o contexto em que dois modos de lidar com a saúde coexistem, com o paciente enquanto agente intermediário. A autora argumenta que:

...relativizar o papel da biomedicina entre os demais sub-sistemas de cuidado e, igualmente, reconhecer que, no nosso contexto, a relação entre os três subsistemas não implica, na maior parte dos casos, em oposições, concorrências e antagonismos entre si, mas complementaridades. Entre os diversos aspectos sob os quais se vem estudando essa complexa relação, destacaremos aqui a perspectiva comunicacional. A comunicação é entendida no sentido de que, para além do encontro físico entre profissional de saúde e paciente no contexto da assistência, estão colocadas em interação diferentes experiências, compreensões e expectativas acerca do problema a ser cuidado, isto é, diferentes produções de significados em cada um dos lados dessa relação. Assim, a cultura de cada sujeito estará igualmente presente e interferindo neste 'encontro'. (Couto, 2012:157).

Posso argumentar então que a Umbanda e as práticas biomédicas de saúde podem estabelecer pontes entre si, visando cada uma dar conta da demanda do paciente sem ultrapassar barreiras sociais existentes em ambas.

CONCLUSÃO

No presente trabalho, procurei demonstrar no capítulo um que a Umbanda é uma religião afro-brasileira, resultado da sistematização de cultos que desembarcaram no Brasil com os povos que foram escravizados no oeste do continente africano. Os cultos umbandistas configuram-se a partir de uma absorção e reinvenção de elementos internos de outras práticas religiosas existentes no território brasileiro desde o século XVI, como o catolicismo existente em Portugal e transportado para cá, ou mesmo aqueles que chegaram a partir do século XX, como o espiritismo kardecista de origem francesa.

A convivência da Umbanda, religião com forte presença de pessoas pretas, bem como o medo mágico que suas práticas despertam nos indivíduos não praticantes da mesma, a torna alvo de perseguição, embasado no racismo existente no Brasil desde os tempos da colônia, e coordenado por instituições brasileiras que quando não querem seu controle, esvaziando sua configuração mais próxima das práticas ditas africanas, almejam o seu fim, alimentando todo tipo de violência sobre esta religião afro-brasileira.

Desta forma, para a Umbanda não restou outro caminho a não ser ao longo da sua existência encontrar modos de sobreviver e tentar conciliar o nível de violência imposta a mesma. Esta luta vem dando frutos políticos, com a formação de movimentos sociais que denunciam a intolerância religiosa sobre a mesma e busca junto ao Estado garantir que seu direito de existir persista.

No capítulo 2, por sua vez, busco demonstrar que as práticas rituais observadas por mim na Tenda Espírita São Lázaro apontam para a grande variedade de organização, que os cultos umbandistas podem apresentar para aqueles que frequentam a religião. Desta forma, as consultas com duas classes de entidades, pretos-velhos e Exus/Pombagiras, as rezas no mês de agosto, se apresentam como uma forma singular pela qual a comunidade de consulentes podem entrar em contato com o mundo espiritual umbandista, de modo que suas angústias possam ser externalizadas de modo individual e profundo, reforçando assim um sentimento de que a Umbanda é um espaço de acolhimento para aqueles que a procuram.

No capítulo 3, procurei refletir sobre como as categorias de saúde e doença escapam do viés estritamente biomédico, na medida em que os grupos sociais criam, a partir de suas referências locais, explicações acerca desses temas.

Assim, as práticas de saúde do sistema biomédico, como cirurgias, medicamentos, não são a única forma pelas quais os indivíduos buscam manter a saúde ou recuperarem-se de alguma doença. Deste modo, a Umbanda, enquanto religião que possui discursos

acerca da origem da saúde, da doença e com seus rituais e elementos mágico-religiosos, como pipocas, banhos de ervas, padês, óleos, apresenta-se como um espaço em que através das entidades presentes nela, promovem acolhimento, explicação e esperança na busca pela qualidade de vida de seus consulentes, ou a busca pela extinção de doenças que acometem os indivíduos.

Assim, é possível concluir que as práticas umbandistas encontradas na TESL convivem em uma relação de complementaridade com as práticas médicas ditas “oficiais”, demonstrando haver uma tentativa de estabelecer um diálogo entre aquilo que ensinado nas universidades, chancelado pelo Estado, e as práticas religiosas encontradas na TESL.

A literatura demonstrou haver um preconceito ainda presente na classe de profissionais ligados à saúde no que concerne práticas que não estejam ligadas a ciência médica. Ao mesmo tempo, esforços têm sido feitos, por meio das instituições, como universidades e o próprio Estado brasileiro, em uma tentativa de transformar o atendimento médico em uma situação mais humanizada, em que os discursos dos pacientes não sejam vistos como algo descartável, mas sim, o fruto de um contexto social pelo qual, se o profissional não estiver disposto a ouvir, pode causar um distanciamento entre o doente e o mesmo, levando a ações que não estão de acordo com a medicina, mas ao mesmo tempo fazem sentido para certos grupos sociais. Assim, busca-se estabelecer uma relação de mão dupla, em que o médico, munido de seus conhecimentos científicos, irá caminhar ao lado do paciente para que ambos cheguem a um denominador comum e o tratamento médico faça sentido para o enfermo.

Esta tese, assim, não busca esgotar o assunto acerca das práticas complementares entre o modelo “oficial” de saúde e a Umbanda, mas apontar para a possibilidade de olhar temas como saúde, doença, corpo, como categorias que são acionadas cotidianamente pelos indivíduos dentro de seus contextos sociais diversos. Tais categorias geram práticas que irão conduzir o cotidiano dos indivíduos em relação a saúde e a doença, impactando assim tanto o indivíduo, quanto aqueles que estão próximos dele.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRANTES, Samuel Sampaio. Atotô obaluayê ajuberu: um olhar semiológico sobre a indumentária de obaluayê. 1996.
- AGUIAR, Camilla Fogaça et al. Deus abençoe São Gonçalo-Uma prefeita na linha de frente da Guerra Santa. 2018.
- ALMEIDA, Leonardo Oliveira de. Eu sou o ogã confirmado da casa: ogãs e energias espirituais em rituais de umbanda. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2018. 214 p.
- ALVES, Miriam Cristiane; SEMINOTTI, Nedio. Atenção à saúde em uma comunidade tradicional de terreiro. Revista de Saúde Pública, v. 43, p. 85-91, 2009.
- ALVES, Paulo César. Itinerário terapêutico e os nexos de significados da doença. Política & Trabalho, n. 42, 2015.
- AMADIGI, Felipa Rafaela et al. A antropologia como ferramenta para compreender as práticas de saúde nos diferentes contextos da vida humana. REME-Revista Mineira de Enfermagem, v. 13, n. 1, 2009.
- AMARAL, Rita; DA SILVA, Vagner Gonçalves. Foi conta para todo canto: as religiões afro-brasileiras nas letras do repertório musical popular brasileiro. Afro-Ásia, n. 34, p. 189-235, 2006.
- ANDRADE, João Tadeu de; COSTA, Liduina Farias Almeida da. Medicina complementar no SUS: práticas integrativas sob a luz da Antropologia médica. Saúde e Sociedade, v. 19, p. 497-508, 2010.
- ANDRADE JUNIOR, Lourival Exus, Pomba-giras e pretos velhos: o cemitério como espaço sagrado de pertencimento. Diálogos, v. 25, n. 3, p. 8-37, 2021.
- ANDREI, Elena Maria. Coisas de Santo: Iconografia da imaginária Afro-brasileira. 1994.
- ANTUNES, Priscilla de Cesaro. Práticas corporais integrativas: experiências de contracultura na atenção básica e emergência de um conceito para o campo da saúde. 2019.
- ARAÚJO, Kristiane Alves; REPETTO, Maxim. A BUSCA POR SAÚDE E A CONSTRUÇÃO DE ITINERÁRIOS TERAPÊUTICOS EM TERREIROS DE CANDOMBLÉ NA CIDADE DE BOA VISTA/RR. Textos e Debates, v. 2, n. 30, 2016.
- ARRIBAS, Célia da graça. Espiritismo: entre crime e religião. Mneme-Revista de Humanidades, v. 12, n. 29, 2011.
- AZEVEDO, Carolina Perozzi Guedes de. Francesco Redi (1626-1698) e alguns contemporâneos: contribuições para a discussão sobre a origem dos seres vivos no século XVII incorporadas a uma narrativa histórica. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- BACKES, Marli Terezinha Stein et al. Conceitos de saúde e doença ao longo da história sob o olhar epidemiológico e antropológico. Rev. enferm. UERJ, 2009.
- BARBOSA, Keith; GOMES, Flavio. Doenças, morte e escravidão africana: perspectivas

historiográficas IN: Escravidão, doenças e práticas de cura no Brasil. *Ciência e Letras*, n. 44, p. 237-259, 2016.

BARBOSA, Wilson do Nascimento. Da Nbandla à Umbanda: Transformações na cultura afro-brasileira. *Sankofa* (São Paulo), v. 1, n. 1, p. 7-19, 2008.

BARROS, Cristiane Amaral de. Iemanjá e pomba-gira: imagens do feminino na Umbanda. 2006.

BARROS, Cristiane Amaral. Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na umbanda. 2006. 313 f. 2006. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

BARROS, José Flávio Pessoa de; NAPOLEÃO, Eduardo. Ewé Òrìsà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé Jêje-Nagô. Bertrand Brasil, 2003.

BARROS, Sullivan Charles. A Simbólica da Violência e da Transgressão no Universo da Quimbanda. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 5, n. 1, p. 107-127, 2007.

BARROS, Sullivan Charles. Geografia Mítica da Umbanda: Usos e Apropriações Simbólicas dos Espaços Urbanos. *Revista Espaço e Geografia*, v. 10, n. 1, p. 23-49, 2007.

BASTIDA, Ana Cecília Finamore et al. Uso de Fitoterápicos e Plantas Medicinais na Prática Clínica: Aceitação pela Comunidade Médica. *Saúde dinâmica*, v. 1, n. 1, 2019.

BASTIDE, Roger. As Religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra, EDUSP, 1971. v. 1

__, Roger. As Religiões Africanas no Brasil Contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editôra, EDUSP, 1971. v. 2

BENEDITO, Júlio Cezar. religiões e religiosidades populares. o conflito religioso e a simbiose de ritos e performances entre neopentecostais e afro-brasileiros. *Universitas humanística*, n. 61, p. 231-253, 2006.

BERGO, Renata Silva. Quando o santo chama: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática. 2010.

BIRMAN, Patrícia. Transas e transes: sexo e gênero nos cultos afro-brasileiros, um sobrevôo. *Revista estudos feministas*, v. 13, p. 403-414, 2005.

BITTENCOURT FILHO, José. Matriz religiosa brasileira: religiosidade e mudança social. Editora Vozes, 2003.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo* (São Paulo-1991), v. 16, n. 16, p. 201-218, 2007.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRAGA, Maria Nelma carvalho. O município de São Gonçalo e sua História. Niterói: Edição Independente, 2006.

- BRANDÃO, Juliana de Lima et al. A cultura do cuidado em saúde na umbanda: reflexões baseadas nas epistemologias do sul. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 32, n. 4, p. 631-644, 2022.
- BROWN, Diana et al. Uma história da umbanda no Rio. *Cadernos do ISER*, v. 18, n. 1, p. 9-42, 1985.
- BUSS, Paulo Marchiori. Promoção da saúde e qualidade de vida. *Ciência & saúde coletiva*, v. 5, p. 163-177, 2000.
- CALDAS, Glícia. A magia do feitiço: apropriações africanas no Brasil Colônia. *Acolhendo a Alfabetização nos Países de Língua Portuguesa*, v. 1, n. 1, p. 127-144, 2007.
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. *Kardecismo e umbanda: uma interpretação sociológica*. 1961.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. Entre o carma e a cura: tensão constitutiva do Espiritismo no Brasil. *PLURA Revista de Estudos de Religião/Anais do XIV Simpósio Nacional da ABHR*, Juiz de Fora, v. 7, n. 1, p. 230-251, 2016.
- CAMURÇA, Marcelo. A teoria do 'continuum mediúnico' de Cândido Procópio Camargo nos anos 1960-1970: atualizações e transformações contemporâneas. *Religare*, v. 14, p. 05-27, 2017.
- CANESQUI, Ana Maria. Os estudos de antropologia da saúde/doença no Brasil na década de 1990. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 8, p. 109-124, 2003.
- CAPRARA, Andrea. Médico ferido: Omolu nos labirintos. *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz: Relume-Dumará, p. 123-138, 1998.
- CAPRARA, Andrea. Uma abordagem hermenêutica da relação saúde-doença. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 19, p. 923-931, 2003.
- CARDOSO, Vânia Z.; HEAD, Scott C. Encenações da descrença: a performance dos espíritos e a presentificação do real. *Revista de Antropologia*, p. 257-289, 2013.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura; STEIL, Carlos Alberto. A sacralização da natureza e a 'naturalização' do sagrado: aportes teóricos para a compreensão dos entrecruzamentos entre saúde, ecologia e espiritualidade. *Ambiente & sociedade*, v. 11, p. 289-305, 2008.
- CARVALHO, Juliana Barros Brant; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Umbanda e quimbanda: alternativa negra à moral branca. *Psicologia USP*, v. 30, 2019.
- CAVALCANTE, Maria Michelle Bispo et al. Contribuições da antropologia na área da saúde no Brasil: Revisão Sistemática. *Cadernos ESP*, v. 7, n. 1, p. 38-47, 2013.
- CHAVES, Kelson Gérison Oliveira. *Os trabalhos de amor e outras mandingas: A experiência mágico-religiosa em terreiros de umbanda*. 2010.
- CHEVALIER, Jean. *Gheerbrant. Dicionário de símbolos. Mitos, sonhos, costumes, figuras*, v. 7, 1988.

CHIESA, Gustavo Ruiz. "A sua religião é a Antropologia": histórias e (des) caminhos de um antropólogo-aprendiz em um terreiro de Umbanda. *Religião & Sociedade*, v. 40, p. 215-236, 2020.

COMPARIN, Karen Andréa; SCHNEIDER, Jacó Fernando. O corpo: uma visão da antropologia e da fenomenologia. *Revista Faz Ciência*, v. 6, n. 1, p. 173-173, 2000.

CORDEIRO, Maria Audirene de Souza. Entre a norma e a borda: uma análise da constituição da crença na medicina oficial como única prática legítima de cura no Brasil. *Wamon-Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM*, v. 2, 2017.

CORRAL, Janaina Leite de Azevedo. *Mídia & Cidadania: Websites de Templos Afro-religiosos como ferramenta de combate à Intolerância*. 2015.

COSTA, Grasielle Aires da. O conceito de ritual em Richard Schechner e Victor Turner: análises e comparações. *Revista aSPAs*, v. 3, n. 1, p. 49-60, 2013.

COUCEIRO, Sylvia Costa. Médicos e "charlatões": conflitos e convivências em torno do 'poder de cura' no Recife dos anos 1920. *Mneme-Revista de Humanidades*, v. 5, n. 10, 2004.

COUTO, Marcia Thereza. Contribuições da antropologia médica para a medicina. *Revista de Medicina*, v. 91, n. 3, p. 155-158, 2012.

CRUZ, Ana Carolina Dias; ARRUDA, Ângela. O povo de rua em terreiros de umbanda da cidade do Rio de Janeiro. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 27, p. 100-126, 2014.

CYRINO, Carolina De Oliveira; MARQUES, Pâmela; ANJOS, José dos. O que fazer com toda essa gente preta?: racismo científico e cativados do pós-abolição. *Simbiótica. Revista eletrônica*. Vitória, ES. Vol. 9, n. 2 (maio/ago. 2022), p. 23-49, 2022.

DEMÉTRIO, Fran; SANTANA, Elvira Rodrigues de; PEREIRA-SANTOS, Marcos. O itinerário terapêutico no Brasil: revisão sistemática e metassíntese a partir das concepções negativa e positiva de saúde. *Saúde em Debate*, v. 43, p. 204-221, 2019.

DIAS, Rafael de Nuzzi. *Correntes ancestrais: os pretos-velhos do Rosário*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2011.

DIAS, Rafael de Nuzzi; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. Aquém e além do cativado dos conceitos: perspectivas do preto-velho nos estudos afro-brasileiros. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, v. 20, p. 145-176, 2011.

DIETERLEN, Germaine. Classification des végétaux chez les Dogon. *Journal des africanistes*, v. 22, n. 1, p. 115-158, 1952.

DIMENSTEIN, Magda et al. Desigualdades, racismos e saúde mental em uma comunidade quilombola rural. *Amazônica-Revista de Antropologia*, v. 12, n. 1, p. 205-229, 2020.

DOLER, Édila et al. Olubajé: O discurso religioso para o ritual de agradecimento no Ilê Asè Iyà Ogunté. *Revista Internacional de Folkcomunicação*, v. 18, n. 40, p. 80-95, 2020.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas. Zahar, 1988.

DURÃES, Fabíola Alice dos Anjos; OLIVEIRA, Adriano Dias de; MONTEIRO, Paulo Henrique Nico. Edward Jenner e a Primeira Vacina: estudo do discurso expositivo adotado num Museu de Ciência: estudo do discurso expositivo adotado num Museu de Ciência. *Khronos*, n. 7, p. 15-15, 2019.

DURKHEIM, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

ESCOREL, Sarah; TEIXEIRA, Luiz Antonio. História das políticas de saúde no Brasil de 1822 a 1963: do Império ao desenvolvimento populista. In: Políticas e sistema de saúde no Brasil. 2012. p. 279-321.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan; DE CASTRO, EDUARDO VIVEIROS. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Zahar, 2004.

FEITOSA, Maria Helena Alves *et al.* Inserção do conteúdo fitoterapia em cursos da área de saúde. *Revista Brasileira de Educação Médica*, v. 40, p. 197-203, 2016.

FERNANDES, Dalvana; FAVARO, Jean Felipe. Sexualidade feminina no contexto religioso umbandista: a transgressão do ordinário sob o arquétipo da pombagira. *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, v. 11.

FERNANDES, Saulo Conde. Entre linhas e falanges: a diversidade da umbanda na contemporaneidade. *Anais do I Simpósio Regional Sudeste da ABHR (Associação Brasileira de História das Religiões)*. São Paulo, USP, 2013.

FERREIRA, Luiz Alberto Peregrino et al. O conceito de contágio de Girolamo Fracastoro nas teses sobre sífilis e tuberculose. 2008.

FERRETTI, Sérgio E. Sincretismo afro-brasileiro e resistência cultural. *Horizontes Antropológicos*, v. 4, p. 182-198, 1998.

FLEISCHER, Soraya; FRANCH, Mónica. Uma dor que não passa. *Política & Trabalho*, v. 42, p. 13-28, 2015.

FONSECA, Maria Rachel Fróes da. Fontes para a história das ciências da saúde no Brasil (1808-1930). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 9, p. 275-288, 2002.

FREITAG, Vera Lucia et al. Benefícios do Reiki em população idosa com dor crônica. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 23, p. 1032-1040, 2014.

FREITAG, Vera Lucia; DE ANDRADE, Andressa; BADKE, Marcio Rossato. O Reiki como forma terapêutica no cuidado à saúde: uma revisão narrativa da literatura. *Enfermería Global*, v. 14, n. 2, p. 335-356, 2015.

FREITAS, Ricardo Oliveira de et al. Religiões afro-derivadas na web: cyberterreiros e afrodiáspora global. 2010.

FRIGERIO, Alejandro. A transnacionalização como fluxo religioso na fronteira e como campo social: Umbanda e Batuque na Argentina. 2013.

FURTADO, Júnia Ferreira. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 41, p. 88-105, 2005.

GALVÃO, Márcio Antônio Moreira. Origem das políticas de saúde pública no Brasil: do Brasil-Colônia a 1930. *Caderno de Textos do Departamento de Ciências Médicas da Escola da Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto*, p. 1-33, 2009.

GARCIA, Daniel et al. Defumadores com possível efeito ansiolítico utilizados no centro de umbanda caboclo ubirajara e exú ventania, diadema, SP: um estudo etnofarmacológico. *Ethnoscintia-Brazilian Journal of Ethnobiology and Ethnoecology*, v. 1, n. 1, 2016.

GIGLIO-JACQUEMOT, Armelle. Médicos do Astral e Médicos da Terra. As relações da Umbanda com a Biomedicina. *Mediações*, v. 11, n. 2, p. 83-98, 2006.

GIUMBELLI, E. O chute na santa: blasfêmia e pluralismo religioso no Brasil. In: Patrícia Birman. (Org.). *Religião e Espaço público*. São Paulo: Attar/PRONEX, 2003, p. 169-199, 2003.

GOMES, Antonio Marcos Tosoli. O terreiro de umbanda como espaço de cuidado: algumas reflexões. *Revista Baiana de Enfermagem*, v. 35, 2021.

GOMES, Kelly Brum Citelli et al. Expansão e transformações urbanas no município de São Gonçalo/RJ: a produção social do espaço nos bairros de Porto Novo e Gradim. 2021.

GUERRIERO, Silas et al. Concepções de saúde, cura e doença no ethos nova era: um estudo piloto entre terapeutas holísticos de São Paulo e Florianópolis. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 18, p. 106-119, 2020.

HELMAN, Cecil G. *Cultura, saúde e doença*. Artmed Editora, 2009.

HERNANDEZ, Leila Leite. O Olhar Imperial e a invenção da África. In: *A África na sala de aula: visita à história Contemporânea*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

HOLANDA, Violeta Maria de Siqueira. Obaluaiê: um estudo sobre o estigma no convívio com o HIV/Aids em terreiros de Umbanda na cidade de Fortaleza-Ceará. 2013.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. *Educação*, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

IRIART, Jorge Alberto Bernstein; CAPRARA, Andrea. Novos objetos e novos desafios para a antropologia da saúde na contemporaneidade. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 21, p. 1253-1268, 2011.

ISAIA, Artur César. Hierarquia católica e religiões mediúnicas no Brasil da primeira metade do século XX. *Revista de Ciências humanas*, n. 30, p. 67-80, 2001.

_____, Artur César. Ordenar progredindo: a obra dos intelectuais de umbanda no Brasil da primeira metade do século XX. *Anos 90*, v. 7, n. 11, p. 97-120, 1999.

JUNGBLUT, Airton Luiz. Espiritualidade e saúde: ensaio sobre novas articulações entre religião e ciência. *Debates do NER*, p. 201-216, 2020.

JUNIOR, Ademir Barbosa; DE JESUS, Jorge Luís da Hora. Cada Cabeça uma Sentença: coberturas de cabeça como identidade religiosa e étnico-cultural afro diaspórica. *Revista Calundu*, v. 7, n. 1, 2023.

JUNIOR, Mario Teixeira de Sá. A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda. *Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 6 n. 11 – UFGD - Dourados jan/jun 2012*.

KARAT, Flora Ricciopo et al. O envelhecimento sob a perspectiva da Umbanda: o Arquétipo do velho representado por Orixás e Entidades. *Revista Kairós-Gerontologia*, v. 22, n. 1, p. 421-435, 2019.

KEHL, Renato. Boletim de Eugenia e “Medicamenta”. *Boletim de Eugenia*, Rio de Janeiro, ano I, n. 6-7, 1929.

KLEINMANN, Arthur. *The illness narratives. Suffering, Healing and the Human*, 1988.

LACERDA, Alda, VALLA, Victor Vincent. As práticas terapêuticas de cuidado integral à saúde como proposta para aliviar o sofrimento. IN: *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. Rio de Janeiro: UERJ, IMS, Abrasco, p. 93-104, 2008

LAGES, Sônia Regina Corrêa. Saúde da população negra: A religiosidade afro-brasileira e a saúde pública. *Psicologia Argumento*, v. 30, n. 69, 2012.

LANGDON, Esther Jean et al. A construção sociocultural da doença e seu desafio para a prática médica. *Parque indígena do Xingu: saúde, cultura e história*. São Paulo: Terra Virgem, p. 115-133, 2005.

_____, Esther Jean. Os diálogos da antropologia com a saúde: contribuições para as políticas públicas. *Ciência & saúde coletiva*, v. 19, p. 1019-1029, 2014.

_____, Esther Jean; WIJK, Flávio Braune. Antropologia, saúde e doença: uma introdução ao conceito de cultura aplicado às ciências da saúde. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, p. 459-466, 2010.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e sociedade*. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003. 240p.

LEITE, Gildeci, de Oliveira. Omolu, Obaluaê, São Lázaro, São Roque, a fé, a medicina do pobre. *Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 29, n. 4, p. 672-683, 2019.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O feiticeiro e sua magia. *Antropologia estrutural*, v. 5, p. 193-214, 1975.

LOYOLA, M A. *Médicos e Curandeiros – conflito social e saúde*. São Paulo: Difel, 1984.

LUCAS, Simone Dutra *et al.* Uso de metáforas para expressar a dor de dente: um estudo na área de antropologia da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 19, p. 1933-1942, 2014.

LUZ, Madel Therezinha. As novas formas de saúde: práticas, representações e valores culturais na sociedade contemporânea. *Rev Bras Saúde Família*, v. 9, n. 1, p. 38-50, 2008.

___, Madel Therezinha. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis: revista de saúde coletiva*, v. 15, p. 145-176, 2005.

___, Madel Therezinha. A retomada da homeopatia como Medicina Alternativa (1970-1990), IN: *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. Editora Rede Unida, 2013.

___, Madel Therezinha. Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 2007. 174 p.

___, Madel T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século XX. *Physis: revista de saúde coletiva*, v. 15, p. 145-176, 2005.

___, Madel Therezinha. Novos saberes e práticas em saúde coletiva: estudos sobre racionalidades médicas e atividades corporais. 3ª ed. São Paulo: Hucitec; 2007. 174 p.

___, Madel Therezinha. A retomada da homeopatia como Medicina Alternativa (1970-1990), IN: *A arte de curar versus a ciência das doenças: história social da homeopatia no Brasil*. Editora Rede Unida, 2013.

MACHADO, R. et al. *Danação da Norma: a medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1978.

MAGGIE, Yvonne. Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil. In: *Medo do feitiço: relações entre magia e poder no Brasil*. 1992. p. 292-292.

MALINOWSKI, B. K. *Os pensadores: Argonautas do Pacífico Ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. Abril Cultural, São Paulo, 1978.

MALUF, Sônia Weidner. Corpo e corporalidade nas culturas contemporâneas: abordagens antropológicas. *Esboços*, v. 9, n. 9, p. 87-101, 2001.

MANDARINO, Ana Cristina de S.; GOMBERG, Estélio; FLORES, Reginaldo D. Olubajé-ritual de ações terapêuticas e de comensalidades no candomblé. *Escritas e narrativas sobre alimentação e cultura*, p. 336-353, 2008.

MANDARINO, Ana Cristina de Souza et al. Percursos e significados terapêuticos na religião afro-brasileira Candomblé. In: *Fórum Sociológico. Série II. CESNOVA*. p. 43-51, 2012.

MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. *Estudos avançados*, v. 18, p. 121-138, 2004.

MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26, p. 63-81, 2003.

MASSÉ, R. *Culture et santé publique. Les contributions de l'anthropologie à la prévention et à la promotion de la santé*. Montreal: Gaëtan Morin Éditeur, 1985. 330p.

MELO, Lucas Pereira de; CABRAL, Elizabeth Regina de Melo; SANTOS JÚNIOR, José Ademário dos. O processo saúde-doença: uma reflexão à luz da antropologia da saúde. *Rev. enferm. UFPE on line*, p. 1202-1208, 2009.

MENDES, José Teles. Política social ou política econômica? A constituição do ramo privado de saúde na ditadura militar brasileira (1964-1985). In: IX Encontro da Associação Latino-Americana de Ciência Política, 2017, Montevidéo, Uruguai. *Anais do IX Encontro da Associação Latino-Americana de Ciência Política*, 2017. p. 1-25.

MIAGUSKO, Edson. Esperando a UPP: Circulação, violência e mercado político na Baixada Fluminense. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 31, p. e319101, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Editora Vozes Limitada, 2011.

MIWA, Marcela Jussara. Encantamento e Acolhimento no Cotidiano—um Estudo Sobre Johrei e Reiki. *Saúde & Transformação Social/Health & Social Change*, v. 5, n. 1, p. 58-65, 2014.

MONTEIRO, Filipe Pinto. O “racialista vacilante”: Nina Rodrigues e seus estudos sobre antropologia cultural e psicologia das multidões (1880-1906). *Topoi (Rio de Janeiro)*, v. 21, p. 193-215, 2020.

MONTEIRO, Paula. *Da doença à desordem: a magia na umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bomfim. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. *Saúde e Sociedade*, v. 20, p. 325-337, 2011.

MOTA, Emília Guimarães. “Omolu quer todo mundo no Olubaje”: o cotidiano de um terreiro goiano durante a pandemia. *Equatorial—Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 9, n. 16, p. 1-25, 2022.

MUNIZ, Andreia Fernandes. As implicações da visão higienista do habitar na problemática habitacional brasileira a partir do combate às epidemias na segunda metade do século XIX ao início do século XX. *Dimensões*, n. 47, p. 143-162, 2021.

NAKAMURA, E. O lugar do método etnográfico em pesquisas sobre saúde, doença e cuidado. In: NAKAMURA E.; MARTIN, D.; SANTOS, J. F. Q. (Orgs.) *Antropologia para enfermagem*. Barueri: Manole, 2009. p. 15-35. (Série Enfermagem).

NASCIMENTO, Monica Pinchemel; MARTINS, Paulo Cezar Borges. ALTERNATIVAS POPULARES À MEDICINA OFICIAL: ASSISTÊNCIA À SAÚDE E RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA. *Revista Fragmentos de Cultura—Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas*, v. 29, n. 4, p. 697-707, 2019.

NASCIMENTO, Solange Aparecida do; ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Cosmogonia africana: a resistência das religiões africanas na contemporaneidade. *Revista Escritas*, v. 8, n. 1, p. 88-106, 2016.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 5(1-2): 113-122, 1993 (editado em nov. 1994).

_____, Lísias Nogueira. Magia e religião na umbanda. *Revista Usp*, n. 31, p. 76-89, 1996.

NOGUEIRA, Léo Carrer. As múltiplas influências da umbanda: do continuum mediúnico ao rizoma umbandista. *Revista Expedições*, vol. 12, n. 1, 2021.

_____, Léo Carrer. Do Negro ao Branco: breve história do nascimento da umbanda. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 5, n. 2, p. 487-491, 2007.

OLIVEIRA, Daniele Chaves Amado. Refletiu a luz divina: apontamentos sobre a atuação da imprensa durante o processo de legitimação da umbanda como religião (1940-1950). II Simpósio Internacional da ABHR–XV Simpósio Nacional da ABHR, 2016.

OLIVEIRA, Francisco Arsego de. Antropologia nos serviços de saúde: integralidade, cultura e comunicação. *Interface-comunicação, saúde, educação*, v. 6, p. 63-74, 2002.

ORO, Ari Pedro. O neopentecostalismo macumbeiro. *Revista Usp*, n. 68, p. 319-332, 2006.

_____, Ari Pedro. Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente. *Estudos afro-asiáticos*, v. 24, p. 345-384, 2002.

ORTIZ, Renato. A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira. 1991.

PEGADO, Elsa. Medicinas complementares e alternativas: uma reflexão sobre definições, designações e demarcações sociais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, n. 93, p. 71-88, 2020.

PEIRANO, Mariza GS. Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica. Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2001.

PEREIRA, Wilza Rocha. Poder, violência e dominação simbólicas nos serviços públicos de saúde. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 13, p. 391-400, 2004.

PIMENTA, Tânia Salgado. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 a 1850. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 17, p. e20210076, 2022.

PIRES-ALVES, Fernando A.; PAIVA, Carlos Henrique Assunção. Pós-guerra, Estado de bem-estar e desenvolvimento IN: Na corda bamba de sombrinha: a saúde no fio da história, p 153-171, 2011.

PLACERES, Giulliano; BATISTA, Breno Minelli. O candomblé e a umbanda como formas de resistência da identidade cultural negra no Brasil. In: *Anais [...] XXXI Congresso Alas Uruguay*. 2017.

PORTUGAL, Clarice Moreira et al. Entre o consultório e o terreiro: mediações, ruídos e silenciamentos nos itinerários terapêuticos de adeptos do candomblé. 2016.

PORTUGAL, Clarice Moreira. Da linguagem dos infortúnios às narrativas de doença: o sofrimento psíquico e a construção de itinerários terapêuticos entre adeptos do

candomblé. 2014. 235 f. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro.

PRANDI, Reginaldo. A dança dos caboclos: Uma síntese do Brasil segundo os terreiros afro-brasileiros. Itanhaém, v. 3, n. 1, p. 471-530, jan./jun. Revista Estudos Afro-Brasileiros, 2022.

PRANDI, Reginaldo. A Mitologia dos Orixás. São Paulo. Companhia das Letras. 2001.

_____, Reginaldo. Herdeiras do axé: sociologia das religiões afro-brasileiras, São Paulo: Hucitec, 1996.

_____, Reginaldo. Mitologia dos orixás, São Paulo, Companhia das Letras, 591 pp, 2001.

_____, Reginaldo. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. Estudos avançados, v. 18, p. 223-238, 2004.

_____, Reginaldo. Raça e religião. Novos Estudos Cebrap, n. 42, p. 113-129, 1995.

_____, Reginaldo. Segredos guardados: orixás na alma brasileira. Companhia das letras, 2005.

_____, Reginaldo. Mitologia dos orixás, São Paulo, Companhia das Letras, 591 pp, 2001.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo. A Ancestralidade Africana ao som dos atabaques: As Manifestações Religiosas nos Corpos Umbandistas/African ancestry and the sound of atabaques: Religious Manifestations in Umbanda Bodies. ID on line. Revista de psicologia, v. 16, n. 59, p. 100-106, 2022.

PURIFICAÇÃO, Marcelo Máximo; CATARINO, Elisângela Maura; DE AMORIM, Ivonete Barreto. As ervas medicinais na umbanda nos cultos de preto velho. Revista Fragmentos de Cultura-Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas, v. 29, n. 4, p. 746-756, 2019.

QUEIROZ, Marcos de Souza; CANESQUI, Ana Maria. Antropologia da medicina: uma revisão teórica. Revista de Saúde Pública, v. 20, p. 152-164, 1986.

RABELO, Miriam Cristina. A experiência de indivíduos com problema mental: entendendo projetos e sua realização. Experiência de doença e narrativa, p. 205-227, 1999.

REZENDE, Livia Lima. Força africana, força divina: a memória da escravidão recriada na figura umbandista dos pretos-velhos. São João del-Rei: UFSJ, 2017.

REZENDE, Livia Lima. Força africana, força divina: trânsitos entre África e Brasil através da figura umbandista dos pretos-velhos. Mosaico, v. 7, n. 10, p. 96-120, 2016.

RIBEIRO, Márcia Moisés. Ciência nos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ROCHA, Lia de Mattos. Democracia e militarização no Rio de Janeiro: ‘pacificação’, intervenção e seus efeitos sobre o espaço público. Militarização no Rio de Janeiro: da “pacificação” à intervenção. Rio de Janeiro: Mórula, p. 223-239, 2018.

ROCHA, Matheus Barbosa da; SEVERO, Ana Kalliny de Sousa; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir. Nos batuques dos quintais: as compreensões dos povos de Umbanda sobre saúde, adoecimento e cuidado. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 29, 2019.

ROSA, Daniel Pereira. Consensos e dissensos sobre a cidade-dormitório: São Gonçalo (RJ), permanências e avanços na condição periférica. *Revista Política e Planejamento Regional*, v. 4, n. 2, p. 273-288, 2017.

RUIZ, Eliziane Nicolodi Francescato; GERHARDT, Tatiana Engel. Etnografando dádivas e fazendo aparecer o cuidado em itinerários terapêuticos: anseios e incursões de uma "primeira viagem". In: *Itinerários terapêuticos: integralidade no cuidado, avaliação e formação em saúde*. 2016. p. 185-201.

SÁ, Mario Teixeira Junior de. A invenção do Brasil no mito fundador da umbanda. *Revista eletrônica história em reflexão*, v. 6, n. 11, 2012.

SANCHIS, Pierre. *Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SANTOS, A. (2018). Candomblé, psicologia do terreiro e construção de rede. *Cadernos Deligny*, 1(1), 135-143.

SANTOS, Abrahão de Oliveira. Candomblé, psicologia de terreiro e construção de rede. *Cadernos Deligny*, v. 1, n. 1, p. 135-144, 2018.

SANTOS, Eufrazia Cristina Menezes. O Preto Velho na Umbanda. *Debates do NER*, p. 121-146, 2010.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos et al. Antropologia e saúde caminhos possíveis para (re) pensar a prática médica: antropologia e saúde na formação médica. *Revista de Educação da Universidade Federal do Vale do São Francisco*, v. 9, n. 20, p. 50-64, 2019.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nagô e a Morte: pãdê, àsèsè e o culto égun na Bahia*. (No Title), 1986.

SCHECHNER, Richard. "O que é performance?", em *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; CAMPOS, Maria Teresa de Assis. Narrativas desenvolvimentais de médiuns da umbanda à luz do modelo bioecológico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 17, n. 1, p. 364-385, 2017.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio; SCALON, Ettore Fonseca; MACEDO, Alice Costa. Entre zelar e cuidar: sentidos sobre saúde-doença em dirigentes da umbanda. *Psicologia em Estudo*, v. 29, p. e53449, 2024.

SEVALHO, Gil. Uma abordagem histórica das representações sociais de saúde e doença. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 9, p. 349-363, 1993.

SIGNATES, Luiz. A mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no espiritismo kardecista. *Caminhos-Revista de Ciências da Religião*, v. 17, p. 123-141, 2019.

SIGOLO, Renata Palandri. Homeopatia, medicina alternativa: entre contracultura, Nova Era e oficialização (Brasil, década de 1970). *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 26, p. 1317-1335, 2019.

SILVA, Andreia Vicente da; RODRIGUES, Cláudia; AISENGART, Rachel. Morte, ritos fúnebres e luto na pandemia de Covid-19 no Brasil. *Revista Nupem*, v. 13, n. 30, p. 214-234, 2021.

SILVA, Gleibson do Nascimento et al. Antropização urbana frente aos elementos de cura de mulheres benzedeiras de Castanhal-Pará. 2021.

SILVA, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A noção de eficácia nas consultas mediúnicas da umbanda. *REVER: Revista de Estudos da Religião*, v. 20, n. 3, p. 235-250, 2020.

___, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A umbanda e os processos de saúde-doença. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 41, n. 2, p. 215-228, 2020.

___, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento. *Saúde e Sociedade*, v. 29, p. e190378, 2020.

___, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. A umbanda e os processos de saúde-doença. *Semina: Ciências Sociais e Humanas*, v. 41, n. 2, p. 215-228, 2020.

___, Luciana Macedo Ferreira; SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Na sala de espera do terreiro: uma investigação com adeptos da umbanda com queixas de adoecimento. *Saúde e Sociedade*, v. 29, p. e190378, 2020.

SILVA, Patrícia Ferreira. Axé on-line: a presença das religiões afro-brasileiras no ciberespaço. 2014. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, Rachel Cabral da. Geografia da Religião: Uma contribuição de abordagem através das práticas espaciais de Intolerância Religiosa na urbanidade carioca. *Revista Magistro*, v. 1, n. 5, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Candomblé e umbanda: caminhos da devoção brasileira. São Paulo: Ática, 1994.

___, Vagner Gonçalves da. Neopentecostalismo e religiões afro-brasileiras: Significados do ataque aos símbolos da herança religiosa africana no Brasil contemporâneo. *Mana*, v. 13, p. 207-236, 2007.

___, Vagner Gonçalves da. Orixás da Metrópole (2ed. revista e ampliada). 2. ed. São Paulo: FE-USP, v. 1, 2022.

SOARES, Luiz Carlos. O mecanismo e as bases intelectuais da Revolução Industrial inglesa. *Revista de Economia*, v. 27, 2001.

SOARES, Mariza de Carvalho. Guerra Santa no País do Sincretismo In. LANDIM, L (Org.) *Sinais dos tempos: Diversidade Religiosa no Brasil*. Cadernos do ISER n. 23. Rio de Janeiro. pp. 75-104, 1990.

SOARES, Stênio. Anos da Chibata: perseguição aos cultos afro-pessoenses e o

surgimento das federações. In: CAOS, Revista Eletrônica de Ciências Sociais. n° 14, p. 134-155, 2009.

SOUZA, Eduardo F.; LUZ, Madel Therezinha. Bases socioculturais das práticas terapêuticas alternativas. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 16, p. 393-405, 2009.

SPEZANI, Renê dos Santos et al. Antes e depois da conversão na Umbanda: a construção de um circuito afetivo-representacional religioso. RELIGARE: REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES DA UFPB, v. 17, p. 299-323, 2020.

TEIXEIRA, Elizabeth. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v. 30, p. 286-290, 1996.

TEIXEIRA, Jacqueline. A conduta universal: governo de si e políticas de gênero na IURD. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Usp, 2018.

TEIXEIRA, Marcus Zulian. Antropologia Médica Vitalista: uma ampliação ao entendimento do processo de adoecimento humano. Revista de Medicina, v. 96, n. 3, p. 145-158, 2017.

TRINDADE, Liana. Exu. Poder e Perigo. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

TURNER, Victor. O Processo Ritual Estrutura e Anti Estrutura. São Paulo: Vozes, 1974.

VALE, Johnatan Ferreira Marques do. Religião e saúde: relações entre a Umbanda e a Medicina nas práticas de cura. 2013.

VATIN, Xavier G. Música e possessão: Para além da eficácia simbólica. Para além da eficácia simbólica: estudos em ritual, religião e saúde. Salvador: EDUFBA, p. 243-260, 2012.

VELOSO, Jaqueline Wenderrosky José Lopes. Empreendedores de memória: memória, identidade e representações sociais da cidade de São Gonçalo. 2012.

VÍCTORA, Ceres Gomes et al. Sofrimento social e a corporificação do mundo: contribuições a partir da Antropologia. 2011.

WITTER, Nikelen Acosta. Curar como arte e ofício: contribuições para um debate historiográfico sobre saúde, doença e cura. Tempo, v. 10, p. 13-25, 2005.

ZANGARI, Wellington. Uma leitura psicossocial do fenômeno da mediunidade de Umbanda. Boletim Academia Paulista de Psicologia, v. 25, n. 3, p. 70-88, 2005.

Anexos

Questionários.

Médiuns:

Bloco 1 – trajetória religiosa.

1. Inicialmente eu quero perguntar como foi o seu contato com a Umbanda. Me fala um pouco da sua trajetória até chegar aqui.

(Todas as perguntas abaixo dependem dessa resposta primeira. As perguntas abaixo podem caber aqui ou não)

2. Quer dizer que antes da Umbanda você era... (católico - exemplo).
3. E o que te trouxe para a Umbanda? (comparar com a outra religião ou religiões pelas quais passou).
4. Nas relações com pessoas mais distantes, tipo do trabalho, seus vizinhos, você fala sobre isso, digo, você comenta com elas sobre você ser da Umbanda?

Bloco 2 – Intolerância religiosa

5. Você já sofreu em algum momento intolerância religiosa por ser umbandista? (Se não, passar para pergunta 6.2).

6.0 Pode me descrever a situação?

6.1 Você denunciou a agressão a algum órgão do estado?

6.2 Você acha que é importante denunciar sempre as situações de intolerância religiosa? (Se não, porquê?)

6.3 E a questão do racismo, você acha que também tem a ver? (Como você se identifica racialmente? – cuidado ao perguntar isso, tenha tato.)

6.4 E a questão de ser mulher? Ou a questão da orientação sexual e identidade de gênero, de forma geral, como você vê isso na umbanda comparando com outras religiões? Digo, você acha que a Umbanda acolhe, aceita com facilidade todas as orientações sexuais e identidades de gênero?

Bloco 3 – Práticas religiosas no terreiro

Vamos retomar um pouco sua trajetória agora situando-a na TESL.

6.5 De forma geral, como foi sua formação aqui de médium? O que é preciso para ser um médium da casa (se não falou antes, pode já ter chegado como médium, nesse caso perguntar a diferença com outras casas)

6.6 A rotina de trabalho na casa influencia na sua vida familiar ou profissional? (questões dos horários)

6.7 Me fala um pouco mais como você entende a importância do trabalho da casa, dos médiuns, tanto para seu desenvolvimento pessoal quanto para as pessoas que são atendidas aqui.

6.8 A partir do que você pensa, quais são os motivos que levam as pessoas a buscarem o centro?

Vamos falar um pouco agora do atendimento da casa:

7. Aqui na TESL temos a presença dos pretos-velhos. Para você, qual que é a importância e quais funções eles realizam na TESL e na Umbanda?

8. Aqui na TESL temos a presença dos Exus e Pombagiras. Para você, qual que é a importância e quais as funções que eles realizam na TESL e na Umbanda?

Bloco 3 – Saúde

(Aqui você pode colocar as questões do bloco dois, mas a ênfase inicial é nos consulentes, não no entrevistado).

9. Você já conversou com alguém que veio para as consultas na TESL resolver algum problema pessoal? Acredita que qualquer problema pessoal pode ser resolvido a partir das consultas?

10. Eu gostaria de saber se você possui convênio de saúde particular, e/ou utiliza-se do Sistema público de saúde.

10.1 Você se sente satisfeito com os serviços de saúde que estão a seu dispor seja no sistema público ou no sistema particular de convênio?

10.2 Já teve dificuldades em ser atendido/a no sistema público de saúde?

10.3 Pode me contar como foi que aconteceu essa situação?

11. Você já teve a oportunidade de conversar com alguém, ou ficou sabendo por meio de outras pessoas aqui da TESL de alguém que veio até aqui para resolver um problema de saúde? Se sim, o que a pessoa doente relatou sobre a situação de saúde quando chegou aqui?

12. O que você acredita que é saúde?

12.1 O que faz uma pessoa ter saúde?

12.2 O que você acredita que é a doença?

12.3 O que faz uma pessoa ter uma doença?

12.4 Você acredita que existem tipos de doenças além do corpo físico, como doenças espirituais?

12.5 Pode me falar o que para você causa uma doença física e o que causa uma doença espiritual? Acredita que pode haver uma relação entre elas?

13. Anteriormente conversamos e você me disse que desde que entrou na TESL ficou doente em algum momento. Quando isso aconteceu, você buscou curar-se por meio de procedimentos como consultas, ou outros rituais que são oferecidos pela TESL?

13.1 As entidades lhe pediram para realizar banhos de ervas, passes, infusões, chás, entrega de oferendas, ou outras coisas para se livrar da doença?

- 13.2 No seu caso, ao descobrir a doença você primeiro buscou auxílio de um médico, ou buscou consultar-se primeiramente com as entidades do TESL? Por quais motivos fez essa escolha?
14. Durante o tempo em que você estava doente, você quis/precisou manter uma rotina de consultas com alguma das entidades que trabalham aqui na TESL para acompanhar seu processo de cura?
15. Na medida em que você foi seguindo as orientações da entidade, você foi percebendo com o tempo a melhora de sua doença?
- 15.1 Você acredita que seguir os procedimentos à risca foi importante para sua cura?
16. Você acredita que as práticas rituais de cura do TESL, como consultas, banhos de ervas, padês, etc, se relacionam de modo oposto ou complementar com as práticas de cura da medicina tradicional, como consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos?

Bloco 4 – Fechamento

Por fim, gostaria que você apontasse sua idade, sua ocupação/emprego, seu nível escolar e se você se identifica como uma pessoa preta, parda, branca, indígena ou amarelo?

Pai de Santo

Bloco 1

1. Pode se descrever por favor, me dizendo seu nome, sua idade, sua ocupação, seu nível escolar, como você se identifica como uma pessoa preta, parda, branca, indígena ou amarelo
2. Como foi que aconteceu seu primeiro contato com a Umbanda?
 - 2.1 Foi por uma razão especial que você teve contato com ela?
 - 2.2 Antes de conhecer a Umbanda, você frequentava alguma outra religião? Os membros de sua antiga religião comentavam algo sobre a Umbanda?
3. Como sua família reagiu quando você passou a frequentar a Umbanda? O que ela achou disso?
 - 3.1 Existem membros de sua família que também são da Umbanda? Eles conheciam a Umbanda antes de você frequentar?
4. Sobre sua iniciação na Umbanda, o que ela representou para sua vida?
 - 4.1 Como se deu o nascimento/fundação da TESL?
 - 4.2 Como que acontece a relação do TESL com o bairro, com os vizinhos em geral? Como é a relação com as igrejas evangélicas?
 - 4.3 A TESL já sofreu algum ato de intolerância religiosa? Como foi?
 - 4.4 Vocês denunciaram aos órgãos do estado? Acredita ser importante denunciar sempre que acontece um ato de intolerância religiosa?
5. Eu gostaria de entender quais são razões que levam o calendário de atividades da TESL ser organizado do modo atual.
6. Eu gostaria de saber se você possui convênio de saúde particular, e/ou utiliza-se do Sistema público de saúde.
 - 6.1 Você se sente satisfeito com os serviços de saúde que estão a seu dispor?
 - 6.2 Já teve dificuldades, como demora em ser atendido, ser negligenciado em relação a seu estado de saúde no sistema público de saúde? Pode me contar como aconteceu isso?
7. Eu gostaria de saber qual a importância do Orixá Omolu e do mês de agosto para a TESL?
 - 7.1 Qual a função e a relação das pipocas com Omolu?
 - 7.2 Eu observei que dois pretos-velhos acompanharam parte das rezas do mês de agosto. Qual a relação que existe entre os pretos-velhos e a celebração para Omolu?
8. Qual o papel que o atabaque desempenha para os rituais da TESL?
 - 8.1 Ele precisa passar por rituais para serem utilizados na TESL?

- 8.2 Eu observei que há três panos de cores diferentes amarrados ao corpo do atabaque, por quais razões isso acontece?
9. Eu observei em algumas sessões da TESL a prática do Reiki. Pode me falar por favor quais as relações existentes entre o Reike e a Umbanda?
10. Pode me falar sobre quem são e o que representam os falangeiros dentro da Umbanda?
11. Antes de se iniciar qualquer ritual, eu observei o uso de um defumador que é passado na assistência e nos médiuns. Qual que é a função do defumador e das ervas usadas nele para os rituais da TESL?
- 11.1 Como que acontece a escolha das ervas utilizadas?
12. Há nas segundas feiras as consultas com os pretos-velhos. Qual a importância/função deles para a TESL?
13. Eu observei que os pretos-velhos se utilizam de objetos durante a consulta. Pode me falar por favor qual a função por exemplo do cachimbo, da fumaça, da bengala dentro das consultas dos pretos-velhos?
14. Há nas segundas feiras as consultas com Exus e Pombagiras. Qual a importância/função deles para a TESL?
15. Eu observei que os Exus e Pombagiras se utilizam de objetos durante a consulta. Pode me falar por favor qual a função por exemplo dos charutos, dos cigarros, da fumaça, das bebidas, dentro das consultas dos Exus e Pombagiras?
16. Sobre o altar dentro do quarto do congá, qual a função dele?
17. Existem razões do porque o altar ser organizado do modo atual? Se sim, quais são elas?
- 17.1 E sobre as casas dos Exus e Pombagiras, qual a função delas?

Bloco 2

Texto de apoio: nessa segunda parte eu busco entender questões relacionadas ao tema da saúde e aos rituais da TESL.

18. Quais foram as consequências da pandemia de Covid-19 para as atividades do TESL?
- 18.1 As entidades avisaram em algum momento sobre a aproximação da pandemia?
19. Sobre as motivações que levam uma pessoa a buscar os cuidados da TESL, quais os principais motivos observados por você?
- 19.1 É comum pessoas procurarem a TESL para resolver problemas de saúde? Qual sua primeira atitude quando uma pessoa diz que busca a TESL para solucionar um problema de saúde?
20. O que você acredita que é saúde?
- 20.1 O que faz uma pessoa ter saúde?
- 20.2 O que você acredita que é a doença?

- 20.3 O que faz uma pessoa ter uma doença?
- 20.4 Você acredita que existem tipos de doenças além do corpo físico, como doenças espirituais?
- 20.5 O que faz uma pessoa ter uma doença física ou uma doença espiritual?
21. Sobre o sistema público de saúde no Brasil, você acredita que as eventuais deficiências dele é um motivo para as pessoas procurarem a TESL para resolver um problema de saúde?
- 21.1 Você já ouviu alguém reclamar sobre eventuais problemas do sistema público de saúde aqui na TESL?
22. O que você entender por cuidar? Você acredita que cuidar de uma pessoa doente que busca a TESL pode fazer parte do processo de cura?
23. Desde que você começou como zelador da TESL, já ficou doente e buscou curar-se por meio do auxílio das entidades da TESL?
24. Em seu caso, você primeiro buscou auxílio de um médico, ou das práticas rituais do TESL? Por quais motivos fez suas escolhas?
25. Você acredita que os procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas doentes que vem até a TESL, como consultas, banhos de ervas, padês, passes, etc, se relacionam de modo oposto ou complementar com as práticas de cura da medicina tradicional, como consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos?

Frequentadores/Consultentes:

Bloco 1

1. Pode se descrever por favor, me dizendo seu nome, sua idade, sua ocupação, seu nível escolar, e como você se identifica racialmente.
2. De que modo aconteceu seu primeiro contato com a Umbanda?
 - 2.1 A TESL foi o primeiro terreiro que você frequentou?
 - 2.2 Antes de conhecer a Umbanda, você frequentava alguma outra religião? Sua antiga religião comentava algo sobre a Umbanda?
3. Quando você veio se consultar pela primeira vez com qual entidade você conversou? Na época houve um motivo específico para você ter escolhido a consulta dessa classe de entidade? Se sim, qual foi o motivo?

Bloco 2

Nesse segundo bloco eu busco entender algumas questões sobre seu problema anterior de saúde e a relação com os rituais da TESL.

2. O que você acredita que é saúde?
 - 2.1 O que faz uma pessoa ter saúde?
 - 2.2 O que você acredita que é a doença?
 - 2.3 O que faz uma pessoa ter uma doença?
 - 2.4 Você acredita que existem tipos de doenças além do corpo físico, como doenças espirituais?
 - 2.5 O que faz uma pessoa ter uma doença física ou uma doença espiritual?
3. Eu gostaria de saber se você possui convênio de saúde particular, e/ou utiliza-se do Sistema público de saúde.
 - 3.1 Você se sente satisfeito com os serviços de saúde que estão a seu dispor?
 - 3.2 Já teve dificuldades em ser atendido/a no sistema público de saúde? Pode me contar como aconteceu isso?
4. Você havia me dito anteriormente que havia ficado doente e buscou o TESL para curar-se. No seu caso, você primeiro buscou auxílio de um médico, ou das práticas rituais de cura do TESL? Por quais motivos fez essa primeira escolha?
5. Quais foram as recomendações/procedimentos que as entidades te deram para que você se curasse? Conseguiu seguir tudo à risca? Teve dificuldade com esse processo?
6. Você seguiu recomendações médicas para curar-se de sua doença? Teve dificuldade em seguir à risca as recomendações médicas, como por exemplo o tempo necessário para tomar medicamentos?

7. Você já foi mal atendida/o em alguma consulta médica? Por qual razão acredita que isso aconteceu?

7.1 Acredita que as entidades do TESL te acolheram e cuidaram melhor de você do que o médico?

8. Você acredita que os procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas doentes que vem até a TESL, como as consultas, banhos de ervas, padês, passes, etc, se relacionam de modo oposto ou complementar com as práticas de cura da medicina tradicional, como consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos?

Entrevistas:

Pai Fernando

00:00:05 Herson

Então, é. É uma entrevista, né? Sobre algumas questões gerais sobre a umbanda e algumas coisas específicas sobre como funciona aqui, tá? Então assim, são muitas perguntas e tem um porquê de eu fazer essas perguntas. Não existe resposta certa e não existe resposta errada, existe aquilo que você acredita, aquilo que você vê como sendo o mais, mais coerente. É sempre bom deixar isso claro, porque às vezes você vai fazer entrevista com a pessoa e aí a pessoa fica pensando, pô, será que isso daqui tá errado? Eu sempre deixo claro que tipo, não, não existe o certo ou errado.

00:00:52 Herson

A Primeira pergunta: Pode se descrever, por favor, dizendo o seu nome, idade, ocupação, nível escolar e se você se identifica com uma pessoa preta, parda, branca, indígena ou amarela?

00:01:04 Pai Fernando

Sim, eu sou o pai Fernando de Oxum zelador da “TESL”, bacharel em direito. Me identifico como uma pessoa branca. Cuido da tenda espírita São Lázaro há 14 anos e faltou alguma informação? Tenho 51 anos. Falei todos.

Herson

Como foi seu primeiro contato com a Umbanda?

00:01:33 Pai Fernando

Meu primeiro contato com a umbanda veio através de uma cura que minha mãe precisou ter, né? Porque minha mãe caiu num processo de catalepsia, praticamente aos 30 e poucos

anos. e quando nós fomos levados a um terreiro de umbanda, no Fonseca, eu tinha 8 anos de idade, quando ela se descobriu. E lá alcançou uma cura para um estado mental muito grave, que ela tinha. Aquele foi o primeiro encontro com a umbanda.

00:02:01 Herson

Foi por alguma razão especial que você teve contato com ela?

00:02:04 Pai Fernando

Sim. Pela doença que ela desenvolvia na época, que só conseguiu encontrar cura na umbanda.

00:02:12 Herson

Antes de conhecer a umbanda, você frequentava alguma outra religião? E os membros da sua antiga religião comentavam alguma coisa sobre a umbanda?

00:02:21 Pai Fernando

Não, não frequentava nenhuma outra religião, apesar de, como todo brasileiro, ter sido obrigado a fazer crisma e catecismo, essas coisas da igreja católica, mas frequência não. Era mais uma obrigação da família mesmo e não tinha outros membros. Eu era muito criança quando eu chego na umbanda, com 8 anos, e daí em diante tô nela até hoje.

00:02:41 Herson

Como sua família reagiu quando você passou a frequentar umbanda? O que achou disso?

00:02:48 Pai Fernando

Maravilhoso, né? Porque na verdade meus pais me levam a umbanda, né? Então eles só poderiam achar maravilhoso, né? Não tinha como ser diferente?

00:03:01 Herson

Existem membros da sua família que também são da umbanda. Eles conheciam a umbanda antes mesmo de você frequentar?

00:03:06 Pai Fernando

Sim. Meu avô era umbandista, minhas tias eram umbandistas e frequentavam e frequentam

até hoje. Não com essa proximidade que eu tenho de dirigir um terreiro, mas ainda frequentam. Vem aqui nas consultas, enfim, nas rezas, às vezes aparecem aqui os parentes.

00:03:24 Herson

Sobre sua iniciação na umbanda, o que é que ela representou para sua vida?

00:03:30 Pai Fernando

Tudo. Porque sem ser umbandista eu não sei o que eu seria no mundo de hoje, representou tudo. A gente está na umbanda, está me identificando dentro de um povo único, dentro de uma pertença única, que eu acredito que eu tenha hoje, que é a matriz africana.

00:03:46 Herson

Como é que se deu o nascimento e ou fundação da TESL?

00:03:51 Pai Fernando

A TESL nasce por uma necessidade da minha mãe, né? De continuar o processo dela de evolução lá da casa de onde eu e ela nascemos também. E aí em 1994, em 27 de abril, ela abre essa porta e essa porta tá aberta até hoje que a gente vem criando e continuando esse trabalho a partir do trabalho dela.

00:04:12 Herson

Como é que se dá a relação da TESL com com o bairro, com os vizinhos, e como é que é também a relação com as igrejas evangélicas?

00:04:24 Pai Fernando

Já foi uma relação mais complicada. Eu digo, né, porque nós tínhamos no início aqui uns processos do Nada que apareciam pelos vizinhos de abuso de som. Enfim, eram coisas que eles inventavam para o Ministério público. O Ministério público acatava, aí vinha aqui com os aparelhos, o decibelímetro, fazia a medição e não encontrava o que reclamar. Então já foi uma situação muito difícil, mas hoje em dia eu acho que está todo mundo no seu lugar, cada um sabe qual é o seu direito e o seu dever, né? As igrejas evangélicas do bairro não conheço. Só tem uma aqui atrás, mas enfim, eu não sei quem são, não conheço eles. A gente se respeita no limite de que não nos conhecemos, então problema nenhum. Até então.

00:05:09 Herson

Certo, é a TESL já sofreu algum ato de intolerância religiosa? Omo foi esse processo?

00:05:18 Pai Fernando

Alguns. Os vizinhos que moravam aqui do lado no passado, tipo há uns 10 anos atrás, faziam algazarras quando a gente tinha sessão, botavam um som alto e chegaram uma vez a jogar um saco com com. Urina aqui no telhado e aí ficou escorrendo nas pessoas e nós detectamos que aquilo era uma intolerância, né? Era um ataque de intolerância, mas enfim, com o tempo eles entenderam qual era o lugar deles e o nosso. Hoje, não mais.

00:05:45 Herson

Vocês denunciaram aos órgãos do estado, acredita ser importante denunciar sempre que acontece um ato de intolerância religiosa?

00:05:52 Pai Fernando

Não, não denunciemos na época que foi um evento único, né? Que aconteceu e nós fomos lá e reclamamos com eles e não fizeram mais. Mas sempre que aconteceu acho importantíssimo procurar tanto a delegacia quanto as comissões de intolerância e discriminação quanto os grupos que têm suporte para isso. É importantíssimo que o povo de axé denuncie esses atos.

00:06:14 Herson

Eu queria entender agora, quais são as razões que levam o calendário de atividade da TESL ser organizado do modo como ele é organizado hoje. Se existe alguma lógica por

00:06:29 Pai Fernando

Existe porque, geralmente, a base do calendário são os são os os dias votivos, né? Então a gente encontra os dias dos Santos, teoricamente da igreja católica, do qual nós somos sectários do mesmo pensamento de crença, né? Então, por exemplo, 23 de abril, São Jorge. A gente faz a festa de Ogum. 8 de dezembro, nossa senhora da Conceição. A gente faz a festa de Oxum. Então, a partir desses dias do calendário anual, nós marcamos as festividades. E paralelo a isso, sempre às segundas-feiras, de 15 em 15 dias, acontecem as consultas, né? Que são com os pretos velhos e com os exús e que brevemente, talvez sejam

com os ciganos também. Sempre de 15 em 15 dias. Então, o calendário é montado a partir do calendário cristão. Vamos colocar assim e depois que nós montamos a base do calendário dos Santos, aí a gente passa a desenvolver o calendário litúrgico de consultas.

00:07:21 Herson

Interessante isso. Queria entender se você possui algum convênio de saúde particular ou se utiliza do sistema público de saúde.

00:07:32 Pai Fernando

Não, não possuo uso do sistema público de saúde.

00:07:36

Certo; Você se sente satisfeito com os serviços de saúde que estão ao seu dispor?

00:07:41 Pai Fernando

Não! nunca! Absolutamente nunca. A gente tem dificuldade para tudo, né? Mas sem participar de um sistema privado, um seguro privado, a gente não pode se dizer satisfeito. E o sistema de saúde é muito ruim aqui em São Gonçalo, é muito precário para tudo. Ainda mais para uma emergência, né? Vamos botar assim, porque para uma consulta já é difícil para uma emergência, então, não faço nem ideia como deve ser, mas deve ser bem difícil, então não estou satisfeito.

00:08:07 Herson

Já teve dificuldades. Como demora em ser atendido, ser negligenciado em relação ao seu estado de saúde, no sistema público de saúde pode me contar como é que aconteceu isso, essa?

00:08:17 Pai Fernando

Efetivamente não, Herson. Porque na verdade eu nunca precisei de uma emergência pública, né? De saúde graças a oxalá. Mas eu tenho notícias de pessoas próximas do centro, que têm muita dificuldade com isso, né? E eu tenho dificuldade para marcar um médico, por exemplo, você vai lá para procurar um ortopedista como eu precisei há pouco tempo e aí a marcação é para 6 meses depois. 5 meses depois, então isso é difícil. Agora na emergência eu não consigo te dizer porque eu nunca precisei participar dela, né?

00:08:46 Herson

Eu queria entender agora qual é a importância do orixá Omolú e do mês de agosto para TESL.

00:08:55 Pai Fernando

Omulu é a base da nossa vida, na verdade, né? Porque, como a casa é uma casa de São Lázaro, o mês de agosto se transforma no mês em que nós colocamos todas as nossas esperanças de cura. Todas as nossas esperanças de melhora da situação da casa como um todo. E assim, já tradicionalmente nesses 15 anos que eu tô dirigindo o terreiro, agosto é sempre o mês em que nós temos uma virada de chave entre o antes e o depois do ano. Então, a partir de agosto, como é o mês de São Lázaro, que é o mês da casa que nós, além de colocarmos as nossas esperanças de que curaremos tudo que aconteceu naquele ano, até agosto, também colocamos as esperanças de tudo que possa vir a acontecer, também será a partir dele. Então, agosto é fundamental para o culto, a agosto é um mês que a gente fecha a casa só para rezar. Só para se encontrar com esse orixá da cura, botar o joelho no chão e pedir, clamar ele por por todas as nossas vidas.

00:09:51 Herson

Qual é a função e a relação que as pipocas têm com o Omolu?

00:09:56 Pai Fernando

A pipoca é o elemento mágico dele, né? Porque disse que ela vai ser transformada a partir do fogo, né? Como é o processo químico. E para Omulu, na melhor tradição, elas eram parte das doenças que ele carregava no corpo que eram as chagas, né? Então, quando ele passou pelo fogo de Iansã disse que as pipocas saltaram do corpo dele e começaram a curar a todos. Então a pipoca é o elemento da nossa fé e pela nossa crença, o nosso mistério máximo, né, como a eucaristia é pro cristão, a pipoca é o nosso elemento máximo, ou seja, a partir dos explodir dela, do elemento se transformando em outra coisa que nós vamos conseguir passar ela pelo corpo e trazer a cura para quem tem fé nesse ato de religiosidade da umbanda.

00:10:47 Herson

Eu observei que durante o mês de o mês de agosto sempre havia no meio do ritual pretos

velhos que ficavam aqui e eu queria entender qual é a relação que existe entre os preto velhos entre os pretos velhos e a celebração do mês de Omolu?

00:11:08 Pai Fernando

Na verdade, os pretos velhos estão fazendo um suporte emocional e espiritual da coisa, tá? É como se a gente pudesse imaginar assim. É um momento que o rito se transforma numa situação mais pesada, numa situação mais necessária, em que todas as pessoas estão aflorando o sentimento, às vezes não muito bom, de tristeza, né? De procurar a cura e aquele preto velho tá ali como um amparo, como é a função do preto velho em todas as situações. Ele está presente para dizer, eu estou aqui, conta comigo, eu estou no seu amparo. A partir desse momento. Então essa função que eles fazem de segurar as pessoas, de amparar as pessoas e de trazer carinho, amor, esperança, né? Porque eles estão naquele momento se abrindo para buscar, é isso.

00:11:54 Herson

Qual é o papel que o que o atabaque desempenha aqui para os rituais da TESL?

00:12:00 Pai Fernando

Em todos, de uma maneira geral, o atabaque é um sempre um portal de aberturas vibracionais. É como se através da portadora musical que o som produz, nós pudéssemos acessar determinadas portas que a gente vai chamar de portal sagrado, que aí se faz a abertura e se faz o convite dos espíritos, né? Dos orixás, dos guias, dos exus através de cada portal que está sendo acessado.

Então, por exemplo, é um elemento sagrado, é um instrumento sagrado, é uma música sagrada que só pode ser tocada por alguém consagrado também. Então o atabaque tem a função muito importante de abrir e também de fechar os portais da manifestação da umbanda.

00:12:41 Herson

Os atabaques precisam passar por alguns rituais, até eles serem utilizados Na umbanda?

00:12:51 Pai Fernando

Sim, o atabaque quando chega novo numa loja dentro do centro, ele chega como se fosse um yaô, um iniciado, né? Aquele que não tem nada. Então ele é recolhido, ele fica 7 dias

recolhido. Nós vamos arriar em volta dele o que nós chamamos de oferendas e aí cada atabaque se por exemplo a casa tem 3, como é o caso da TESL. Cada atabaque será entregue a um orixá. Então, por exemplo, o atabaque de ogum vai ser oferecido às oferendas de ogum.

De oxóssi, de oxóssi, de xangô, as de xangô, geralmente sempre nos orixás masculinos, que são dados, os atabaques, então eles fazem um recolhimento como se tivesse fazendo Santo, né? Como se eles estivessem sendo consagrados a cada um daqueles orixás e a partir daí, eles são alimentados anualmente, sempre no mesmo tempo. Então, se for em abril, vai ser em abril do ano seguinte e a partir daí, sucessivamente. Até aquele atabaque ser desligado do culto que geralmente não acontece.

00:13:44 Herson

Eu observei que há 3 panos de cores diferentes, cada um amarrado ao corpo do atabaque. Quais são as razões que levam A ter esses panos? Quais são as funções que esses panos desempenham?

00:14:01 Pai Fernando

A primeira é a consagração, né? Como eu falei, cada atabaque que pertence a um Santo, então, por exemplo, de ogum, vai ser no vermelho de xangô no marrom e oxóssi no verde, por exemplo. E além de ter um efeito harmônico, né? De dar de dar beleza, de dar harmonia ao culto. o principal elemento que está sendo sincretizado ali é dizendo, esse é o atabaque de ogum. Esse é o atabaque de oxóssi. Esse é o atabaque de xangô. Por isso que cada um tem sua cor.

00:14:29 Herson

Eu observei que em algumas seções aqui da TESL tem a prática do Reiki. Sim, é. Podem falar um pouco? Quais são as relações existentes entre o reiki e a umbanda?

00:14:45 Pai Fernando

Todas, né? Porque na verdade a umbanda é uma faculdade que se que se atende muitos saberes, né? Que você recebe de muitas culturas. E hoje em dia a umbanda vem avançando em direção às terapias que são complementares, né? Então, além do Reiki, vai ser recepcionado o pêndulo, vai ser recepcionado, a cromoterapia vai ser recepcionado a aromaterapia. Então quando você, por exemplo, está numa consulta de preto velho que

você recebe uma série de pessoas que você não sabe qual foi a procedência dela naquele dia, o Reiki tem uma função de alinhar os chakras daquela pessoa para trazer um pouquinho mais de paz, de mais tranquilidade para quando ela for para a consulta, ela já está um pouquinho mais preparada, mais desligada do mundo comum, sendo lapidada para sentar na frente do preto velho.

00:15:29 Herson

É interessante, isso é antes de passar para a próxima pergunta, porque academicamente, existe uma teoria da década de 60 mais ou menos que foi criada por um autor chamado Cândido Procópio de Camargo, que ele traçava uma linha na umbanda em que você tinha em um extremo aquela umbanda que seria praticamente um kardecismo e do outro lado você tinha uma umbanda muito mais africanizada. E o que se entende hoje em dia, pelo que eu já li é que, na verdade, você. Você a umbanda está caminhando para uma multiplicidade de que casa muito bem com isso. Você está falando desse tipo, você não pode mais ver como uma régua, mas sim quase como se fosse uma raiz. E dessa raiz você vai colhendo, por assim dizer, determinadas culturas EM determinadas práticas seria mais ou menos nesse caminho.

00:16:29 Pai Fernando

Né? Exatamente a umbanda tem se transformado muito desde a sua anunciação até hoje. Então existem casas que ficaram presas num determinado culto? existe! Mas eu acho que a grande maioria delas hoje procura sempre se adaptar ao mundo que precisa de muitas coisas, por exemplo. Eu recebo às vezes, como hoje mesmo. Curiosamente, recebi uma pergunta de internet que a pessoa me perguntava se tinha consulta. Aí eu disse que tinha, ela falou e tem tratamento complementar. Aí eu falei, como aí? Ela, Reiki, mesa, radiônica eu falei não. Para serviços comerciais, não. Ah, então tá, então vou continuar minha busca, ou seja, ela não queria só uma consulta, ela também queria um tratamento complementar, que na verdade tem envolvido Marcação dinheiro, né? Uma espécie de comércio da fé, da fé não perdão, uma espécie de comércio que a casa poderia estar se adaptando para ter e muitas estão fazendo isso hoje.

00:17:25 Herson

Mais ou menos aquilo que, por exemplo, que o candomblé faz em relação aos Búzios, né? Que aí é um caso à parte em relação ao culto, você tem que marcar, é cobrado um valor.

Normalmente, aí você tem esse esse comércio, por assim dizer, sim. Obviamente com comércio autorizado, lógico.

00:17:44 Pai Fernando

E a umbanda caminha nesse mesmo sentido, eu acho, eu Acredito. Não aqui por enquanto, mas caminha.

00:17:52 Herson

Pode me falar um pouco o que são e o que é que representam os falanjeiros dentro da umbanda?

00:18:01 Pai Fernando

Os falanjeiros são os anunciadores da umbanda clássica, né? Os pretos velhos, caboclos e exus, boiadeiros baianos, enfim ... Uma série de entidades que não seriam consideradas divindades, né, que foram vivas como eu e você, que passaram por um processo de passagem e que hoje estariam trabalhando dentro de determinada faixa para uma umbanda mais clássica. E aí a gente vai falar de uma umbanda como a casa de Zélio, por exemplo, que só trabalhava com os falanjeiros que não se evocavam os orixás africanos. Então os falanjeiros estão pra umbanda como anunciadores e hoje os grandes trabalhadores. Porém na TESL nós também já recepcionamos os orixás, ou seja, outra faculdade aberta, né?

00:18:43 Herson

Então, existem os orixás que também trabalham aqui?

00:18:49 Pai Fernando

Existem, claro. Oxum, por exemplo, vem na linha dos orixás. Aqui Iansã vem na linha dos orixás, aqui ou Omulu vem na linha dos orixás aqui ... Essa é a nossa crença, tá? Mesmo que outras culturas digam que não, mas na nossa umbanda, em omelokô, nós acreditamos que os orixás também trabalham aqui junto com os falanjeiros.

00:19:09 Herson

Isso é interessante justamente você falou de omelokô, é interessante isso porque dependendo de com quem você conversa, a pessoa de início já fala “ó na umbanda, não tem orixá” e eu já vi esse discurso de que não pode haver orixá na umbanda, porque seria

uma exclusividade do candomblé, essa prática do Orixá, mas a umbanda omolokô permite, né?

00:19:32 Pai Fernando

Ela permite. Até porque na nossa crença os orixás não pertencem a ninguém, muito menos ao candomblé. O candomblé é uma criação brasileira, um culto que só existe no Brasil, que não existe em lugar nenhum no mundo e eles se adaptaram do culto de alguém, ou seja, do culto que veio de África, do culto, enfim, da Nigéria, do nagô, do ifah. E aí ele, eles fazem uma pertença dos orixás para a cultura deles e padronizam ela. A gente não acredita que uma divindade possa ser padronizada, né? Então os orixás não Umbanda omolokô estão presentes da mesma maneira que estão lá, sendo que nós cultuamos da nossa maneira e eles cultuam da deles. Como foi passado por cada ancestral através do seu conhecimento anteriores que vieram para para a cultura omolokô e que eles têm os dele. Nós respeitamos.

00:20:17 Herson

Interessante isso e justamente como eu tava falando, né? Porque como, como cada casa vai trabalhar de um modo sim, você vai ter as pessoas de candomblé e tudo mais que vão falar que não pode ter orixá na umbanda, mas você tem essa, você tem essa profusão de De cultos, né? Que permitem sim, tranquilamente um orixá participar da....

00:20:36 Pai Fernando

Não acreditamos que seja a pertença deles. Ponto.

00:20:40 Herson

Eu falo isso porque esse discurso de fato, principalmente na internet, eu vejo esse discurso ser acionado a toda hora. Sim, por várias pessoas.

00:20:48 Pai Fernando

E é, e é um discurso protecionista, né? Porque se você na verdade, pega para você o orixá, você não deixa que o outro cuide, você não deixa que o outro acredite, você não deixa que o outro cresça, porque aí eu falo assim, ó, se você tem orixá, você não pode ter na umbanda, isso é uma. Isso é uma apropriação, né? É como se você tivesse protegendo o seu culto. E na verdade, não é isso que a umbanda prega e talvez não fosse o que eles

deveriam pregar também, né? Cada um se sente feliz na cultura religiosa que escolheu. Os que vierem para umbanda, maravilhoso. Os que estiverem lá, maravilhoso. Sendo que a gente não crítica a própria apropriação que eles fazem dos exus lá, entende? Porque essa é exatamente o ponto de cisão entre isso me pertence e aquilo não. Então, se os orixás não podem pertencer a umbanda, eles também não podem trabalhar com tranca rua com Maria Padilha, com vovô, com caboclo, porque isso pertence exclusivamente a umbanda e você percebe como isso é limitante, de achar que isso é uma pertença minha. Você não pode usar aqui, vamos lá, né? O mundo é maior do que isso, eu acho.

00:21:47

É interessante isso porque, de fato, você, você vai ter casa de Candomblé que tem, que tem a presença do preto velho que tem...

00:21:55 Pai Fernando

Tem dias de umbanda, algumas casas de candomblé fazem dia da umbanda. Se você fizer o dia do candomblé na casa de umbanda, você é um louco, mas eles podem, entende? Sim, é isso.

00:22:06 Herson

interessante essa questão. Antes de se iniciar qualquer ritual, eu observei que tem o uso de um defumador que é passado na assistência e nos médios. Qual é a função do defumador e das ervas utilizadas aqui nos rituais da TESL?

00:22:24 Pai Fernando

Maravilhosa pergunta, porque na verdade eu não consigo dizer para você se ela nasce na umbanda ou se ela também é uma adaptação católica, mas eu consigo dizer para você que a função principal do defumador na umbanda hoje é preparar o corpo mediúnico e preparar os visitantes todos através de uma limpeza astral. Nós acreditamos o seguinte: que determinadas ervas queimadas elas vão ativar funções limpadoras no ambiente, destruindo as larvas astrais que a gente acredita que possa existir em qualquer lugar, destruindo umas espécies de pragas espirituais que nós chamamos de miasmas que podem estar presentes tanto no ambiente quanto no corpo físico das pessoas e essa fumaça passando em grande quantidade com a brasa também sendo acionada através da grande troca queima e brasa, queima e transformação, queima e fumaça que todo esse ambiente vai ser limpo e

preparado para estar melhor para que os os guias e os originais e os falangeiros cheguem.

Essa é a função principal do defumador e tem umas diferenças. Cada gira tem um defumador específico. Isso faz parte do conhecimento do culto, mas, por exemplo, mirra é muito usada dentro dos cultos de omulu, obaluaê, preto velho, e aí, caboclos já usam mais o benjoim Alecrim, e guiné, que são ervas mais cheirosas, mas quase todas têm a mesma função, purificar o ambiente e destruir larvas astrais e miasmas espirituais.

00:23:54 Herson

Interessante que eu achei interessante. Acho que você até respondeu, né? Como é que acontece a escolha das ervas utilizadas, né?

00:24:05 Pai Fernando

De cada linha que você está acessando naquele determinado momento.

00:24:10 Herson

É nas segundas-feiras, há em algumas segundas-feiras, às consultas com os pretos velhos aqui, né? Qual que é a importância e a função deles aqui dentro da TESL?

00:24:21 Pai Fernando

Leia o preto velho como, como o psicólogo do pobre.

Aquele que não pode pagar a um psicólogo na rede privada, que não vai ter acesso na rede pública e que, na verdade, o que tudo que ele precisa é de uma terapia de fala, como uma (...), terapia, né? De chegar aqui e falar, ser ouvido e ouvir os conselhos. Então o preto velho está para umbanda como esse grande psicólogo que vem aqui para ouvir as pessoas na grande maioria das vezes, eles dão conhecimento às pessoas, eles distribuem sabedoria as pessoas. Mas se você tiver em 100% das consultas, a grande maioria das falas que você vai perceber é, eu preciso ser ouvido e eles estão aqui para ouvir essa função do preto velho.

00:25:10 Herson

Eu também observei que os pretos velhos aqui, eles se utilizam de alguns objetos durante a consulta, né? Pode me falar qual, qual é a função, por exemplo, do cachimbo, da fumaça, da bengala dentro desse processo das consultas?

00:25:28 Pai Fernando

Vamos imaginar, , um espírito é como um escafandrista. Então, se o espírito está no plano mais alto, ele vai estar usando uma asa. Se o espírito desse um pouquinho nesse plano, ele pode estar de pé e se ele precisa ser identificado como um preto velho, ele agrega o corpo astral dele. Determinadas funções que vão de cara a te lembrar que aquilo é uma criatura mais envelhecida. Então a bengala, o charuto, o pano da costa, todas essas indumentárias e acessórios que os pretos velhos trazem, na verdade, são sinais. São senhas para que você, o leigo e o e o ciente, consiga entender que aquela é uma imagem de um preto velho trabalhando no terreiro. Se eu falar para você que nada disso é necessário, eu poderia estar sendo é poderia estar sendo ruim, não é? Ruim, né? De eu dizer para você que não seria necessário aquele instrumento, mas eu posso garantir para você que se um preto velho precisar chegar em qualquer lugar e não tiver essa indumentária toda, ele vai conseguir fazer o mesmo tipo de trabalho. Porque na verdade são só senhas e sinais que ele está se caracterizando para fazer aquele trabalho naquele dia, entende?

00:26:45 Herson

Sim, sim. Em outras segundas-feiras também tem as consultas com os exús e as pombagiras, né? É, qual é a importância e a função deles aqui também para a TESL?

00:26:59 Pai Fernando

Bom, aí a gente já está tratando do nosso outro povo, né? O povo que vem para tratar dos assuntos de dinheiro, que vem para tratar dos assuntos de amor, né? E geralmente, as pessoas que são da consulência de Exu não são as mesmas que são da consulência de preto velho porque o consulente do preto velho, ele vem para ouvir e ser ouvido. O consulente do Exu não, ele vem só para buscar bens.Materiais? Sentimentos que ele não tem reconhecido num parceiro.

Buscar às vezes, informações que são é que são mais da vida comum entre um homem e uma mulher, ou entre companheiros. Então o Exu está aqui para fazer essa função: de ouvir os amantes e de trazer fundamentos de crescimento material para quem procura por eles, na grande maioria.

00:27:45 Herson

Mas também vão existir as exceções. Existem pessoas também que vêm para consulta de

Exu, saindo um pouco desse eixo, né? Para algumas outras questões pode haver, né também?

00:27:57 Pai Fernando

Bem difícil, mas talvez exista. Não consigo dizer para você que eu conheço. A grande maioria vem buscando as mesmas coisas, crescimento material, crescimento emocional, estabilidade emocional, e aí, nos piores dos fatos, não é que chegam numa casa de umbanda e precisam produzir algum pensamento negativo contra outra pessoa dentro da casa de Santo, e aí? É nesse momento que dentro dessa casa, por exemplo, que o Exú vai precisar pontuar e colocar essa pessoa no seu lugar. Eu não estou aqui para produzir esse tipo de evento, né? A gente está falando de pedir uma maldade para alguém ou coisa parecida como dizem que eles fazem, fazem. Talvez na minha casa não fazem. Eu posso garantir para você, porque eles são doutrinados para agir em direção ao bem somente, mesmo que esse bem seja, é não identificado por mim, nem por você, mas eles não seriam capazes de produzir o mal aqui dentro.

00:28:50 Herson

Mas isso, isso também vai, vai de encontro àquilo que chamam, por exemplo, de doutrinação. É uma. É uma forma de. É uma forma de escolher até aonde A Entidade pode trabalhar dentro de uma, uma lógica de cada casa, sim, seria nesse sentido?

00:28:57 Pai Fernando

Sim, sim. Uma Casa de Caridade, porque se não, ele poderia estar trabalhando num outro tipo de casa, né? Que aí vamos colocar assim, existem casas de espiritualidade, que trabalham exclusivamente pro mal e aí eles se identificam como Kimbadeiros, né? Então não é umbanda, é a kimbanda eu julgo certo ou errado? não porque eu não consigo julgar o que é certo ou o que é errado, nem o que é bem nem o que é mau para você, tá. Eu te dou o exemplo: uma igreja evangélica, plantada do lado do seu terreiro, que está atendendo 10000 pessoas numa noite de consulta todas, se todas aquelas 100 pessoas da igreja colocam o joelho no chão e rezam a Deus para que destrua o seu terreiro. Eles estão a serviço do demônio. Porque você está a serviço do bem, então se eles pedem que alguma energia destrua você, eles estão a serviço do mal, então essa correlação entre bem e mal ela é muito profunda, né? Nós precisamos entender primeiro qual é a posição daquele que pede e se aquele que pede tem legitimidade para pedir, se o contra o pedido, aquele que

está sofrendo, tem merecimento de ser atingido, então é por isso que os terreiros não fecham, porque eles trabalham para o bem. Apesar desses irmãos estarem o tempo todo vibrando negativamente contra eles, entende? Estão a serviço do mal.

00:30:18 Herson

Certo, porque aí tem uma questão de tem uma, tem uma questão envolvida, que é a questão da moral, né? Uhum. E também essa questão justamente ampla e bem, como é que é bem ampla de o que é que é bem o que é que é mau, né? Sim, porque é um porque de fato, é uma questão que cada caso sim tem que investigar para entender, não é? E.

00:30:39 Pai Fernando

Depende de que ponto de vista você está? Eu acho, sempre. Não é difícil você saber qual é o lado de quem está fazendo bem. Difícil é saber. Não é difícil também saber o lado de quem está fazendo mal.

00:30:51 Herson

E aí as entidades, qualquer classe que seja, elas conseguem enxergar tranquilamente.

00:30:56 Pai Fernando

Perfeitamente, é até o merecimento, né? Da outra parte, como Deus enxerga o pedido de uma igreja ajoelhada num chão, pedindo para destruir o seu terreiro? Deus olha e daí fala assim, não, esse pedido eu não vou atender.

00:31:10 Herson

Eu observei também que os exús e as pombagiras aqui, eles se utilizam de alguns objetos, assim como os pretos velhos também, né? Pode me falar um pouco? Qual é, qual é a função, por exemplo, dos charutos, dos cigarros, da fumaça.

00:31:32 Pai Fernando

A mesma função dos pretos velhos. Identificação de classe é como se eu chegasse e eu tivesse um costume de trabalhar sempre com aquele elemento e eu usasse desse elemento para que você me lesse naquela incorporação como aquela entidade. Mas volto a dizer para você, tudo em uma questão de consciência e de necessidade do momento, porque eles são completamente capazes de trabalhar sem nenhum desses suportes. Nenhum desses amparos

que são visíveis a olho nu.

00:31:59

É essa. Essa questão é interessante porque eu já também já vi várias vezes esse discurso. Numa necessidade, um Exú, uma pomba gira, um preto velho vai trabalhar com um copo d'água e para ele está tudo tranquilo e se for para fazer magia para fazer alguma coisa acontecer, um copo d'água tem a mesma importância que um charuto.

00:32:18 Pai Fernando

Com certeza.

00:32:21 Herson

É sobre o altar, dentro do quarto do gongá. Qual é a função dele?

00:32:27 Pai Fernando

Seria o portal mágico principal, onde todos os assentamentos são colocados e aonde foi firmado o ponto central de qualquer casa de Santo. Seja ela um quarto pequeno ou um salão gigantesco. O altar é sempre o ponto básico de onde todas as energias vão emanar para o terreno. E no altar, clássico da umbanda é 3 os volumes. O primeiro volume com oxalá. O segundo volume com os falajeiros e o terceiro volume com o povo d'água, que é mãe em Yemanjá, enfim, o povo d'água. Sempre.

00:33:01 Herson

Interessante...Existem razões do porquê o altar ser organizado do modo atual? Se sim, quais são? Quais são elas?

00:33:10 Pai Fernando

Essa é o clássico da umbanda. Ser organizado sempre nesses 3 volumes, né? Não importa em qual casa de umbanda você vai estar. Pai oxalá, que, na figura de Cristo, vai estar no primeiro módulo. No segundo módulo, que pode ter duas, três, quatro prateleiras, vão estar os falangeiros e os santos, e no terceiro módulo, vai tá o povo d'água, mãe iemanjá, os marinheiros e o povo de encanto ... enfim, todo o povo d'água vai tá no terceiro modo.

00:33:37

É, e sobre as casas dos exú e das pombagiras, qual a função delas?

00:33:42 Pai Fernando

Manter a firmeza de cada terreiro como se fossem guardiões astrais de todo o serviço. Você poderia entender como um quartel em atividade, né? O general não fica sentado dentro do quartel sem que os sentinelas estejam a postos na guarita, então, os exus e as casas de exus, elas são os sentinelas astrais que defendem o trabalho espiritual da casa. Quando ativo e quando inativo também, porque eles estão sempre de prontidão.

00:34:11 Herson

Então, e é, então isso faz sentido também quando, por exemplo, quando a casa dos exús fica bem próximo da entrada da casa material existe uma lógica por trás.

00:34:23 Pai Fernando

Exatamente ser sempre o primeiro ponto de entrada e do lado esquerdo da entrada de quem entra sempre é conjugado para ser dessa forma.

00:34:34 Herson

Entendi, é eu vou para o segundo bloco agora e nesse segundo bloco eu busco entender algumas questões relacionadas ao tema da saúde e dos rituais aqui na TESL, quais foram as consequências da pandemia de covid-19 para as atividades aqui da tese?

00:34:52 Pai Fernando

Parada total, né? A partir da decretação da pandemia, ficamos durante todo o período bastante abalados, com medo, como todo mundo esteve, né? Mas firmes na nossa certeza de isolamento, total. Não havia reuniões aqui, porém nós não nos desligamos da fé, porque nós passamos, graças à internet, achar um meio de uma reza online que eu fazia as segundas-feiras, que estão postadas aí no YouTube da casa, demonstrando que nosso povo estava todo unido. Era engraçado porque entravam nosso povo e entravam outras pessoas, na reza que eu produzia no Facebook, acho que no Facebook na época. Assim, todas as segundas-feiras nós nos mantínhamos dentro de uma corrente de oração, de 8h20 às 21h, 21h30, nos mantendo firmes ali, próximos na internet, mas completamente afastados pela necessidade, é sanitária do momento, né? da pandemia?

00:35:52 Herson

Então, a internet, ela tem cumprido esse papel importante de uma maior divulgação e ao mesmo tempo, de uma aproximação de laços em relação aos umbandistas?

00:36:05 Pai Fernando

Sim, sem dúvidas, nesse momento da pandemia eu, eu afirmo pra você que se não houvesse a possibilidade desse povo ter se reunido comigo via internet, Nós não teríamos passado por essa pandemia da mesma maneira. Porque apesar de eu tá aqui isolado, eu mantinha todas essas pessoas à minha volta, né? Através dos grupos de WhatsApp, Telegram e na própria consulta, né? Na própria consulta, perdão, na própria reza que eu fazia às segundas-feiras que entravam todos. Aí aquele era o momento, né? Como se já esperassem por aquele dia, né? E acabou que se expandiu de uma tal maneira que, das 60 pessoas que frequentam a casa, as Lives às vezes tinham 400 pessoas dentro e era muito curioso, né? Porque todos vibrando a mesma coisa: a necessidade de um amparo espiritual, que eu acho que as igrejas devem ter feito da mesma maneira. Nós encontramos nessa forma a forma de nos sustentar espiritualmente naquele momento.

00:37:00 Herson

É interessante isso porque cada dia que passa, eu visualizo cada vez mais a internet, sendo usada como por exemplo, no aplicativo, no TikTok eu dou o exemplo do TikTok porque é o aplicativo mais utilizado hoje, né? O aplicativo de vídeos curtos e você vê cada vez mais pessoas fazendo Lives. Eu mesmo já visualizei pessoas fazendo Lives de de consultas e tudo mais. E é bem. Esse é bem esse, esse papel, né? Você entra numa live e você vê 300, 400, 500 pessoas comentando. Obviamente, existe pessoas comentando negativamente, mas também existem muitas pessoas comentando positivamente. Do quanto que aproxima elas e tudo mais?

00:37:43 Pai Fernando

Acredito, aí sim, perfeito.

00:37:46 Herson

As entidades, elas chegaram a avisar em algum momento, de uma forma direta ou indireta, sobre a aproximação da pandemia.

00:37:55 Pai Fernando

Sim, nosso mentor espiritual maior seu 7 estrelas, 3 meses antes do início da pandemia, ou seja, em dezembro, né? Que seria isso foi março, né? A Anunciação foi em março, né? Aqui o lockdown é. Em dezembro, quando nós estávamos finalizando o ano, ele chamou o povo numa última reunião e deixou claro que como se houvessem camadas e esferas espirituais do nosso planeta, que o nosso planeta tem uma esfera espiritual que é sempre guarnecida por um número x de entidade, tá? E ele disse para as meninas que nós deveríamos estar atentos porque do outro plano de onde ele vem, que ele diz que ele é da constelação de órion, havia um chamado para vir a Terra anormal de entidades, que só estava sendo feito quando nós entramos na Segunda Guerra Mundial.

E ele declara isso para as meninas em dezembro que nós estivéssemos alerta porque estavam existindo convites da espiritualidade para que os mestres se aproximassem da nossa Terra. Como só tinha acontecido na Segunda Guerra Mundial. Antes, só que nós não sabíamos que nós íamos ser uma pandemia. Achávamos até que poderíamos ser uma entrada, uma nova guerra. Não sei, né? Já que todos os países estão em guerra nesse atual momento, poderia ter acontecido, mas não foi. Foi muito mais grave do que isso, não é? Foi uma pandemia mundial de saúde.

00:39:30 Herson

Sobre as motivações que levam uma pessoa a buscar os cuidados aqui da TESL. Quais são os principais motivos que que você observa? Você escuta as pessoas comentando que chega até você.

00:39:44 Pai Fernando

Olha, se você sabe que a gente não vende facilidades, nem espiritualidade, a gente não vende essa informação, né? Na verdade, o que nós, teoricamente, produzimos e nos orgulhamos é do trabalho que fazemos pela sociedade, né? Em em torno das consultas, das gírias, enfim, das coisas que acontecem. Em 2018, antes da pandemia que eu ainda fazia um acompanhamento de dados da TESL, nós chegamos a atender em torno de 1200 pessoas num ano inteiro. Esse ano de 2023, eu acho que nós atendemos muito mais, eu ainda não fechei, mas eu não consigo te dizer quantos são. Em números, de janeiro a dezembro, né, que eu vou fechar agora nesse final de ano. Mas eu acho que o boca a boca das pessoas, quando elas saem daqui com seus resultados alcançados e que elas levam para outras, é o que fazem, por exemplo, essa festa de agosto, que para mim é uma festa. Uma festa de cura, uma festa de curar na mesma harmonia, uma festa de amor, sendo entregue

para a sociedade que cada vez mais o agosto daqui se transforma num evento, porque ele já foi uma reza de 10 pessoas. Hoje ele é uma reza de 100 pessoas e cresce a cada agosto cresce. Então eu acho que esse público que vem aqui só em agosto que venha especificamente em agosto, eles alcançam os seus objetivos, saem daqui e depois você vê na internet como eu tenho acompanhado uma menina que alcançou uma cura de câncer há pouco tempo. Depois eu posso até te dar o nome, se você tiver interesse em fazer essa consulta com ela ou fazer essa entrevista com ela. E hoje eu vejo ela dançando na internet, porque ela é uma espécie de influencer. Então ela estava muito triste quando chegou há 2 anos atrás, né? E ontem mesmo eu vi ela postando uma imagem, rindo, dançando e eu pensando, meu Deus, que forma bonita de demonstrar que está tudo bem. Pode, até não está curada tecnicamente, mas emocionalmente está curada, né? E já consegue se colocar no mundo com a aceitação do seu problema, que eu acho que às vezes é 100% da cura, é você se alcançar dentro do seu próprio problema e você não se auto sugerir, mas você ter consciência de que, OK, eu estou com essa doença, mas eu vou em frente com ela. Eu não vou desistir de tomar meus remédios, de fazer meu tratamento, mas eu estou bem. Porque mentalmente eu estou bem, espiritualmente eu estou bem, e amorosamente eu estou amparado por uma força espiritual que está me garantindo, sabe? Então eu acho que Esse é o resultado que a TESLA coloca para fora do mundo. Hoje é ver que uma pessoa que chegou aqui tão abatida, um ano depois está dançando na internet, mas ainda convivendo com a sua chaga. Ela vai continuar te marcando, mas ela já está mais leve até ela sumir. Eu acredito que vai acontecer.

00:42:33 Herson

Então, então tem muito dessa questão do do próprio mental e emocional, não é para para a pessoa conseguir. Conseguir chegar onde ela, aonde ela quer, não é?

00:42:45 Pai Fernando

Sim, não vou dizer para você que isso é 100% do resultado que a gente espera que seja só uma auto sugestão, não, mas que realmente ela encontre a cura, né? É possível, mas que isso já é 100% do que só eu quero fazer, porque quem sou eu para pedir a cura de alguém? Mas se eu ver que o meu amor, que o amor dessa casa, que o amparo que é a espiritualidade aqui, deu para alguém já foi capaz de tirar de uma pré-depressão ou de uma depressão, eu já estou muito feliz com esse resultado. Só dizer para você, não diga a Deus o tamanho do seu problema. Diga ao seu problema, qual é o tamanho do seu Deus. O nosso

se chama omolu, obaluaiê.

00:43:25 Herson

Entendi. é comum as pessoas procurarem aqui a tese para resolver problema de saúde. EE aí quando uma pessoa procura para resolver essa questão da saúde, qual é a primeira atitude que? Qual é a primeira atitude que uma pssoa aqui... Qual a primeira atitude que ela deve tomar? Qual é a primeira? Qual a primeira atitude que que deve acontecer para acolher ela? Como é que acontece esse processo de a pessoa chegou aqui com um problema de saúde e como é que acontece esse acolhimento?

00:44:01 Pai Fernando

Seria 100% se nós tivéssemos uma equipe de apoio para esse primeiro momento? Tá, mas não essa realidade. Eu acho que não é a realidade de 100% dos terreiros, porque nós não estamos preparados para isso. Então assim, eu, como líder da casa, sempre exijo que nos dias de tratamento, sejam eles. Na consulta de agosto, seja ele num dia de uma reza especial para cura, que o corpo mediúnico esteja concentrado, de modo que não fique com risadararada, não fique com brincadeiras, porque nós não sabemos quem entrou pelo portão e como entrou e o que precisa de suporte. Entende? Então, assim, o primeiro momento é preparar a casa para que, num momento, como em agosto, por exemplo, como a própria palavra do Santo diz, silêncio, meu senhor, está na Terra. Então é introspecção e é estar vibrando positivamente pelo que vai chegar certo. Agora a pessoa eu acho que como ela chega sempre com muita esperança de fé. Com muita esperança de cura, com muita certeza de que ela precisa encontrar alguma cura. Eu acho que todas elas chegam com esse coração na mão para te entregar e a nossa função como líderes espirituais, conscientes de que nós não estamos ali para explorar, porque é nessa hora que se coloca a exploração do outro. Em com muita facilidade porque a pessoa está entregue a você. Ela tem esperanças em você que as pessoas ruins de uma índole se aproveitam e começam a extorquir essas pessoas desse momento (...), pelo menos na minha casa de Umbanda, isso é proibido, né? Porque aqui ninguém troca dinheiro por nada. A gente tem um trabalho de manutenção que o corpo mediúnico faz. O corpo de consulência pode ajudar a casa em doações de produtos, de limpeza, enfim, das mais variadas formas, mas não entregando nada por por condição. Eu te entrego a cura se você me entregar o dinheiro. Não, não é isso. E eu acho que é com esse coração que elas chegam precisando de amparo, precisando de suporte, de apoio e de novo, digo a você que a nossa função maior é abraçar a todos, né? Não importa se branco,

azul, amarelo, verde, preto, lilás, não importa. A nossa função é abraçar a todos e acho que todas elas chegam com essa grande esperança que vai entregar o centro para que seja curado e espero sempre em Deus que sejam.

00:46:18 Herson

Sim, sim. O que é que você acredita que é a saúde?

00:46:24 Pai Fernando

Saúde é você estar bem com você mesmo, por exemplo, para mim é o primeiro princípio. Como vou dizer para você de novo? Já disse antes, eu vou dizer para você, se você está obrigado a conviver com alguma doença crônica viva, porque ela não vai dar num passarinho? Aliás, vai vai num passarinho, não vai dar em uma parede, não vai dar num carro, não vai dar. Ela é uma condição humana de estar em algum momento, é é se desestabilizando quimicamente, fisicamente, emocionalmente, tá, então. A saúde para mim, ela tem três passos : primeiro a saúde emocional que precisa estar 100%, porque sem essa você não vai à frente. Depois, a saúde física. Não é que essa saúde que você precisa se controlar, se acompanhar, não se deixar levar pelos excessos nem na bebida, nem na comida, nem na prestação, né? E por último essa saúde espiritual, que é a que nós buscamos aqui o tempo todo. Estar saltares e estar envolvidos no nosso processo de transformação íntima. Sempre nos transformando, porque a transformação íntima, a renovação íntima de um médium, ela vai trazer todas as outras consequências porque, por exemplo. Se nessa renovação íntima da saúde espiritual eu entendo que o fumo em excesso ou a bebida em excesso fora do centro é um mal, eu já estou cuidando da saúde física. Se eu entendo que nessa saúde física eu tenho a tranquilidade de mesmo com uma doença crônica me atingir, né? Vamos dar um exemplo, HIV, vamos dar um exemplo, diabetes, vamos dar um exemplo, pancreatite, enfim, o que você tem? Se você tiver saúde emocional para você cuidar da física, eu acho que tudo daí vai em diante. Bem, então está tudo amarrado, né? A saúde espiritual, a saúde física e a saúde mental. Se você tiver as 3 em harmonia. Você vai bem se você começa a se desarmonizar em uma das 3, todas as outras são afetadas. Então, saúde para mim, é harmonia do seu estado de vida.

00:48:25 Herson

Certo, então seria na verdade um grande complexo que precisa caminhar junto para que se chegue até onde se querem, não é?

00:48:33 Pai Fernando

E se você não conseguir chegar, que você tenha a tranquilidade de saber que aquilo lhe foi determinado por alguma razão e que você também vai tirar um aprendizado daquilo e que você precisa ser melhor, se melhorar ou evitando a bebida ou evitando cigarro ou evitando, enfim, tantas coisas que você vai fazer pela sua saúde, a comida, né? O pecado da gula, tão forte para todos nós, né? Que a gente precisa estar o tempo todo se controlando para a gente estar em diante. Aí você vai no médico, é gordura no fígado, é gordura não sei aonde, é não sei o que, então, é complexo, você precisa se cuidar, se você quiser viver bem, não é bem saúde, é isso.

00:49:09 Herson

Por outro lado, a, aliás, é o que é que o que é que faz uma pessoa ter saúde? Você falou, né?

00:49:15 Pai Fernando

É esse complexo de coisas que a gente vai estar envolvendo no nosso bem viver, né? E no nosso modo de viver “Ah, pai Fernando, mas você é 100% em todas elas.” Claro que não! Como a beça, bebo à beça, bebo nada, bebo muita pouca água, enfim, tenho meus desregulares, mas eu acho que a gente precisa encontrar o ponto de equilíbrio para não estar mal. Não é pelo menos se cuidar o tempo todo.

00:49:40 Herson

É aquilo, né? Quando você percebe que desequilibrou, você tenta voltar ao equilíbrio mais.

00:49:45 Pai Fernando

Rapidamente, se o meu limite é 100, tá só para a gente fazer uma graça. Na entrevista, o meu limite é a balança passar para os 3 dígitos? Ainda não passei, mas várias vezes eu chego 98, aí volto 95, 94, daqui a pouco, 99, aí eu volto 90, 91. Então o meu problema é sempre esse, é a gordura, é comida.

00:50:04 Herson

É interessante, é. E por outro lado, o que é que você acredita que é a doença?

00:50:09 Pai Fernando

Um estado mental em primeiro lugar, porque eu não acredito que um câncer não seja um estado mental. eu Fernando tá? A medicina pode ter várias explicações para o câncer. Eu acho que é sempre um estado mental de depressão que você mergulha fundo dentro daquilo e você começa a projetar do corpo físico para o do corpo astral, do corpo mental para o teu corpo físico, como se você fosse como se você “estartasse”, como se você ativasse um gatilho dentro do seu organismo para se autodestruir. Então, a doença? Ela pode ter sido adquirida? Sim. Óbvio que a gente sabe que a que o nós somos seres biológicos e biológicos, nós estamos em processo de decrépito, né? Óbvio. Desde o momento que nascemos, estamos envelhecendo, mas. A resposta entre a vida de um ser humano hindu. Para nós, que somos criaturas ocidentais, ela está passando finamente pelo estado mental. De você estar numa alimentação perfeita. De você evitar os excessos de você estar sempre em harmonia com o seu eu interior e com o seu eu superior buscando essa harmonia. e quando você se equilibra nisso tudo de novo, você não vai desenvolver a doença. Porém, se você continuasse, né? Se você estivesse num caminho de depressão, eu acho que você está tendo vários gatilhos e para não estar em depressão, alegria, tratamento. consulta com o preto velho Alegria dos exús. Ou seja, a resposta da umbanda é sempre grupo. Estamos em grupo, somos uma mesma casta de pessoas que caminha junto, inclusive tem pessoas que estão aqui que já chegam nesse estado de doença muito grave, que quando se encontram com esse grupo fala assim, nossa, que oportunidade grande de caminhar junto agora de ir para a festa de ir. Vim na macumba, de ajudar a limpar uma coisa, isso já te dá uma nova vida. Minha mãe era um resultado muito disso, sabe Herson, ela vivia muito deprimida dentro de casa antes de encontrar a umbanda. E eu acho que é exatamente por isso que ela cai muito doente mentalmente e logo depois que ela encontra a umbanda, ela encontra uma série de ativações. Era consulta, era trabalho, era estudo, era não sei o que. E ela começa a se agrupar naquele grupão dela do de 1980 e daí em diante ela esquece que tinha uma doença mental. Olha que coisa boa.

00:52:30 Herson

Interessante isso, não é porque que de fato tem. Tem muito disso, não é? Eu acredito que isso funciona também, até para as para as outras religiões também, não é? Você sempre tem esse sentimento de tipo, quando você está num grupo, você tem uma tendência a se sentir melhor, né? Sim que você se sente parte de um todo.

00:52:47 Pai Fernando

Claro. você quer ser aceito, você quer fazer parte, você quer ser igual, Né? eu acho isso muito importante. Estar em grupo é muito importante para nós, que somos ser que vivemos em sociedade, não é?

00:53:00 Herson

Sim, e aí entra muito é, vai bem de encontro. E você falou, né? Do equilíbrio mental, né? Tem. Tem tudo a ver sim. E aí a próxima pergunta, o que é que faz uma pessoa ter uma doença? Entra um pouco nessa questão, né?

00:53:17 Pai Fernando

Eu acho que o que faz uma pessoa ter uma doença, se não for um processo biológico, né? Porque eu acredito que as doenças são biológicas. Também não posso negar a ciência, né? Não sou negacionistas, mas se não for um processo biológico, eu acho que a depressão. A falta de perspectiva num futuro é uma das coisas que “starta” muito esses processos de doença que nós temos hoje nessa sociedade nossa que se isola numa televisão e num quarto, por exemplo.

00:53:44 Herson

Bem, é muito interessante isso porque toda a vida que se discute, por exemplo, saúde mental, entra muito nesse aspecto de tipo, evitar o isolamento. Você ter sempre alguém para conversar, alguma amizade, tudo mais, porque olha que olha que eu não.

00:54:00 Pai Fernando

Estudei isso, hein. Desse jeito que vocês estudam, eu só estou falando pela minha experiência de vida.

00:54:06 Herson

É, mas faz, faz todo o sentido não tipo uma pessoa completamente isolada. É muito difícil você conseguir enxergar assim, ela. Ela conseguir de fato. Se sentir tão completa ao ponto de falar assim, não, eu não preciso de absolutamente mais ninguém. Assim, não preciso conversar com ninguém, né? É uma coisa que não existe até porque. Até porque, querendo ou não, nós somos animais sociais.

00:54:32 Pai Fernando

Exatamente e precisamos estar nessa sociedade, sim.

00:54:36 Herson

Sim. Você acredita que existem tipos de doença, além do corpo físico, como por exemplo as doenças espirituais?

00:54:45 Pai Fernando

Acredito e acredito que a doença espiritual também é um resultado dessa depressão que eu estou falando para você, que Eu Acredito que exista, porque, é clássico do povo de umbanda, do povo de candomblé creditar a espiritualidade a doenças como se fosse uma espécie de um alarme. “Ó, se você não fizer tal coisa, você vai ficar doente. Se você não der a obrigação de tal Santo, você vai morrer”. Então isso é um absurdo, na minha opinião, porque você, na verdade está meio que forçando a pessoa a um ato religioso que ela não quer por amor, certo? Mas também você produz isso na pessoa, porque ela acredita tanto na espiritualidade que se ela não fizer aquilo que você disse que daria uma doença pra ela Eu Acredito que ela possa até desenvolver essa doença, mesmo ela não tendo como se fosse uma autossugestão inversa, né? Ou seja, agora você fica doente porque você não cumpriu aquilo. Então é a vigilância que o líder espiritual ou que uma que uma espiritualidade incorporada ou, enfim, alguém que cuida de pessoas precisa ter, na minha opinião, é evitar a produção dessa doença, né? Imputando o que não exista certo e, a partir disso, recepcionar as pessoas que já vêm com esse sentimento de doenças, seja ele qual for do corpo físico do corpo, astral do corpo espiritual. Mas que você trate isso. E a umbanda possui a ciência de você limpar corpos astrais. Então, por exemplo, se eu recepciono uma pessoa aqui, né que não é umbandista, tá? Estou falando de alguém que não é do culto. E eu olho essa pessoa e pela minha anamnese espiritual eu identifico que aquele perispírito está todo manchado, porque a gente vê manchas pretas no perispírito dessas pessoas e eu começo a identificar o seguinte, olha como é o estado de saúde, fulano, não, eu sou muito bem, eu não tenho nada. Você pode ter certeza que vai ter. Porque já está escrito.

Já está sendo projetada, então o que que você faz? Traz para o culto, começa a tratar com os banhos, porque aí você vai regulando aquela estrutura mental, a princípio, e depois você vai conseguindo fazer com que aquele perispírito comece a se desfazer daquele daqueles miasmas espirituais, né? Que estão presos manchas pretas, manchas vermelhas, enfim, que estão dizendo para o leitor que tem evidência que aquela pessoa está próxima de um estado

de doença, entende? Então a gente precisa identificar isso, curar isso e mesmo que você não fale para pessoa, ó, você estava próximo disso, mas você precisa entender que sua a sua função foi dada a você para que você haja mesmo nesse silêncio de curar pessoas antes que elas me antes mesmo que elas produzam aquilo para elas.

00:57:27 Herson

Interessante, né? Então tem tem disso, do estado espiritual, né? Da questão espiritual da pessoa acabar refletindo no corpo físico uma hora ou outra acabar refletindo, né? Mesmo que a pessoa até nem acredite tanto, mas.

00:57:45 Pai Fernando

Precisa nem acreditar. Existe um vastíssimo estudo da codificação kardequiana falando sobre isso, que você produz coisas no corpo físico através do corpo espiritual, que se um tiver doente, o outro vai adoecer. E aí existem milhões de maneiras de você curar tratamento com as ervas. Chás, banhos, pipoca, canjica. Enfim, banho de lua, banho de fruta, banho de Cachoeira. Existem tantas maneiras de você fazer a cura. Só precisa que as pessoas procurem, né? E não precisa nem ter fé, tá de verdade? Uma Cachoeira e uma folhagem de beira de Cachoeira. Eu consigo tirar algumas coisas de algumas pessoas sem nem elas perceberem, só brincando de bater nas pessoas com folhas de Cachoeira.

00:58:26 Herson

Então, seria, de certa forma, mais ou menos como um remédio funciona, né? Ele funciona, independente se você cria ou não acredita ou não. Nele, a partir do momento que você está tomando. Parar pra pensar, faz todo o sentido, não é? Porque se você está limpando o pé de espírito, o perispírito existe. Independente se você acredita que ele exista ou não, né? Sim, então ele vai se limpar porque ele está lá, né? Sim.

00:58:50 Pai Fernando

Os céticos não vão acreditar em nada disso. Não é nem na existência da alma que dirá de um perispírito, então se você, se essa pessoa te procura com a, com essa necessidade de cura, e se você se coloca à disposição para isso. Sem custos, sem você estar trocando a sua ciência por isso eu acho que tudo é válido você só precisa que a pessoa queira, você não pode impor, né? Lógico.

00:59:17 Herson

É, você não pode, você não pode literalmente ir até a casa da pessoa, segurar ela pelo braço e falar, Ah, vamos pra Cachoeira, porque eu vou te curar agora exatamente. A pessoa também precisa. Sim, precisa querer.

00:59:28 Pai Fernando

Precisa querer.

00:59:30 Herson

O que é que faz uma pessoa ter uma doença física ou uma doença espiritual?

00:59:42 Pai Fernando

Uma doença física, um processo biológico, ponto. Doença espiritual n fatores poderiam poderiam startar uma doença espiritual, mas eu acho que em todos eles a gente vai falar novamente sobre o estado de mente daquela pessoa, para que ela não adoça espiritualmente. O que seria o adoecer espiritualmente? A pessoa fica deprimida dentro de casa, perdendo ânimo de vida, não acreditando no futuro, desesperada com os problemas do dia a dia. Que todos nós temos é conta para pagar. É um carro, é um filho, enfim, a gente tem obrigações da vida adulta que a gente não pode se negar a cumprir, mas que tudo isso passe com mais leveza, talvez a palavra seja essa. Que você entenda que você não é capaz de tudo e está tudo bem. Se você não for capaz de tudo e a nossa função como centro, como umbanda, é talvez e até fazer com que essas pessoas identifiquem isso, que nós também podemos ser bem sucedidos no fracasso, de não cumprir todas as etapas, porque nem Jesus cumpriu todas as etapas, porque é que a gente vai ser obrigado a cumprir? Se não der para cumprir, tudo bem, vamos em frente. A gente precisa seguir, uma hora ou outra, Deus manda a resposta.

01:00:57 Herson

É sobre um sistema voltando um pouco, né? Sobre a questão do sistema público de saúde aqui no Brasil. Você acredita que as as eventuais deficiências dele é um motivo, ou pode ser um motivo, para as pessoas justamente procurarem aqui a tese para resolver algum problema de saúde?

01:01:16 Pai Fernando

Não, não acredito. Eu acho que a ciência, essa ciência técnica, essa ciência estudada, essa ciência da medicina, ela tem a sua função dentro do campo de ação, que ela se predetermina, né? Então, por exemplo, mais uma vez digo a você, nenhuma pessoa vem até a TESL para curar uma fratura de tíbia. Isso é uma pertença da medicina tradicional. Nenhuma pessoa vem até a TESL para fazer, por exemplo, uma operação que seja de coração, porque isso é uma pertença da biologia, da ciência médica. Enfim, essa é a função disso, tá? Agora as pessoas que vêm a TESL, elas não têm, na minha opinião, 100% de um tratamento que se fosse público, talvez não tivesse esse público grande, que são os tratamentos psicológicos e psiquiátricos, entende? Porque a grande maioria dos adeptos da consulta, os problemas deles, são mentais. Os problemas não são físicos, porém se projetam como a gente estava interligando, né? Tudo que a gente foi projetando nas doenças e não-doenças. Quando você tem o problema mental, você está tão amarrado nele que você começa a projetar coisas. Então como que é umbanda? Funciona como o psicólogo dos pobres, o preto velho funciona? Voltando a essa sensação tão ruim que aquela pessoa tem e curando ela mentalmente. Então ela não precisa mais estar aqui. Mas então, pai, você quer dizer que se houvesse psicólogo suficiente, nós não teríamos pessoas que estariam na umbanda? Não. Porque na verdade quem vem a umbanda não vem só para se curar. Existem pessoas que vêm como eu, que amam, independente de procurar uma cura ou não. Então a umbanda subsistiria mesmo na não existência de uma função de consulta, mas como a umbanda, se predispôs a ter o médico dos pobres, né, a ter o perdão, a ter o psicólogo dos pobres, que é o preto velho, quando você está com preto velho em terra, filho, eles estão resolvendo os problemas que muitos psicólogos poderiam resolver também, que são os tratamentos da mente. Então uma coisa não vai descredenciar a outra jamais.

01:03:28 Herson

Você já ouviu alguém reclamar eventualmente de algum problema que ela sofreu no sistema público de saúde? Aqui na TESL, digo assim, alguém já chegou, alguém já chegou até aqui reclamando, ó, eu estou vindo aqui também porque estou passando por um problema porque não consegui marcar uma consulta porque o médico foi grosseiro comigo e aí eu preferi vir aqui, já aconteceu esse tipo relato.

01:03:54 Pai Fernando

Não. Não, porque eu até ficaria muito surpreso se a pessoa diz que ela veio ao centro

porque ela deixou de ir a um médico, né? De novo, eu não sou negacionista, não acredito que uma coisa seria capaz de suplantar a outra. Em hipótese alguma, não recomendaria, por exemplo, que uma pessoa com um tratamento necessário na medicina viesse procurar um preto velho, por exemplo, para se tratar. Vamos lá, de uma hepatite, por exemplo. Ah, pai, mas você está dizendo então que não existe tratamento, na umbanda para alguém que tem hepatite? Existe. Mas isso é conhecimento ancestral tradicional de ervas, entende? Aí pode ser através do preto velho, mas pode ser em um erveiro que nem da umbanda é porque a erva é um conhecimento comum, entende? Então, ela não precisa ser na umbanda, mas se ele vier de um umbandista e o umbandista tiver o conhecimento, maravilha! Mas se ele precisar e for procurar esse conhecimento na medicina comum, maravilha também! Eu acho que é o mais indicado, inclusive, né? Porque o efeito da alopatia, o efeito da , da homeopatia são bem diferentes. Do que faz, né? No dia a dia, então, se você na homeopatia, que seria esse tratamento com as ervas da umbanda, vai se curar em 1 mês na alopatia, você pode segurar uma semana em 2 dias. Às vezes quem vai discutir o poder do antibiótico, né? Quem vai discutir o poder da penicilina então...Nos respeitamos e nos complementamos. Essa é minha opinião sempre.

01:05:21 Herson

É o que é que você entende pela palavra, pelo cuidar, pelo ato de cuidar. Você acredita que cuidar de uma pessoa doente, que busca a TESL, pode fazer parte do processo de cura dela?

01:05:32 Pai Fernando

Sempre. Já disse isso no decorrer da nossa entrevista. Sim, eu gostaria, na verdade, de ter um serviço de suporte para que as pessoas, quando chegassem aqui, elas pudessem passar por uma espécie de entrevista, como a gente está fazendo aqui, para identificar qual é o perfil social para identificar qual é o perfil médico daquela pessoa, e assim que eu pudesse ter, por exemplo, uma enfermeira comum analisando uma pressão, analisando um estado de, sei lá, enfim, que a gente pudesse ter complementaridade num, numa recepção, né? E a partir desse momento que a gente pudesse receber essa pessoa já meio que sabendo que ela tinha que você já pudesse indicar para o tratamento certo dentro da casa e esse eu estou falando de um momento da TESL de 2023, porque não estou querendo dizer que em 2026, por exemplo, quando a gente repetir essa entrevista que eu não diga para você, Herson, eu tenho uma farmácia de ervas agora e a partir de agora, antes do preto velho, eu já consigo

tratar essas pessoas com emplastro, com uma garrafada, enfim, com tratamento qualquer que nós já sabemos aplicar antes de chegar ao preto velho para fazer a cura dela ou para trazer um estado melhor de cura.

01:06:46 Herson

Próxima pergunta desde que você começou como zelador da TESL, em algum momento você já ficou doente e buscou se curar? Por meio do auxílio das entidades daqui?

01:06:57 Pai Fernando

Sempre. Eu não fico gripado, que não vai me rezar. Não precisa ser uma doença não, pode ser uma gripe. Porque eu acredito também que as energias grudam em você, tá? E as energias ruins. E que às vezes uma energia ruim pode adoecer o seu perispírito, pode adoecer sua alma, pode adoecer o seu corpo físico. Então, antes de procurar um tratamento médico, a primeira coisa que eu vou é me rezar com os preto velhos, porque eles é que são a resposta da minha fé, entende? E a partir dali, quando eu sento lá, ele fala assim, filho, agora procura o homem da capa branca, aí eu saio correndo e vou pro médico. Porque se ele falar não, eu vou te curar, eu vou ficar 100% ali sentadinho com ele, esperando essa colha e Eu Acredito piamente nisso.

01:07:36 Herson

Então, interessante. No seu caso, você primeiro buscou auxílio de um médico ou das práticas rituais do TESL. E por quais motivos fez essa escolha? Digo, de outra forma, dita, né? Quando você percebe que você está doente ou que você ficou doente, como por exemplo, na questão da da gripe, uhum, então você primeiro tende a se consultar com as entidades daqui ou tende logo no médio?

01:08:04 Pai Fernando

Não, tendo a me consultar com as entidades daqui, porque eu tenho muita fé nisso. E espero que eles me digam que o momento de procurar os médicos é aquele, porque se não eles podem dizer o contrário. Não, não é o momento. Vamos lá, você só está passando por um momento de gripe mesmo. Isso vai parar daqui a pouco. Enfim, não vai evoluir para uma pneumonia. Enfim, Deus me livre. Vou sempre consultar eles primeiro, são meus oráculos, então, eu. Fernando, não me colocaria o pé para fora para procurar o médico sem antes me consultar com meus pretos velhos.

01:08:38 Herson

E aí, justamente AA motivação para para buscar primeiro eles. É justamente pelo fato deles serem oráculos, por assim dizer, por eles terem essa capacidade de fazer esse esse diagnóstico mais rápido, inclusive do que um médico. Sim, é isso?

Pai Fernando

Sim, e até de coisas que a gente não sabe. Herson A medicina espiritual, essa medicina do preto velho, ela é capaz de determinadas coisas fantásticas e a gente às vezes. É muito ignorante da nossa parte que a gente não consegue nem identificar isto. E aí eu vou te contar, por exemplo, que minha minha irmã, que você conhece, teve grávida de 6 meses, há um alguns anos atrás, quando ela ainda era casada. E um belo dia, ela entrando por essa porta dentro, ela estava na igreja evangélica, nessa época e grávida. Aí ela entrou por essa porta a dentro, virou para minha mãe e falou assim, viva. Ah, não estou me sentindo bem. Eu estou muito enjoada, eu acho que é a gravidez. Mamãe falou assim, deixa eu ver, aí foi meter a mão na barriga dela. Meteu a mão na barriga dela, vovó apareceu, virou na minha mãe. Sabe qual? A resposta da Vovó pra ela? Corre, porque se não morre, você e ele já está morto. Então ela não precisou de um médico para que o preto velho viesse na Terra, colocasse uma mão. Minha mãe era um ser humano como eu e você. Ela não teria capacidade de fazer uma ultrassonografia, nem uma ausculta de coração de um feto. Ela era uma ignorante nesse sentido. Ela simplesmente colocou a mão e a Vovó disse, corre porque já está morto, se não vai morrer ele e você. E fato ela saiu daqui direto para o Antônio Pedro, porque ela era diabete, ela é diabete. Melitus grau 2, grau 3, sei lá, o mais grave. Que tem e quando ela chega no Antônio Pedro, os médicos desesperados que ela estava em 6 meses, com um feto morto há uma semana já. E aí? Conclusão foi internar de urgência, num processo pra fazer a curetagem, enfim, bem dramático, mas que se ela não tivesse o amparo do preto velho, talvez tivesse morrido ela e ele, porque ela não ia identificar isso primeiro porque ela não fazia nenhuma doença. Ela não demonstrava só um enjoo, não demonstrava uma situação de doença e ela ia ficar ali, ó, uma ou duas semanas com um feto morto no útero, entende? Poderia ter perdido o útero, poderia ter desenvolvido uma série de complicações nos órgãos próximos e na verdade, foi o preto velho que viu a resposta. Corre, porque se não vai morrer, ele e você está morto e ela mesmo evangélica, não duvidou, saiu correndo para o hospital. e fato, feto morto.

01:11:10 Herson

É interessante isso, né? E, de fato é, é uma situação bem assim. É uma situação bem grave, que poderia tranquilamente desenvolver uma sepse, né? Sim, se ela esperasse mais uma semana sim ou se é que IA, IA justamente chegar.

01:11:25 Pai Fernando

Eu trouxe ela aqui? Exatamente por saber que a mãe seria capaz de trazer um preto velho em Terra mesmo ela não estando nessa fé. Nunca duvidou do que existia aqui. Nunca, mesmo estando evangélica, sabia que era aqui que viria a resposta assim, ó, sem sombra de dúvida. Então é esse o preto velho que eu acredito que ele vai me dar a minha resposta, sem sombra de dúvida, não, filho, faça isso assim assado médico não filho não precisa, vamos resolver com não sei quê feito. Não preciso de duas palavras, é uma só, é a que eu acredito.

01:12:05 Herson

E aí, ao mesmo tempo tem. Tem essa questão da da inteligência e do bom senso do do próprio preto velho perceber que tem determinadas coisas, que é o médico, né?

01:12:16 Pai Fernando

Exatamente.

01:12:18 Herson

Se chegar aqui, uma pessoa, sei lá que acabou de ser acidental e tá com uma perna quebrada sim, o preto velho vai bater o olho e ele imediatamente vai falar, corre no médico.

01:12:28 Pai Fernando

Sim ou além, você sabe que a nossa querida Rita que parou o rim não foi, há pouco tempo. E o médico que atende ela no hospital é eu contrário, diz que ela nunca viu o que aconteceu, porque ela parou os 2 e ela voltou os dois, em uma semana depois. Não é muito comum na medicina tradicional que alguém entre inclusive para fazer a hemodiálise e logo, uma semana depois volte. Ele falou que era quase um milagre e esse milagre se chama o quê? A nossa fé dos pretos velhos, porque foram feitos alguns trabalhos, mesmo à distância. Ela estava já internada, fazendo diálise diariamente e o vovô falou aqui não vai

ficar, vamos fazer aqui umas magias e tal. Usamos uns elementos do culto e ela exatamente no dia que ele falou, saiu do hospital porque o médico falou, estamos diante de praticamente de uma situação inexplicável para medicina. Seu rim estava parado, foi feito tomografia, não sei o que, não é aquela coisa toda de análise do rim. Ele falou, seu rim estava morto e ele voltou e está aí bem, graças a Deus tem um, sei lá, 2 semanas que está em casa já, né? 2, 3 semanas. E o dela voltou? Eu também não, tá? Estou te falando que o que ela me disse que o médico me disse que ele estava espantado, estava sem explicações, porque é que ela, depois de ter parado um rim duas semanas, volta a funcionar magicamente, como se não tivesse parado?

01:13:57 Herson

Eu nunca tinha ouvido falar de fato nisso, não como eu estou falando. Eu não sabia que um rim poderia parar e voltar a funcionar, né? É tipo, eu não sabia se eu não sabia sequer que a medicina acreditava nessa possibilidade,

01:14:18 Pai Fernando

Que Inclusive, foi identificado. O que ela deveria ir para uma clínica. Ela iria sair da crise, mas já saindo de lá com uma clínica determinada para dializar dia sim, dia não, foi tudo arrumado, os médicos não acreditavam que ela voltaria e o preto velho falou aqui vai voltar sim e vai voltar no sábado e foi feito um trabalho aqui na sexta e no sábado ela teve alta porque o médico falou, você está fora daqui, você não tem mais nada. Então, acho que valeria até uma entrevista com ela depois sobre esse assunto, porque é um grande fato, sim, é um grande fato.

01:14:42 Herson

Vou. Vou conversar com ela. É uma cura mágica, né? Então a gente precisa acreditar nisso também que existe. E é aquilo, né? É. É parando para pensar. É um dispositivo mágico que influenciou necessariamente no corpo físico.

01:14:57 Pai Fernando

Sim, e sem ela estar aqui, né? Foi feito à distância, é o que mais interessante, né? Porque ela estava internada no UTI grave lá, dializando diariamente. Quando isso acontece, isso pra gente é maravilhoso.

01:15:11 Herson

É aquele tipo de é claramente aquele tipo de situação que quem está dentro da umbanda e quem minimamente frequenta, olha e fala, tá, aqui é onde aqui é onde você consegue tranquilamente diferenciar quem acredita e quem não acredita, né? Porque você vê a coisa acontecer, pode chegar a qualquer médico e falar foi apenas uma coincidência, mas existe uma lógica das coincidências, né? Não é assim. Ah, você teve sorte? Não, não é questão de sorte, né? Porque teve um trabalho espiritual para aquilo ali acontecer e.

01:15:47 Pai Fernando

A movimentação da nossa fé sim, né? E o acreditar e o pedir, o implorar muito a Deus que é o agente de todas as coisas, né? Para aquela voltasse, enfim, graças a Deus ela está aí com a gente.

01:15:59 Herson

É interessante pensar, não é que também que você tem, você tem essas 2 situações, não é do caso da sua irmã, feto já estava morto, não tinha o que ser feito, né? E ao mesmo tempo, você tem esse outro lado do tipo. Daquilo que era extremamente improvável simplesmente acontecer num espaço curto, não é? Sim, porque o rim poderia voltar a funcionar, mas, por exemplo, voltar a funcionar só daqui a 3 meses, mas não no intervalo de tempo que nem a medicina consegue. Sim, equalizar direito, né, simplesmente volta a funcionar e tá tudo certo.

01:16:34 Pai Fernando

E é isso, liberaram como se ela tivesse 100% sã como eu e vocês estamos aqui agora. Sem acreditar muito mais liberaram. Sem acreditar muito mais liberaram e pronto. E é isso. Não tem mais o que fazer, graças a Deus.

01:16:48 Herson

É aquele tipo de caso que o médico pode falar é, possivelmente eu nunca mais vou ver isso enquanto eu estiver trabalhando nunca mais vou ver esse tipo de situação, mas acontece, exato. E aí é a última pergunta, você acredita que os procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas doentes que vêm aqui até o TESL como consultas, banho de ervas, padês, passes, se elas se relacionam de um modo oposto ou ou positivo, né? Ou de uma forma complementar em relação às práticas de cura da medicina tradicional, como, por exemplo, consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos. Eu digo

assim, a relação que as práticas de cura que tem aqui na TESL, elas têm uma relação de complementares ou de oposição em relação à medicina tradicional.

01:17:40 Pai Fernando

Complementariedade porque, na verdade, de novo a gente não vai negar as funções da medicina comum, né? Como é que chama? Legal. Medicina tradicional?

01:17:53 Herson

Algumas pessoas também chamam de alopática.

01:17:54 Pai Fernando

Não vamos negar porque, por exemplo, se eu sou o médico e eu recomendo a você que você pare de usar determinado, mude determinado hábito, como por exemplo, comer carne vermelha, porque vai aumentar as suas, enfim, os seus glóbulos vermelhos. Enfim, eu não sei o que faz direito, que eu não entendo a função. OK, então se um, se eu sou o médico e o médico me recomenda isso. E eu entendo o seguinte, caramba, mas esse médico me recomendou isso, então eu vou lá no preto velho pra ver o que que o preto velho vai me dizer? Aí eu vou lá no preto velho ele vira pra mim e fala assim, filho, o que você precisa agora é tomar o chá desintoxicante disso, disso, disso, daquilo. Eu, Fernando, eu estou falando por mim, tá? Eu não estou falando de qualquer outra pessoa, eu, Fernando, vou literalmente, fazer a diminuição da carne vermelha e vou tomar o chá. Então é esse o momento que um vai complementar o outro. Mas eu nunca vou deixar de fazer é de continuar comendo a carne vermelha numa churrascaria enorme e tomando chá. E não vou só deixar de comer a carne vermelha para tomar só o chá, entende? Então eu acho que nós precisamos ter uma inteligência emocional para frequentar essas duas casas. Vamos botar assim o banho, o padeiro, A beberagem, o emplastro, a obrigação, elas vão te trazer a paz emocional, sim, vão te trazer a paz espiritual? Sim, no caso das que se ingerem, como os chás e as coisas, vão te trazer o resultado químico. Sim, que você está buscando através daquela homeopatia aplicada, mas você não pode nunca de novo, né? Isso eu gostaria que ficasse muito registrado no seu trabalho, como um zelador falando. A gente não pode, nunca, negar a existência da medicina tradicional e os e a ciência que foi desenvolvida através desses séculos para que nós chegássemos no que nós temos hoje, porque senão nós caímos Herson. No erro crucial das igrejas evangélicas, quando, por exemplo, pela movimentação da fé indicam aos seus seus seguidores que parem de tomar os remédios de,

por exemplo, tratamentos de HIV, tratamento de câncer, tratamento de pressão, né? E isso é grave, porque na verdade nós estamos levando essas pessoas ao precipício, porque uma pessoa que pela fé vai se curar, OK, mas ela não pode, por exemplo, deixar de tomar um remédio anti HIV, ela não pode, por exemplo, deixar de tomar um remédio anticancerígeno, ela não pode deixar de fazer a quimioterapia, ela não pode deixar de mudar os hábitos dela alimentares por conta de alguma complicação das doenças que ela vai carregar, entende? Então, o que se complementa sempre tudo que é umbanda tem respostas para até onde ela foi convidada, ter, e que, a partir do momento que a fé não consiga avançar, nós precisamos e temos que fazer o respeito à medicina tradicional para que nós não caiamos nesse erro que nossos irmãos, ignorantes, na minha opinião, fazem, que é matar as pessoas pela sua ignorância religiosa, entende? Nós somos a religião da lucidez, do amor, do encontro. Nós somos a religião da inteligência emocional. Nós somos a religião do acolhimento e essa religião não pode produzir ignorância em tempo algum. Então essa é a minha palavra para essa pergunta tão boa que você trouxe como última aí.

01:21:35 Herson

É porque, de fato, é uma questão interessante. Eu fiquei porque essa é a minha questão principal dentro dentro da tese, né? Eu também fiquei pensando, você falou, né? Dessa questão dos evangélicos? E eu fiquei pensando que de vez em quando você fica tendo acesso a algumas algumas reportagens de coisas que você olha e você pensa assim, olha, nada. Nada abaixo de um completo milagre inexplicável justifica isso. Vou dar um exemplo. Eu lembro de uma reportagem que eu vi de um de um pastor, só que se eu não me engano, não era aqui no Brasil, eu acho que era em algum país africano que o pastor falou assim, não eu. Eu vou ficar enterrado 3 dias e depois eu volto. E aconteceu o que se espera de uma pessoa que ficou enterrada há 3 dias, quando foram lá, o cara estava morto. E assim você para para pensar, tipo, em qual momento essa pessoa achou que tipo que a fé dela simplesmente ia fazer ela respirar debaixo da Terra por 3 dias? Não faz sentido. E aí entra muito essa questão, né? De tipo, Ah, um preto velho, ajuda um preto velho cura e tudo mais, mas entra muito essa questão do bom senso, né? esse bom senso ele nunca pode estar, ele nunca deve estar longe dos princípios da umbanda, né? porque se não você. Você entra numa espécie, e aí também vou falar sobre igreja, é falar sobre igreja evangélica, entra numa questão de fanatismo. Eu acho que essa é a palavra sim. Você se você cai no fanatismo, independente da religião, você começa a falar isso. Ah, não pode parar de tomar o coquetel anti HIV que vai dar tudo certo. Não, não vai dar tudo certo. Se você parar, você

vai morrer, você vai ter, você vai ter doença oportunista, você vai ter pneumonia, você vai ter tuberculose e se você chegar para um preto velho falando que tomou o remédio, ele vai olhar e falar, volte a tomar, sim, porque assim eu posso te passar uma erva mais assim, seu corpo vai se degradar, sim, porque aí é um, o preto velho vai ficar entre aspas, sustentando o seu sistema imune, porque você resolveu parar um para tomar um remédio? Sim, não, não faz sentido.

01:23:58 Pai Fernando

e o que nunca aconteceria na umbanda, né? Porque nós não não chegamos próximo desse desse limite absurdo e eu quero de novo, botar da ignorância, do fanatismo, a palavra bem usada da manipulação da fé das pessoas, porque na verdade o pastor não pára. Ele indica você parar, mas ele não para, porque na verdade ele precisa produzir um milagre. Foi o que esse desavisado tentou fazer embaixo da Terra e obviamente, aconteceu. O resultado esperado. Morreu, né? Porque ninguém tem o peito de aço, né? Cristo, pela melhor concepção da umbanda, inclusive, não ressuscitou. Ele renasceu na espiritualidade porque nós nem acreditamos nessa função, apesar de sermos uma religião cristã. Mas nós abolimos da história de que ele pode ter sido ressuscitado em corpo e que ele possa ter sido assunto aos céus, num corpo que em 1 km explodiria porque a lei da física. Então a ciência da umbanda, é a lucidez e o esclarecimento maior de tudo e a partir daí a gente se encontra com os nossos próprios conceitos, nos renovamos. Aplicamos a ciência basilar, ancestral das ervas. Sim, da cura pela espiritualidade. Sim, mas nós entendemos de novo que o limite está onde até onde a fé vai agir e a partir dali, diz na palavra da bíblia que a fé é o acreditar no desconhecido, né? Nós não Lemos dessa maneira a fé, até onde ela pode agir dentro da nossa cultura a partir dali, se nós precisarmos de alguma coisa qualquer que não seja capaz de ser? Respondida por um preto velho por um caboclo e pela ciência da umbanda, nós vamos sim, sem nenhuma vergonha, sem nenhuma forma de achar que estamos sendo diminuídos como curadores para um hospital, para um médico, sim, e reverenciando a ciência de todas as maneiras possíveis que a gente possa fazer.

01:25:55 Herson

voltando também a questão, né? Como? Como eu tinha até puxado, né? Anteriormente, é as próprias entidades, elas têm o bom senso, não é? Elas enxergam um todo que elas conseguem, obviamente, ver mais do que a gente e elas conseguem tipo, ó, o caminho é esse. Daqui o caminho, se você não quiser seguir, tudo bem, nenhuma entidade vai te

obrigar a seguir. Mas assim, Ah, eu quero uma cura para determinada doença. O caminho é esse. Daqui você vem aqui, você toma um passe, você vai, você vai fazer uma entrega, você vai passar um bando de erva, mas tem a questão do médico também.

01:26:35 Pai Fernando

E graças a Deus, nós não temos histórias na pelo menos dentro da TESL, né? Sobre alguém que tenha sido manipulado a ponto de se prejudicar, né fisicamente com uma, com uma ignorância dessa, não existe pelo graças a Deus. A gente não tem esse público. Esse público fanatizado. A gente não tem esse público, muito pelo contrário, todo mundo que vem aqui vem. Crente no amor, crente, na fé, crente, na sabedoria ancestral dos pretos velhos que vão te falar, tá na hora de ir pro moço de capa branca, tá bom, vovô, eu vou lá. E se resolve assim.

01:27:08 Herson

E parar pra pensar faz assim o bom senso. Ele impera, tanto que como você tinha dito, né? Cada vez mais vem mais gente, né? Se não viesse cada vez mais mais gente, então seria sinal de que? Mas ela tá sendo passada que, obviamente que dentro desse. Desse contexto total de pessoas, tem o famoso boca a boca, né? O pessoal.

01:27:31 Pai Fernando

É só o que vale, é só o que vale, porque na verdade você não compra. Você não compra uma vinda numa sessão de consulta porque você viu na internet. Você pode ver na internet, vem uma vez e acabou. Porque se a palavra que tiver colocada na tua frente não tiver valia, você não volta. Mas aqui é o contrário do que a gente vê, né? Cada vez que as pessoas vêm às consultas, elas voltam e voltam e voltam. E assim, hoje eu já estou num problema porque dezembro eu não faço umas consultas. É o tempo que o centro para se reorganizar administrativamente, né? A gente tem a festa de fim de ano e não tem janeiro. Eu retomo, mas não retomo com as consultas. Eu só retomo com as consultas depois do Carnaval e olha esse hiato, dezembro, janeiro, fevereiro, março, abril, praticamente. Então tem 5 meses aí que um público enorme fica muito desesperado, entende? E aí, eles partem até para oferta do que não se deve, tipo, “mas se eu pagar, você me atende?” E aí você seduzido como, como líder o tempo todo, “meu Deus, é a cobra me seduzindo no meu deserto?” só pode ser, né? Porque você não trabalha por isso, mas você também tem que organizar a casa. A casa tem o costume de ir trabalhar essa consulta, mas eu entendo

também que existe uma sociedade inteira carente disso e que de repente a gente pode. Não sei pensar numa possibilidade, mas aí você, isso é uma discussão para a frente, está ou você? Trabalha só pela caridade ou você trabalha para desenvolver pessoas do centro com acesso com o paralelismo da caridade, porque a consulta é a caridade, né? Mas o centro também tem outras necessidades. Que as pessoas se prepararem, quer organizar a casa, que é fazer as obrigações de cachoeira, praia, encruzilhada e isso tudo demanda tempo nesse período de ano, entende? Mas é isso, vamos ver como é que vão ficando as coisas pra frente.

01:29:26 Herson

É. É bem interessante isso que aí também entra naquilo, né? Ah, a casa pode até não cobrar, mas aí se você começa a fazer a consulta particular nesse meio tempo, uhum. Vai formar uma.

01:29:38 Pai Fernando

Fila a mais, vai com certeza.

01:29:40 Herson

Então assim você vai, vai ter gente falando assim, Ah, você não pode me atender, sei lá, segunda às 7 da manhã sim, só que não vem uma pessoa, porque essa pessoa com certeza ela vai comentar com outras pessoas, ó, não está tendo a público, mas está tendo a privada. Então quando você olha, tem 50 pessoas para ser atendido numa segunda-feira. E aí você fica naquilo. Não cobra porque existe o exercício de caridade, mas também você não pode ficar 5 meses atendendo 50 pessoas todo dia. Porque aí tudo bem, a espiritualidade dá suporte, mas tem a própria vida cotidiana, né? Você não pode abrir o centro 7 da manhã e fechar 11 horas da noite. É, haja corpo físico pra aguentar a passagem de toda pessoa, exatamente pra resolver os problemas, né? Exatamente essa questão é bem, é bem interessante assim.

Claúdia:

00:00:00 Herson

Eu pego. Pronto, começou, porque aí eu pego e depois eu extraio só o áudio e coloco para transcrever, entendeu? Porque aí eu também, porque aí eu vou usar trechos pra inserir dentro da tese.

00:00:15 Cláudia

Certo

00:00:17 Herson

Pronto, tranquilo, é então é nesse bloco aqui eu vou abordar algumas questões relacionadas à trajetória religiosa. Aí eu queria que você me falasse inicialmente, como é que foi seu contacto com a umbanda? Como é que foi a sua trajetória até chegar aonde você está?

00:00:38 Cláudia

Então, eu nasci na umbanda, né? Porque, literalmente, meus pais tinham uma união de onze anos e minha mãe não engravidava. E aí ela vai a uma preta velha e. Ela tinha feito todos os exames, ela não tinha problema nenhum de saúde, não tinha nada e meu pai também não tinha. E eles já tinham inclusive desistido quando chegou uma amiga dela em casa, com um bebê, dizendo que tinha ido a essa preta velha. E aí levou ela lá, ela foi, e a preta velha fez lá um remédio para ela, né? Uma que eles chamam de garrafada. E aí que é com ervas, frutas e tudo. E aí ela tomou essa garrafada, esse remédio, essa medicina, né? E aí passado uns 2, ela passou uns 3 meses tomando essa garrafada e aí no final da segunda garrafa que ela estava tomando, a preta velha tinha feito 3, e ela engravidou, e aí eu nasci.

E até me emociono, né? E 2 anos depois, a minha irmã nasceu, e aí foi dito a ela que eu nasceria e a minha irmã viria sem nenhum problema. E foi assim. Logo depois, a minha mãe, não era da umbanda, tá? Minha mãe não era umbandista nem meu pai, mas a minha avó materna já era. E aí eles continuam seguindo e minha mãe entra para umbanda porque sente uma necessidade em função de mim. Porque apesar de ter vindo dessa garrafada, depois dessa medicação e tal, depois desse remédio, dessa, medicina da umbanda, eles dizem que eu acabo trazendo comigo algumas outras coisas. Que acabam ficando muito sutil as energias que estavam à minha volta e a minha mãe entra para umbanda por isso.

Eu, quando criança, acabei tendo muito medo, porque como eu era muito sensível, eu sentia muitas energias das pessoas que chegavam e como elas iam embora e como eu ficava meio esponja na história, eu tinha medo.

Mas aí quando eu já estava com 16 anos para 17, eu começo a ver isso mais forte em mim. Aí minha mãe já era da umbanda, já se cuidava. Minha mãe chegou a fazer os 21 anos de

recolhimento e tal, mas eu sempre me esquivando com medo. E aí com 16 para 17, eu faço meu primeiro recolhimento de anjo de guarda. Porque as coisas estavam muito assim, essa esponja estava muito ativa, né? E aí é, fiquei durante uns 3 anos, me afastei, porque eu estava estudando, porque não, não encontrava esse tempo, né? E tinha um pouco acho que de receio do meu pai também de como seria isso, então também não tinha um Incentivo, né? Porque a minha mãe já não ia mais, já não frequentava, então para eu ir, eu já ia sozinha, enfim....

E aí o tempo foi passando, eu acabei entrando para o candomblé. Fiquei lá 2 anos. Não me encontrei. Eu não sou uma médium de incorporação, tá? Apesar de ter essa facilidade de absorver energias e de hoje, aprender a lidar, ter aprendido a lidar com elas. Eu não sou uma média de incorporação, que é uma outra coisa que as pessoas fazem muita confusão. Acha que o médium que não tem incorporação, nada sente, entra e sai sem sentir nada. E não é assim. A percepção é a mesma. Eu posso não ter uma incorporação. Não, não está usando ali o meu aparelho fônico para estar passando a mensagem, como o médium de incorporação, mas as sensações acabam muitas, sendo parecidas. Então a minha entrada é assim, e aí me afasto disso tudo porque minha mãe adoeceu. Fui cuidar dela, meu pai adoeceu. Aí um foi o outro foi e tal. Há uns 25 anos, depois da minha saída no candomblé, eu encontro a TESL e volto para umbanda. E lá vem seguindo, né? Já se vão 10 anos. E lá eu estou seguindo com eles.

00:06:03 Herson

Entendi. Então, no caso, quando você nasceu, você já nasceu inserida em um contexto da presença da umbanda e tudo mais. Quem não tinha um contexto da umbanda até certo ponto da vida era sua mãe, mas você já nasce nesse processo de aproximação da umbanda, por assim dizer. Não é?

00:06:22 Claudia

Sim.

00:06:24 Herson

Perfeito. E aí, o que, o que te trouxe para umbanda, foi justamente essa sensibilidade que você tinha, não é isso?

00:06:33 Claudia

A princípio, sim. A princípio foi. Quando eu, ainda com 16 para 17 anos... como que levou a minha mãe também essa sensibilidade, né? Porque ela sentiu uma necessidade de cuidar de mim, e então ela entra para isso.

00:06:52 Herson

Entendi, perfeito. E como é que funciona as relações com as pessoas, as pessoas mais distantes, por assim dizer, tipo o pessoal do trabalho, os seus vizinhos? Eles já teceram em algum momento da sua vida algum comentário sobre o fato de você ser da umbanda, ou não?

00:07:13 Claudia

Sim. Infelizmente a gente, acho que a gente passa por isso, né? Nós, umbandistas, nós que somos as religiões afrodescendentes... enfim, a gente acaba passando em algum momento da vida, por isso eu acho que o primeiro momento que eu passei por isso na minha vida, eu ainda nem era integrante da umbanda. Eu devia de ter uns 14 para 15 anos, fazendo ainda o meu segundo grau, eu tive uma professora evangélica que percebeu que meus pais eram de umbanda e eu defendi mesmo não sendo eu, defendia a umbanda com unhas e dentes, né?

E aí, na época, ela começou a questionar isso, eu dei meio que uma cortada na história. Eu percebi que a gente tinha um período para estudar para vestibular, né? Que é exatamente nessa fase de 15 anos para 16. A minha entrada já é com quase 17, então isso é antes de eu entrar, me iniciar. Foi nítido que ela marcava todas as aulas extras que ela tinha de correção de exercício. É de aplicação de testezinho, de exercício de preparação para o vestibular no horário do meu curso de inglês, então eu não conseguia nunca fazer essas aulas dela.

Mas eu só me dei conta disso anos depois, naquela época, para mim era uma professora chata, evangélica, chata, que parava aula para falar de Jesus em vez de dar a matéria. Me atrapalhava porque eu acabava não conseguindo a concentração que eu precisava.

A matéria dela era química. Eu pensei que eu nunca fosse aprender química na minha vida, apesar de querer na época medicina e aí eu descobro no cursinho depois, né? Quando eu

vou, termino no segundo grau, vou fazer o cursinho, que era a matéria que eu mais gostava e que eu mais entendia que eu mais aprendi com facilidade. Foi química, mas na época eu não conseguia porque tinha essa questão. Porque química você vai desenhar todas aquelas cadeias, e você tem que ficar treinando aquilo. E ela marcava os treinos exatamente quando eu não podia estar. Eu acho que esse foi o primeiro assim, embate.

Depois tive um amigo que vinha, frequentava minha casa e a família dele era evangélica. Eu sabia. Achava que ele também sabia que a minha era de umbanda, porque eu nunca tinha escondido que a minha mãe era de umbanda e quando ele se deu conta disso, ele se afastou. Então assim a gente sente que tem. Eu acho, assim, que o pior foi uma vizinha que aí, mamãe já estava mais velhinha e tudo e ela tentou afastar a filha que foi criada comigo porque ela entrou para igreja evangélica. Ela, a mãe, entendeu?

Então a gente vira e mexe e passa por alguma situação assim, né? No trabalho, eu nunca me senti assim. Eu tive um trabalho já como enfermeira, que eu excluí as minhas redes sociais. Porque lá se cantava o louvor todo dia antes de começar a trabalhar. E eu falei, vai ser impossível, passado o período de experiência, se descobrirem o meu Facebook, né? Falei não e aí, conversei com o zelador. Pedi desculpas, eu falei, mas eu não quero criar esse embate porque é uma empresa particular e eu preciso trabalhar. Então assim, já passei sim, já vi isso mais de pertinho, sim.

Herson

Nesse último caso, por exemplo, que você falou, você pensou em algum momento, por exemplo, denunciar algum órgão do estado? Como é que você vê essa relação com o Estado? Você acha importante, por exemplo, denunciar sempre que acontece?

Claudia

Olha, importante, é. A gente não pode negar que existe essa importância, mas a gente entende que muitas vezes você está num sistema que é mais fácil você se mudar ou você sair dele do que você criar mais um impasse quando você está num sistema público que ninguém vai te mandar embora, porque você fez a denúncia, acho que é super válido. Mas nas empresas particulares você precisa estar muito resguardado. Senão, você certamente vai sair perdendo, né? Mas com certeza é importante. Não só a questão da religiosidade,

como de qualquer outro abuso, né? Seja ele de cunho pessoal ou profissional, a gente precisa, sim, exercer mais isso, né?

00:12:18 Herson

Você acha que essa questão da intolerância muitas vezes também está atrelada à questão do racismo?

00:12:26 Claudia

Sim, sim. Existe o racismo estrutural, né? A gente não tem como sair muito negando isso que existe, né? Existe um racismo estrutural e acaba passando por ele. A gente acha que, você vê, muitas vezes a gente fala “eu não sou macumbeiro, eu sou umbandista”, mas a gente se coloca como o macumbeiro e a gente vai eu sou macumbeiro mesmo. Meu filho, então negro, ele diz “eu sou negro, macumbeiro.” Diz que é e acabou. Bate no peito e tal, ele não tem, né, está com 24 anos, então já teve uma outra geração em cima disso tudo, né? É diferente. Eu já estou com 56. Quer dizer tudo isso que eu passei na idade dele, que se ele passou é para ele diferente e talvez a religiosidade nem se sinta tanto, porque eles já tinham preconceito. É, é racial, Né?

Então é isso tudo é muito estrutural e a gente acaba sendo preconceituoso com a gente mesmo. Eu sou macumbeira, como se isso fosse bom, é que a gente coloca isso batendo no peito, mas se o outro te chama de macumbeiro. Tá nítido que não é assim, né? Então é com certeza existe e está muito preso a gente.

00:14:00 Herson

Entendi, e você acha que outras questões, como por exemplo, orientação sexual, identidade de gênero, e as questões sobre ser homem? Ser mulher? Você acredita que a umbanda, ela tem maior facilidade para acolher essa diversidade que existe em relação, por exemplo, a algumas outras religiões?

00:14:21 Claudia

Não tem a menor sombra de dúvidas. Não tem a menor sombra de dúvidas, é a nossa religião é uma religião que abraça, para depois te perguntar quem você é. Então isso muda tudo, né? Ninguém quer saber de onde você veio, é o que você faz na vida. A gente primeiro abraça a gente vai conhecer depois, para conhecer no dia a dia, a gente vai saber das histórias. Então assim, pouco importa para a gente as suas escolhas, o seu gênero, o

que você faz, entendeu? A única coisa que realmente nos importa é se você tem caráter, se você é íntegro, se você está ali de coração, se você quer realmente cuidar da sua ancestralidade através dessa medicina incrível que a gente tem. Dessa religião maravilhosa que é a umbanda, né? Que é uma religião que eu sempre digo que não tem uma única medicina. Tem várias medicinas incluídas nela. Seja na medicina do benzimento, seja no da erva, seja no da defumação, seja na entrega da oferenda, seja no sacrifício animal, enfim, você tem sempre uma medicina por detrás é sempre um movimento de cura.

00:15:41 Herson

Passando aqui, passando para a frente, eu quero. Quero falar um pouco sobre as práticas religiosas No terreiro. Queria que você me falasse um pouco mais sobre como é que foi a sua formação como médium até poder chegar à TESL. Onde você está? Você está hoje e o que é que de fato é preciso para ser um médium da casa?

00:16:08 Claudia

Na verdade, esse caminho é aquilo que eu te falei, né? Eu começo com 16 para 17, me afasto. Vou ao candomblé. Lá passei 2 anos aonde a mãe de santo queria, porque queria que eu virasse, que eles chamam, virasse no santo. Eu não viro no santo e aí ela me levantou, como ekede da casa dela, mas, infelizmente, logo depois ela partiu dessa vida, ela fez a passagem dela, voltou lá para as terras da aruanda e aí eu me senti muito órfão, sem entender o candomblé, porque eu achava que eu não entendia. Uma vivência muito maior de umbanda porque sempre acompanhei minha mãe, sempre estava por ali, mas ao mesmo tempo, muito descrente de tudo, até pelas coisas que eu vivi no candomblé nestes 2 anos que eu passei lá.

E aí quando eu encontrei a TESL, foi aí que eu acho que eu realmente comecei a descobrir e a vê em mim o que é que aquelas energias todas que eu senti, o que é que elas diziam e o que é que eu podia fazer para ajudar as pessoas estando naquele naquele meio? Naquele lugar. Então é, eu não fiz absolutamente nada antes. Eu não fiz nenhum curso antes, mas o que te transforma, né, e te prepara é a vivência é o dia a dia.

A gente tem vários preceitos. A gente tem várias obrigações que a gente diz como os camarins, né? Que são as obrigações é de tempo, porque você entra na casa, você vai fazer o seu primeiro camarim. Depois você vai fazer o seu segundo camarim, provavelmente com 3 anos. Para quem não é rodante, para quem não não incorpora, se você fez os de 3

anos, você vai sair uma mãe pequena, ou um pai pequeno, ou você vai sair uma mãe criadeira, ou você vai confirmar o seu cargo de samba ou Ogã. Enfim, isso às vezes a gente até consegue samba e ogã. A gente quando coloca na primeira vez no camarim, a gente já tem essa confirmação. A gente já sabe que é, né? Então quando ele sai ele já sai, “ó, você é samba, você é ogã”. Mas quando a gente coloca um outro filho rodante e ele sai dali, agora, um filho batizado, né? Agora, um nascido na umbanda. Com 3 anos, é que a gente vai volta com ele lá e aí a gente sai com ele como, como pai pequeno ou como mãe pequena ou como mãe criadeira.

E assim vai, entendeu? É você estando ali, é você aprendendo os virtuais, é você. Hoje eu tenho muito mais função do que eu nunca imaginei que eu pudesse ter numa casa de umbanda, não só aprendendo a lidar, eu, Cláudia, com as minhas energias, com aquilo que me pertence e saber onde são as minhas e onde são as dos outros. O que é que me faz, o que é que parte, o que é que não faz, até para fazer as próprias blindagens, não é daquilo que não é sua blindagem, não do que é positivo, mas aquilo que não, que não não cabe, né? Mas, principalmente, aprendendo a ajudar as pessoas a fazerem e a passarem por esses processos. Eu acho que é esse o grande aprendizado, né?

Então eu acho que é isso. Eu acho que não tem, coisa assim, eu sei que existem várias casas diferentes de umbanda. Existem cursos de umbanda para você entrar na umbanda. Na nossa casa não é assim. Você entra e vai aprender no dia a dia. Hoje a nossa casa está muito mais voltada para ensinar aos filhos coisas que vão agregar a essa cura, que vão agregar a essa umbanda que a gente já faz.

A gente faz uma umbanda omolokô, mas a gente faz uma umbanda que acredita no Reiki, que acredita na terapia alternativa que acredita no benzimento fora não só do preto velho, mas você aprender a fazer também você aprender também a lidar com as ervas e não só colocar tudo na conta da entidade que está chegando, mas favorecendo a entidade que está chegando, preparando o aparelho para que seja o transmissor do conhecimento, não é? Então é isso.

00:21:03 Herson

Perfeito. Eu fiquei só com uma, com uma curiosidade, como é que funciona essa função da mãe? Criadeira? Quais são as funções dela, como que funciona?

00:21:14 Cláudia

A mãe criadeira é exatamente a pessoa que vai fazer os 3 anos de obrigação. E aí você reconhece nela a função de criar outros filhos, colocar e tirar do camarim um pai pequeno pode fazer isso? Pode. E o pai de santo, faz isso? faz. Se não tiver quem faça samba, vai fazer? vai, mas eu tenho uma pessoa que saiba fazer isso e que está pronta para fazer isso e que vai aprender a fazer isso com mais facilidade que é a mãe criadeira, que é quem vai colocar o filho no camarim, cuidar dele os dias todos que ele vai ficar ali, porque a gente coloca o camarim como útero e a pessoa que entra como um recém-nascido, que precisa de todos os cuidados até que saia dali de dentro. Ela que vai fazer, ela que vai fazer essa pessoa nascer na umbanda e fazer nascer o orixá dela. Na umbanda, dentro do preceito.

00:22:19 Herson

Entendi, perfeito. É? Eu queria te perguntar se. Se a rotina se a rotina da casa, né, da TESL e se ela chega a influenciar na sua vida familiar ou profissional, como por exemplo, na questão dos horários.

00:22:35 Cláudia

Olha o que acaba acontecendo, que eu acho que com qualquer religião, é que você tem que administrar o seu tempo e as suas vendas, né? É lógico que todo mundo na nossa casa, pelo menos, né? Eu não sei se é assim no geral, todos nós trabalhamos. O zelador trabalha. Os os nosso babá trabalha. As nossas yalorixás trabalham. Eu sou o samba da casa, trabalho. Os nossos ogãs trabalham, os nossos médios, todos trabalham. Então a gente tem uma agenda fora da TESL. O que acontece é que quando você consegue, você sabe do seu compromisso. Você já coloca que você tem esse compromisso. Agora, é óbvio que se você tem um compromisso profissional, muitas das vezes alguma coisa vai ficar faltando pra parte religiosa, mas eu acredito que isso é em qualquer lugar em qualquer religião. Então assim, esse fim de semana mesmo eu não consegui estar na TESL. Eu estou sempre que posso, estou sempre por lá e é difícil não me ver por lá, então, por isso, inclusive nesse sábado, eu não pude ir e eu tive algumas pessoas que são frequentadoras, que não são filhos da casa, mas que são frequentadores, me mandando oi, tudo bem, está tudo bem com você, está tudo OK? não, eu tive um compromisso de trabalho. É, eu sou enfermeira quando eu trabalhei na rotina de enfermeira. Se eu tivesse de plantão eu não ia, não ia na TESL precisava estar na minha rotina de plantão, então assim eu acho que é conciliável como

qualquer outra religião, você tem que conciliar.

00:24:31 Herson

Entendi, perfeito me fala um pouco sobre sobre a importância do trabalho da casa, né? Da tese tanto para os médiuns quanto para as pessoas que vão lá em relação a do, ao desenvolvimento pessoal das pessoas, qual que é a importância? Qual é o papel que a TESL possui para propiciar o desenvolvimento pessoal, tanto dos médiuns quanto das pessoas que vão para lá?

00:25:00 Claudia

Eu acho que acaba sendo como em toda a religião também. Herson, sabe? Acolher, mostrar o caminho. Mostrar a possibilidade do que vem e do que pode acontecer ou não. É óbvio que a gente tem pessoas que procuram nossa casa tanto consulentes como médiuns, que entram e acabam não ficando, porque querem a religião como muleta. Então nenhuma religião é muleta. Toda religião é para o seu autodesenvolvimento, e é você que vai se desenvolver dentro daquela, daquilo que você está conhecendo de novo, né?

Então a importância exatamente essa: acolher e mostrar às pessoas o que elas têm de caminho, né? E aí, se elas vão seguir ou não, é o conselho do preto velho, o conzelho do caboclo, o conzelho de Exu que a gente sabe que as nossas entidades elas ajudam abrindo caminho mostrando caminho, dando caminho. Que a gente tanto fala. A gente tem um orixá, de cura, como obaluaê, Nanã, que traz lá das suas profundezas daqueles que já estão quase do outro lado, vamos voltar, a gente consegue fazer essa cura. A gente tem ogum aí guerreando o tempo todo e a nosso favor. Oxóssi, trazendo a nossa prosperidade, né? As senhoras das águas, trazendo os acolhimentos, trazendo as gestações, os nascimentos. Iansã, levando todo o mal no seu vento. na sua batida de pisada de búfalo que treme a Terra mesmo. E a gente sente isso muito próximo da gente. Quando a gente toca, quando a gente canta para o santo. Exu dando através da comunicação, mostrando a comunicação, mostrando o caminho, livrando do mal. E ogum como o xangô, cortando as demandas e tal e tudo mais. Das linhas de pensamento, e quando a gente fala em demandas, a gente pensa que é trabalho feito, Às vezes é uma linha de pensamento que tem a ver com a nossa ancestralidade, com aquilo que a gente traz e que a gente vai desenvolver, como tem com aquilo do seu convívio e o seu mesmo. Às vezes você tem crenças limitantes. Você tem pensamentos que te limita e te paralisam no mesmo lugar, ficam te deixando engessado na situação, então assim, a gente está ali para isso. A gente está ali para mostrar o caminho,

para desengessar, para dizer o que você tem de fazer de melhor por você e pelo outro, mas a escolha é sempre da pessoa. O livre arbítrio está sempre aí, né? Antigamente eu lembro quando eu era pequena, eu via muito o meu pai falar, Ah, existe o livre arbítrio. Cada um faz o que quer da vida. Hoje a gente diz que são as escolhas. Você escolhe assim e eu como terapeuta holística, eu sempre digo a todo dia, você pode fazer uma nova escolha. E está tudo bem. Você fazer uma nova escolha, então a gente acolhe as pessoas e procura mostrar para elas que não é o olhar do vizinho que está impedindo a vida dela, de andar, que não é a sogra que não gosta dela, que não deixa ela ter uma relação legal com com um companheiro, com a companheira, seja como for, é você que faz o seu momento, é você que permite aquilo ou não. E se você um dia, lá atrás, permitiu. Está tudo bem, também aprendeu, vamos lá, vamos fazer diferente agora, né? Então é isso. Acho que é um aprendizado diário para todo mundo.

00:28:58 Herson

Perfeito. Entendi. A partir do que você pensa, quais são os motivos que você acredita que levam as pessoas a buscarem buscarem a TESL?

00:29:09 Cláudia

É exatamente um desses que a gente acabou de falar, né? As suas crenças limitantes em achar que o problema está no outro e não nele. Muitas vezes a gente tem pessoas doentes, realmente doentes. Ou com uma doença mental, psíquica ou com uma doença emocional ou física, né? Existem doenças que já chegaram mais do que no plano físico. E a busca sempre é de cura.

Existem as pessoas que chegam se sentindo sozinhas, e aí se sentem acolhidas, se sentem não mais só pertencentes, né? A gente tem pessoas que têm uma solidão de não pertencimento, não, se não, não pertence, né? Não se encontra em casa, não se encontra no meio onde trabalha, mas pode-se encontrar na religião. Pode encontrar a sua família, os seus amigos, a sua comunidade na religião, então, é esse o processo. É esse o processo.

00:30:18 Herson

Entendi, perfeito é agora, eu vou passar um pouco para a questão do atendimento da casa, na TESL, todo mundo, todo mundo que vai lá percebe que tem, que tem alguns dias. A presença dos pretos velhos. Eu queria entender qual é a importância, para você, qual é a importância e quais são as funções que eles desempenham na TESL e também na

umbanda, de uma forma geral.

00:30:56 Claudia

Os pretos velhos, são entidades muito carinhosas, né? São muito acolhedoras. Eles são o que meu pai, o meu zelador chama de assim como os exú também. Mas como eles chamam de psicólogo, de pobre, né? Porque vai ali, vai ter toda a paciência de te ouvir e de te aconselhar e junto a isso tem o benzimento. Tem a reza, tem o ensinamento de um banho, ensinamento de uma de um de um chá que vai poder fazer a cura, né? Não só da limpeza energética, como o banho faz, mas um chá vai te proporcionar uma cura interior mesmo física, né? E que há mas aí a gente está falando de remédio de uma medicina, sim, uma medicina curandeira e não dispensa a alopática, dessa convencional que está aí. Porque a gente sempre diz para as pessoas, “não parem os seus remedinhos o seu remédio dos alopatas” eles precisam ser tirados pelo médico, é ele que tem esse conhecimento, mas ajuda muito. Até no fechamento de um diagnóstico, às vezes a pessoa chega sem conseguir fechar um diagnóstico, porque a carga energética parece que blinda ela de de se poder visualizar se ver e de se mostrar aquilo que está ali culminando, vamos assim dizer, né, maltratando-se sem mostrar a face. Então o preto velho, ele é muito importante nisso, nesse acolhimento, nesse benzimento, nesse, nesse aconchego. Nessa palavra de carinho, nesse mostrar o caminho com uma docilidade que é só deles, né? Dessa paciência que é só deles e isso é muito interessante, porque um povo é de espíritos, né? uma banda de espíritos que foram muito maltratados, né? Que foram muito judiados, mas que eu acho que com isso cresceram, evoluíram e estão ali para buscar ainda mais evolução, mas que evoluíram no sentido de entender que nada, como um dia após o outro, né? Nada como um dia após o outro.

00:33:27 Herson

Entendi, perfeito. E em relação aos aos exus e as pombagiras que também se visualizam Na Na TESL, né? Quais que são as a importância as funções que eles desempenhem, tanto na tese quanto pra umbanda em geral, como é que você vê essa questão?

00:33:46 Claudia

O Exu, ele é mais direto. Mesmo com a elegância de algumas senhoras de algumas moças e de alguns moços, uns são mais incisivos, são mais rudes no que falam, mais diretos, né? Não querem muito assim, não têm, como diriam muita paciência, mas a gente tem aqueles

que são mais elegantes, que são mais sábios no sentido de não de saber, mas de colocar de uma forma mais amena, vamos assim dizer. Mas todos eles ali tem a função de proteção daquilo que vem de negativo. Então, é a barreira, é a barreira da casa. O que o preto velho possa fazer o trabalho dele de limpeza, mas que algumas coisas precisam ser embarreiradas ali, precisam ser consumidas na tronqueira. A gente, a linha de pensamento, ela promove na gente sujeiras energéticas, como miasmas que existem miasmas mais densos e menos densos que entidades mais densas ou menos densas. Vão-se aproveitar dessa energia que a gente acaba trazendo na gente o Exu, ele vai trabalhar nessa energia mais densa naquela que está mais incrustada, que está mais firmemente fazendo parte de você.

E assim como ele vai fazer isso, ele vai mostrar o caminho mais com mais exatidão também no sentido de direto é isso. Não tenho meias palavras, não estou aqui, não vou rodear, mesmo que seja com mais elegância, ele pode na, na sua elegância jogar para você. A própria pergunta que você quer a resposta, né? E aí você vai trabalhar com com o teu inconsciente, com aquilo que você já sabe que está dentro de você e que você só não acessou.

Mas o Exu, ele é direto, ele é o que vai para campo é aquele que tem a comunicação. É aquele que vai trazer a mensagem do orixá de uma forma mais direta. É óbvio que o caboclo faz isso. O preto velho também é mensageiro, todos, na verdade, são os mensageiros dos orixás. É. Mais em outras religiões os mensageiros são só Exu, né? Então Exu tem, o orixá Exu, tem o dom da palavra, tem o dom de falar, tem o dom de desfazer, acontecer, então Exu isso é. Isso é. 11222Realização, eu acho, é o poder da realização, é você fazer a troca das energias e realizar.

00:36:51 Herson

Entendi. Efeito é, eu vou passar aqui para o próximo bloco, relacionado a algumas questões sobre saúde, é, você já conversou com alguém que veio para as consultas da TESL que foi para lá para resolver algum problema pessoal? E você acredita que qualquer problema pessoal pode ser resolvido a partir das consultas que existem na TESL.

00:37:14 Claudia

Podem. Eu já vi várias vezes várias pessoas terem seus problemas resolvidos, sim, porque existe a questão energética, que é aquilo que a gente falou, da densidade do que cada um está carregando, de energia. Acumulada, e aí, quando essa energia sai, você consegue ter uma visão melhor daquilo que você precisa fazer é conseguir sair da procrastinação e fazer

deixar acontecer como você.

Como você é. É. Isso a gente está falando de uma carga energética da que nem sempre é da própria pessoa. Ela está trazendo nela, preso nela, coisas que ela se permitiu prender, mas que nem eram dela. Mas ela também pode-se ver é, é livre de situações que já estão chegando no corpo de doença mesmo. De doença e a cura acontece porque a cura, ela antes de acontecer no físico, ela aconteceu no prana. Então, se você começa a limpar, então ela vai acontecer. Então já vimos várias, várias coisas diferentes acontecerem, como também já vi uma senhora com câncer, uma jovem senhora, por acaso com câncer, que todo o período de tratamento esteve com a gente. A maioria da casa não sabia que ela teve um câncer e ela fez a passagem porque não estava ali a cura. Mas o acolhimento e hoje a gente tem as 3 filhas dela frequentando a casa como consulente. Aquelas meninas nunca pararam de ir. Então não existe aquela coisa também não curou minha mãe. Não! É a mãe ia procurando esse acolhimento, teve o acolhimento que precisava. E as meninas até hoje estão consulentes ainda leva a netinha. Então acho que a gente pode sim, a gente é, pode dar esse caminho.

00:39:10 Herson

Entendi, é, entendi. Eu fiquei curioso sobre essa questão do prana. Pode me falar um pouco sobre o que é o prana?

00:39:19 Claudia

Posso A gente tem várias camadas. De energia tanto para baixo quanto para cima. E quando a gente fala para baixo, não estou falando de inferno nem negativo. Eu estou falando em energia que a gente prende lá no centro da Terra com a mãe Terra, e aí, se eu for pensar nisso, eu vou colocar em Obaluaê e Omolu, principalmente em Omolu e Nanã aí a gente vai subindo essa energia até chegar ao criador lá, nas mais, nas maiores esferas. Nesse campo energético, existe um campo energético onde a gente acredita que as coisas acontecem, começam a se materializar antes de chegar no corpo físico e isso é o prana, é essa energia que nos envolve, que começa a facilitar que as coisas comecem a se formar até chegar no corpo físico.

00:40:18 Herson

Eu queria saber, por favor, se você usa convênio de saúde particular ou se você faz uso do sistema único de saúde.

00:40:31 Cláudia

No momento, o sistema único de saúde.

00:40:35 Herson

Você se sente satisfeita com o serviço de saúde que estão ao seu dispor?

00:40:41 Cláudia

Olha para as consultas sim, pra exames, acho ainda muito complicado. Nunca precisei da internação, mas já vi pessoas que precisaram e até achei que a resposta foi boa, né? Mas, às vezes, na parte de exames, acho que fica ainda muito a desejar pelo tempo de espera. E tem doenças que não permitem a gente esperar muito, né?

00:41:08 Herson

E seja e dentro dessas consultas você já teve dificuldade em algum momento para ser atendida?

00:41:17 Cláudia

Para exame, sim, é o que eu estou te falando. Você vai marcar uma mamografia e demora um século, um exame de sangue, você tem que ir 5 horas da manhã de uma quarta-feira para conseguir às 8:30 marcar. Enquanto o troço está aberto o dia inteiro ali que você podia passar qualquer hora do dia para ficar. Você tem esses embates, às vezes, com essa burocracia.

00:41:45 Herson

Se já teve oportunidade de conversar com alguém, né? Então que ou ficou sabendo por meio de outras pessoas da TESL de alguém que foi para lá para resolver um problema de saúde, né? Aí eu queria entender se essa as pessoas que foram para lá, que vocês tiveram esse contato, se elas chegaram já relatando essa situação de saúde para você ou se for uma coisa que você só uma situação que você só ficou sabendo depois. Queria entender um pouco sobre.

00:42:18 Cláudia

Algumas pessoas já chegam se abrindo e dizendo aquilo que elas vão procurar, né? É e aí a

gente bate com achei que diversas coisas diferentes, com pessoas com feridas na perna ou num pé machucado ou com uma dor no corpo em alguma situação ou já com um diagnóstico. Eu estou com uma gastrite e eu estou, enfim, com n coisas diferentes e tem pessoas que chegam sem falar nada e se se puder, saem sem dizer absolutamente nada e com o tempo, você acaba abrindo as caixinhas de surpresa, né? E aí você encontra ali 1000 questões, é de questões não só de saúde, como questões familiares, sociais, enfim, é das mais diversas o tempo todo.

00:43:11 Herson

Entendi o que é que você acredita que é saúde?

00:43:17 Claudia

Saúde.... É você conseguir levar levantar todos os dias e ter condição de seguir a vida, né? E. Mesmo você podendo estar com algum problema de saúde, né? Mas eu acho que ter saúde é você ter o teu organismo funcionando perfeitamente bem. E a gente aí fala na esfera física, corpo como mental. E a espiritual, porque hoje a ciência já provou que nós somos corpo e espírito. Então, se você tem uma doença no seu corpo físico, no seu corpo emocional, no seu corpo psíquico, alcançando seu espírito você não tem saúde, então você precisa ter saúde nesses níveis para que você possa seguir a vida, né? Eu acho que saúde é isso, é você ter essas 3 partes conectadas e funcionando de forma boa para você, né, e se uma quebra, Você precisa conectar, seja o espírito, seja a psíquica, ou seja, o corpo em si, né, físico.

00:44:38 Herson

O que você acredita que faz com que uma pessoa tenha saúde?

00:44:46 Claudia

Está em equilíbrio com esses seus corpos. Mente sã, corpo sã e aí o espírito com certeza vai estar bem melhor também vai estar mais harmonioso com isso tudo.

00:45:02 Herson

Entendi. E o que é que você acredita que é a doença?

00:45:07 Claudia

A doença é esse desequilíbrio. É quando você começa a não conectar o corpo físico com o corpo emocional e o corpo espiritual. Ela pode começar no espírito. Como pode começar no psíquico, no mental e, ou ela pode começar no físico, porque também a doença que começa no físico, ela te leva a um desequilíbrio emocional, psicológico, da história, né? E aí, saúde mental, levando a esse espírito que vai puxar isso tudo para um desequilíbrio completo. Mas eu ainda acredito, viu Herson, que o desequilíbrio, o buraco começa no espírito. Eu acredito que o buraco começa no espírito quando você desequilibra o seu espírito. Aí vem a doença física, aí vem a doença emocional, vem a doença mental. Quando você está bem, espiritualmente, todo o resto é mais difícil de acontecer. Não estou dizendo que quem está bem, espiritualmente ou bem amparado, não vá adoecer do físico ou do mental, não. Mas eu acho que você mais não é o mais comum, né? Não é o mais comum.

00:46:28 Herson

Entendi perfeito e o que é que você acredita que faz com que uma pessoa tenha uma doença?

00:46:38 Claudia

Eu acho que acaba fazendo a mesma coisa. O que acaba fazendo com que ela tenha uma doença é ela puxar aquilo que não está bem na vida dela, aquilo que não está bom para ela. E ela joga no físico. Passa pela esfera espiritual, passa pela mental emocional e ela joga no físico e aí acaba se instalando ali uma doença. Fora que que a gente fala disso e a gente vai falar também de práticas de alimentação, de ingestão, né? Mas eu sempre digo que uma dor de estômago está acompanhada de comer sapo, o cara quer engolir sapo e ele não vai de jeito de sapo, não faz boa digestão, vai acabar com problema de estômago, entende? A gente sempre faz essa leitura, né? Da parte é espírito que emocional, energética, que está em volta da pessoa e normalmente é isso que faz ele adoecer.

00:47:38 Herson

Entendi, então.

00:47:40 Herson

É, então, nesse caso, você acredita que existem doenças que vão para além do corpo físico, né? Como, por exemplo, doenças espirituais.

00:47:48 Cláudia

Sim, com certeza. Com certeza existem doenças que começam às vezes no mundo espiritual, né? Até porque nós acreditamos, a gente pode parar um minuto.

A gente pode interromper, me dá só um segundinho que eu já volto.

Pode ser?

00:49:24 Cláudia

Pronto, voltei. Estávamos aonde eu me perdi. Sim, é. A gente acredita na reencarnação. A gente acredita naquilo que a gente traz num corpo que a gente chama de perispírito num corpo etérico, né? É, a gente é corpo físico. A gente é um corpo etérico que são esse corpo, onde estão as nossas, os nossos chacras, que a gente diz que é onde estão os nossos chacras? Nós somos o corpo emocional, astral mental inferior, superior, búdico e átimo, né? Ou seja, a gente vai a todas as esferas vários corpos e aí nesse meio aí teriam vários outros. Então você traz registros no seu corpo mental de outras. Você traz registro no seu corpo, etérico de outras. E que muitas vezes você já traz elas, esses, essas, essas comorbidades espirituais, vamos assim dizer para o seu corpo físico quando você vem, então você tem doenças que começam si no espiritual e que às vezes você consegue tratar de uma melhor forma quando você entende isso É como os traumas, a pessoa que não chega perto de um de uma piscina porque tem medo de uma piscina ou que tem medo de um ambiente fechado ou que tem pavor do fogo, falou em fogo, falou em raio, falou, já tem medo, porque traz em seus registros aquela fobia ou aquilo que já tem ali. É, é em alguma situação já tenha passado. Então as doenças, na minha opinião, podem, sim, podem ser espirituais, não como as pessoas gostam muito de dizer como karma como castigo. Tá? Não vou negar aqui. Em alguns casos acontecem, mas não como castigo, mas como uma possibilidade. Vista deslumbrada e aceita de se viver aquilo na carne para se redimir de alguma coisa à outra, mas não como castigo, mas como uma opção de evolução.

00:52:34 Herson

Certo? A gente conversou anteriormente e a gente conversou e desde que você entrou na TESL da, na TESL, em algum momento você ficou doente, confere isso?

00:52:47 Cláudia

Sim.

00:52:49 Herson

Certo. Quando isso aconteceu, você buscou primeiro curar-se por meio dos procedimentos, como as consultas ou os outros rituais que são oferecidos na tese.

00:53:01 Claudia

Não. Eu tive uma dor muito forte no ombro. Que eu não identifiquei como se fosse nada energético. E aí eu. Eu trabalho com acupuntura, eu fui a um amigo, fiz acupuntura, melhorei, mas não passou. E aí o processo foi piorando, foi piorando. E nesse período a gente estava com pequeno recesso e tal, alguma coisa aconteceu, não tiveram consultas, enfim e aí Eu fui ao médico, um reumatologista, porque julgava que essa dor fosse do ombro, fosse alguma coisa de enfim e aí reumato, até porque meu pai tinha gotas e tinha reumatismo e era muito forte isso nele. Então achei que fosse também isso. E aí esse médico acabou me intoxicando com injeções de cortisona. Aí a coisa ficou feia pro meu lado. Ficou feia porque eu tive uma estomatite muito forte. E aí é uma outra história que a gente pode agregar, é que às vezes, o corpo físico estando doente, o que vem no espírito alto te atinge com mais facilidade.

Dessa ligação que a gente falou do espiritual, energético, não do seu corpo espiritual, mas do espiritual, do energético à sua volta, você estando em aberto, porque você está doente.

Então esse é um outro trabalho que eu acho muito interessante nos pretos velhos, nos caboclos e nos exus. É quando eles conseguem, com a com as medicinas que eles têm, fechar o seu campo energético para te favorecer a tua cura. Uma cura que você precisa, porque você está doente fisicamente, e aí a doença física estava cantando em mim porque eu já estava completamente sem conseguir beber água, sem comer direito. A água já era uma coisa muito dolorosa para beber, comer nem pensar. Falar já estava parando porque tudo doía, tudo doía, e aí é feito. Tem uma consulta de Exu, casa. Eu não fui à consulta porque estava doente.

E aí eles receberam a notícia de que eu não estava lá porque eu estava em casa doente, foi feito um trabalho lá uma puxada a partir desse trabalho que foi feito no dia seguinte, eu já começo a ter um up a sentir que melhorou. E aí eu fui fazer um trabalho meu zelador me levou no dia seguinte para fazer um trabalho.

No Reino, no Reino da gente, na rua a gente foi ao Reino, fez o trabalho para Exu, que ele precisava, que foi pedido a ele que fizesse. No dia seguinte, eu já começo a comer.

Pelo menos aí eu começo a melhorar, porque o que estava me causando a minha pior é porque eu não conseguia comer. Eu não conseguia mais comer. E aí eu começo, volto a comer e aí começa as coisas a. A ficar mais claras. Eu já tinha ido a 2 médicos que cada um deles só me intoxicou mais um pouco. E depois da saída ao Reino, eu fui a um terceiro médico que aí diz para mim que eu estou intoxicada e começo a me passar coisas para me desintoxicar. Porque até então, eu sabia que eu tinha uma estomatite muito, muito grande, não é? aí ele parou a medicação toda que estava sendo feito. Começa a entrar com anti intoxicante, e tal e aí eu já estou começando a comer também para poder sair daquele quadro. Então pode acontecer isso sim, sabe? É, é a pergunta era de como é que foi, né? Como é que se deu? E é isso, a cura vem, eu fico doente fisicamente, mas ela vem a partir de um Amparo espiritual. Porque quando eu fico intoxicada, que eu fico doente, eu deixo a brecha para que a energias que estavam à volta, prontas para tomar conta tome conta e a gente precisa só afastar elas para que o corpo volte a funcionar sozinho, né? Vamos assim dizer, livre de más energias para poder ter a cura que precisava.

00:58:14 Herson

Entendi, então, então no seu caso, quando você ficou doente, você acreditou desde o início que era uma doença física? Sim, e aí? Por isso que você não foi depois, você não foi imediatamente para ante as entidades, para as consultas. Você primeiro foi no médico por acreditar que era uma doença exclusivamente física, correto?

00:58:35 Claudia

Um, sim. É isso aí.

00:58:39 Herson

Entendi e as entidades? Além, além dessa puxada que foi feita as entidades, é te aconselharam o banho de ervas, passe, chás ou...

00:58:52 Claudia

Precisei, precisei fazer alguns banhos, ir a um reino, fazer uma entrega para poder dar ali uma resolvida nas coisas, né? Que é o que eu falo. A umbanda tem várias medicinas. A medicina pode ser da defumação, pode ser do banho, pode ser do chá, pode ser no benzimento, ou pode ser numa entrega no despacho.

Né? São várias medicinas, porque a gente acredita que quando você entrega alguma coisa, você é uma comida, né? Vamos assim, dizer uma oferenda. Essa oferenda puxou em você o que ela precisava puxar e está levando, mas a oferenda também pode trazer dali uma vibração positiva para você. Então ela tem as 2 coisas, ela pode tirar a sua negatividade, mas ela também pode trazer para você a positividade que você está precisando da sua vida. Essas são as funções da oferenda. O benzimento vai te libertar daquelas energias que estão ali em sua volta, não permitindo com que você tenha clareza do que está acontecendo. A erva, o banho vai trazer para você uma conexão com a prosperidade, com a abertura de caminho com limpeza energética. O chá vai limpar o seu organismo, vai trazer acalmar, vai melhorar o seu sono, melhorar sua digestão.

01:00:29 Herson

Entendi, perfeito é eu fiquei só curioso para entender esse dispositivo da puxada que que você falou da puxada, como é que funciona?

01:00:40 Claudia

É o que que acontece, é trabalhar no campo energético mesmo é ir até a pessoa. Se ela não está ali através de algum ponto que você tem ali, que te leve a ela ou você usa a própria pessoa. E aí a própria pessoa vai no campo energético dela, que normalmente é a casa, é o lugar onde ela se deita, que a grande conexão, né? E no próprio campo dela buscar a energia negativa que está trabalhando contra você. Isso é uma puxada.

01:01:18 Herson

Durante esse tempo que você ficou doente, você teve que manter uma rotina de consulta com as entidades ou foi apenas alguns procedimentos mais pontuais e aí, você ficou em casa mesmo?

01:01:34 Claudia

É, na verdade foi bem rápido depois que eles fizeram esse trabalho e que eu fui ao Reino fazer a entrega do que precisava ser entregue. Foi tudo muito rápido, aí na outra consulta eu já estava bem, já estava funcionando. Tudo certo? Enfim, se eu não me engano, foi perto até de uma consulta de depois uma festa de criança de 27 de setembro. E aí quando chega 27 de setembro, que tem a grande festa e eu já. Já estava super bem na festa de Cosme e Damião.

01:02:10 Herson

Entendi então. Então, na medida em que você foi seguindo os conselhos da das entidades, na medida em que você foi passando pelos procedimentos, você já foi percebendo rapidamente a melhora do seu quadro, né?

01:02:24 Claudia

Sim, sim, sim.

01:02:32 Herson

Então você acredita que ter seguido os procedimentos à risca, por assim dizer, ter seguido exatamente aquilo que foi passado para você, que foi importante para esse processo, processo de cura que você passou, né?

01:02:45 Claudia

Com certeza. Com certeza na minha, para mim foi fundamental, porque passando pelos médicos e fazendo o que eles estavam ensinando, eu já estava fazendo e não estava vendo melhora. É muito pelo contrário. Eu comecei a perceber, até pela minha formação em saúde, que eu tenho, né? De enfermeira que se eu baixasse uma emergência, eu ia ganhar era uma sonda nasogástrica e aí talvez eu não conseguisse mais sair daquela situação. Porque eu tenho uma gastroplastia eu sou bariatrizada, então assim há uma fragilidade maior, vamos assim dizer na recuperação do corpo, né? E aí, se eu chegasse ao ponto de uma internação, eu tinha muito receio, é, é sonda e tudo mais. Um estômago que não aguenta muita... muita alimentação, tem que ser devagarzinho, né? Eu me alimento de 3 em 3 horas como alguma coisa e tal, como é que seria isso? Então eu já estava ficando bastante assustada.

01:03:47 Herson

Entendi. Então tem uma questão interessante que você passou por um problema de uma doença física, mas que foi por meio justamente das entidades atuando no plano espiritual que elas conseguiram perceber e resolver com mais facilidade e com mais eficiência, por assim dizer, uma coisa que, em teoria, a medicina alopática deveria detectar com mais facilidade, não é isso?

01:04:14 Cláudia

É, se fosse uma questão só de medicina, né? Se fosse uma questão só corpo ...acredito que desde a primeira vez a gente teria conseguido resolver, né? E, mas não foi possível. Eu precisei. É da colaboração de todos. Ou seja, dos médicos, mas também da parte espiritual.

01:04:41 Herson

Então, então, poderia de repente haver um certo oponente espiritual também, né? Como? Como você falou, né? É, houve o problema físico? E aí é como se o problema, um problema espiritual, aumentasse aquilo, né? É de é dificultando a possibilidade de recuperação rápida, é isso?

01:05:03 Cláudia

Exatamente, exatamente isso.

01:05:08 Herson

Entendi você. Você acredita que que as práticas rituais do TESL como consulta banho de erva, padê e etc, se eles têm uma relação de oposição, ou eles têm uma relação de complementação em relação às práticas de cura daquilo que a gente chama de medicina tradicional como consulta médica, medicamento, cirurgia?

01:05:38 Herson

Sem sombra de dúvida, complementa. Tudo, complementa, entendeu? É uma junção de coisas. Então assim, complementa, existem casos que a gente sabe que um banhozinho de erva funciona. Como um analgésico também funciona, né? E outras coisas a gente tem mais dificuldade, então tudo vem a somar, vem a contribuir para a cura.

Herson

Então você acredita que existe justamente esse processo de junção, de potencializar a cura em relação a duas frentes, por assim dizer de combate as doenças?

Cláudia

Sim! Duas frentes de cura.

Herson

Uma última pergunta, eu gostaria que você se apresentasse. Sua idade, cargo, emprego, nível escolar e como você se identifica racialmente, segundo o IBGE?

Claudia

É meu nome, é Cláudia Cris Goulart, tenho 56 anos, sou samba na casa de umbanda TESL é minha formação acadêmica, é em enfermagem e sou bacharel em direito também. Atuo como terapeuta holística, trabalhando com acupuntura e as mais diversas práticas holísticas. Não é isso. Acho que é isso que você queria?

01:07:17 Herson

E como é que você se identifica racialmente?

01:07:21 Claudia

Ah, sim, branca pai, mãe, brancos, branca, branca. Ninguém, nunca sofri nenhum tipo de preconceito racial, pelo menos não estando aqui nesse país, né? A gente sabe que nem sempre, porque você, em outro país, mulher, você não tem vez. Você não pode nem ir sozinha, não é isso. Então assim, a gente aqui nesse país não tem problema nenhum. Nunca fui a outro lugar que tivesse nenhum tipo de problema, mas a gente sabe que aqui a gente não tem, né? Até na colorimetria a gente estaria dentro de um padrão que mesmo que o meu pai fosse mulato, minha mãe fosse mulata, a pele, claro, o cabelo liso, cacheado, você vai passar por branco, mesmo que você não seja, né? E aí é daí disso que eu estou, te estou falando.

Dennise:

00:00:04Herson

Pronto, está, está gravando a partir de agora. Aí nesse bloco eu quero tratar um pouco sobre a questão da trajetória religiosa. Aí eu queria que você me falasse um pouquinho um pouco...

00:00:24 Denise

De me apresentar, falar nome, alguma, coisa assim ou não. Tranquilo. Eu sou Denise Araújo Torres, sou yalorixá da tenda espírita São Lázaro. E faço parte desde que a tenda reabriu porque no início era um quartinho de consulta. Era assim que a minha mãe antigamente usava, e ela quando tinha uma necessidade de atender alguém, de rezar ou de fazer um pedido, ela reunia e fazia ali ou em dias de festa, Cosme e Damião, dos orixás, quando a gente comemorava, ela sempre fazia alguma coisa e aí chamava os amigos para estar comemorando juntos. Era mais ou menos assim que funcionava. Depois a gente, com o Nando, ele quis abrir para funcionar mesmo como um centro espírita e aí nós começamos a agir e a fazer juntos desde então. É mais ou menos isso.

00:01:55 Herson

Certo, então é então no caso, como foi que começou a sua trajetória na umbanda de uma forma geral, digo num sentido, qual, qual foi o seu primeiro contacto? É como é que foi a questão da sua iniciação, como foi que começou a sua trajetória, sua trajetória de vida, alinhada também à umbanda?

00:02:21 Denise

Eu ia com a minha mãe ao centro. É desde bem pequena desde 10 anos, mais ou menos, nós íamos a centros, e fomos a uns outros e tal. E aí eu comecei aos 14 anos, eu comecei, vinha da escola, sempre chorando, sempre chorando, sempre chorando e minha mãe Recebia a Vovó e a Vovó me rezava e eu ficava bem e isso acontecia várias vezes até que a minha mãe conversou com a yalorixá da época que era a Maria Luísa de Oxóssi, conversou com a mãe e perguntou, o que é que poderia ser feito. Aí ela fez uma obrigação, pedindo um tempo aos meus orixás para que eu amadurecesse e depois seguisse o meu rumo. E aí ela fez. Eu devia ter uns 10 ou 11 anos mais ou menos e ficou tranquilo aí. Quando eu estava com 14 anos, eu fui ao centro porque a gente ia sempre. Estava tendo uma gira de ciganos. E aí, minha mãe veio na assistência, veio do lado de fora e chamou eu e o Nando pra entrarmos e tomarmos a bênção para o caboclo que ele estava sempre presente. Aí nós fomos, começamos a entrar para poder chegar lá, só que quando eu fui entrando as minhas pernas mexiam e eu começava a dançar em movimentos com a minha perna e eu não conseguia parar. E aí eu gritava, “mãe, Eu não estou conseguindo parar a minha perna não para de mexer e tal”. E aí todo mundo em volta parado assim, olhando porque era um momento de intervalo que a gente tinha entrado para isso, para tomar a bênção. Aí eu fui

rodando, rodando e passando e tal. Aí quando eu passei perto do caboclo, ele me segurou. Juntou a minha cabeça, colocou a mão em mim. Dali eu fui parando, fui parando, aí ele me colocou no ombro e eu fiquei um tempo, isso eu estava com 14 anos. Colocou para eu ficar um tempo e tal e tal aí. Depois disso, minha mãe foi conversar com a yalorixá, com a mãe, e aí ela disse que não tinha mais o que fazer. Tinha que deixar que a espiritualidade fosse acontecendo, fosse brotando e que eu fosse tratando da minha espiritualidade. E assim eu e continuei. Ia sempre no centro. Às vezes começava a chorar, aí alguém me ajudava. Algum médium mais velho me ajudava e ficava bem e tal e tal. Quando chegou, eu estava com 17 anos, o caboclo marcou para eu fazer um recolhimento, que eram, na época foram 7 dias, eu ia falar 3, mas foram 7 dias. Em que era eu e mais 2 meninas da mesma idade que eu, uma tinha 18, outra tinha 17 também e ele marcou para as 3 fazerem juntas e. Eu participei e fiz e tal. E assim começou a minha trajetória. Na espiritualidade e aí eu fui participando e fui participando até que eu fui consagrada, mãe pequena. E o tempo foi passando... e nessa casa que eu comecei, não era por tempo, era pela espiritualidade, então é quem dizia, esse tempo da espiritualidade era os nossos próprios orixás, as nossas próprias entidades que conversavam com o caboclo e aí combinavam de fazer, e era assim. Enfim, e aí foi seguindo até que eu. É sair a ialorixá já bem mais velha. E foi desse jeito... É mais ou menos assim..

00:07:47 Herson

Entendi. Eu fiquei curioso quando a senhora falou que a senhora voltava da escola chorando, eu não entendi, qual a causa o motivo

00:07:59 Denise

Pois é, nem eu sabia a causa. Eu vim andando pela rua porque eu vim andando com o Nando da escola. A gente vinha andando e no meio do caminho eu começava a chorar, chorar, chorar, chorar, chorar, chorar, chorar. Chegava em casa já chorando. Aí minha mãe me segurava, falava, calma e tal. Às vezes me dava água, “calma, senta aqui, não sei quê que é que aconteceu?” “não, não aconteceu nada, só que eu não consigo parar de chorar” e chorava, chorava, aí ela recebia a Vovó que me ajudava, me rezava e me dava uma estabilidade para que eu continuasse o dia e assim continuou. Então era assim que acontecia, que começou acontecendo comigo.

00:08:54 Herson

Entendi. Então, é então no caso, no caso, a família da senhora sempre foi umbandista, vocês não tiveram contato, por exemplo, com outras religiões quaisquer que sejam. A trajetória da família da senhora passa pela umbanda somente não é?

00:09:16 Dennise

Sim. Eu fui ter contato com outras religiões já depois de adulta, que teve um tempo em que eu me afastei do centro e comecei a frequentar uma igreja e fiquei durante uns 10 anos, eu acho uns, 7 anos mais ou menos, e depois retornei para o centro e foi assim. Mas isso já adulta, mas a minha família em si, sempre participou, sempre foi umbandista.

00:09:54 Herson

Entendi. A família da senhora ela sempre lidou bem com o fato de algumas. a família no sentido geral, né, que eu estou perguntando, todas as pessoas que fazem parte da família da senhora, sempre lidaram bem com o fato da senhora ser umbandista ou houve situações em que algumas pessoas não gostaram algumas pessoas fizeram algum tipo de comentário negativo....

00:10:25 Dennise

Não. Quando eu era criança, isso nunca aconteceu e mesmo depois de mais velha também não aconteceu comigo. Acontecia assim, em escola, por exemplo, eu trabalhar, eu sou professora, trabalhava em uma escola e quando eu dizia que era espírita, alguns colegas meio que ficavam à parte não me diziam nada, mas eu percebia que não era uma coisa que gostassem ou coisas desse tipo, mas eu nunca tive problemas em termos de de ser tratada mal ou de ser desrespeitada por causa disso, pelo menos comigo não aconteceu.

00:11:21 Herson

Entendi. E essa situação a senhora está me falando que que aconteceu com colegas de trabalho e, por exemplo, com vizinhos ao longo da vida da senhora? Em algum momento aconteceu alguma situação parecida com essa?

00:11:40 Dennise

Não, até porque quando eu saí de casa foi quando eu casei. Eu já estava com 27 para 28 anos. Em torno de nós, nós moramos muito tempo na mesma casa, mudamos para uma

outra também. Ficamos muito tempo na mesma casa, então conhecíamos todos os vizinhos, os vizinhos nos conheciam, então não tínhamos atrito ou problemas quanto a isso. Pelo menos não nessa época, depois, já como adulto, é que aconteceram problemas comigo no trabalho por causa da religião, mas nessa época, não.

00:12:30 Herson

Entendi. É aí passando aqui para o segundo bloco. Eu queria perguntar se a senhora já sofreu, em algum momento, intolerância religiosa por ser umbandista já teve alguma situação em que claramente, a senhora, a senhora visualiza ou visualizou um cenário de intolerância religiosa?

00:12:54 Dennise

Sim. Eu trabalhava e nessa época, trabalhava numa na secretaria de desenvolvimento social, então tinha uns colegas que eram técnicos e que trabalhávamos juntos em salas separadas, ou às vezes juntos e tal, era assim. Eu sempre fui diabética, eu sou diabética desde os 11 anos de idade. E aí uma vez, a maioria das vezes que eu passava mal era porque a minha glicose baixava demais e eu já sabia mais ou menos quando isso estava acontecendo. Só que eram coisas muito rápidas, que eu só ia perceber quando já estava muito baixa a glicose. Então, aconteceu uma vez de uns colegas do trabalho, me juntarem, me levarem para uma sala porque eu estava fazendo movimentos esporádicos, movimentos involuntários por causa da glicose muito baixa. E eu fazia movimentos involuntários, e eu só falava para as pessoas, olha, eu preciso de uma Coca-Cola, vai ali fora compra uma Coca-Cola para mim, compra um refrigerante. Porque a médica endócrino que eu me tratava sempre dizia que a Coca-Cola, por ser mais doce, ela fazia um efeito mais rápido por ser líquido e não precisar digerir, fazia um efeito mais rápido, então eu sempre tinha Coca-Cola em casa como remédio é sempre mantinha esse hábito e aí eu comecei a pedir as pessoas que aí os colegas, umas pessoas me reuniram, me levaram para dentro de uma sala, fizeram uma roda em torno de mim e começaram a rezar, a orar, dizendo que estava expulsando o demônio porque eu estava endemoniada. E eu só falava “não é nada disso”. E aí eu já estava chorando porque já não tinha mais controle porque eu já tentava explicar que não era daquilo, que eram problemas de saúde. E as pessoas não entendiam e gritavam e gritavam é sai isso, sai aquilo, outro e tal que você está assim que você está assado. Até que entrou na sala, uma colega que trabalhava na mesma sala que eu, e ela começou a gritar com eles e falou, você estão loucos? Que história é essa? Denise é diabética. Voltou

para uma colega, vai lá, compra uma Coca-Cola aí, pediu pra um outro colega ir lá fora. Trouxeram, me botaram sentada, me deram Coca-Cola e eu fui passando e ficando bem. E aí eu fiquei tranquila, não senti mais nada. Aí, depois disso, a minha chefe me liberou, disse que era melhor que eu fosse para casa, para eu poder descansar e tal. E foi assim, mas foi uma coisa impositiva. Não foi uma pergunta, “Ah, você quer que a gente ore, você quer que a gente faça você?” Não. Eles me reuniram, eles me empurraram, eles me levaram à força. Para uma sala separada, que era uma sala mais isolada, e aí eles podiam gritar que as outras pessoas não estavam ouvindo, até que uma colega deu falta de mim e começou a me procurar me procurar, me procurar e aí ela chegou nessa sala, graças a Deus, e foi quando isso aconteceu. Então, para mim, isso foi uma intolerância. Isso foi uma falta de respeito. Não houve uma conversa. Não houve uma pergunta. Eu acho que, seja qual for a religião, você se eu não fui procurar ou se alguém está me oferecendo, me dá o direito de dizer sim ou não. E isso não aconteceu comigo. Então por isso eu considero que foi uma intolerância, sim. Desse modo.

00:17:41 Herson

Entendi. A senhora pensou na época. Por exemplo, em fazer alguma denúncia ou a algum órgão de estado do estado relacionado a questões de intolerância religiosa. E a senhora acha importante sempre denunciar esse tipo de situação sempre deixar sempre, sempre deixar o estado a par desse tipo de situação quando ela acontece?

00:18:13 Dennise

Eu acho que sim. Quando isso aconteceu, isso deve ter uns quase 20 anos atrás, então eu procurei a secretária da pasta, a secretária de desenvolvimento social. Coloquei para ela, contei para ela tudo o que tinha acontecido e tal e tal. Ela de aí ela começou a falar que era para eu entender que foi uma forma de ajuda. Que as pessoas tentaram me ajudar de alguma forma, que é todo mundo, gostava de mim e que foi uma forma de Socorro e aí ela não teve nenhuma atitude, ela não teve nenhuma ação quanto a isso nunca mais aconteceu, também. Mas foi dessa forma. Hoje eu considero que todos nós temos direito de expressar, de falar e de ter opiniões diferentes, contraditórias, e o outro pensa ou não é nosso direito. Então eu acho que no momento em que a gente guarda e traz isso só para a gente, sem. Colocar sem denunciar, sem expandir, sem. Colocar que isso não é correto, colocar que não é dessa forma. Enfim, a gente acaba passando o pano quente em cima da intolerância em vez de fazer com que essa intolerância crie raízes e se transforme em consciência de

pensamento em consciência de ação para com o outro, de respeito para com o outro. E então eu acho que não vale a pena. Por isso hoje eu zelo, eu falo, eu coloco, eu digo, canto, eu dentro da minha casa. Aí, às vezes eu encontro tipo, eu moro num condomínio, então são blocos bem próximos. Quantas vezes eu escuto músicas altíssimas de religiões, seja ela evangélica, em geral, são só os evangélicos que fazem isso. Mais altíssimo. Assim ainda eu não consegui ver uma televisão dentro de casa, de tanto barulho, de eu ter que aumentar muito para conseguir ver a minha televisão o meu direito de estar dentro da minha casa e então eu acho que isso é errado, então eu já fui à reunião do condomínio, já falei sobre essas intolerâncias, já falei que ninguém tem direito ao impor ao outro o que o outro quer ou vai ter que ouvir de qualquer forma. Que cada um tem direito de ouvir e de fazer da sua casa, o que permite a lei, o que é satisfatório, o que é legal, o que gosta, o que não gosta dessa forma, então todas as vezes que eu presencio ou que eu vejo que situações desse tipo eu sempre tento colocar a minha opinião, falar o que eu penso, o que eu acho, porque é mais importante. Do que simplesmente guardar numa bolsinha e deixar. Porque isso eu não ajudo para que outros entendam para que outros pensem diferentes para que outros repensem as suas atitudes sem uma imposição. Porque eu acho que não tem que ser imposto. Tem que ser abrigado como um pensamento que você abriga dentro de si e você remoi os seus e você acaba mudando por opiniões que podem ser diferentes da sua. Não estou nem dizendo que é melhor ou que é pior, simplesmente diferentes. E isso já faz, já requer respeito. Então hoje eu penso assim.

00:22:47 Herson

Entendi, perfeito. É eu. Queria perguntar ainda sobre a questão da, sobre questões relacionadas à intolerância religiosa. A senhora acredita que existe uma relação entre intolerância religiosa e a questão do racismo também?

00:23:08 Dennise

Eu acho que existe uma relação. Porque, quando começou, há muitos anos atrás o espiritismo, o espiritualismo, coisas desse tipo, foram começadas pelo povo negro que deram origem e que foi sendo rotulado como sendo isso, ou como sendo aquilo outro. Aí eu acho que entra o racismo junto com a intolerância e torna tudo um bolo, só um bolo que agride um bolo que machuca, um bolo que trata mal, um bolo que rejeita, que repele qualquer pessoa que pense diferente.

00:24:14 Herson

Entendi. Perfeito. As questões relacionadas à orientação sexual, identidade de gênero, questões relacionadas à ser mulher no contexto brasileiro, a senhora vê que é umbanda comparada com as outras religiões? Digo, em outras palavras, a senhora acredita que há umbanda acolhe, aceita com mais facilidade todas as orientações. Sexuais as identidades de gênero, tudo, toda essa diversidade que existe.

00:24:53 Dianna

Com certeza, com certeza, e não pela minha casa, mas por conhecer casas de outras pessoas, casas umbandistas, de amigos, de conhecidos que a gente acaba visitando e conhecendo em que todos são abrigados, não existe a exigência de sexualidade. A exigência de gênero, a exigência de opção, a exigência de nada disso. Cada uma precisa, e eu acho que a umbanda acolhe a todos como uma religião aberta, que é que não impõe os seus conceitos ou as suas formas de agir ou de fazer. Nós ensinamos, orientamos como é melhor, nós orientamos como faz parte, mas o acolhimento, o abrigo, o deixar à vontade para que cada um se posicione segundo os seus valores, segundo os seus conceitos é fundamental na umbanda e aí tem uma diferença gigantesca para outras religiões. Até mesmo para outros amigos que são de outras religiões, em que têm diferença, porque é a mulher nunca é, em geral, né, nunca, não, nunca é uma palavra muito forte. Em geral é colocada como um lugar abaixo do homem, um lugar hierarquicamente que não tem valor ou não valores de decisão, valores de regras, valores de impor valores, de decidir é colocada como alguém que participa. Não alguém que determina não alguém que vê, que aconselha, que tire os melhores valores e as melhores regras o total para que o bolo, para que o conjunto siga então tem diferenças assim, bem grandes, bem grandes.

00:27:18 Herson

Entendi, perfeito. Eu queria que a senhora me falasse um pouco mais como é que foi a formação da senhora enquanto médium. O que é que é preciso é ser o que é que é preciso fazer para para ser um médium da casa? No caso da da TESL, né? No contexto que eu estou falando.

00:27:43 Dennise

Bom, então vamos lá, começando pela TESL, né, a pessoa precisa frequentar algumas, alguns eventos, algumas seções, algumas gírias, algumas consultas, algumas coisas, e

depois. E depois, o primeiro passo é conversar com o nosso Pai de Santo, que é o Fernando. A pessoa vai expor a sua necessidade, vai expor o seu ritmo de vida e aí ele já coloca regras da casa que, por exemplo, a gente tem uma mensalidade que a gente paga todo o mês para que a gente cubra as despesas de água, de luz, de material necessário, de coisas dentro da casa, quando às vezes acontece que o telhado, por exemplo, nosso da casa, foi levantado e voou todas as telhas e a gente teve que fazer um mutirão para poder ajudar e comprar tudo novamente pra poder serem recolocadas e tudo mais. Então é com essa mensalidade que a gente ajuda, então ele faz toda essa conversa que é um compromisso para que a casa seja sustentada e sustentada por todos de igual maneira sustentadas com a mesma quantidade, ou seja, todos têm a mesma mensalidade, todos pagam o mesmo valor, claro. Todos são abertos, todos são libertos e para, “Ah, eu posso oferecer isso. Ah, vamos fazer uma rifa. Olha, eu vou dar o que vai ser feito a rifa? Não. Eu posso dar esse bolo, não. Eu posso dar doar essa esse Salgadinho, esse doce e isso ou aquilo, outro.”. Mas, a contribuição para a casa de uma forma geral é igual para todos, porque todos pagam a mesma mensalidade no mesmo valor. É assim, Bom o meu crescimento, eu cresci e eu fui coroada, eu fui feita na mesma casa que eu comecei que eu não participei de outras casas nesse tempo, eu apenas participava de uma até que eu fui formada até que eu saí da casa. Até porque a minha mãe já estava idosa e para ela, ih, era distante para a gente ir ela precisava de acompanhamento, ela já não podia mais ir sozinha e a gente tentou ir para um lugar mais próximo, que ficasse mais perto.

Mantivemos amizade e conhecimento com todas as pessoas da casa, mas fomos para outros lugares, passamos por outros lugares até que a gente resolveu abrir a casa como um centro espírita com uma tenda espírita e aí a gente começou a ficar e a cuidar e a cultivar na nossa casa mesmo. Foi mais ou menos desse jeito. Sempre fui, acho que até, por ser professora, sabe? por é estar atenta a tudo o que está acontecendo, a tudo o que acontece em volta e isso para mim, significa aprendizado. Então eu sempre gostei de estar em todas as sessões, de participar de todos os eventos, de ajudar, ajudar e perguntar, . “Ah, tem que pegar isto Está ali, pá, mas porque que fica ali? Porque é que o local é aquele? Qual a necessidade de estar naquele lugar?” “Ah é feito por causa disso e disso, é para isso e para aquilo outro Ah, eu vou tomar esse banho de ervas por causa disso e disso e disso ai eu vou acender essa vela por causa disso e disso e disso.” Então eu sempre estive presente e sempre fiz questão de aprender. De exercitar? Ah, mas eu é, eu estou começando agora eu, isso na época que eu tinha pouco tempo, não, mas eu estava lá é, estava lá para servir. As entidades que já davam consulta e eu não tinha essa autorização, mas eu estava lá para

ajudar essas entidades para aprender com essas entidades para exercitar a minha parte de estar sempre ali, de estar disponível, de estar disposta, sempre foi a minha trajetória sempre dessa forma. Então eu acho que é mais ou menos assim que eu acho que eu considero ser aconselhável para um médio, seja ele qual for, seja ele quem for, estar numa casa, porque é, não só na umbanda, mas em qualquer religião. Eu acho que você tem que se informar, você tem que procurar conhecimento, você tem que saber porquê. Você tem que fazer aquilo. Por que você faz aquilo, para quê? Eu acho que é a maior pergunta para que você faz aquilo, para que você recebe aquelas informações, para que vai te ajudar aquelas informações e aí você caminhar. Eu penso assim.

00:33:51 Herson

Entendi, perfeito. Queria perguntar agora para a senhora se a rotina de trabalho na casa, na TESL, influencia na vida familiar ou na vida profissional da senhora em relação a, por exemplo, a questão dos horários.

00:34:10 Dennse

Hoje eu tô aposentada, então não influencia mais na minha parte profissional. Mas eu sempre frequentei. Mesmo quando eu estava trabalhando, porque, em geral eram, era sempre na parte da noite, então eu trabalhava durante o dia, então dava para a noite eu ir ao centro à noite, eu participava das atividades, então comigo não atrapalhava ou não incomodava, acho que a gente sempre tem dentro da umbanda. Uma questão de colocar o que está acontecendo, porque eu não posso eu não devo ir para o centro passando mal. “Ah, estou. Ah, eu estou espirrando, eu estou tossindo, eu estou com secreção, eu estou com catarro, eu estou com febre, eu estou com isso.” Isso pode ser um montão de coisas que se eu for estar numa comunidade, estar com um monte de outras pessoas, eu vou estar contaminando essas outras pessoas com aquilo que eu estou sentindo. Então não é o correto, então eu posso mandar uma mensagem para o zelador informal que está acontecendo, porque eu não vou, porque eu estou sentindo isso e aquilo outro, e com certeza ele vai responder a minha mensagem, ele vai passar a perguntar alguma coisa e é dessa forma que a gente faz. Todo mundo tem Liberdade. “Ah, mas hoje eu vou ter uma festa de família, que é uma festa muito importante para minha família, porque é uma festa que a família toda vai estar reunida, que vai ser com o casamento, um batizado ou uma festa,” um não sei que eu posso chegar e falar e comunicar que eu não vou estar no centro, porque eu preciso estar nessa festa familiar. Não é que eu estou trocando, mas eu tenho

uma série de outros momentos. Dizem que eu estou na casa, então abrir mão de ir para casa para que eu esteja um momento com a minha família não vai atrapalhar a minha espiritualidade não vai atrapalhar a minha casa. Eu só preciso comunicar. Só preciso deixar aquelas pessoas que são dirigentes cientes do que está acontecendo. Então é dessa forma que a gente faz.

00:36:55 Herson

Tranquilo, entendi, é eu queria que a senhora me falasse um pouco agora sobre como é que a senhora entende a importância do trabalho da casa dos médiuns para a questão do desenvolvimento pessoal, tanto, tanto dos médium quanto das pessoas que são atendidas, que vão até a TESL, dito de outra de outra forma, qual a importância do trabalho mediúnico que é feito na tese para a questão do desenvolvimento pessoal das pessoas que estão com o médio e das pessoas que vão até a casa para procurar uma consulta ou alguma outra questão?

00:37:42 Dennise

Bom, para nós como médiuns, nós somos sempre acontece. Eu acredito que o desenvolvimento espiritual ele não acaba nunca. Eu com 80, com 70, estou com 54 e continuo fazendo. Tenho problemas de saúde e continuo frequentando-os porque o frequentando porque eu acho que me enriquecem enquanto espiritualidade me enriquecem enquanto enquanto conceitos de vida, conceitos de posturas é com outras pessoas. Conceitos de encarar a vida, conceitos de estender a mão para ajudar a qualquer pessoa, independente de ser o meu amigo, de ser meu conhecido, de ser meu parente, de ser isso ou de ser aquilo, eu aprendi isso na umbanda. Que todos precisam, todos merecem, porque eu preciso e eu mereço e uma hora alguém vai estar precisando e outra hora eu vou precisar. Então é uma troca, é uma troca de energias, é uma troca de conhecimentos, é uma troca de espiritualidade que a gente vai fazendo, em que eu vou melhorando a cada vez, porque cada vez eu vou tendo uma experiência maior. Cada vez o meu corpo, cada vez o meu é espírito, a minha espiritualidade reage de formas diferentes para com o meu trabalho assim. E assim eu acredito que a espiritualidade e aquela vida que não veio procurar nenhuma espiritualidade veio por um problema de saúde e veio um problema de família, veio por um problema de confusão com outras pessoas, veio porque está se sentindo maltratado ou isso, ou aquilo outro vai estar recebendo essa unção, vai estar recebendo esse reforço espiritual, essa camada e espiritual que acontece a cada, seja ela qual for. A cada

sessão, a cada evento ou a cada tratamento ou a cada. Seja consulta, ou seja, gira, ou seja, é confraternização, ou seja comemoração, ou seja, uma festa. Ou seja, isso a tudo, a espiritualidade envolve abriga, aconchega e trabalha em todos. Assim eu acredito

00:40:49 Herson

Entendi. Perfeito. A próxima pergunta, quais são os motivos que a senhora acredita que leva uma pessoa a buscar em buscarem o centro, buscar a TESL?

00:41:05 Denisse

Bom, eu já vi pessoas buscarem a TESL por uma infinidade de motivos como eu até comentei agora, né? É de ter vários motivos de vida e querer buscar formas de resolver esses motivos e ir para a TESL. Já vi pessoas que passavam mal em casa que não sabiam como agir, como fazer. Pessoas que já sabiam que eram espíritas e que precisava cuidar, precisava tratar e procurou a TESL como uma forma de cultuar as entidades e os orixás como uma forma de estar agradando e agradecendo aquilo que a gente recebe. Sem uma cobrança que recebe por. Por dádiva que recebe pela espiritualidade, que está sempre pronta a nos encher com esse bálsamo, independente de merecimento ou de coisas assim, mas eu acho que no momento em que a gente vai procurar, já é uma forma que eu estou dizendo para a espiritualidade. Olha, eu estou precisando de ajuda. Eu estou indo procurar, então trabalha em mim e aí tudo começa a acontecer. A mudança de conceitos, a mudança de posturas, a mudança de lidar com o outro, a mudança no falar, a mudança no agir, a mudança no ser, a mudança, no entender a vida de uma outra forma.

00:43:05 Herson

Entendi, perfeito agora (...)

00:43:08 Dennise

Eu. Eu não consegui responder as perguntas que você está fazendo é só você falar, tá? (...)

00:43:15 Herson

Tá tranquilo não, mas a senhora tá conseguindo responder sim, com certeza. Agora eu quero passar um pouco pra questão relacionada ao atendimento na casa, ao atendimento propriamente dito na TESL eu percebi que qualquer outra pessoa que vá até a TESL vai perceber a presença dos pretos velhos. Eu queria perguntar pra senhora, qual é, na visão da

senhora, a importância e quais são as funções que eles realizam tanto na TESL quanto na umbanda, de uma forma geral?

00:43:56 Dennise

Bom. Os pretos velhos são aqueles que estão sempre com o braço aberto, com um braço esticado para acolher, para receber, para acolher um choro, para acolher um grito para acolher uma insatisfação, para acolher uma palavra que está chateada, que está aborrecido, que está isso ou que está aquilo do outro. E os pretos velhos são aqueles que têm sempre uma palavra que conseguem nos tocar. Não é uma palavra comum que você encontra em qualquer lugar. Não é uma palavra de uma conversa simples ou de uma conversa qualquer. É uma. É sempre uma palavra que tenta nos confortar. Confortar o que vamos procurar confortar o que estamos sentindo, confortar o que precisamos adquirir o que precisamos receber de alguma forma. Então eu acho que os pretos velhos são o primeiro braço que se estende e que tá sempre estendido, sempre pronto a ajudar a colaborar, a falar. Mesmo que não seja o que eu quero ouvir, mesmo que não seja aquilo que eu fui para lá, buscando escutar aquilo que eu queria, escutar aquilo que eu queria que fosse dito para mim, mas eles vão ter sim, sempre palavras que vão ajudar a minha vida, que vão ajudar a minha caminhada de alguma forma. Nem sempre ou muita das vezes, não é nada do que eu estou querendo ouvir ou do que eu estou, mas é o que eu estou precisando ouvir. É assim o papel dos pretos velhos e isso é para falar assim, uma ínfima parte de tantas e tantas coisas que eles fazem, né, de, a parte de saúde e a parte de doenças psicológicas, de doenças no lidar com o outro de de é dificuldades no agir, dificuldades de se relacionar, dificuldade de tratar eles fazem e tratam isso com muita facilidade, por isso eu acho bastante importante.

00:46:36 Herson

Entendi. Eu queria perguntar agora para a senhora em relação a aos exús e as pombagiras, qual é para a senhora justamente qual essa importância e quais são as funções que essas classe de entidades que elas desempenham tanto na Tesla quanto para um bando em geral.

00:47:00 Dennise

Eu acho que os exus e as pombagiras, eles têm um papel de desatar os nós na vida da gente. Então eles são aqueles responsáveis pela abertura de caminhos de abrir caminhos para que eu caminhe com mais facilidade ou com menos dificuldades. E eles vão. Nos orientar, nos ensinar é passar de para fazer isso ou para fazer aquilo outro, orientações de

seguir dessa forma ou de seguir daquela outra, mas eu acho que o principal caminho , o Exu e a pombagira, é o primeiro, é o primeiro enviado de todas as outras em orixás, é o Exu e a pombagira. Ele é aquele que vem dar o recado. Ele é aquele que vem trazer uma mensagem que vem trazer um caminho que vem solicitar um caminho, solicitar que algo seja feito, trazer uma mensagem de algum orixá que está vendo que está fazendo, que precisa trabalhar, que precisa desenvolver naquela pessoa. Esse é papel do Exu e da pomba gira de desatar mesmo nós, desatar os embaraços e facilitar essa jornada, esse caminho, então, para mim é assim. O principal passo ou a principal função deles é essa.

00:48:48 Herson

Entendi agora nesse bloco, quero trabalhar algumas, quero perguntar algumas questões relacionadas ao tema da saúde. Eu queria perguntar primeiramente para a senhora, se a senhora já conversou com alguém que veio para as consultas da TESL resolver algum problema pessoal? E se a senhora acredita que qualquer problema pessoal pode ser resolvido a partir da a partir das consultas que existem na TESL?

00:49:19 Dennise

Olha, eu já conversei com várias pessoas que foram para a TESL que estão e que procuraram por isso, por problemas de saúde que procuraram por problemas do lidar na vida e tudo mais. E já tive contato com vários que voltaram à casa para, são bem poucos os que fazem isso. É bem verdade, porque a maioria vão numa procura e quando isso é resolvido, não existe um retorno para agradecer. Mas eu acho que faz parte do caminho, assim eu entendo como algo que a gente precisa enfrentar nós umbandistas precisamos enfrentar e não propagar e sim tentar falar. de agir de outra forma ou de se posicionar de outra maneira, mas eu já tive contacto assim com muitas e muitas pessoas que foram a casa sentindo dores e que voltaram bem, que estavam internados e que outras pessoas foram a casa para pedir saúde para pedir que saísse do hospital que fosse tivessem alta, que se recuperassem. Inclusive médiuns nossos da casa, porque acontece com todo o mundo. Não quer dizer que com umbandista não tenha porque umbandista não tem problema, há umbandista está livre de tudo. Não é verdade. A gente é ser humano igual a qualquer um, então a gente tem problemas de relacionamento, problemas de saúde, problemas de lidar, problemas de caminhar, problemas de um monte de coisas. Então, mas já vi muita gente voltando para agradecer. Voltando para contar que hoje a vida estava diferente, que naquele momento as coisas tinham sido resolvidas, que naquele momento voltou ao

médico e que o médico disse que não tinha mais nada, que voltou ao médico e o médico fez outro exame e o exame deu zerado que o exame deu. Nada que o exame deu sadio e que aquela pessoa estava sadia. Várias e várias vezes, através de conversas, através de papos com outros, através dos próprios médiuns, através de muita, muita, muita gente que eu já vivi escutando e presenciando isso.

00:52:11 Herson

Então. Então a senhora acredita que que qualquer problema pode ser resolvido a partir a partir das consultas?

00:52:22 Dennise

Eu acho que sim. Eu Acredito que antes de qualquer coisa. Vem a fé. Sabe a certeza de que aquilo vai acontecer hoje, quando nada aconteceu ainda? Mas eu acredito que vai acontecer. É a convicção daquilo que ainda não se realizou. É a certeza de que vai se realizar esse. É o primeiro passo para que qualquer coisa aconteça, então eu acho que esse é o primeiro passo para que qualquer consulta tenha um resultado para que qualquer trabalho tenha um resultado para que qualquer evento dê um resultado. É isso. É isso. Primeiro passo é a fé, mas Eu Acredito, e aí eu falo pela minha fé. Eu Acredito que tudo pode ser resolvido pela espiritualidade através da consulta da gira, de qualquer coisa. Mesmo que não seja exatamente o que eu quero, mas eu tenho certeza que vai acontecer o que é melhor para mim. Para mim, enquanto pessoa para mim, enquanto ser humano, para mim, enquanto necessidades físicas, psicológicas, biológicas e tudo mais.

00:53:59 Herson

Entendi, perfeito. É eu. Queria perguntar agora para a senhora se a senhora possui convênio de saúde particular ou se a senhora se utiliza do sistema público de saúde? E se a senhora se sente satisfeita com os serviços de saúde que estão a seu dispor atualmente?

00:54:20 Dennise

É, eu tenho um plano particular. Não estou satisfeita. Hoje mesmo foi um dia que eu fiz cotação e um monte de lugares em um monte de sites procurando um valor mais em conta. Porque quando eu comecei com esse plano, era ótimo, não tinha problema nenhum. Eu conseguia fazer os exames, eu conseguia marcar consultas, eu conseguia tudo sem dificuldade. Hoje eu fico mais de 1 mês aguardando para que eu consiga marcar uma

consulta para que eu consiga fazer um exame aí muita das vezes eu tenho que apelar para ligar para o SAC do plano. Já como reclamação, já dizendo que eu estou esperando há tanto tempo e que não aconteceu e que não aconteceu e que cada vez é mais frequente. Então atualmente eu pago por um serviço que eu não estou conseguindo usufruir que não está sendo o que eu preciso, eu. Comecei a ter um plano de saúde porque eu tenho diabetes desde os 11 anos e então é a diabetes. Já me trouxe várias dificuldades e continua trazendo por conta, por conta mesmo da saúde. Então eu preciso estar indo há especialistas diferentes a fazer exames diferentes e tem médicos que são certos, assim, de eu ter que de 3 em 3 meses eu ir ao médico e fazer um exame e ver o resultado para estar acompanhando os resultados de 6 em 6 meses tem outros que eu vou para poder fazer exame e para ver como está e acompanhando. É, teve tempos em que eu tinha que ir de 15 em 15 dias em que já fiz pelo plano de saúde, tratamento com psicólogo e em que eu ia ao atendimento toda a semana, toda a semana pelo psicólogo. E que hoje eu não estou conseguindo sequer marcar. No mesmo plano de saúde. Então eu estou procurando. É só que não dá para esquecer do valor, então a gente tem que procurar com a mão no bolso para poder ver se o bolso vai conseguir pagar. Então eu estou fazendo um monte de cotações para tentar conseguir um plano que tenha mais recursos, que tenha mais possibilidades que eu seja mais atendida e que eu me sinta mais segura de ficar, de estar.

00:57:28 Herson

Entendi, perfeito. Considerando que o sistema público de saúde atende, atende toda. Aí qualquer pessoa, né? Aqui no Brasil, a senhora já teve dificuldade em ser atendida em algum momento durante a sua vida? Na no sistema público de saúde e se sim, a senhora pode me relatar como foi essa situação?

00:57:53 Dennise

Houve um tempo quando eu era adolescente, eu. Vivia passando mal por causa da diabete. Eu era adolescente, comia coisa que não devia, comia besteira e a glicose subia e eu era levada para o pronto socorro, para o hospital. Meus pais não pagavam, não tinham condições de ter plano de saúde, até porque antigamente era muito, muito, muito mais caro do que hoje em dia. Então eu frequentava, sempre ia ao SUS, sempre, então já aconteceu, de eu ir para o hospital. Uma vez o meu pai me levou para aquele hospital São Sebastião, que fica ali no Barreto. E chegando lá, a minha glicose estava alta, aí eles mediram a glicose e falaram, olha, é, precisa procurar um outro hospital que seja especialista aqui a

gente não atende isso ou se atender a gente vai botar num soro para baixar e só. Aí, meu pai, junto com a minha mãe, me pegaram, me levaram para procurar um outro hospital até que eu fui para o Antônio Pedro, que na época, na época, não é ainda um Hospital Universitário que tinha mais recursos, que tinha mais especialidades e que era melhor atendido. E lá eu fiquei lá, eu fui internada lá, eu fiquei bastante tempo até me equilibrar para poder voltar para casa, então eu já tive bastante problemas assim, desse tipo. E acho que ninguém, ninguém merece passar por isso, porque qualquer pessoa que vai a uma UPA, você vai como um primeiro Socorro. Você vai como alguma uma porta que está aberta ali e você não está bem, você não sabe nem o que tem, mas você está indo ali para tentar descobrir. E aí você chega lá e a UPA, como eu já tive que acompanhar amigos para ir numa UPA e cheguei lá, Ah, não tem vaga, está lotada.

Aí você via pessoas em macas separadas do lado de fora da UPA, porque não tinham como ser atendidos. Outros sentados numa cadeira e esperando o atendimento também na fila da emergência para conseguir entrar e aí nós fomos procurar um outro. Fomos procurar um outro hospital que pudesse atender dessa forma, então ninguém. Merece isso. A gente paga uma infinidade de impostos, a gente paga uma infinidade de serviços que a gente faz e hoje Pelo menos até hoje é, eu espero bastante que o Brasil mude bastante isso, mas até hoje um grampo, um palito de fósforo que eu compre ali no bar, eu estou pagando por um imposto que eu já está incubido ali no preço que eu estou pagando, que está me sendo cobrado. Então eu tudo é envolto, tudo é cobrado com impostos. Esses impostos, claro, deveriam ser direcionados, deveriam estar. Ou deveriam estar disponível para a saúde, uma série de coisas, não é? Mas não acontece, não é dessa forma, infelizmente. Quero acreditar que até hoje, amanhã, é um outro dia e eu acredito num dia melhor, então eu luto todos os dias para ter um dia melhor. Acho que se eu não trabalhar, se eu não fizer a minha parte não vai adiantar o mundo fazer, porque o mundo vai esbarrar na minha parte que eu deixei para o lado na minha parte, que eu deixei noção sujo como eu joguei o papel. E no chão, em vez de estar jogando na lixeira. Aí vem a chuva, enche o lixo, o ralo de água e aquilo entope e outras casas são Derrubadas e tanta coisa acontece pela minha falta de postura, pela minha falta de consciência ao lembrar de o que eu faço, não faço é para o outro. Eu faço para mim e para o outro, nós fazemos para todos, para que todos tenham uma vida melhor. Pelo menos é dessa forma que Eu Acredito.

01:02:55 Herson

Entendi, perfeito. É eu. Queria perguntar se a senhora já teve a oportunidade de conversar

com alguém ou se ficou sabendo por outras pessoas da TESL, de alguém que foi até lá para resolver um problema de saúde? E se sim, a pessoa doente? Ela relatou sobre a situação de saúde dela, quando ela chegou na tese para ser antes da consulta ou antes de de algum procedimento ritual. A senhora tem a senhora tem essa lembrança.

01:03:28 Dennise

É, eu tenho lembrança das 2 coisas: de pessoas que foram doentes, levadas por outras pessoas em que a pessoa não precisou nem dizer o que tinha, o que estava acontecendo e a outra pessoa foi que contou a situação e tal. E essa pessoa foi tratada, foi cuidada e ela melhorou assim infinitamente. Também já presenciei de pessoas que foram para atendimentos porque foram para atendimentos com pretos velhos que tratam muito a questão de saúde, com caboclos que também trata essa parte de saúde ou com outras entidades que também tratam isso e foram tratadas, foram cuidadas, foram melhoradas, avançaram em termos do desafio que estava enfrentando. Em termos da dificuldade que estava ultrapassando, então assim, eu já presenciei os 2 casos com pessoas que foram, precisaram contar e falar e pedir ajuda ou com pessoas que não precisaram falar porque estavam com outros que pediram a junta por ela ou até mesmo por pessoas que foram lá sem a pessoa para pedir ajuda para aquele que estava em casa, acamado, que não podia sair de casa, que não estava hospitalizado. Ou coisas desse tipo?

01:05:12 Herson

Entendi. É eu queria perguntar para a senhora, o que é que a senhora acredita que é saúde?

01:05:22 Dennise

Eu Acredito que saúde como diz o conceito é um bem-estar, físico, social e mental. Só que dentro da capacidade, ou melhor, dentro da potencialidade que cada doença oferece para ser cicatrizado, para ser curado, para ser tirado. Esse bem-estar, nem sem quer dizer, um bem-estar..., porque muitas das vezes a gente lida com problemas que são sociais, em que quem precisa mudar sou eu, e não a sociedade toda que está em volta. Sou eu, é que preciso em mim que precisa acontecer a mudança primeiro, para que depois por fora, as outras pessoas modifiquem as outras pessoas, ajam diferentes comigo, me tratem ou sejam diferentes comigo. Então eu acho que esse equilíbrio é o grande segredo que a gente tem como ser humano, é o é o grande desafio como um ser humano, de estar equilibrado. Seja em que aspecto, em que área for. Seja em relacionamento, familiar, seja em vida, seja

profissional, seja de saúde, seja de uma série de coisas, todos esses é a busca de um equilíbrio. Eu acho que para mim, pelo menos é assim que eu acredito ser saúde.

01:07:32 Herson

Entendi. E o que é que a senhora acredita que faz com que uma pessoa tenha saúde?

01:07:42 Dennise

Olha, eu já fiz tanta besteira na minha vida. Em termos de não fazer, correto em termos de saúde, Como eu te falei ainda agora, em que a minha adolescente se a foi comendo coisas que eu não podia comer. Foi sendo levada para hospitais, sendo socorrida um montão de vezes. Eu escondia doce embaixo da cama, eu ia à festa, trazia doce escondido, escondia embaixo da cama para quando todo o mundo estava dormindo, eu ia lá e comeu o doce e ninguém ficar sabendo. Eu escondia dentro do armário. Eu escondi aí um monte de lugar. E isso foi a minha infância, foi a minha adolescência. Foi até adulto, porque eu comecei a me tratar mesmo. Eu já tinha, já era adulta e bem adulta. Eu já tinha mais idade. Porque foi uma questão de tratamento que eu fiz em todas as áreas. Eu comecei fazendo o tratamento com um psicólogo para entender as minhas perguntas, as minhas, porque eu para quê eu porque eu? Porque se ninguém da família é porque eu sou, porque eu tenho, porque eu isso? Porque aquilo outro aqui, aquilo, o outro. e tudo mais.

Eu comecei a. Fazer dieta já madura. Eu não fazia antes antes, estava com vontade, comia a quantidade que eu tava com vontade, depois voltava pra casa e passava mal e sentia isso ou aquilo outro, mas eu comia o que dava vontade e eu estava sempre com fome e eu estava sempre querendo comer mais alguma coisa era assim. E tudo isso, eu continuo tratando. Hoje eu faço dieta. Todos os dias? Queria que fosse assim? Não, não queria que fosse. Mas é assim que eu vou conseguir estar viva e estar com saúde. Está podendo aproveitar a minha vida mais tempo. Do que eu já aproveitei hoje eu tenho hoje eu tenho um problema sério de visão por consequência da diabetes, por consequência de não tratar diabetes de não evitar, então. Hoje eu sei, continuo fazendo tudo o que eu preciso fazendo fazer. Raramente, muito difícil eu faltar alguma coisa no centro, porque se eu tenho saúde e eu acredito que me é dada. pela espiritualidade, pelo ser maior. Para que eu continue vivendo e viver significa fazer o meu melhor, significa estar praticando estar em ênfase, estar caminhando, estar fazendo. Então é assim que eu acredito.

01:11:33 Herson

Entendi, e o que a senhora? Quer que a senhora acredita que é a doença?

01:11:46 Dennise

Bom, a doença hoje, eu nem vou entrar na forma de como a gente pega a doença ou a gente é adicionado com aquela doença, com aquela enfermidade e com aquele problema? Porque não cabe, não é porque, até porque a gente viveu isso agora há pouco tempo em que eu tinha que sair na rua. É com máscara e eu tinha que levar para alguns lugares com mais pessoas, uma máscara mais potente, uma máscara mais reforçada, para que eu pudesse lidar com outras pessoas. Até porque a máscara tem validade. Então uma máscara comum a validade dela é de 2 horas, passou a 2 horas eu vou estar de máscara, só enfeitando, mas não vai estar me livrando de nada, então e a gente teve que passar por isso, que viver isso. Mas eu acredito que. A doença é não é nada fácil. Não é bom, não é legal, não é agradável. Não é nada disso, passa muito longe disso. Mas eu acho que nós podemos. Hoje, hoje eu acredito que a gente pode caminhar com a doença. Hoje Eu Acredito que a gente pode viver, aproveitar, se divertir, brincar, ir jogar conversa fora, fazer besteira, sair para fazer isso ou para fazer aquilo outro para lugares diferentes com a doença. Sem me deixar me bloquear enquanto caminho de vida, enquanto é achar que eu me bloqueando, eu vou estar me fazendo bem. Hoje eu sei que eu só me faço mal quando eu faço isso porque o corpo começa a se manifestar e a reclamar e a dizer que não está bem a cabeça nem se fala. A parte psicológica fica, diz. Mais é desregulada, fica mais instável, fica mais aflita, fica mais, é aborrecida, chateada, de mau humor e tudo isso. Mas é possível hoje. Eu sei, Eu Acredito que é possível. É isso.

01:14:56 Herson

Entendi. E o que é que a senhora acredita que faz com que uma pessoa tenha uma doença que faz uma pessoa ter uma doença?

01:15:09 Dennise

Eu Acredito que o ritmo de vida trazem uma série de doenças, então. “Há. Ah, eu não como verdura. Ah, para que que eu vou comer Mato? Ah, Mato não é bom. Ah, legume também não, mas macarrão ou é ótimo, mas não sei quê é ótimo.” Mas e o corpo? Como é que responde a tudo isso sem? Uma hortaliça sem uma vitamina e todos os legumes tem um monte de vitaminas, um monte de verduras têm proteínas, tem é uma série de de coisas que a gente necessita. Seja ele o feijão com arroz, como tem também as suas vitaminas, as

suas proteínas, as suas e suas, as suas, aquilo outros. Então, a forma com que eu levo a vida, a forma com que eu me alimento, a forma com que eu faço aquilo que eu provenho para o meu corpo, faze. Faz eu ter ou eu não ter? Uma série de doenças. Aí eu acredito que é o tratar-se bem. Enquanto você se tratar, é de uma forma mais saudável. O seu corpo faz com que você evite uma série de doenças. Eu acho que tem problemas que nos é nos esbarram problemas de saúde, mesmo que nos esbarram, que você não estava esperando e de repente você faz um exame e aparece que você está com aquele problema e aparece que você está com a que a saúde não está legal e que acontece isso, aquilo outro. Eu Acredito que é a grande parte das doenças funcionam como desafios, funcionam como trampolins. Para que eu aprenda, para que eu entenda, para que eu me conscientize de um monte de coisas e para que eu viva melhor. Então eu acho que a pessoa pode é estar doente ou ser doente, ou ficar doente dessas maneiras.

01:17:58 Herson

Entendi, é a senhora a senhora a senhora acredita que existem tipos de doenças que vão além do corpo físico, como as doenças espirituais?

01:18:10 Dennise

Acredito, acredito mesmo e acho que além do corpo físico, além de doenças espirituais, existem várias doenças que transitam na atmosfera que transitam num, num, num espaço, num ambiente mesmo, em que a gente vive e que essas doenças não são físicas, mas que elas vão, podem nos trazer uma série de sintomas, uma série de coisas e até desenvolver doenças mesmo que precisam ser espiritualmente curadas, espiritualmente tratadas, então eu acredito plenamente é que existem muitas doenças que não são físicas, que são espirituais. E acredito que todas elas, de acordo com o merecimento de cada um. De acordo com a vida de cada um, porque eu acredito que nos tramitam por vidas e vidas e vidas diferentes. E a cada vida, eu vou tendo coisas que eu vou fazendo e que eu vou recompensando, vou me recuperando daquilo que é feito e tem um montão de coisas que eu não me regenero e em que eu não me resgato em que eu fico como uma mala pesada, que eu vou levar para uma outra vida em que eu vou viver de uma outra forma, de uma outro jeito, de outra maneira, mas eu vou estar vivendo a essência daquilo que eu deixei para trás. Eu Acredito assim.

01:20:17 Herson

Entendi, é a senhora pode me falar o que é que para a senhora causa uma doença física e o que é que causa uma doença espiritual? E a senhora acredita que pode haver uma relação entre elas?

01:20:37 Dennise

Eu acho que pode até, pode haver uma relação entre elas. Quando a gente, como eu falei ainda agora, que você está levando essa mala para uma outra vida, para uma outra jornada, e que você precisa ultrapassar, que você precisa resgatar isso de alguma forma. Então eu acho que a doença física se mistura espiritual dessa maneira também acho que elas se misturam quando eu não me cuido quando eu não me limpo. E eu não estou falando só de uma limpeza física, mas eu estou falando de uma limpeza de espírita, de uma limpeza espiritual.

De um cuidado espiritual, então aí elas podem se misturar e se manifestar em forma de uma doença física, o que na verdade é um fundo, é uma raiz espiritual. E o contrário, uma doença física pode apresentar várias doenças espirituais, como dificuldades de encarar dificuldades, de manejar dificuldades de fazer dificuldades, de se relacionar, dificuldades de estar, dificuldades de frequentar alguma casa religiosa e aí acaba misturando essas doenças. Então é dessa forma que eu acho que elas interferem uma na outra a doença física ou com a espiritual e a espiritual, com a física.

01:22:35 Herson

Entendi, é, entendi. Então, no caso, a senhora acredita que o que causa uma doença física e o que pode também causar uma doença espiritual seja uma falta de limpeza em relação em relação a si próprio, né? Limpeza no sentido geral, é. É nesse sentido que a senhora está falando, né? Uma seria a falta de uma autor reciclagem constante que aí quando a pessoa não faz isso, ela fica mais propícia a uma doença física e ou uma doença espiritual. Seria isso?

01:23:08 Dennise

É, mas eu acho que tem uma série de outros critérios que entram nisso. É como problemas. Psicológicos mesmo, que podem virar. Doenças como tem uma série de doenças mentais psicológicas que existem e que podem se transformar em doenças físicas, como elas podem também se transformar em doenças espirituais, então. Nem sempre a raiz da doença é só uma questão física ou só uma questão espiritual. Mas é muita das vezes uma questão

psicológica, uma questão emocional, uma questão de valores, uma questão de personalidade, uma questão de conceitos. Eu Acredito assim.

01:24:12 Herson

Entendi, é perfeito quando eu entrei em contato com a senhora, eu entrei em contato. É por meio da da Cláudia, né, eu pedi para Cláudia, é eu. Eu falei para Cláudia que um dos pré-requisitos necessários para que eu pudesse fazer essa entrevista era justamente que me fosse apontado uma pessoa que. Dentro de toda a trajetória dela dentro da TESL, que em algum momento essa pessoa tenha ficado doente e que tenha buscado serviços. Da TESL para poder se curar dessa doença. É se se lembrar dessa condição. Aí eu queria perguntar pra senhora o seguinte, é quando? Quando a senhora ficou doente em algum momento, quando a senhora ficou doente? Dentro da tESL, a senhora buscou se curar por por procedimentos? É como consultas ou rituais que são oferecidos na tesl ou a senhora não, não buscou consultas e outros tipos de de aparato se, por assim dizer.

01:25:27 Dennise

Eu busquei as 2 coisas. Os 2 tipos de tratamento sempre, porque é por eu ter uma doença crônica eu estou sempre indo ao médico e qualquer coisa que eu sinta ou que eu tenha, eu vou procurar um médico para me dizer alguma coisa, mas nunca deixo de procurar a espiritualidade para me ajudar nessa, nessa recuperação para me ajudar nessa cicatrização, para me ajudar nesse tratamento. Então foi o que eu fiz a todo o momento.

Quando eu tive COVID, eu tive COVID 2 vezes seguidas. Eu tive COVID. Leve. Mas eu tive mal estar. Eu tive sensações ruins, tudo isso mesmo estando vacinada porque eu já tomei hoje, eu já tomei todas as vacinas, mas cada vez que ele era liberado, mas no início, então, que não tinha nenhuma vacina liberada, que era a vacina nem chegava. só chegou depois de que muita gente já morreu, né? Mas, enfim, graças a Deus chegou. Eu procurei me cuidar para nos 2 lados para ter acesso, para melhorar, para ter saúde, para estar melhor. Então procurei as 2 formas de tratamento.

01:27:16 Herson

Entendi, e quando? Quando a senhora é buscou a parte da cura relacionada à Tesl, as entidades com a senhora deve ter conversado com algumas entidades, né? É essas entidades, elas te pediram banhos, passes, elas te receitaram. Na verdade, banhos de ervas, pás. Entregas de te oferendas com alguma outra ou algum outro é dispositivo para poder se

livrar dessa doença.

01:27:54 Dennise

É, já teve tudo isso ao mesmo tempo, né? Porque, por exemplo, quando eu fiquei com COVID, eu. Avisei que estava com COVID e não fui para o centro e tal. Embora uma vez eu peguei em casa e outra vez eu peguei no centro, mas. Eu não fui, mas eu sei que foi feito um trabalho espiritual.

Pela minha saúde, é por outras pessoas em que nem que eu nem estava, mas que fizeram. É por mim que pediram por mim que trabalharam por mim, mas já aconteceu várias vezes várias vezes. é não estar conseguindo comer, por exemplo, é uma das coisas que eu lembro agora de pouco tempo, porque a comida é descia e eu comia como um castigo assim descia porque precisava, porque se eu não comesse, eu ia passar mal, e eu comia, mas eu não tinha vontade de comer. Não tinha vontade de comer coisas diferentes. E aí me foi indicado um chá. Para que eu tomasse para me ajudar, além de que me foi indicado que eu tentasse fazer comidas que eu gosto (...) consegui voltar. Desculpa é que eu sou enrolada mesmo, principalmente celular, viu?

01:31:14 Herson

Sem problema, sem problema nenhum. Eu só. Só fechei o microfone aqui para gravação, continuar correndo sem nenhum som.

01:31:22 Dennise

Sim, está.

01:31:23 Herson

Tudo certo é a senhora. A senhora estava falando sobre a questão do chá, sobre a dificuldade de de poder comer a comida.

01:31:35 Denisse

É e fora outras dificuldades, tipo. Prisão de ventre em que eu já procurei um preto velho para conversar e já me ensinou vários sais para tratar e chás que depois eu fui ver eu fui a uma nutricionista que eu que eu conheci e ela me passou, basicamente, bem parecido com as coisas que esse preto velho tinha me passado.

E hoje eu continuo tomando chá porque me faz bem, é, faz eu ter uma digestão mais

saudável, faz, faz eu não ter problemas, então são coisas que eu já aprendi tanto com chás quanto com oferendas, como é com orientações e coisas desse tipo.

01:32:34 Herson

No caso da, no caso da senhora, quando a senhora descobriu a doença, como por exemplo, a COVID, a senhora primeiro foi atrás de um médico ou a senhora primeiro, foi atrás de uma consulta com as entidades, quais foram os motivos que levaram a senhora ou aí, primeiro, no médico ou aí? Primeiro na, nas entidades?

01:33:00 Dennise

Primeiro, eu fui ao médico. E o meu principal é. Motivo? É saúde, é estar desconfiada. Uma vez eu peguei COVID porque o meu filho trabalha num mercado, então, tem contato com um montão de gente e estava em casa e começou a se sentir mal e tal e tal. E aí ele foi ao hospital, foi fazer uma consulta e chegaram lá, foi, fizeram um exame e ele estava com COVID.

E aí ele veio para casa e o médico já mandou recado, porque ele falou que eu era diabética e tal. O médico já mandou recado que eu procurasse um local e que fizesse exames e aí eu fui procurar e fiz.

Na segunda vez eu peguei dentro do centro, eu também procurei por também estar sentindo os sintomas parecidos com os sintomas da COVID, mesmo que leves, e que eu não tinha certeza, então achei que era melhor ir a um médico até para que eu não continuasse transmitindo para outras pessoas, transmitindo para os meus familiares, transmitindo para as pessoas que eu estava junto, que eu estava na minha casa e então eu continuei, fui primeiro ao médico, foi assim.

Pelo menos da COVID as outras coisas não houve outras coisas. Eu procurei primeiro a espiritualidade. Várias vezes eu procurei primeiro a espiritualidade.

01:34:41 Herson

Certo, mas aí, no caso, o que é que levou a senhora a buscar, primeiramente, um médico em relação à COVID do que, por exemplo, um consulta com uma entidade atrás de um chá ou atrás de ou atrás de algum outro procedimento?

01:34:59 Dennise

Porque primeiro, eu não sabia nem se eu estava contaminada ou não e se eu fosse procurar

uma entidade, se eu fosse procurar, eu ia estar contaminando uma outra pessoa que estava sadia, então eu achei que não deveria ir procurar primeiro o centro. Eu deveria primeiro saber o que eu tinha para ver. Ah, não, não é nada disso. Você está sentindo porque você está com uma alergia, porque você está com um problema respiratório porque está com um problema disso ou qualquer coisa. Ah está, não é? Então eu posso ir, então eu vou procurar uma entidade, então eu vou conversar com Espiritualidade para me orientar de alguma forma, então foi por isso a escolha.

01:35:48 Herson

Entendi. Perfeito. Durante o tempo que a senhora esteve doente, a senhora precisou manter uma rotina de consulta com alguma das entidades que trabalhou na TESL para acompanhar o seu processo de cura? Ou foi basicamente uma entrevista, uma entrevista, não uma consulta e depois uma outra consulta esporádica, digo, houve a necessidade, no caso da senhora de se manter uma série de consultas. Encaminhadas uma atrás da outra, ou foi ou não.

01:36:27 Dennise

Para COVID não. Até porque eu fiquei um tempo sem ir até passar o tempo, né? Que eles estabelecem para que eu pudesse voltar e não correr o risco de estar contaminando outras pessoas, mas. É por várias vezes já aconteceu. De eu fazer tratamentos mesmo? Tinha uma preta velha na casa que eu era em que eu gostava muito dela. Várias vezes eu fui conversar com ela, procurar ela para tratar sobre a mesma coisa.

Eu sei que eu estou o tempo inteiro falando da diabetes, né? Desculpa por isso, mas é porque ponto básico assim para mim. E aí eu fui procurar várias vezes. Para tentar entender Fui procurar e fui várias vezes para tentar como agir como está com aquela, é doença. De uma forma mais saudável, de uma forma melhor, sem estar mal-humorada, sem evitar pessoas, sem evitar grupos. Porque era coisas que eu fazia, era coisas que eu fiz durante um tempo da minha vida e de não lhe dar muito com outras pessoas de não me relacionar muito com outras pessoas, de me manter mais afastada e coisas assim. Então, várias vezes eu fui várias vezes seguidas conversar com esse mesmo preto velho para que ela me ajudasse do que fazer, como fazer, como tratar, como me cuidar.

01:38:33 Herson

Entendi, e na medida em que a senhora foi seguindo as orientações da entidade, a senhora

foi percebendo, com o tempo uma melhora de sua doença. Eu digo, deu é a senhora conseguiu perceber a evolução do do seu quadro de saúde até até se sentir melhor ou se sentir curada com? O tempo deu, deu é esse marcador deu para ser um marcador da cura, foi percebido dentro do tempo pela senhora.

01:39:04 Dennise

Foi percebido, assim é claro, sabe, de uma forma clara, de uma forma nítida, de uma forma que dava para sentir, para ser sensível a essa melhora e. eram coisinhas pequenas, porque às vezes eu saía para voltar depois de 1 mês, por exemplo, porque tinha consulta uma vez por mês. E falava, olha, esse mês você vai tomar esse chá e eu ia tomando o chá, ia tomando o chá, ia tomando até que eu voltasse a ela e ela passasse uma outra coisa.

E aí eu ia percebendo o bem que isso ia me fazendo o quanto me ajudava o quanto eu melhorava o quanto eu me sentia mais saudável, o quanto eu me sentia melhor. Por estar passando por esse tratamento. Foi assim.

01:40:13 Herson

Entendi. Então a senhora acredita, por exemplo, que seguir os procedimentos à risca? Foi é uma foi uma etapa importante para conseguir a cura, né? É dentro do processo de cura, é, é necessário que se siga à risca aquilo que é que é repassado, não é pelas entidades.

01:40:34 Dennise

Sim, eu acho que é essencial que você siga isso que você é. Obedeça que vocês receba a orientação. Mas além de tudo. É importante quando se faz um processo desse de tratamento, que é um processo mais demorado de você falar. Falar, olha, hoje eu estou voltando, mas hoje não deu certo. Hoje eu fiz isso e isso não funcionou. Isso não me ajudou. Eu me senti pior, eu me senti a falar mesmo, sabe? Comunicar como alguém que está, alguém que está não, como alguém que está tratando que o tratamento você tem que dizer é, você vai a um médico e você precisa, começa a tomar um remédio, você tem que dizer para o médico se aquele remédio te fez bem, se aquela dosagem foi perfeita para o seu corpo, para para o seu peso, para o seu tamanho ou se não foi isso, se te fez mal, se te deu reações e você precisa, aí é que está de você voltar ao mesmo médico e dizer, olha “O senhor me passou esse remédio e esse remédio me fez mal. Eu senti isso, senti aquilo, senti aquilo outro. Não deu certo, mas eu ainda estou. Eu preciso continuar o tratamento, então me dê uma outra coisa” dessa forma, para mim é dessa forma que é a mesma coisa com o

preto velho. Com as entidades?

01:42:11 Herson

Entendi, perfeito. Eu queria perguntar agora para a senhora se a senhora acredita que as práticas rituais de cura da TESL como consultas, banho de padê... se elas, se relacionam de uma forma opositiva ou de uma forma complementar em relação às práticas de cura daquilo que a gente chama de medicina tradicional? Como por exemplo, consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábito. Eu queria entender se a senhora acredita que existe uma relação entre as práticas de cura da TESL e da umbanda, por consequência, né? Uma forma opositiva ou uma forma complementar com aquilo que a gente entende como sendo a medicina tradicional, a medicina alopática, a medicina do médico?

01:43:04 Denisse

É, eu já vivi e já vi um monte de pessoas fazer os 2 tipos de tratamento. Ou seja tratamentos que foram passado por uma entidade que foram passados espiritualmente e que deram resultado e que foram bem feitos, mas também já vi tratamentos que foram feitos complementares ao tratamento que fazia com a parte médicas ser juntado e tomar para que ele mesmo tratamento um chá, um padê, uma outro, um outro tratamento, uma outra, um benzimento, uma outra ação, dessa forma. Então eu já vi, já presenciei e já fiz comigo os 2 tipos, tanto com tanto como uma forma complementar, como uma forma de cura mesmo uma forma de tratamento.

01:44:06 Herson

Então a senhora acredita que não existe uma relação de oposição existe? Existe uma relação que pode ser complementar ou que pode ser resolvido utilizando-se, por exemplo, apenas a questão religiosa é isso?

01:44:24 Dennise

Isso elas não são opositoras, elas são complementares ou elas podem fazer o mesmo papel, a mesma função que a alopatia faz. Que a homeopatia faz. Que são outros tipos de tratamento médico que você faz.

Aí, o tratamento umbandista vai ter uma linha diferente, mas que vai fazer ou vai chegar ao mesmo êxito, ao mesmo objetivo. Vai curar da mesma forma.

Joseane:

00:00:04 Herson

Pronto, voltando, eu tinha te feito a primeira pergunta e você tinha me falado que tinha uma loja em frente a TESL. Então, você no começo não era umbandista. Você não vem, não tem uma família umbandista e tudo mais? A sua religião era outra.?

00:00:27 Joseane

Sim, a minha religião é protestante e a família era uma família de pastores, né? Oriunda do protestantismo, né? São cristãos protestantes. Eu tenho um tio que era da assembleia de Deus, a minha mãe era presbiteriana.

00:00:54 Herson

Entendi. E aí, o que é que o que é que te trouxe para para a umbanda?

00:01:01 Joseane

Eu já estava afastada da igreja, já tinha um tempo, né. Eu ia de vez em quando na igreja, mas era muito raro e foi um convite. E desse convite, tudo mudou.

00:01:22 Herson

Só passar o latido do cachorro.

00:01:44 Herson

É, continuando, nas relações com as pessoas mais distantes, tipo do trabalho com os seus vizinhos, você fala sobre o fato de você ser dá umbanda, elas comentam sobre você participar da umbanda? Você já teve essa conversa com algumas pessoas?

00:02:10 Joseane

Sim, já! Inclusive, foi me aconselhado há pouco tempo a não postar tanta coisa da minha religião, no Facebook, onde tem uma parte também, onde eu coloco a minha profissão. Porque, por causa do preconceito, político e profissional na área, né? Qualquer coisa. Porque os seus clientes muitas vezes eles não aceitam a sua religião e às vezes deixam de te contratar por causa da sua religião.

00:02:57 Herson

Então, no caso tem, tem essa problemática, principalmente com os clientes, né? Em relação ao fato de você ser umbandista.

00:03:05 Joseane

É, eu nunca escondi, tá? Eu nunca escondi o fato de ser umbandista. Só que é uma coisa que eu não chego. Tem cliente que chega e fala “Ah, eu também sou do axé.” Tem cliente que fala nossa, mas nem parece. Eu pensei que você fosse crente. Aí eu falo numa mãe evangélica. Eu também sou cristã. Também sou crente porque um umbandista também é cristão.

00:03:39 Herson

Entendi. Perfeito, você considera que já sofreu em algum momento intolerância religiosa por ser umbandista?

00:03:48 Joseane

Não.

00:03:54 Herson

Certo, certo. Mas você acha que é importante denunciar sempre quando acontece essas questões relacionadas à intolerância religiosa?

00:04:05 Joseane

Sim, tem que denunciar, sim.

00:04:14 Herson

E as questões relacionadas ao racismo, você acha que tem que tem haver? O preconceito que existe contra as religiões afro-brasileiras, como a umbanda também passa pela questão do racismo?

00:04:31 Joseane

Olha, o racismo religioso seria esse o caso, eu vejo ele como preconceito. Porque hoje dentro da umbanda existe muitos mais pessoas de cor de pele clara do que negros. Os negros eles migraram para a igreja.

00:04:56 Herson

Entendi. E a questão de ser mulher e as questões relacionadas à orientação sexual, identidade de gênero, como é que você vê a umbanda comparando com outras religiões? Em relação a todas essas questões?

00:05:15 Joseane

A umbanda, ela abraçou. Na umbanda a gente tem homossexual. Temos lésbicas, gays e eles são abraçados. Diferentes da religião dos cristãos, os protestantes. Eles te aceitam, mas eles não te abraçam. Eu te aceito, mas você está em pecado. Tem um julgamento aonde “Ah, isso não é de Deus, isso é demônio.” Tem várias igrejas aí que eles fazem culto de libertação aonde aparecem entidades sim, eu vejo eles com Eguns porque muita gente chega nos locais, eles dizem nomes. Eles dizem que que você quer que eu julgue que eu seja, eu vou te dizer que eu sou a pomba gira fulana de tal eu sou o tranca rua fulano de tal, porque os Eguns eles chegam, é a fase da bíblia onde fala, o diabo veio para mentir.

00:06:24 Joseane.

Eu vejo da seguinte forma, ali tem um Egum que ele está mentindo e está dizendo uma falando o nome de uma entidade que ele não é. A Entidade de luz elas não trabalham para atrapalhar a vida de ninguém.

00:06:46 Herson

Entendi, então, no caso, você considera que todas as questões relacionadas a orientação sexual, identidade de gênero que é a umbanda que acolhe com mais facilidade do que as outras religiões, né?

00:06:58 Joseane

É, a umbanda ela abraça e ela fala, ela abraça e ela leva na risca o que é previsto: somos todos iguais perante o criador. Então, dependendo dessa opção sexual eu não quero saber sua opção sexual. Eu quero ser humano, eu quero a pessoa que vai vir aqui para trabalhar a Caridade. O seu carnal, a sua orientação sexual, a sua opção sexual, a mim não importa, importa o ser humano. Você é um ser humano bom. Estou abraçando esse ser humano, a sua opção sexual não me diz respeito. A umbanda, ela tem isso.

00:07:47 Herson

Entendi. Agora eu vou passar para o. para o próximo bloco. É sobre um pouco sobre sua trajetória na tese. Eu queria te perguntar, primeiramente, como é que foi a sua, a sua formação de médium e o que é que precisa ser feito para ser um médium da casa?

00:08:12 Joseane

É necessário primeiro você frequentar a casa, você é convidado para estar na casa e depois de 1 ano, você estando na casa, o caboclo vai vir em terra e vai decidir se você está preparado ou não para estar fazendo sua primeira obrigação. Não é assim “Ah, eu quero fazer obrigação, eu sou médium, eu quero fazer obrigação”. Não é assim não. As entidades vão falar primeiro. O Caboclo, quando estiver em Terra, está no tempo dela.

00:08:52 Herson

Entendi, e no caso você também passou por esse processo. Entendi! A rotina de trabalho da casa ela influencia alguma coisa na sua vida familiar ou profissional? Eu estou falando referente a questões de horários?

00:09:13 Joseane

Sim, muito. Olha, eu tenho uma mãe que ela tem 84 anos e tem esquizofrenia desde 30 anos de idade. Então preciso me desdobrar para poder estar nas reuniões para poder cumprir horário, como também eu tenho uma dificuldade imensa também para estar sempre, me programar muito para atender meus clientes. Eu trabalho na área de construção civil, né? Então eu tenho que estar com a agenda bem organizadinha. Quando estão assim, correr fora um profissional que não pode vir aqui para estar com minha mãe ou meu esposo não poder ficar embola tanto para ele quanto para mim. Já me dá uma certa dificuldade.

00:10:04 Herson

Entendi, perfeito e me fala um pouco mais sobre como é que você entende a importância do trabalho da casa dos médios, tanto relacionado ao seu desenvolvimento pessoal quanto relacionado às pessoas que vão até a tese para serem atendidas por vocês e pelas entidades?

00:10:26 Joseane

E a gente tem orientação do zelador da casa. Que para o médium, para umbanda, para umbandista é necessário a caridade.

00:10:53 Joseane

Ele sempre passa para a gente que é necessário a caridade e é onde que umbandista faz caridade? Na consulta, no varrer um chão é que está prestando caridade. A gente está organizando a casa para que outras pessoas cheguem ali e encontrem um ambiente agradável. E ali, o pai de santo limpa o chão. A filha pequena limpa o chão. A babá de terreiro limpa o chão. E todos nós fazemos alguma coisa. O serviço não é classificado porque fulano chegou mais tempo ciclano... Não! quem está com as mãos vazias, quem está precisando fazer alguma coisa é que vai fazer naquele momento. Quem está disponível naquele momento quem chegou mais tarde, às vezes que tem “gente quem vai lavar a louça?” “ah não. Eu!” tem 4 pessoas para lavar a louça e às vezes é uma louça só, só tem 2 buracos lá na pia para lavar louça e tem 4, 5 pessoas querendo uma louça. Então, é uma união muito grande. Uma confraternização muito grande. Ele diz que está prestando caridade uns para com os outros e é aprimorando a nossa irmandade, né? Você quando você está próximo, dentro das dificuldades, dentro da satisfação, é bom. A festa é boa, mas o compromisso de lavar a louça também é bom, porque você se aproxima do seu irmão, naquele momento.

00:12:27 Herson

Então. Então pode-se dizer que realizar todas as tarefas gera um sentimento de comunidade entre vocês?

00:12:36 Joseane

Sim, comunidade. Nós temos uma comunidade, o terreiro, nada mais é que uma tribo, né? Você vai numa tribo indígena onde o pajé tem um pajé das ervas. Tem o que faz os partos, tem os que saem na mata para colher as ervas. Tem aqueles que ficam no pilão tocando. É uma confraria, né? A gente está ali participando. A gente está passando o tempo todo.

00:13:16 Herson

Entendi. Perfeito. A partir do que você pensa, quais são os motivos que levam as pessoas a buscarem um centro, a buscarem a tese?

00:13:29 Joseane

Alguns vão pela dor e outros vão pelo amor. A própria dificuldade que está

passando. Né? Eu tenho uma dificuldade, já rodei meio mundo e não consegui resolver meu problema aí chegou lá, deu uma conversa com preto velho. O preto velho resolveu o problema não mais acalentou o coração daquela pessoa. O teu calento. A criança, o beijinho que chega no centro, né? As crianças que incorporam, que trazem a alegria para aquela pessoa que está ali, com aquele sentimento de sofrimento, de tristeza e chega uma criança tia, tia, tia, tia me dá um abraço e vou levar essas tristezas que está no seu coração. Resolveu o seu problema? Não, mas tirou o peso.

00:14:33 Herson

Então, nesse sentido, geraria um sentimento de acolhimento. É, eu digo, o acolhimento também é importante?

00:14:44 Joseane

Muito, muito. Porque eu entidade ela não, Ah, meu telhado caiu e a pessoa está com aquela tristeza no coração. O telhado caiu e está precisando de ajuda, mas de repente a ajuda que ela precisa escutar, é que vai dar tudo certo. Olha, vai chegar alguém e vai te ajudar e de repente aquela pessoa chega do nada e vai, vai e ajuda. Olha, vai acontecer isso, você vai ter uma ajuda ou com a mesma, às vezes acontece como acontece muito com pai Nando, né, que é o nosso zelador. Ele chega e fala, “olha, caiu uma casa e essa pessoa está passando necessidade”. Quem é que pode dar um quilo de alimento não perecível. E tem gente que leva 10 kg de alimento não perecível. Tem gente que não tem o que levar mais leva para levar lá uns braços para poder ajudar a levar até o local. Então dentro da TESL, não importa o que você vai fazer, importa que você faça. Ele não está lá e nem os irmãos estão lá para saber.

00:16:03 Joseane

Mas o que você se propõe a doar. A casa, ela se vê muito baseada nisso. Pai, Fernando é sempre muito importante para atender também os filhos da casa. O filho da casa está passando por uma necessidade, vai ser recolhido o material, vai ser feito na cesta básica, aonde vai entregue aquele irmão. “Ah, na frente de montão de gente”? Não vai ser entregue na frente do montão de gente, vai ser feito a cesta básica e Pai Fernando, muitas vezes, pega o carro dele e vai até a casa daquele filho que a gente nem sabe quem é e faz aquela doação que é uma coisa muito importante.

00:16:51 Herson

Entendi, perfeito. Agora eu quero falar um pouco sobre o atendimento na casa, né?
Da casa, na tese.

00:17:03 Joseane

Fecha aí que eu estou numa entrevista aqui, por favor. Pode falar.

00:17:21 Herson

Pronto. É na TESL, a gente tem a presença dos pretos velhos, né? Eu já eu já vi várias vezes nas consultas e tudo mais é eu queria perguntar pra você, qual que é a importância e quais são as funções que eles desempenham na tese e na umbanda, como um todo?

00:17:44 Joseane

Na TESL e na umbanda como um todo o preto velho ele é aconselhamento, ele é aconchego. Ele é um abraço necessário, que o Exú também dá, mas o preto velho lhe dá o conselho. E o seu filho nesse, não. Tudo vai passar. Ao fazer uma reza em você, vou te dar um passe, né? Ele é o aconselhamento, o aconselhador. Os pretos velhos são os conselheiros. É aonde quem tem mais tempo de vida, ou de existência, posso dizer né, porque não estão vivo mais, mas é o tempo de existência eles respondem para você muitas vezes. Do que...

00:18:39 Joseane

Os pretos velhos, eles vêm até a TESL, né? Eles dão a consulta e a função deles é o acolhimento, é o conselho. É o passe é a retirada da mágoa, uma coisa que não desce nem sobe, é a mágoa. Às vezes, um toque, uma mão, “ó filha, vem aqui, vou te dar um abraço.” Isso que está aqui, ó. Eles falam muitas vezes, na direção do coração, isso daqui vai passar. E depois daquele abraço daquele aconchego daquele conselho, quando você, depois de você, você não está mais sentido aquela coisa, nem que sobe nem que desce, que estava aqui te magoando, estava te oprimindo. Né? É aquele pensamento negativo. Também eles chegam para tirar aquele pensamento negativo. Não, filha, não é assim não.

00:19:38 Joseane

Você está com o pensamento errado, aquele lá que está com o pensamento errado com você. Você vai esquecer ele, eu vou dar um jeito de você esquecer também. Não pensa nisso, não? Reza? Reza, você tem rezado à noite? Você tem falado com o criador? Isso só

foi assim. Aconselhamento de preto velho.

00:20:05 Herson

Sim, sim, perfeito. Então, como você já tinha ressaltado nessa questão do acolhimento para além de qualquer procedimento ritual que possa ser feito, a questão de acolher a outra pessoa também é importante, né

00:20:23 Joseane

Muito.

00:20:28 Herson

Entendi, na tese também eu percebi, é e percebe-se também a presença dos Exús e das pombas giras eu também queria entender de você, qual que é a importância e quais são as funções que eles desempenham, tanto na tese quanto na de uma forma geral?.

00:20:50 Joseane

Exú e pomba gira. O que Exú é? Exú é caminho. O Exú ele sai lá e vai fazer você ganhar na Mega-Sena? Não! Não vai fazer você ganhar na melhor Sena não, Ok, faz pacto com Exú que vai ganhar na Mega-Sena, não! Isso é sorte!. É uma coisa que não tem a ver com espiritualidade. Ele abre o caminho para você conseguir chegar aonde você deseja. Olha, eu vou passar por aquela rua ali e tem pessoas mal intencionadas ali. Exú fala, “você vai passar que eles não vão te ver” E não vai te ver porque já aconteceu comigo. Já aconteceu comigo de eu sair da TESL em gira de Exú e a minha senhora, ela bebe e ela fuma. Eu não bebo e não fumo. Porém ela bebe e fuma. Ela bebeu uma boa quantidade, umas dose de bacardi.

00:21:48 Joseane

Bacardi que ela bebeu, uma boa quantidade de bacardi. Quando chegou em frente à prefeitura, tinha uma lei seca. Eu olhei para a dona Regina, o que é babalorixá da casa e o filho dela, que é o pai, Ogan. Jorge e falei, “ih, lascou! Vai todo mundo preso hoje” porque ainda estava sem habilitação, estava com habilitação vencida. E quando a gente parou ali ela mandou encostar, né? Encostou. Ela tirou o plástico, né? O plástico da do negocinho que é para a gente assoprar. Ela abriu, chegou. Ela olhou para minha cara, foi a levar para minha boca. Depois ela trouxe para ela de novo. Eu não soprei, ela não mandou eu soprar, ela só tirou, voltou e falou assim, pode ir. Eu fiquei parada olhando para cara dela. Sem

entender nada, não é? Ela pode ir. Eu peguei e retirei meu carro da fila e segui caminho. E eu, quando eu saí, está tendo muita é blitz aqui, né? Lei seca? Eu estava receosa e aconteceu isso.

00:23:21 Joseane

Naquele dia, era o barulho do ar, eu estou aqui derretendo? Não estou ligando um ventilador, mas é o cachorro latindo, minha mãe abrindo porta. A gente vai conseguir.

00:23:47 Joseane

É? Mas é verdade, eu falei o quê para você?

00:24:07 Joseane

É porque eu não entendi, ela tirou plástico para eu assoprar e eu falei assim, “ih, lascou” né? E Ela Foi, e disse pode ir embora. Aí eu fiquei parada assim, aí o Jorge virou para mim que estava no carro, vamos embora, Jose, ela mandou você ir embora. e eu disse “ah tá” Aí eu tirei o carro, não é de onde que eu tinha entrado. ela guardou, foi lá, descartou aquele plasticozinho que faz do bafômetro. E eu segui viagem. Então, não é não vão te ver. Eu eu vou resolver para você. É bem por aí.

00:24:50 Herson

Certo, é, depois você teve você teve a confirmação com ela de que de que foi ela? Ela chegou a comentar contigo?

00:25:00 Joseane

É no caso, ela sabe porque eu que incorporo a minha senhora. Eu tive a confirmação depois, né? Com a dona Regina, mesmo em que estava, né? E ela pegou e falou para mim, é Jose, essa senhora fez aí e falou que ela é uma Exú, Que tomo conta e dou conta. Porque ela falou, minha senhora não se fala com a minha menina não se preocupar não, porque eu tomo conta e dou conta. Porque na verdade, quando eu comecei na umbanda, eu comecei com a incorporação, eu era médio presente. Isso me incomodava muito, porque você escutar uma voz falando por você, uma coisa que é para você falar para a pessoa, eu me travava. Eu não conseguia passar o recado porque eu imaginava “Será que eu estou incorporada mesmo? Será que eu devo falar isso mesmo? E se estiver errado?” Tinha os meus próprios questionamentos. Porque até então, eu vim de outra religião.

00:26:33 Joseane

E eu não entendia muito bem o que estava acontecendo comigo. Até que chegou um momento que bem, já que você não, não permite, não se permite que isso aconteça, que a gente fale com as pessoas e fale com você. Então a gente vai te apagar. E de lá para cá, de um tempo... porque eu passei muitos anos ouvindo e não dando recado.

Eu tinha facilidade para dar recado para algumas pessoas como eu falava assim, olha, é isso, isso e isso.. Aí a pessoa fala assim para mim, depois passa com o tempo junto. Não tem que falar se foi sua senhora que falou isso aí eu comecei a explicar para as pessoas. “Olha, eu não sei.” Então hoje tu viu falar para você, mas para você, eu fico mais à vontade de falar, porque se eu errar, você não vai levar a mal não. Você é muito mais.

00:27:32 Joseane

E assim começou: “o que que você acha, Jose?”. E eu falava assim, “bem, eu não sei”. Eu estava incorporada e eu não sabia que eu estava incorporada, né? Aí, quando chegavam a um momento, às vezes de falar com uma pessoa de fora, né, um visitante que estava ali, eu tinha aquele receio de falar, será para a pessoa é isso. E eu não falava não, eu preferia ficar quieta. Eu tinha medo de falar, de não ser aquilo ou ser, porque o ser humano é ser humano, nós somos falhos e temos nossas vaidades. Eu falei, será que é da minha vaidade? Será que eu estou me achando a última, Coca-Cola no deserto, descobri que água no deserto faz mais sucesso que Coca-Cola. Não é? Então eu tinha essas dúvidas no meu coração e de um tempo para cá, quando foi pedido que eu desse consulta, passasse a participar dos médiuns que davam consulta. É que Dona Rosa pegou pediu que a minha senhora participasse, naquele dia que ela pediu.

00:28:48 Joseane

A Dona Rosa pediu a dona da casa, pediu para que a rainha do inferno começasse a dar consulta. Eu tinha passado de uma convalescência muito grave, eu tive trombo assim, um trombo eu fiz uma cirurgia de histerictomia, né? Estava com suspeita de câncer e... Uma cirurgia muito longa. 48 horas depois, eu tive um trombo. E eu tive um acidente pulmonar, né? Um trombo pulmonar e aquilo quase ceifou a minha vida. E eu estava retornando sobre mediante essa convalescência, e já tinha sido pedido que ela desse consulta e quando eu cheguei eu não ia pro centro. Estava cheio de cuidados, né? E foi pedido que se que ela começasse a dar consulta a partir daquele tempo.

00:29:54 Joseane

Aliás, foi antes. Foi antes, foi antes. Ele começou na consulta e antes de quando ela voltou, quando eu voltei da convalescência, né? Foi perguntado se ela iria dar consulta, né? Eu fui até sem roupa, não estava com roupa dela, né, que é uma roupa de gala e ela falou

para a dona da casa. “Ué? trato é trato. É, eu estou aqui, ela vai ter toda a consulta, ela estará aqui.” E de lá para cá, toda a consulta que teve com a linha de Exú a minha senhora esteve na casa. O dia que elas não esteve na casa, foi porque eu estava me sentindo bem porque foi pela mãe idosa e minha mãe passou mal e eu tive que ficar em casa com a minha mãe, mas fora isso. Joseane, não foi porque estava passando mal da convalescença, que ela tendo um problema que ela tem de dor nas pernas, que ela tem, mas quando eu incorporo some tudo. Não sinto falta de ar, não sinto dor nas pernas, eu cheguei muitas vezes mancando dentro da casa e já foi falado para mim que minha filha me acompanha, minha filha está na casa também e minha filha falou assim: “Mãe, quando a sua senhora chega, ela dança, ela rodopeia, isso é tudo”. Eu falo, “É?” Ela: “É! A senhora dança!” Eu falei, “Porra,, como assim?” Com o pé no chão, porque eu estou com, depois disso, né, dos trombos, eu tive um... no joelho, tem que fazer uma cirurgia, que tem dia que é horrível, até para botar o pé no chão. E minha filha fala: “Mãe, às vezes a senhora chega aqui mancando e ela chega, a senhora incorpora, ela dança, anda normalmente, quer dizer, me apaga.

00:31:47 Herson

Entendi, então, no caso, uma das funções, uma das funções dos eixos seria justamente dar caminho para as pessoas conseguir aquilo que elas que elas vêm buscar, né?

00:32:01 Joseane

É. Sendo que é sempre deixado muito claro para quem foi buscar que Exú vai fazer a parte dele. O consulente tem que fazer a dele também, como ser humano, como quem pessoa que tem matéria tem que buscar. Vai ser dada a ajuda. Não vai fazer para você.

00:32:24 Herson

Acho que o celular está está vibrando aí, não?

00:32:28 Joseane

E eu tirei a vibração, mas fez, né?

00:32:33 Herson

É, deu uma assim eu eu percebi que deu uma, deu uma alterada em algo. Tá escutando?

00:33:17 Herson

Entendi. É agora passando para o bloco relacionado às questões de de saúde. Eu queria saber se você já conversou com alguém que viu para para as consultas na Tesla que foi para lá para resolver algum problema pessoal e eu queria saber se você acredita que qualquer problema pessoal pode ser resolvido a partir das consultas?

00:33:42 Joseane

Não. Porque às vezes o problema é pessoal e só a pessoa pode resolver aquilo. Porquê? “Ah, eu estou com dor de barriga.” Aí você vai na consulta, sua dor de barriga, vai passar, não existe um médico, você tem que ir no médico para resolver a sua dor de barriga. E assim para qualquer outra coisa, tem coisas que só você vai resolver. Às vezes, a consulta, ela ajuda na luz que a pessoa não está vendo o que ela não consegue, achando que ela não consegue resolver e ela precisa só do “Oh, quem tem que resolver isso aí é você.” Nisso aí a consulta ajuda porque a entidade vai falar assim, “olha, moça, isto aqui não é que não tá?”

00:34:30 Joseane

Você não vai conseguir resolver isso aqui não. Eu já escutei isso acontecer. “ò não vai ser aqui que vai ser resolvido, não!” Isso aqui não é para cá, como também uma vez eu também eu vi que uma menina em uma consulta de Exú, uma menina muito nova, e foi perguntar, a entidade chegou na consulta, Aí só que era uma menina grande. A Entidade falou “Ó Essa criança não pode estar aqui fazendo consulta, não. Ela não tem idade de estar aqui não. Ela tem que vim aqui conversar com o preto velho, não com Exú. Ela não tem nada pra fazer aqui. Ela não é mulher, ela é criança.”

00:35:16 Joseane

Criança não vem em gira de Exú. Porque podia ser uma pessoa com pouca idade, já ter uma vida sexual ativa já está, mas não era o caso. E aquela entidade quando chegou, falou “aqui não é o lugar dela não. Ela vai vim falar com preto velho, eu não tenho nada para dizer para ela.” E acabou. Não, não deu a consulta. Entendeu? Eu fiquei assim. Quando eu soube nossa, ela fez isso, ela fez isso? Ela mandou dispensar e mandou voltar. Não sei se conseguiu com o preto velho.

00:36:05 Herson

Entendi então. Então, no caso, você falou de questões relacionadas à vida sexual, porque os Exús e as pombas giras também trabalham mais com essa questão do que propriamente os

pretos velhos, é isso?

00:36:20 Joseane

Não é porque ali tinha uma criança. Em sessão de Exú, não é considerado lugar para criança. Né? Muitos terreiro, eu pelo menos... hoje, até se vê mais criança em terreiro, mas sempre dito, olha, não é criança, porque às vezes aquela criança não está preparada para também ter as cargas. Tem o descarrego. Tem o descarrego. Às vezes tem um defumador, tem alguma coisa, tem um passe, vai tomar. Tem um defumador? Tem sim. Mas às vezes a pessoa está tão aberta, tão aberta, tão aberta, que vem ali roubar. Ah, é os Exús que fazem isso, os Exu que está trabalhando na casa, não é que ali a gente pega e tira encosto. Tem gente que vai para lá com encosto e a gente tira. Da mesma forma que eu já vi uma vez, não é? Na família da igreja, né? Chegou na igreja, tirou o encosto, tirou... Procura fazer isso, isso, isso, isso, isso para ir evitar, porque você vem aqui e tira uma chegada e você vai para e pega isso aí de novo. O corpo aberto é um corpo aberto, tem corpo que tem que ser tratado.

00:37:43Herson

No caso, carregó você é carregó que você está falando, é a questão de energias, né?

00:37:50 Joseane

Energia. Uma energia ruim que esteja no ambiente. Proporcionada pelos para quem está lá dando consulta, não pelo que quem está dando consulta tirando. Desfazer um trabalho feito que existe muito isso, você vai lá e desfaz um trabalho que tenha sido feito com uma intenção que outra pessoa. Né? Uma vez até fiz um comentário com o pai Nando e eu falei, pai Nando é gira de exú, eu consigo ver Jesus a presença de Deus na gira de Exu. E eu falei, e Ele falou é Jose, ele é, porque eu consigo ver, eu vejo na gira de Boiadeiro porque quando a entidade chega e trabalha, tira uma dor, desfaz um trabalho, um feitiço, mas eu vou te fazer isso aqui agora. Ai chama Pambónio traz aqui uma vela, um vinho. Uma fita e o trabalho é desfeito naquele exato momento, e a pessoa depois de volta e “olha, desde aquele dia que eu estive aqui que aquela poma gira fez aquele trabalho na vida, me desamarrou.” Então é. Eu vejo a magia acontecer. E isso é assim, é muito incrível.

00:39:56 Herson

Então, então, da mesma forma, como você vê a magia acontecer, como é possível

ver a magia acontecer? Nem tudo aquilo que é trago para o terreno por uma pessoa que vai fazer uma consulta, necessariamente tem que passar por uma entidade porque existem questões que, de fato, só competem à pessoa resolver, não é isso?

00:40:20 Joseane

Não. Ah, existe a situação que as pessoas vão para lá em busca de uma solução e a Entidade vira para ele e fala, você que tem que resolver isso. É porque às vezes a pessoa está tão martirizada com aquele problema que não sabe que ela que tem que resolver.

Muitas vezes a pessoa chega lá, não porque tem um trabalho feito para mim e a pomba gira, fala, não tem não. O que eu já vi isso acontecer, não tenho trabalho nenhum feito contra você não. “Ah, meu filho está apaixonado para aquela mulher. A mulher fez isso, fez aquilo, fez isso, o outro” Vai pegar, dá as 3 fumaçadas para cima. “Não, não tem não. Ele está com ela, porque ele gosta dela, não tem trabalho nenhum feito não.” É bem por aí, entendeu? Então nem tudo a entidade vai resolver, A entidade vai abrir seus olhos para mostrar que não é bem aquilo que você está pensando.

00:41:30 Herson

Ah, Ah, então acredito que eu entendi agora. Então A Entidade pode abrir seus olhos em relação a uma coisa que não depende dela para resolver, como ela também pode, por exemplo, nesse caso aí se fosse o contrário, existisse alguma coisa, mesmo uma magia feita com outra pessoa, seria hora da entidade, da como a gente chegar e falar de fato tem e de fato agora a gente vai trabalhar em cima para desfazer. Então, existem os 2 caminhos, que que um que as entidades podem trabalhar, né? Aquele caminho, o caminho mágico que de fato tem alguma coisa ou o caminho de é você que tem que resolver essa situação, porque essa situação é material. Essa essa questão é material, é terrena, única e exclusivamente, então só depende de você.

00:42:19 Joseane

Uhum, sim.

00:42:25 Herson

Entendi, perfeito. É, eu queria perguntar agora para você, se você possui convênio de saúde particular ou você se utiliza do sistema único de saúde?

00:42:40 Joseane

Eu já utilizei o sistema único de saúde. Fui bem atendida, tá? Não tenho que reclamar, foi uma emergência e eu sou muito grata aqueles enfermeiros que estavam lá, aquele médico que me atendeu, mas eu tenho um plano de saúde sim, porque meu marido é professor e ele tem um plano de saúde simples, né? Mas eu sou atendida pela assistência médica particular.

00:43:10 Herson

Mas em algum momento na sua vida você já teve dificuldade de ser atendida no sistema único de saúde?

00:43:23 Herson

Certo? Se já teve dificuldade em algum momento na sua vida de ser atendida pelo sistema único de saúde.

00:43:31 Josane

Já como todo brasileiro. Por esse motivo, eu hoje tenho um plano de saúde. Não é boa porque faltam, é remédio. E o plano de saúde não, a empresa, ela vai ter que resolver e vai ter que se tratar.

00:44:01 Herson

Você pode me contar uma situação, por exemplo, que tenha acontecido contigo?

00:44:08 Joseane

Olha comigo, eu já fui atendida às pressas no pronto-socorro, onde entrou uma mosca no meu ouvido e eu fui desesperada porque aquele bicho no ouvido batendo, não escutava. Era um barulho horrível. Eu gritava, abaixava a cabeça e lá dentro no pronto Socorro ninguém sabia tirar. Tinha muito estagiário. Na emergência tinha muito estagiário, não tinha equipamento para poder tirar a mosca do meu ouvido, não tinha um aparelho para botar para olhar está e eu teria que ir para o Souza Aguiar. Sai de São Gonçalo foi pro Souza Aguiar que talvez lá tivesse um otorrino e meu marido olhou para mim e disse “Joseane, Nós já fomos em 2 hospitais.” Né? Como no geral já vemos o protocolo, vamos para a clínica particular, nós fomos uma pessoa até uma clínica particular de emergência ai de lá na, na Alameda, lá no Fonseca e lá a médica pegou, tinha um aparelho. Olhou o meu

ouvido, viu, pegou e lavou meu ouvido, depois olhou de novo e depois eu voltei para uma outra consulta. Essa clínica não atendia aqui no meu plano, eu tive que desembolsar o valor da consulta, né? E da limpeza do ouvido.

00:45:35 Herson

Entendi, perfeito. Eu queria perguntar agora para você, se você já teve oportunidade de conversar com alguém ou ficou sabendo por meio de outras pessoas da Tesla, de alguém que foi até lá para resolver um problema de saúde? E se sim, o que é que a pessoa doente relatou sobre a sua situação de saúde quando chegou lá?

00:46:01 Joseane

Olha, eu soube através da própria pessoa que foi a Sandra, tá, que ela chegou com uma doença grave, né? Ela estava com acho que não sei se era câncer de mama. Eu acho que câncer de mama ou cancer de útero, eu não me lembro muito bem. Uma criança de kalunga foi e abraçou ela, não é? E falou que ia levar a doença dela e toda aquela agonia que ela estava sentindo no coração. E que ela não era para se preocupar que ela não ia fazer, que ele foi naquele dia participar aquilo dela. E um ano depois, com o Dia das Crianças, um ano depois, ela retornou no centro para agradecer. E ela estava bem e que tinha tirado que estava tudo bem, que não tinha mais nada, não tinha mais nada. Né?

E há pouco tempo eu fui liguei para ela, né? Porque foi uma pessoa que eu te referi, né? Ela falou que foi retirado, sim, mas hoje ela descobriu que existe metástase, mas que ela está muito bem, não. Ela falou, olha. Foi de muita valia o que aconteceu comigo, porque eu estava morrendo. E eu saí dali bem e estou bem até hoje. O que ela falou para mim?

00:47:22 Joseane

Né? Quando eu entrei em contato novamente, procurei ela pelo Facebook, né? E ela me passou isso eu não sei se você conseguiu falar com ela.

00:47:35 Herson

Falei, falei sim, já entrevistei ela. Entendi. Eu queria perguntar para você agora, o que é que você acredita que é a saúde?

00:47:57 Joseane

Saúde. Saúde é o bem-estar do corpo. O nosso corpo, ele não foi feito para sentir dor, para

sentir desânimo, para sentir cansaço. O corpo ele foi feito para você sentir bem-estar, fazendo coisas e buscando coisas que você almeja.

00:48:27 Herson

Entendi então, então a questão da saúde está muito relacionada a ser uma a conseguir se manter com uma pessoa ativa, por assim dizer, sim.

00:48:38 Joseane

Sim, toda pessoa ativa, ela tem saúde.

Herson: Entendi. E o que faz uma pessoa ter saúde?

00:48:52 Joseane

E que faz uma pessoa ter saúde: boa alimentação, atendimento médico que hoje nossa população, na verdade, tem uma dificuldade imensa. Atendimento médico a prevenção da doença, prevenção, né? E uma boa alimentação. Isso da saúde, existem pessoas que elas não têm saúde porque geneticamente elas não têm saúde, aí é outro caso. Mas aonde não impede embora ela tenha um problema geneticamente. Se você tem atendimento médico, existe a prevenção para que seu corpo se adapte ou melhore. Mediante aquele problema que você tem de saúde. Quem tem pressão alta, toma remédio para baixar pressão. Quem quebra um braço, tem que ir lá engessar o braço, voltar pro lugar e você futuramente deixar de sentir dor. Como é a medicação? Então? Uma coisa tá ligada na outra.

00:50:04 Herson

Entendi então. Então a saúde passa, passa também pela prevenção, né? E não apenas ter acesso a um serviço agudo na hora que precisa, mas também a uma a uma constante tentativa de evitar ficar doente, não é isso? Certo? E o que é que você acredita que é a doença?

00:50:33 Joseane: Isso

A doença é um mal do corpo. No meu caso, olha, eu tenho o mal no meu corpo. Eu tive tuberculose ganglionar e ela migrou para meus ossos. Eu tenho bursite. Eu tenho reumatismo. Eu tenho gota, agora estou com cisto de Becker, que é no joelho. Eu tenho

problema nas articulações devido a essa tuberculose, ela me deu uma ferrada boa, mas, aos 51 anos, um tempo desse eu cheguei, fui no hospital, fui no Pedro Ernesto, eu fui tratada no Pedro Ernesto, retornei lá e o médico falou “nossa, Jose, como você está bem? Você sente dor?”

Sinto.

00:51:27 Joseane

Mas você está andando bem.” Não estou com dor. “O que é que você faz para estar aqui andando”? Necessidade, preciso viver. Então eu pego as coisas que eu tenho para fazer e falo bem, isso aqui não tem jeito, porque eu vou sentir dor, então eu vou, eu vou, sentir dor se eu for até botar um sapato adequado para que eu não sinta tanta dor no meu pé, já que eu tenho um esporão nos meus pés, então bota a sandália adequada, né? A sandália que eu uso, o governo mandou me dá. É uma sandália, cara. É uma sandália ortopédica, mas existe, os meios que a matéria me dá para que eu.

00:52:24 Joseane

Procure me sentir melhor eu faço exercício porque o médico me ensinou a fazer um exercício com os pés, para que diminuísse essa dor todos os dias a noite eu faço um exercício nos meus pés para diminuir essa dor, e eu estou levando. Eu não preciso me entupir de corticoide, que corticóide, se eu fiquei me entupindo, eu tive esse problema em 2007. Se eu ficar entupindo o meu corpo de corticóide, eu estaria com o meu metabolismo destruído. Eu estaria, como é que eu vou falar para você? Me faltam palavras.

Eu poderia estar com o meu corpo debilitado agora, porque meu corpo estaria fraco. Né? Eu poderia, talvez, eu passasse pelo trombo e eu não resistisse, porque o meu pulmão estaria fraco.

00:53:28 Joseane

Porque meus vasos estariam fracos, porque eles iam fazer exame em mim e iam ver que eu estava com a Imunidade baixa, porque a corticóide faz isso. Então optei por não utilizar o corticóide.

Eu tomo muitos chás, né? Preto velho é bom por causa disso, né? Eu tomo muito chá, eu tomo muito mato, eu faço emaceração, eu faço álcool com casca de planta, com semente de planta no corpo e vou levando. Ele, outro dia me perguntou, mas você não está tomando esse medicamento? Não, porque a minha tia morreu por causa que tomou corticóide. Então não tomo, eu tomo assim uma emergência, 3 dias, não passo 3 dias. Corticoide é para me dar aquele levante e depois eu vou procurar alguma coisa natural para

mim estar utilizando.

00:54:33 Herson

Então? Então a questão do medicamento também, ela faz parte, né? Das questões de saúde e tudo mais. Mas o medicamento sempre que ele pode ser evitado se acredita que o ideal é evitar?

00:54:50 Joseane

Depende muito; Tem medicamento, uma pessoa que precisa fazer uma quimioterapia, ela tem que fazer quimioterapia e ela tem que tomar um medicamento no caso. “Ah, eu fiz quimioterapia, mas eu tomei noni”. Noni é uma fruta que a gente bate com o vinho, com o vinho, não, eu fiz em casa e fiz com suco de uva natural, né? 100% natural, batia e todo dia eu tomava de manhã. Eu tomava um cálice de 100ml à noite, em jejum e à noite eu tomava um cálice de 100ml. “A mas isso não é comprovado cientificamente...” É sim!

Mas então você devia tomar só isso, não? O médico falou que tem que fazer aqui uma sessão de quimio ou 2 sessões de quimio e eu fiz as 2 sessões de quimio, e tomei todo o medicamento manipulado que ele mandou tomar. E eu optei por utilizar mais esse medicamento fitoterápico.

00:55:53 Herson

Entendi, então a questão do medicamento, ela tem importância e ela pode fazer parte da vivência de uma pessoa que, de fato, precisa de um medicamento?

00:56:09 Joseane

Sim. Porque o importante não é você: “Ah, eu vou tomar isso aqui é, Ah, se passar uma garrafada para mim eu vou tomar uma garrafada e vou parar de tomar medicamento.”? Não!

Eu tomo o medicamento junto de uma garrafada que foi passada, junto com chá que tem que tomar. Eu tomo remédio para gripe aqui, como estou muito gripada, mas só que o que eu faço? A impressão que eu tenho é que, Ah, eu estou tomando uma aspirina, o médico receitou a aspirina para mim, mas eu vou tomar meu chá de Laranja da Terra com mel, com própolis, com guaco, com mastruz. Vou tomar também junto com o medicamento. Sabe o que vai acontecer? Eu vou curar, vou ficar boa o mais rápido. Eu fico gripada, não estou gripada. Hoje se eu for no médico, o médico passar medicamento para

mim, eu vou tomar medicamento, mas eu vou tomar um suco de laranja, eu vou tomar o meu própolis.

00:57:16 Herson

Entendi, então no caso, então no caso, essa fusão da das de práticas naturais, por assim dizer como chá. Está me ouvindo agora? Pronto, então essa junção de práticas naturais, por assim dizer, como chás, compostos, bebidas, como você falou, aliada a medicamento, você acredita que pode fazer com que a pessoa se cure até mais rápido do que propriamente se ela usar só medicamento?

00:57:47 Joseane

É isso, eu não acredito, não, Tenho certeza. Eu não dispense o que o médico passa para mim, não dispense, eu vou no médico sim, mas para mim, que tive tuberculose óssea. Fiz 2 exames de osso e o médico falou assim “nossa você está bem”

Mãe, eu estou numa entrevista, não posso conversar com a senhora agora. Fecha aí, por favor fecha. Não sei, mãe, não sei. Bota lá no meu quarto, mãe, eu preciso fazer entrevista mãe. Fala que a senhora que eu não podia falar com a senhora agora.

Ela cisma com as coisas, uma delas põe na cabeça dela bem, e eu, eu faço sempre assim. Eu, quando estive no médico, agora o médico falou, você está bem? Mas eu não dispense porque o que eu tive foi uma coisa muito grave. Então necessito do medicamento do médico sim, mas ele vê a diferença de para mim que faço uso medicamento e uso as coisas, os meus chás, As mesmas ervas que minha avó usava, meu marido também passa para mim de pessoas que teve a doença no mesmo período e não tem.

00:59:15 Joseane

Um vigor que eu tenho. Não é, inclusive eu. Eu tive até na época, quando eu saí do hospital, o médico me deu papéis para mim poder me aposentar e eu não quis me aposentar.

00:59:30 Herson

Entendi, entendi. É perfeito. É? Eu queria perguntar para você, o que é que faz uma pessoa ter uma doença?

00:59:42 Joseane

O que faz uma pessoa ter uma doença? Disponibilidade genética. Um, todos nós

temos a saúde do câncer e ele pode bum ou não. Tem pessoa, “Ah, meu pai morreu de câncer, minha avó morreu de câncer fulano, morreu de tanto eu vou morrer de câncer”? Talvez. A disponibilidade genética está ali. Está. Eu costumo dizer que a doença não dá em pau, dá na gente como se falasse assim, vai dar naquela árvore ali? Não, não acontece isso. Dá na gente mesmo. Mas a gente pode se cuidar, deve. A gente deve se cuidar. “Ah, Jose, o que que a religião tem a ver com isso?” Eu sou da religião, eu estou na religião tem 10 anos. Na umbanda. Isso é da umbanda? Não, é de criação da minha avó, que fazia chá de mato.

01:00:44 Joseane

Da minha mãe, da minha vizinha, vovó Maria, que era do centro que tinha essa cultura já de fazer chá, de trabalhar com erva.

Então, existem problemas genéticos, sim, e existe, “ó, vamos nos cuidar. Vamos fazer o melhor pela gente. Vamos ter uma vida saudável”.

Agora, tem também seguinte, né? Vida saudável, bem, é necessário que para ter vida saudável você tenha condição de ter vida saudável. Porque no Brasil, eu só posso falar do Brasil, não posso falar de outro lugar, porque eu vivo aqui, é aqui que eu moro aqui que é minha terra, né?

Aqui no Brasil, toda vez que vai se tirar verba de qualquer coisa se tira primeiro da saúde e depois da educação. Por quê? Porque é que é necessário tirar da saúde e da educação? É necessário manter a população ignorante. É necessário que a pessoa não viva muito e quando chegar, não é o momento de se aposentar e segurar mais um pouquinho. Poder o que ela trabalhou.

01:02:01 Joseane

Ela não tem acesso à saúde, porque sempre tiram dinheiro da saúde, então ela vai morrer e o salário, aquilo que ela pagou, vai virar renda. O que era gasto virou renda. O governo, ele pensa assim, infelizmente, é a minha visão. Eu posso até está falando uma besteira aqui nesse exato momento tá, mas a minha visão, Ah, é porque é o governo de direita, é do governo de esquerda, não! A corrupção existe, tanto na direita como na esquerda. É você eleger um candidato e ele fazer proposta em causa própria, bem que eu vou ganhar com isso? E ele pega e vai lá e ele assina documentos que ele nem lê aonde tinha tirado o dinheiro da educação e o dinheiro da saúde da população, que é que mais paga é a que produz, é que mantém o país. É dali que é tirado. Que para quem está para quem tem muito tempo, para quem está governando, não é viável que se tenha instrução, não é viável que se tenha conhecimento. Quanto mais ignorante, mais é mais escravo.

01:03:22 Joseane Ele se torna a escravidão. Eu sempre digo que a escravidão ela não acabou. Ela só abriu a porteira para entrar mais gente e agora entra a gente de tudo quanto é corpo branco, preto, amarelo, indígena, paraíba, tem de tudo agora na senzala. Porque a senzala está aberta.

01:03:43 Herson

Entendi. Perfeito. É, queria te perguntar, agora, se você acredita que existem tipos de doenças além do corpo físico, como as doenças espirituais?

01:03:59 Joseane

Sim, acredito. Acredito sim, porque eu uma vez fui e só foi comigo, tá? Eu não estava no centro ainda e eu perdi uma pessoa muito querida, né? Uma morte assim, que, a mim me doeu muito. E eu estava me arrastando com muita dor no corpo, muita dor no corpo, era muita dor no corpo. Eu não tinha tido doença nenhuma ainda, estava bem saudável. Jovem com 32 anos. 32, não, 36 anos estava muito bem. E depois da morte, dessa pessoa que era o meu cunhado, uma pessoa que era muito apegada a mim. Ele nunca me apresentou como cunhada, me apresentou como irmã dele, dizia que o irmão dele, que era o cunhado dele. É porque eu aqui na minha casa, meu cunhado era preto e meu marido é branco. Ele dizia que eu, que era irmã dele, não era o irmão dele, não aí aí.

1:05:03 Joseane Né? A gente era muito amigo e ele vem, ficou doente. Ele teve um câncer de esôfago e foi aquilo que matou muito rápido, em 45 dias, né? Quando ele descobriu que o matou foi muito rápido e foi uma coisa que me doeu muito, me doeu muito. Eu perdi meu irmão, eu sofri, eu chorava quando me lembrava, eu chorava, não andava com uma foto dele dentro da minha carteira, sendo que o período de convalescença dele. Toda vez que eu chegava, ele estava morrendo de dor, sentindo mal. Eu chegava perto dele, ele ficava bom, ninguém entendia aquilo. Ele pegava, levantava, conversava com todo mundo e naquele mesmo momento eu caía. Com dor no corpo. Meu marido, o irmão dele, começou a perceber isso. Ele entrou em coma no hospital depois da cirurgia que ele foi para tirar o câncer. Ele entrou em coma e tinha atendimento da família.

01:06:05 Joseane

Toda vez que eu ia, minha sogra queria entrar comigo dentro do CPI, porque toda vez que eu ia o filho dela acordava. E falava com dificuldade que estava entubalado. E dava uma reação e aquilo deixava a minha sogra muito feliz e minha sogra falava sempre

para mim assim, eu gosto muito que a Jose vá visitar o Cesinha que toda vez que tu, quando você vai visitar o cesinha, o Cesinha reage. O cezinha gosta muito dela e ficava naquilo aquilo aquilo e toda vez que eu visitava meu cunhado, quando eu saía todo o hospital tem uma capela, não é, eu saía, eu chegava na porta da Capela, eu Bum, no chão, desmaiava. Toda vez. Isso era toda vez e uma amiga virou para mim, espírita, eu não era espírita ainda. “Olha, Jose eu não quero que você vá ver seu cunhado”, não porque meu cunhado gosta, fala com minha sogra. Quando eu não li a mensagem, mandava um táxi para me buscar, porque eu moro em São Gonçalo e estava internado na Ilha do Governador. E eu falava não, minha sogra manda, ela falou, é claro.

01:07:12 Joseane

Ela vai mandar o filho dela mandar o filho do bem, a melhor da filha dela, mas você está sofrendo muita coisa pesada. Ele está querendo fazer a passagem e você tem uma medunidade muito forte, você não acredita nisso? Na época não acreditava. Pra mim era besteira, bobagem. E eu falava bobagem, eu vou lá ver meu cunhado sim, na teimosia. Aí depois de um determinado tempo eu ia deixar meu cunhado quando passava em frente à Capela meu marido estava sempre na capela, rezando para melhora do irmão dele. Eu chegava na porta da capela, eu desmaiava e demorava muito para voltar. E quando eu voltava eu lembrava quando era um lugar cheio de lama. Sufocando sempre uma coisa muito estranha no lugar escuro. Aí, meu marido disse “eu não quero mais que você venha, a mamãe não manda chamar mas a Jose ela passar mal toda vez que vem aqui não. Mas eu quero que ela venha a ver porque o teu irmão melhora e nesse intervir aí, né?” Passou um tempo. Ele veio a falecer e eu fiquei muito doente, mas muito, muito doente mesmo.

01:08:37 Joseane

E eu via-me arrastando, ninguém entendia aquilo bem bonito, né? Malhava na época cabelão e eu vivia passando mal. Pensava, gente, você está com quebrante, você está com isso? Você está com aquilo? E eu não entendi. Eu IA no médico, fazia baterias e baterias de exame, não acontecia nada, eu não tinha anemia, eu não tinha pressão alta, eu não tinha nada nos organismos, meus órgãos estavam estacionando tudo direitinho, tudo, meus órgãos estavam direitinho, cardiologista, você não tem nada, mas porque que eu tô passando mal? Ninguém sabia. Aí o médico virou para mim, assim você qual é a sua religião? Eu vou na igreja, mas eu não sou crente, não, mas eu for sempre na igreja que minha mãe, o médico falou assim, então você vai na igreja, se você fosse espírita ia mandar você no centro, mas já que você é da igreja, você vai na igreja. Eu fui em alguns cultos da Universal. Nada, nada de “neca de catiribeira” e continuava passando mal e ele

chegava lá, rodava a minha cabeça, me jogava de um lado, tal quase caía do pé do barco e porque estava rodando a minha cabeça, né? Aí eu peguei um belo dia, meu marido virou para mim e falou assim, você não quer ir lá no centro da minha tia não? É uma festa de cigano lá hoje, só que era um terraço e escada Caracol e eu não estava conseguindo nem andar mais. Eu estava muito debilitada, meu marido me subiu comigo no colo. Um centro, lá na Penha.

01:10:12 Joseane

E eu fui, né, nesse centro, eu fui num centro na Penha, né? E o meu marido subiu comigo nos braços, porque eu não estava conseguindo andar direito, quem dirá subir escadas, subiu comigo nos braços, e ia começar a sessão. E só que lá, como é uma que tisara é cigano, você não entra de calça comprida, eu fui de bermudinha comprida, mas de bermuda, aí chegou lá, e falaram assim, “não, você não pode entrar aqui assim não. Tem que botar uma saia.”

Eu fui lá num quartinho que eles tinham com um monte de roupa de cigana e tinha uma roupa dourada, linda, linda, linda. Eu fui, botei aquela roupa, a cor da riqueza, né? Porque mesmo doente eu sempre fui muito palhaça, né? A cor da riqueza. Eu fui lá, botei a roupa da minha mãe Oxum, porque eu nem sabia que eu tinha. E mudei aquela roupa e fui caminhando devagarzinho. Aí tinha assim um murinho, aí começava o salão, que tinha uma fogueira. suspensa, né? Dentro de um fogareiro, mas suspenso, que era um terraço. E aquela festa cigano começando muito os 2, eu fiquei parada ali em cima daquela soleira. Onde foi a passar por um salão. E eu peguei na hora que eu botei os 2 pés no salão. Foi minha primeira corporação.

01:11:39 Joseane

Eu saio rodando, rodando, rodando, fui até a fogueira. E ali foram 4 horas e meia, eu dançando. Dançando sem parar. Eu vi. Não, não vi. Eu não vi que eu dancei. Depois de cá, ficou na festa, estava acabando as pessoas perguntaram que cigano era aquela? Ela não falou em momento algum. Ela não falou, como é que é o marido que pode ser, ué, que Joseane está fazendo dançando, subiu no colo? Quando aquela festa está boa, não é? parou. Os cumprimentos, signos de comprimento. Então aí virou um cigano chamado Pablo. Eu acordei com ele segurando as minhas mãos, meu marido falou que eu tinha dançado a noite toda com aquele homem. Eu vi um homem alto, bonito, de olho verde. Sabe, eu me lembro só disso, um moreno alto do olho verde, bem Moreno, bem fechado. E eu fiquei conversando com aquele homem ali um tempão, e aquele homem falou assim,

olha só, você está muito bem, mas nós conseguimos limpar um pouco você, mas você precisa voltar aqui em uma sessão de mesa, que é para tirar todo o vestígio que ficou em você. Eu falei o que? Ele é! Você está bem? Você está sentindo dor? Falei, não, mas você precisa passar por mais uma sessão. Você vai, vai bem ali falar com com a menina que ela vai fumando. Lá eu fui lá na direção da mulher, né? Dei meu nome para participar da próxima sessão, que era uma sessão de mesa. E quando eu olhei para trás, o homem realmente tinha sumido, quem estava conversando comigo? Ai eu falei assim: Tinha um moreno conversando comigo ali alto. Só tem um pessoal baixinho aqui. Um moreno, do olho verde. Eu falei, Maneco, você viu um moço que estava conversando comigo, meu marido, aquele ali, olha um homenzinho baixinho, branco. Aí eu falei, não, mas ele não estava conversando com ele não. Meu marido estava, você passou a noite todinha com aquele homem ali, Joseane. Eu falei, não, não foi ele não. Não foi ele, Maneco.

01:14:06 Joseane

E eu espantada daquilo. Na semana seguinte eu fui na sessão, 15 dias depois, eu fui naquela sessão que eles tinham falado para mim ir. Fui na sessão, estava andando já e quando eu cheguei na sessão tinha um monte de gente sentado numa mesa de todo o mundo vestido de branco, todo mundo de mão dada. Quando eu subi, todo mundo olhou para minha cara, que estavam sentado naquela mesa, aí teve uma moça que estava assim em pé na recepção e falou assim, ela veio. Eu não entendi nada. Ela veio, sentei lá, fiquei aguardando. Não é que eu ia na mesa, aí falou assim, olha, quem foi que comeu carne, não pode carne vermelha não pode. Eu fiquei 15 dias sem comer carne no dia que eu tinha ido para lá, parei em uma rua para comer um salgadinho, pedir salgadinho de queijo. Eu estava com muita fome. Era um Salgadinho de carne junto e eu não pude participar daquela mesa onde todo mundo estava ali que eu falei olha, eu durante 15 dias eu comi, não comi carne, mas hoje na hora que eu vim para cá, eu comprei um salgadinho que era para ser de queijo, mas tinha carne dentro. Aí ele falou assim, olha, infelizmente você não vai poder participar da mesa. Ai eu disse tudo bem aí a moça virou para mim e falou assim, mas ela pode tomar um passe. A tomar um passe, né? Fiquei lá, o cara passou a mão, ficou a mão assim, para um lado e para o outro. Eu estava prestando atenção naquilo mesmo, que estava com a mão esticada assim, fazendo assim na minha direção. Aí eu só escutava ele falando assim pra mim, abre o olho.

01:15:48 SPK_2

Eu falava assim, eu pensava, eu que estava com o olho aberto. So escutava o homem falando assim abre o olho, fazendo o passe em mim, abre o olho e eu pensava, eu

estou com o olho aberto, eu estou com um olho aberto e ele abre o olho aí. Eu estava com o olho aberto. Aí ele falou assim, está tudo bem com você agora? Eu falei, tá, ele está tudo bem mesmo? Eu falei, tá, então, estica as mãos, eu peguei e estica as 2 mãos assim, na direção dele. Na hora que ele passou a mão, assim como se tivesse alisando a minha mão, fazendo assim. Eu caí. Mas eu caí de uma maneira que meu marido falou que o prédio inteiro balançou. Parecia que tinham pego uma bola, essa de destruir prédio e tinham batido no prédio que os bancos se mexeram. E quando eu acordei, aquele homem estava fazendo um monte de cruz em mim. Eu não entendia nada.

01:16:50 Joseane. Põe no meu pé, fez Cruz, fez Cruz na minha mão, fez Cruz na minha teste, deram com um pano branco jogaram em cima de mim. Eu estava vendo todo mundo, mas meu marido falou que o meu olho estava fechado porque eu vi na hora que jogaram o pano branco em mim. E depois, como o puxaram o pano não vem levando assim em cima de mim? Quando puxaram o pano de mim, aquele pano branco que jogaram em cima de mim. Eu levantei, comecei a andar, aí o moço não tinha feito aquela reza em mim.

Estava toda marcada, toda cheia de Cruz branca. O moço virou para mim e falou assim para mim, eu não podia deixar ele ir com você. Ele tinha que tomar o caminho dele. Aonde que eu entendi que aquilo, tudo o que eu estava sentindo por aquele, aquela dor no corpo, aquele desânimo, aquela fraqueza, era 100% espiritual, porque eu tinha exames que diziam que eu não tinha nada, nem anemia, não tinha. 100% espiritual. O estava acompanhada de uma pessoa que fez a passagem, porém, não aceitou. Estava o tempo todo do meu lado. Sugando a energia, ele estava fazendo aquilo de propósito? não!

01:18:17 Joseane Mas quando Egun se aproxima de você, lhe suga a sua energia de tal maneira que ele te adoce.

01:18:27 Herson

Entendi. Perfeito.

Deixa eu só mexer um pouco aqui. Então você poderia me falar o que é para você?

01:19:01 Herson

O que é para você causa você pode me falar o que é que para você causa uma doença física e o que é que causa uma doença espiritual? Você acredita que pode haver uma relação entre elas?

01:20:26 Herson

Eu queria pergunta se você pode me falar o que é que para você causa uma doença física e o que é que causa uma doença espiritual? E se você acredita que pode haver uma

relação entre elas?

01:21:00 Joseane

O que causa uma doença física? O maltrato do corpo da matéria. Se eu maltrato essa matéria que eu tenho, se eu sou um alcoólico, eu vou ter um problema de fígado, vou ter um problema de pâncreas, eu tô provocando uma doença no meu corpo, na minha matéria.

O que causa uma doença espiritual? A influência de espíritos que estão ali sugando a sua energia. Isso existe. Existe, aconteceu comigo. Acabei de relatar isso para você. Isso é uma doença que está atingindo o meu físico, porém, é 100% espiritual, porque se eu faço todos os exames e a minha matéria está perfeita, porém eu tenho toda essa coisa, todo esse sentimento, essa sensação de mal-estar, de dores. Isso é espiritual.

A depressão eu também vejo como uma coisa espiritual, né? Ela vai sugando a pessoa, sugando a pessoa onde muitas vezes querem fazer com que aquela sensação acabe. Acabem tirando a própria vida, que a sensação é, se eu morrer, eu não vou sentir mais isso.

01:22:23 Joseane

Então é bem por aí. Existem doenças físicas e espirituais, uma está coligada à outra. Passa no cuidado da minha matéria. Eu cuidava da minha matéria, porém minha matéria 100% né? Que eu sou uma pessoa que eu gosto de me cuidar, eu vou a médico, eu sou uma pessoa que eu vou a médico, eu faço tratamento. E, no entanto eu estava super bem fisicamente, super. Meus órgãos estavam todos muito bem, fiz exames e estava tudo ok, porém não estava mal e médico nenhum sabia o que eu tinha. Olha, seus exames me dizem que está tudo bem com você. Você não tem nada. Hoje, se acontecer isso comigo, tem um histórico médico que olha a Jose têm dores no corpo porque a Jose teve tuberculose e óssea ganglionar e óssea, então ela tem esses problemas devido a doença que ela teve.

01:23:34 Joseane

Mas quando aconteceu isso comigo eu estava super bem, não tinha nada.

01:23:44 Herson

Entendi, então você acredita que pode haver uma relação entre os 2 tipos de doença? Uma doença espiritual pode influenciar, no aparecimento de uma doença física e uma doença física também pode refletir no espiritual?

01:24:00 Joseane

Sim, porque assim, eu estou mal eu não tratei o meu corpo porque eu enchi ele de

álcool, não cuidei, eu tive uma vida sexual exacerbada, então eu adquiri uma doença infecto contagiosa, transmissível, o que acontece? Eu maltratei esse corpo, essa matéria, mas o que me levou a isso foi uma depressão que me levou a isso.? Então os mundos, na minha visão, estão ligados uma coisa leva a outra, o que que eu posso fazer para evitar isso? Ter uma religião, independente da que você escolheu, porque Deus é muito bom.

01:24:58 Joseane E a religião, ela segura a pessoa, aquele espírito de comunidade ali, aquela ali você estar para ajudar e ser ajudado é muito importante para mim.

01:25:16 Herson

É, entendi, perfeito. É, anteriormente a gente conversou, não é? E você tinha me dito que desde que você tinha entrado na Tesl, você tinha ficado doente, né? Em um determinado momento. Quando isso aconteceu, você buscou se curar por meio de procedimentos como consultas ou outros rituais que são oferecidos pela TESL?

01:25:44 Joseane

Quando eu fiquei doente agora e quando a primeira vez que eu fiquei doente eu não tinha religião, eu ia na igreja quando eu fiquei doente agora eu ia, Eu já fazia parte da TESL, já era membro da casa, já era médium da casa e o fato de eu ir lá é porque eu ia buscar na minha espiritualidade a minha cura. Foi importante para mim. Porque houve momentos na minha vida que eu ligava para minhas madrinhas e falava, “eu não estou aguentando”. E lá eu recebi apoio. As minhas madrinhas, eu tenho 2 madrinhas na casa porque fui batizada na casa e foram pessoas que foram muito importantes na minha cura porque, “Ah, mas as suas madrinhas, elas não incorporam”, mas elas têm conhecimento. Conhecimento da religião. A palavra certa, o pedido certo, o ajoelhar no momento de dificuldade do afilhado. Entendeu? Eu recebi muito apoio espiritual.

01:27:09 Joseane

Vindo da casa e vindo da minhas madrinhas. Porque às vezes eu estava agoniada com o que estava acontecendo comigo, às vezes com dor, né? E eu acordava de madrugada e minha madrinha virava para mim e falava assim, porque é que você está online? Por que você não está dormindo? Aí eu falava, eu estou com dor. “Vamos rezar” e aí a gente começava a rezar para poder melhorar.

Olha, eu vou fazer minha outra madrinha, eu vou fazer um trabalho mediúnico aqui com você, e eu quero que você repita tais palavras, eu repeti as palavras que ela estava falando comigo. De repente, ela não estava mais conversando comigo, que eu tinha

acabado de dormir. Entendeu? Então é isso eu mesmo, doente, sentindo dor, e outra coisa, às vezes eu ia para TESL. É com dor e a dor sumia quando chegava lá.

01:28:19 Joseane “Ah, porque você veio pra TESL mancando, você está doente. Você não devia estar aqui”, mas quando eu estou aqui eu não sinto, depois que eu, como minha filha, fala “esprito”, depois que eu incorporava, eu não sentia dor, estava tudo bem. Às vezes eu vinha para casa. Às vezes tenho dor, até esquecia.

01:28:41 Herson

É, entendi, mas no caso, para além desse acolhimento, você também chegou a se consultar com algumas entidades em relação a essa doença?

01:28:50 Joseane

Sim, sim, sim, preto velho. Preto velho, me rezava, pai Joaquim de Angola, chegava com aquele monte de mato dele, que ele não benze, né? ele bate nos outros, né? Chegava com os galinhos dele, toma de cacetada em mim e falava, tá boa filha, agora tá boa, levanta, bate a perna aí. Isso você vai ficar bem, isso vai passar. Isso é só um tempo ruim na tua vida e isso vai passar.

01:29:29 Herson

Entendi. Então é para além dessa, para além desse ritual. Ele também, por exemplo, pai Joaquim, também te aconselhou algum banho, infusão, chá, alguma entrega de oferenda ou alguma outra coisa para você poder se livrar dessa doença?

01:29:50 Joseane

Não. Pai Joaquim, ele sempre reza, muita reza, muita reza. A Vovó Maria Conga fumaça, porque tudo que eu tinha necessidade naquele momento eu estava tendo. E o que acontece era matéria. Eu precisava do médico ali, tratando. Então, o que eles faziam era elevar a minha aura, entendeu? Fazer com que a minha madrinha, meu chacras, todos engatilhados, todo certinho, niveladinhos.

01:30:38 Joseane Pra que eu pudesse receber a cura necessária pra aqueles medicamentos fizessem efeito também. Para que o meu corpo absorvesse coisas boas.

01:30:54 Herson

É, entendi, então, por ser uma doença material é que você acredita, por exemplo,

que eles não te recomendaram uma entrega ou não te passaram o chás infusões, um composto de ervas. Você acredita que foi que foi pelo fato de ser uma doença material?

01:31:18 Joseane

La eu ganhei, sim. Recebi sim,, Antes da cirurgia, porque eu fui na do meu marido também é de umbanda. Só que ele é de outra casa e eu fui numa casa lá em Vila Valqueire e chegando lá, o seu teimoso, esse médium até falecido hoje, né? Ele olhou pra minha cara e falou, moça, você vai fazer uma cirurgia que você vai abrir barriga, né? Olhei assim pra cara dele. Fiz assim, ele falou, “corre”. Tem que fazer isso rápido, e você tem que fazer um ebó de saúde. Mas vá lá, na sua casa e diga que você que eu falei que você tem que fazer um ebó de saúde fala lá pra zelador da casa. Eu quando cheguei na minha casa eu falei, olha, Seu teimoso, eu tive no centro do meu marido, seu teimoso falou que eu tenho que fazer um ebó de saúde, que se a casa não fizer, que é para mim voltar lá, que ele vai mandar fazer o meu ebó de saúde naquela casa lá que eu fui. Ai pai Fernando falou, não a gente faz sim. Eu vou fazer com você, sim Jose, e foi feito o preparo antes da cirurgia. Após a cirurgia, tudo muito bem, menos de 24 horas já estava de alta, vim para minha casa, com 48 horas após a minha cirurgia, eu fiz o ebó de saúde. Eu tive um sonho com Seu omulu, né, que é meu orixá.

01:32:48 Joseane Meu orixá de frente, né?, meu orixá de cabeça, e eu tive um sonho que ele conversava comigo. Ele falava para mim que era para mim fazer as coisas dele, que coisa dele? Fazer as flores dele para fazer as flores dele e acender uma vela. Aí eu peguei, fiz as pipocas, né? Botei um alguidar na minha varanda. Eu tenho uma moringa, parece uma moringa, mas é uma quartinha que não é quarta, é grandinha, né? Uma quartinha de barro, botei água filtrada, coisa assim, que no sonho ele mandava fazer, só um sonho. Eu falei, não custa nada, tenho tudo aí mesmo vou fazer, né?

Acendi a vela preta e branca, 27 dias. E fui fazer a minha cirurgia. Menos de 24 horas, ele estava dentro de casa de novo. Após a cirurgia, voltei para casa quando fez 48 horas, alguns minutos eu estava em pé aqui nessa cozinha, botei meu marido, chegou, eu peguei, ele sentou, comeu aqui nessa mesa. Falei para ele assim, meu filho, você pode me levar no hospital? Aí ele falou, porque que você quer ir no hospital? Você tá sentindo alguma coisa? Eu falei, não, eu estou estranha.

01:34:07 Joseane

Eu estou sentindo aqui que parece que eu chupei bala Halls. Assim debaixo do meu coração, parece que passou só na pontinha do coração que aí a pessoa quando imagina o coração, né? pra gente que não é da área, a gente imagina aquele coraçãozinho, né, com

aquela pontinha. Então eu falei pra ele aqui embaixo, na pontinha do meu coração, parece que passou bala Halls, ele falou “tá doendo?”. Eu falei, não, parece que passou uma bala Halls.

Ele: “Ah, então vamos amanhã, você não está sentindo dor, vamos amanhã no médico eu te levo, mas amanhã porque eu estou cansado, eu trabalhei, Josiane.”

Aí eu falei, está bom Eu peguei fui pro canto da cozinha, beber um copo d’água e na mesma hora falou pra mim assim, é pra você ir agora, mas deu na minha cabeça, vai agora. Eu falei pro meu marido, assim, Maneco, olha só eu sei que você está cansado, mas eles estão falando para mim ir agora e era um monte de voz escutando. Vai, agora vai. Agora você tem que ir agora.

01:35:07 Joseane

Ai, meu marido é, eu falei é e ele falou, “então bota uma roupa”, eu tava de camisola, “bota uma roupa que eu vou te levar agora” e assim ele fez. Ele acabou de comer, eu botei uma roupa, fomos para o hospital, fui para a clínica São José, que é próxima da minha casa. Na clínica particular, chegamos lá, eu falei para eles assim. Fui para a emergência ou chegou na hora da minha consulta O médico que que a senhora está sentindo? Eu falei, doutor, eu não estou sentindo dor, não. Eu estou sentindo que no meu coração parece que passou a bala Halls, mas só que na pontinha. Ele “o quê?” Eu falei” é”. Ele falou assim, “eu então vou passar uma transvaginal pra senhora”. Eu falei, doutor, eu fiz uma cirurgia, eu fiz uma histerectomia e eu não posso fazer esse tipo de exame. Aí ele, “mas a senhora está sentindo dor?”, então eu falei, o doutor, a dor que eu estou sentindo é normal, porque já acabou a anestesia. Estou com a minha barriga cortada, eu tenho mais de 30 pontos na barriga. É normal, o que eu estou sentindo, eu estou me sentindo estranha, estranha como eu falei, não sei, doutor. Ele, Ah, então eu não tenho que fazer nada. Eu falei, doutor, o que acontece é o seguinte, eu sou macumbeira.

01:36:20 Joseane Eu sou do axé, eu sou macumbeira e quando eu tava lá em pé mandaram, eu vim aqui meio de mandar eu vim aqui, eu fiz a minha parte como macumbeira. Agora só faço a sua como médico. Foi o que eu falei com o médico. Aí ele foi, pegou um papel que lhes tinha, tinha me dado alta para mim, vim para casa tomar buscopan. Eu não tomo buscopan, porque eu não estava sentindo dor. E mandou fazer uma tomografia? Quando ele fez a tomografia, ele chamou meu marido, o rapaz que fez a tomografia, mandou chamar o médico na sala dele. O médico veio, mandaram buscar uma maca pra mim e mandaram abrir uma vaga no CTI, que eu ia subir, ia ficar internada no CTI. Isso foi no ano passado. O ano passado, não, ano retrasado, vai fazer 2 anos agora em maio, a cirurgia.

E eu fui e falei pra ele assim, ué, doutor, eu vou ficar internado? Ele falou, você vai e mandaram chamar assistente social para conversar com meu esposo. Me subiram correndo comigo por cento aí.

01:37:29 Joseane me amarraram na maca e falaram que não podia me mexer e que tinha que esperar um médico médico ia vir um outro médico estava vindo de Niterói para me atender. E a assistente social foi conversar com meu esposo. Chegamos quando o médico, a assistente social, foi conversar com o meu esposo, foi conversar com o meu esposo que eu estava correndo um risco de vida, que eu já tinha tido um acidente pulmonar, uma trombo no pulmão, né? e que eu tinha trombo ainda passeando no meu corpo, e que foi visto tomografia. Eu tinha trombo nas 2 pernas nas 2 pernas e um já tinha subido e tinha um já subindo por aqui por cima da coxa e ele viu mais de um monte de coisas que eu fiz com contraste, ele falou, isso aqui é do trombo e virou para o meu marido e falou, “oh, está correndo risco de vida. Ela pode morrer a qualquer momento.” E meu marido saiu do hospital, não falou nada comigo, veio para casa, já tinha conversado com a assistente social e eu virei para o meu marido, falei, entrei assim, filho, quando chegar em casa, você acende minha vela diante de guarda, que eu esqueci de acender. Ele veio para casa, chamou minhas filhas. Depois eu fiquei sabendo, né? Ele chegou, chamou minhas filhas e falou para ele, minhas filhas assim, olha, vamos fazer uma oração com a mamãe, porque a mamãe está precisando de oração. Vamos acender aquela dona de guarda dela acender a primeira. Aquela dona de guarda.

01:39:08 Joseane

E minha filha virou para o novo marido e falou, papai, você viu a ventania que deu aqui? Meu marido não. Porque é que os vasos de planta da sua mãe estão tudo deitado no chão? São vasos de plantas grandes, papai o senhor não viu papai depois que o senhor saiu daqui passou menos de 1 minuto o senhor ainda estava manobrando, deu uma ventania aqui no quintal, jogou os vasos da mamãe, tudo no chão, as janelas ficaram batendo, o que a minha janela são de madeira, tem aquela aba lá fora para fechar, então eles disseram que a janela ficaram batendo, que foi horrível, foi uma coisa horrível e fazia um barulho, um vento horrível no quintal. E elas ficaram com muito medo. Elas trancaram as portas, trancaram tudo e ficaram dentro de casa trancada, com medo com as 2 mais a minha mãe. Mas minha mãe, ela tem 84 anos e tem Alzheimer, esquizofrenia, e elas ficaram trancada em casa com medo, pensaram que ia acabar o mundo. Meu marido falou, nem ouvir isso, não aonde que eu tava, não ventou não, papai, não é possível. Olha só como é que as plantas estão tudo caindo? É meu marido. Quando eu saí para poder. Fazer a cirurgia. Eu

voltei correndo, falei para ele, espera um pouquinho que eu esqueci de acender minha vela do meu pai Omolu. Eu botei pipoca na varanda, na varanda aqui aberta, né? E uma vela acesa. Quando eu voltei do hospital. Né?

01:40:42 Joseane

Do CTI a minha vela estava acesa. E não saiu uma pipoca se que eu não tinha uma pipoca no chão. Embora a ventania que deu. Então eu, Joseane, entendo que meus orixás estavam comigo. Meu pai é omulu me guardou. E a última vez que a última sessão que teve na casa onde incorporou Omolu, eu virei para minha madrinha, Márcia e falei para ela assim, Omulu mandou dar isso aqui pra senhora. Eu não sei por qual motivo eu tirei a guia do meu pescoço dele e dei na mão dela. E tempos depois, quando eu passei por isso tudo, ela virou para mim e falou para mim, minha filha, eu sei porque a sua guia veio parar na minha mão que eu tinha que estar rezando por você, minha madrinha. Ela orou todos os dias por mim, todos os dias. A guia dele na mão. Então, eu eu. Isso aí eu dou nome de espiritualidade. Não, para mim não. Não existe outra coisa. Não tem outro nome?

01:42:11 Herson

É, eu entendi, então. Então, em relação a em relação à TESL não foi, não foi passado nada pela pelas entidades. Um outro terreiro falaram para você fazer o Ebó, aí você foi até a TESL e aí fez. E a partir daí, depois foi fazer a cirurgia e tudo mais, né? Mas no que, no que compete à TESL das entidades, não veio a indicação mais específica de um ebó de um ebó, de uma entrega, de um, de um chá ou alguma coisa assim.

01:42:49 Joseane

Não, não teve. O que teve na TESL lá dentro foi quando omulu na minha cabeça passou a guia do meu pescoço para minha madrinha, que é da casa. Tá, minhas madrinhas me acompanharam o tempo todo, com com rezas e tudo e foi dentro da casa, foi pego e foi passado isso. E depois a minha madrinha falou pra mim, né, minha madrinha? Cláudia, que a Vovó Maria Conga quando teve na última vez na casa, né que ela deu consulta nesse dia e ela virou pra minha madrinha e falou, minha menina vai caminhar nos 2 mundos? Eu não entendi muito bem, não acho que minha madrinha também não, mas depois veio a explicação, né? Caminhando os 2 mundos, né? Que assim, as coisas foram muito pra mim foi muito assim, eu estava na situação, né, que ia passar por aquilo e a entidade veio, falou que ia acontecer, mas eu vejo que. Muitas vezes, né? É. O médium, ele tem que passar por

certas situações para poder ficar mais firme na fé dele. E foi isso que aconteceu comigo.

01:44:31 Joseane Eu fiquei muito mais firme na minha fé depois disso tudo que aconteceu, passei até ser mais cuidadosa com as minhas coisas e com meus orixás depois disso tudo. Porque antes eu não tinha tanto cuidado, tanto zelo com meus orixás, como eu tenho hoje. “Ah, Jose, mas você vê isso dessa maneira, porque você foi então, um puxão de orelha?” Não, não. Eu tinha que passar por isso. Doença não dá em Pau, dá no ser humano. Só que isso abriu meus olhos. Eu tenho outra visão agora das coisas. Eu não levo tudo a ferro e fogo.

01:45:30 Joseane

Porque as coisas também acontecem na vida da gente, pra gente melhorar como ser humano. Tá, e eu não levo mais tudo a ferro e fogo. Eu não tenho mais tanta pressa, não tenho pressa de nada, tudo é no seu tempo e o que me deu o que aconteceu comigo foi a espiritualidade que me deu isso. A espiritualidade me mudou de tal maneira. Que quem me conheceu quando eu entrei na TESL e a pessoa que eu sou hoje. A religião me transformou. Eu me tornei uma pessoa mais calma. Eu me tornei uma pessoa mais pacífica. Eu me tornei uma pessoa mais colaborativa. E eu me tornei uma pessoa cheia de fé. Essa é a verdade. Eu olho assim, o negócio tá pegando fogo e hoje olha, fala assim, não dá pra quem dá um jeito, eu tô nessa fase da pouquinho, a gente vai dar um jeito.

01:46:39 Herson

Então, então no seu caso, quando você descobriu, quando você descobriu a doença, você foi o primeiro em busca de auxílio de um médico ou você buscou se consultar primeiro com as entidades da TESL e por quais foram os motivos que você fez essa escolha?

01:46:59 Joseane

Olha, eu procurei um médico porque eu já estava dentro da TESL, então, o pai Nando, ele tem muito cuidado em relação a gente, cuidado dos nossos orixás, de gente passar pelas rezas, a gente tomar os banhos, a gente passar pelo defumador. Então a minha parte espiritual estava OK, toda a parte espiritual está OK matéria.

O pai Nando ele, ele é muito cuidadoso com defumação, com passe muito cuidadoso, mesmo com os filhos dele. Se está todo mundo OK, então dentro. Da minha espiritualidade estava tudo ó, OK. Tudo bom? Se eu estou mal e dentro da minha

espiritualidade está tudo ok, eu tenho que ir pro médico. E foi o que aconteceu. Fui pro médico. É matéria. A minha espiritualidade, os meus orixás, me ajudaram a passar por essa dificuldade.

01:48:16 Herson

Entendi então o fato de você estar naquele momento, com sua espiritualidade em dia, por assim dizer, foi o que te levou até a certeza de que você precisava, primeiro ir ao médico do que propriamente se voltar para espiritual, né?

01:48:34 Joseane

Eu já estava no espiritual, já estava, então vai no médico. Vai no médico. Quando recebi o recado lá no centro do meu marido, que eu tinha que fazer um ebó de, saúde eu já sabia que eu tinha que fazer uma cirurgia que eu já tinha ido no médico, só que teve pandemia. Então parou tudinho. Foi um período também que “Ah, Jose”, mas porque é que você não foi na sua casa? “Pandemia!” Pai Nando estava dando, fazendo as rezas online. Estava levando para as pessoas a caridade da maneira possível, que era a fazendo reza, fazendo acompanhamento pelos filhos por reuniões online. Então o meu espiritual, ó, estava tudo OK.

01:49:32 Herson

Entendi. Durante o tempo que você esteve doente, você quis ou precisou manter uma rotina de consultas com alguma das entidades que trabalham na TESL para acompanhar o seu processo de cura?

01:49:47 Joseane

Não tinha como porque, pandemia. O que houve foi conversa por telefone. “Oh, se cuida.” Quando até voltarem as consultas, né? Quando voltou as consultas, logo em seguida eu parei para fazer a cirurgia. Uma coisa assim, rápida. Tive que aguardar poder fazer consulta aqui. Todas as cirurgias seletivas estavam suspensas, né? Porque precisavam dos leitos dos hospitais.

01:50:29 Herson

Entendi, é, mas aí, então? Então no caso você, você chegou a receber alguma orientação das entidades da casa? E você, você recebeu alguma orientação sobre esse problema de

saúde? E se você recebeu, na medida em que você foi obedecendo a essas orientações, você percebeu que com o tempo a sua doença foi melhorando? Aconteceu, aconteceu algo nesse sentido?

01:51:02 Joseane

Sim, a melhora, ela vem como eu falei para você antes. Ela vem com a fé. Eu depois da cirurgia. Trombo dores nas pernas, né? Sempre acaba a sequela, porque eu já tive. Eu já tive um problema antes, ósseo e com quando o seu corpo, se a imunidade diminui, tudo que você tem que é crônico, ele grita, né? Então eu tive uma redução da minha imunidade, onde eu tive que ter certos cuidados. Né? Mas é. Eu vejo que se não fosse a fé que carrego no meu peito, meu coração. É, com certeza. Eu não não suportaria?

01:52:11 Herson

Entendi, então, então no seu caso, você acredita que seguir os procedimentos à risca foi importante para você poder se curar?

01:52:21 Joseane

Sim. Sim, foi sim. Eu. A última vez que eu estive internada agora, né? Porque o paciente de trombo, né, que tem trombofilia, ele é um paciente bomba relógio. O médico virou para mim, Olha Jose você é paciente, bomba relógio, você chegou aqui, a gente vai te engrenar. Nem adianta quando a gente não fizer exame ver que está tudo bem com você, a gente não pode te liberar. Então eu fui, né? Muita noite nas pernas, dores no peito, fui para o hospital, fiquei 10 dias de CTI, entrei já sabendo que ia ter que ficar na CTI. Fui, fiquei na CTI. Eu com muita dor e te fazer um exame, toma lhe de remédio, né? Para afinar o sangue, né? Porque a trompa? E 2 × 2 vezes dessa vez foram 5 dias que eu fiquei internado.

01:53:23 Joseane

E 2 vezes, 2 enfermeira foram por volta de meia-noite, 3 horas da manhã, foram no meu quarto. Elas falaram para mim o seguinte, que O CTI lá é todo de blindex. Mas é blindex com uma película, não é transparente, é uma película e você vê quem está dentro do quarto. Por volta da meia-noite, uma enfermeira foi lá perguntar quem estava lá no quarto comigo? Eu falei ninguém, você me acordou agora. Ela Foi lá debaixo da minha cama e falou impossível, viu 2 pessoas aqui pelo vidro, eu vi 2 pessoas aqui. Ela olhou no

relógio, né?

01:54:11 Joseane

Aí, né? Pegou, foi embora, foi lá. Ficou numa naquela ilha que eles ficam dentro do CTI. E uma outra enfermeira foi, pegou e passou por volta das 3:00 da manhã e viu de novo 3 pessoas dentro do quarto. Só que essa entrou e virou, perguntou para mim assim, qual sua religião? Eu falei, eu sou umbandista, ela virou para mim. Os seus estão aqui com você, porque a outra lá está com medo de vir aqui. Quando eu passei agora, também ouvi. Os 2 vultos aqui dentro, no quarto, você não está sozinha. Porque a luz estava apagada, mas tenho o monitoramento, né? Então fica aquela luz verdinha, passando, né, e a pessoa dá uma claridade dentro do quarto e com aquela claridade ela, a gente viu uns cultos dentro do meu quarto em volta da minha cama e. Como era um dos últimos quartos dentro do CTI, ninguém mais queria passar no corredor na minha direção. Só essa que foi e quando ela foi, ela viu também. Mas eu não vinha até por momento nenhum, não vi nada.

01:55:29 Herson

Entendi. Perfeito é você acredita que as práticas rituais da TESL, como consultas, banhos de ervas, padês e etc., se relacionam de um modo oposto ou complementar com as práticas de cura da medicina tradicional oficial, como consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos?

01:55:56 Joseane

Complementar. Eles complementam tudo em volta. Complemento eu vou dizer uma coisa para vocês jamais, jamais. Não sei se nos outros terreiros eu não frequento outro terreiro, mas eu tenho certeza que jamais pai Nando vai falar assim, olha para de tomar esse remédio e toma só esse chá, porque preto velho falou que eu preciso tomar chá, isso nunca vai acontecer lá naquela casa. Que o doutor, o criador, deu sabedoria ao homem para aquele homem que trabalha de branco poder dar medicamento e você que está de branco aqui faz as suas rezas. Os 2 se unirem e faz o trabalho isso sim. Uma coisa jamais vai substituir a outra.

01:56:54 Herson

Entendi então, na verdade, na verdade, é justamente essa fusão, por assim dizer, de práticas de cura que podem levar uma pessoa que conheça. Obviamente, a umbanda pode levar uma

pessoa doente que vai até a umbanda conseguir conseguir solucionar um problema de saúde, né?

01:57:13 Joseane

Sim, consegue sim.

01:57:22 Herson

Tá, é entendi perfeito. Essa era a última era. A última pergunta que eu tinha. Eu só posso agradecer, é muito obrigado pela entrevista e todos. E deu tudo certo dessa vez deu tudo certo.

01:57:45 Joseane

Não estou aqui.

01:57:49 Herson

Essa era a minha última pergunta que eu tinha para você, e eu estou te agradecendo pela entrevista eu te agradecendo pela disponibilidade de de ter me concedido novamente. Uma entrevista e tudo mais.

01:58:06 Joseane

Ah, por nada foi um prazer, tá? A umbanda é luz, a umbanda é caminho. Umbanda é Felicidade é umbanda encontro, você faz é se permitir se encontrar com a sua espiritualidade. Para algumas pessoas, para algumas pessoas é difícil, não é esse encontro, para mim foi difícil esse encontro.

01:58:45 Joseane

Porque, pela falta de conhecimento. Pelo preconceito que eu tinha. Da religião, porque eu venho de uma família de protestante. Né? Então o tinha, mas hoje eu, eu acredito que eu vejo a umbanda, a religião de uma maneira assim muito mais clara.

01:59:17 Herson

Entendi, perfeito. Ou então, pronto, pois era, era só mais essas questões mesmo e só tenho a agradecer novamente.

01:59:30 Joseane

Obrigado também. Obrigado por me deixar participar.

01:59:34 Herson

Oh. Está ótimo. Ah, então tá bom, deixa eu só. Só parar aqui a gravação.

Fabiana:

Herson: Pronto! A partir de agora está gravando... Você me escuta bem, né?

Entrevistada: Sim!

Herson: Aí, o que que acontece, eu vou pegar a entrevista, eu vou transcrever ela, ela vai passar pelo processo de transcrição. E como eu já tinha te explicado, eu vou (...) algumas coisas que você... a partir daquilo que você vai me responder, para que eu consiga justamente elaborar, dentro da tese, a partir das respostas. A partir de toda aquela explicação te dei um pouco sábado, né.

Entrevistada: Uhum, está certo!

Herson: Conseguiu abrir?

Entrevistada: Estou procurando ela aqui. Foi Ontem? Ué, não ficou... Acho que eu só abri, não fiz o download.

Herson: Ah, tá!

Entrevistada: Acho que foi isso.

Herson: De qualquer forma, ainda está lá no e-mail.

Entrevistada: Tá! Eu vou passar (...) vou pegar ele aqui, que aí eu abro aqui no meu monitor, e a gente vai acompanhado. Eu botei estrelinha, tudo eu boto estrelinha para não perder, no e-mail.

Herson: Ai, tem que ser sempre o mesmo, principalmente, se for um e-mail profissional, em que você recebe e-mails importantes e tudo mais, tem que saber separar, né... O que é importante, o que é mais do que importante.

Entrevistada: É... no meu mesmo pessoal, eu vou botando (...)

(...)

Herson: Primeiramente, quero te agradecer pela entrevista, eu quero deixar claro, que em relação a entrevista, é o seguinte: o seu nome verdadeiro, ele não precisa aparecer, quando ele for citado na tese. Você tem o direito de falar que não quer o seu nome verdadeiro e, eu

coloco o nome fictício, para que nenhuma pessoa te reconheça. Isso é um procedimento padrão, quando vai se realizar entrevista, independente do campo de entrevista. Mas assim, esse direito é sempre assegurado para quem está cedendo uma entrevista, porque as vezes, a pessoa tem interesse em falar, mas ela não tem interesse, que as respostas dela sejam atribuídas diretamente a elas. Então assim, se você não tiver o interesse do seu nome verdadeiro (...) é só falar que eu coloco o nome fictício, ou você escolhe o nome, enfim, isso é tranquilo.

Entrevistada: Por mim, sem problema, tá! Fica a seu critério, se quiser citar meu nome... eu não sou famosa, então não será problema.

Herson: Risos

Entrevistada: Tá! Fica (...), mas se quiser dar um nome mais bonito, que Fabiana, dar também, que não tem problema.

Herson: Tá certo! Tá ótimo! Então, eu queria a partir dessa primeira pergunta, obter alguns dados em relação a quem você é como seu nome, sua idade, sua ocupação no mercado de trabalho, seu nível escolar e como você se identifica racialmente?

Entrevistada: Sim! Meu nome é Fabiana, eu tenho 49 anos, atualmente sou analista de compras, né! Eu tenho nível superior e me considero branca.

Herson: Certo! Como foi sem primeiro contato com a Umbanda? Eu digo assim como é que aconteceu? Qual foi sua trajetória, até você ter contato a primeira vez que você entrou em um terreiro?

Entrevistada: Sim! Foi através dos meus pais, né! Quando eu era bem criança mesmo, né! Que a gente tinha uma amiga, uma senhora que já era da Umbanda, é e, assim tinha amizade com meus pais, e a gente acabou, sempre que ele atendia em casa, a gente ia lá para se rezar, então eu sempre tive essa experiência de reza, né, tomar passe, desse tipo, né! Mas era uma coisa bem intimista mesmo, porque ela atendia em casa, então eu conheço a Umbanda religião desde criança. Mas só nesse sentido de reza, de você ir lá se rezar, né! Então, o meu contato foi bem de criança mesmo.

Herson: Certo! Então não era (...) de ter contato com as entidades necessariamente, mas sim, numa questão de tomar uma passe, conversar, era mais nesse sentido mesmo!?

Entrevistada: Isso! Porque meus pais iam na casa dessa amiga, conhecida, acabou que ela virou como se fosse uma avó de criação da gente, né! Ai, a gente ia na casa dela, mesmo com esse intuito assim de rezar, vê se está tudo bem, né! Mais por conta dos meus pais, porque eu era criança e não entendia muito (...) mas falava, Ah! Vamos lá para rezar, aí, tá bom (...) você como criança, você não entende. Aí depois com o passar dos anos que você

(...) aí, vem adolescência, que você vai começar a entender que isso é uma religião, que ai, em paralelo, tinha questão da Igreja Católica presente na nossa vida, é! De rezar, de frequentar algumas vezes, então ficava sempre nesse mundo assim. Ia lá rezar, frequentava católica, fui entender que era uma religião na adolescência. Mas sempre com esse intuito mesmo, de cuidado, né! De tomar o passe de rezar, de ver se está tudo bem... nesse sentido. Herson: Entendi! É, deixa eu te perguntar: em tese, a Tenda Espírita São Lázaro, foi o primeiro terreiro que você que você frequentou? Assim, com mais assiduidade, com mais frequência, com mais...?

Entrevistada: Sim! Eu já fui em outros, né! Até mesmo por conta de convite de amigos, que também é da religião e tudo. Já fui em outros, mas assim, de frequentar mesmo, de estar sempre presente, nos eventos o TESL é o primeiro centro de Umbanda que frequento, assim com mais frequência, digamos, né!

Herson: Certo! E antes de frequentar a Umbanda, você frequentava outra religião, você escutava outra coisa, se você tinha outra religião, você coisas sobre a Umbanda nessa sua religião?

Entrevistada: Não, eu não tenho religião (...) por não frequentar, né, vamos dizer assim, com rigorosidade, digamos, a Católica, né, que é o mais convencional, de todo mundo... Ah! Que eu sou católico, porque rezo e tal... Eu nunca me considereí Católica em si, porque eu não sigo a religião, eu não frequento a igreja religiosamente, como deve ser, eu não tenho primeira comunhão, só sou mesmo batizada de nascimento, é o que todo mundo, a maioria das pessoas vai, né, no ritmo... a criança nasce ela é batizada, né, mas se você não vive no (...) que frequenta, que tem uma prática religiosa, você cresce sem religião. Foi o que aconteceu comigo, porque meus pais não frequentam religião nenhuma, então eu cresci sem religião. Faço as minhas orações, faço os meus pedidos e tudo, mas não digo, "Ah! Eu sou dessa religião!" Nunca tive. Mas a Umbanda sempre esteve presente na minha vida, por questões dessa senhora, que era amiga dos meus pais, então eu cresci em contato com ela, né. De ir na casa dela, de ver os santos, ai depois veio na fase adulta as amizades, de amigos que também são praticantes que (...) vai ter uma festa, vai ter uma reza (...) vai lá no meu, né! Lá no terreiro onde eu frequento, aí você vai, né, por convite, mas nunca fui assídua.

Herson: Certo! Interessante! É...Quando você veio se consultar, quando você veio se consultar pela primeira vez foi com qual entidade que você falou? E teve algum motivo específico para você ter ido de encontro até essa entidade? A essa classe de entidade.

Entrevistada: Então! Como eu te disse eu estou fazendo o tratamento de quimioterapia, né!

Estou fazendo o tratamento de câncer de mama , e aí como minha mãe já frequenta o TESL, já deve ter uns três anos, quanto anos, se eu não me engano, né! Que ela sempre frequentava (...) nos eventos, nas rezas, de acordo com o calendário, e aí, teve... que a minha mãe me convidou... "você não quer ir? Vamos para nos consultar, escutar a entidade..." Porque eu acredito na capacidade em que as entidades tem de te rezar, de te orientar, de te dar um passe, eu acredito nisso. Tanto que eu fui, aí ela me convidou, minha falou: "Ah, vamos lá e tal...", então eu fui (...), mas não lembro o nome certo da entidade, posso verificar para você (...), mas era uma vovó, alguma coisa da Bahia, não sei se vovó (...), eu não lembro o nome da entidade dela, mas era uma vovó, e aí ela me rezou, aí quando eu falei, ela perguntou o motivo de eu estar lá (...), essa consulta e eu falei que eu estava fazendo tratamento, fui em busca de uma reza, de uma cura, de uma ajuda, aí ela até, ela me rezou lá no dia, foi até a noite como todo mundo, todo mundo junto lá, e aí depois, ela me convidou para voltar lá no centro para fazer um atendimento particular comigo, a entidade, até chamou lá a cambona, e falou: "Olha! Essa menina vai vir, agenda com ela, avisa meu..." Como eles chamam a pessoa...?

Herson: O médio?

Entrevistada: Isso! "Avisa ao médio, que eu estou pedindo para ela voltar, agenda tudinho direitinho, que eu quero voltar aqui, para dar um atendimento particular pra ela." Aí, eu tive um atendimento, particular com a entidade. Que aí, eles me prepararam, me fizeram um banho de pipoca, e aí me atenderam no particular lá no quarto, sem ninguém ver, só a entidade e a pessoal responsável que me atendeu, que me recebeu lá no centro, e aí eu tive esse atendimento, em função da doença, pra né, ajudar na cura.

Herson: Isso tem mais ou menos quanto tempo?

Entrevistada: Ah! Foi ano passado, foi logo assim, que eu comecei no tratamento, abho que foi em outubro, novembro do ano passado...

Herson: Certo! Então, tem mais ou menos um ano?

Entrevistada: É! Já deve estar fazendo um ano, né! Porque eu comecei meu tratamento sem setembro do ano passado, então foi bem recente, logo assim, que eu comecei meu tratamento, vamos colocar aí que foi em novembro, porque eu lembro, que foi antes do final do ano, tinha pouquinho tempo, que eu tinha começado meu tratamento, e aí, eles me convidaram. A entidade me convidou para voltar, que ele queria... a vovó queria me dar um atendimento especial, particular.

Herson: Certo! Mas nessa noite que você foi, você foi especificamente porque era consulta com as vovós e com os vovôs, com os Pretos Velhos ou foi...?

Entrevistada: Sim!

Herson: Tá! Então você foi, porque você queria falar especificamente com o Preto Velho...

Entrevistada: Igual eu tinha com a minha avó de consideração, né! De ter uma consulta, de ter um passe, né... de ter uma reza, de ver se está tudo bem, uma orientação... eu fui especificamente pra isso, ser atendida, né, pela entidade, em busca de uma ajuda.

Herson: Tá, tudo bem! Não eu perguntei isso, pois no calendário do TESL, tem as consultas com os Exus e as Pombagira, aí fiquei na dúvida se foi por uma questão de ter sido especificamente naquele dia, que você simplesmente tinha ido ou se você tinha escolhido anteriormente escolhido falar com os Pretos Velhos. Era só essa questão que eu estava querendo entender. Como tem dois tipos de consulta, você poderia ter escolhido aleatoriamente. Simplesmente ter dado a vontade e ter ido.

Entrevistada: Não! Eu fui mesmo porque era Preto Velho, né. Eu acho assim, é mais calmo, né! É mais como vou dizer assim...? Acho que eles são mais direcionados para este tipo de caso, né! Do que Exus, né! Que Exu, já é uma outra linha, outro pensamento, pelos menos o que eu conheço sim, né, a ideia que eu tenho (...) Preto Velho mais centralizado assim na ajuda, não que os outros não ajude, né! Que eles ajudam do jeito deles, mas eu acho que os Pretos Velhos são mais cuidadosos, vamos colocar assim, de te abraçar, de te orientar, né, eu acho. Aí, isso foi ano passado esse ano como teve, em agosto que teve... eu não sei os nomes, minha fala, "Ó! vai ter (...) uma doença (...).

Herson: Eu creio que você esteja falando das rezas de Omolu (...)

Entrevistada: Isso! (...) Eu fui em todas as em todas as sessões. Aí esse ano como eu fui, né! Tive esse tratamento com eles, porque eles são muito atenciosos comigo, aí, quando chegou perto desse período, dessa festividade que seria toda segunda-feira, minha mãe me falou, aí, minha mãe falou: " Se eu fosse você eu ia, já que eles são tão cuidadosos com você, então, vai!" Aí, eu fui! Toda segunda-feira eu fui, fiz a frequência lá com eles em busca da cura.

Herson: Certo, entendi! É... eu vou passar para o segundo bloco, e aí esse segundo bloco, eu vou tratar de algumas questões relacionadas a saúde e as rituais que você já deve ter visualizado no TESL em outro momento. Eu queria te perguntar primeiramente o que você acredita que significa ter saúde? O que você acredita que é ter saúde?

Entrevistada: Ah! Saúde é você estar bem, ter assim vitalidade, é você estar bem fisicamente, mentalmente, espiritualmente... Acho que saúde engloba esses três, né! São os três pilares de você estar bem, é você se sentir bem, ter condições de locomoção, saúde para mim é isso, é você se sentir bem e estar bem, né! Ser apto a pensar, a agir... pra mim

saúde é isso.

Herson: E continuando, o que você acredita que uma pessoa tem que fazer para ter saúde?

Entrevistada: Ah! Tem várias ações, né! Em primeiro lugar é a boa alimentação, tem que ter uma boa alimentação, eu acho que em conjunto vem a parte religiosa, isso ajuda muito também, você ter o seu religioso, né, essa devoção, você (...) uma crença (...) e com ajuda também e praticar exercícios físicos. É você ter essa prática do exercício físico, é um conjunto, né! (...) você fazendo a (...) dos três, você consegue ter uma boa saúde, né!

Herson: Entendi! E por outro lado, o que você acredita que é a doença?

Entrevistada: A doença é uma falha nesses três aí, que eu falei, né! Boa alimentação, é o bem-estar mental, a prática do exercício, a doença é a falha, é aquele momento que o corpo não está bem, que está faltando alguma coisa, pode ser a má alimentação, falta de exercício físico, o mental não está bem, que nada adianta, né! Tem gente que tem uma boa alimentação, exercício físico, mas o mental está todo desordenado, a cabeça está a mil, a pessoa tá ali, "N" coisas passando pela cabeça e, as vezes (...) as vezes a cabeça está bem, a alimentação está regular, tá ok, mas aí falta a prática do exercício físico, então essa doença é a falha ali, que é o corpo dos três aí, que em alguma coisa está faltando, né!

Herson: Então, também passa um pouco por você ter equilíbrio. em relação aos aspectos gerais da vida, né?!

Entrevistada: Sim, um equilíbrio, tem que ter, né! desses três, né! Que eu falei. A alimentação, é o bem-estar, né, físico e emocional, né!

Herson: Certo! Sendo assim, o que você acredita que faz com que a pessoa tenha uma doença?

Entrevistada: Que leve... eu acho que são a falta desses três, né! Porque como eu falei, as vezes a pessoa está lá se alimentando bem, faz um exercício físico, vai para academia, mas a cabeça não está boa, então o espiritual dela está em desequilíbrio, então isso acaba causando uma doença, uma doença mental, porque a cabeça contribui para que teu organismo desenvolva doença, acho que mais que a falta de alimentação ou a falta do exercício, se a cabeça, seu mental, seu emocional não está em equilíbrio você desenvolve doença que nem imagina. É dor ali, dor aqui, o psicológico, a pessoa tem que tá em equilíbrio, mas do que... você tantas pessoas no nosso país que não tem o acesso a uma boa alimentação, apesar disso, né! Não ter uma boa alimentação, mas o psicológico dela está bom, então apesar dela não ter uma boa alimentação, ela não tem doença, ela não desenvolveu nada, porque o equilíbrio mental dela tá ali, tá sempre... agora quando emocional não funciona, está em desequilíbrio, desencadeia muitas coisas de ruim no

nosso organismo, né!

Herson: Então nesse caso o mental pode ter reflexo no corporal e vice e vice-versa?

Entrevistada: Ah, eu acredito que sim! Eu acredito! Você vê aí as depressões, as crises de ansiedade que as pessoas vem cada vez mais, eu mesma tenho muitos amigos que tem crise de ansiedade, tem problemas psicológicos assim como é aquela outra? Síndrome do Pânico, então e são pessoas que você olha (...), tem poder aquisitivo pra ter uma boa alimentação (...) eu mesma tenho um amigo, que frequenta ensino superior, tem estudo, vive bem, tem boa (...), tem um bom emprego, faz exercício físico, mas tem crise de ansiedade e tem Síndrome do Pânico, aí vai entender!? Né! então assim, ai você olhando (...) o cara trabalha na Embaixada, fala línguas, estuda, mora bem, tem um bom emprego, faz (...), vai para a academia, tem condições, né, digamos assim, poder aquisitivo para estar bem, poder pagar uma academia e viver bem, mas o psicológico não vai, não está bem (...), ali na balança, você nunca vai imaginar... poxa, mas fulano nesse jeito... quando eu soube que ele tinha (...), não dá para acreditar, você não consegue compreender como, né, então hoje em dia tem muitas pessoas assim em desequilíbrio, com doenças psicossomáticas que eles chamam, né, cada vez mais vai só desenvolvendo esse tipo de doença, então eu acredito que a cabeça, ela... o pensamento, né, você está em equilíbrio mental, ajuda bastante para você ter uma boa saúde, ter uma boa vida, eu acredito muito.

Herson: Entendi! É... aproveitando um pouco disso que você falou, para além dessas doenças mentais, dessas doenças físicas, você acha que exista doenças chamadas espirituais?

Entrevistada: Acredito! Eu frequento o centro de Umbanda e (...) então a gente que acreditar no Espiritismo, né! Apesar de muito conhecimento, não, mas eu acredito no Espiritismo, eu acredito que pode, sim, pode pessoas podem ter problemas de doenças ligadas a espiritualidade, acredito.

Herson: Alguém já conversou contigo ou você já escutou sobre, leu sobre como é que acontece a doença espiritual?

Entrevistada: Não! Não conheço ninguém, só mesmo assim de ouvir falar, até mesmo na internet que você... tem vídeos, que aí você acaba lendo e vendo vídeos, né, sobre o assunto, mas eu acredito que pode, sim! Existir esse tipo de interferência, né! Espíritos de possessão, né! Aqueles espíritos que se apossam, se apoderam das pessoas, eu acredito nisso, sim.

Herson: E o que você acha que faz com que uma pessoa tenha ou uma doença física ou uma doença espiritual? O que causa isso? O que que a pessoa precisa fazer ou deixar de

fazer para que ela seja atacada ou por uma doença física ou uma espiritual?

Entrevistada: Bom! A doença física são aqueles três pilares de equilíbrio que eu citei, né! Ter uma boa alimentação, o emocional dela estar em equilíbrio e a prática de exercício físico, isso é sem sombra de dúvidas, né! Mantendo esses três pilares em equilíbrio, a pessoa vai ter uma boa saúde, então se um desses aí, não está em acordo e acompanhando ali, pode desencadear a doença física. Agora a doença espiritual, eu acho que a falta da prática da religião, eu acredito, né! independente (...) pode ser Católica, pode ser Kardecismo, pode ser Umbanda, pode ser o que for, o Budismo, mas acho que se a pessoa tem o equilíbrio emocional, tem seu lado religioso, a sua prática religiosa, eu acho que contribui para que você não desenvolva uma doença espiritual, é você estar fortalecido, né! Eu costumo falar assim, quando você pensa positivo, (...) eu falo com minha sobrinha, por eu não ter uma religião definida, né! (...) se você for me chamar, para ir a algum lugar eu vou, sem problema algum (...), só me chamar que eu vou, não tenho essas coisas, porque eu não tenho uma definição de religião. Então, eu penso muito assim, o pensar positivo te traz boas coisas, né! Porque o corpo é energia, eu tenho isso na minha cabeça (...) eu penso muito assim, o corpo é energia então tudo que a gente emana, a gente está emanando energia, pensamento positivo, eu vou emanar energia positivas, se eu pensar negativo, aí eu desenvolvo o emocional, já fico em desequilíbrio, aí vou ficar só absorvendo coisas negativas, só olhando coisas negativas, absorvendo isso e acabar desenvolvendo um problema, né, no meu organismo, vamos colocar assim. Se não me engano, até a ciência já comprovou isso em relação a cura, a recuperação de doença, se não me engano, tem um vídeo, vou até mandar para você depois, vídeo do meu Oncologista, que ele fala muito sobre isso, que (...) de você ser grato, então eu acredito muito nisso, você pensa positivo, você vai obter coisas positivas, porque você recebe, você recebe o que você emana, né! Eu penso muito nisso assim. É pensar positivo, você ter uma visão boa daquilo, tem que só olha para o lado ruim, só olha para o lado ruim, só olha porque aconteceu (...) E as coisas boas? Não vou levar em consideração? Não, eu tenho que levar em consideração. Ah! Aconteceu algo ruim ali, mas teve outra aqui, que foi boa (...) você está sempre mantendo o equilíbrio das coisas, porque se eu for olhar só para as coisas ruins, aí você entra em desequilíbrio e acaba agregando coisas, desenvolvendo uma doença, desenvolvendo uma depressão, é uma cadeia de coisas negativas na sua vida.

Herson: Entendi! Então, passa também a questão da doença espiritual passa muito pela pessoa ter uma atitude positiva em relação a própria vida dela, né...

Entrevistada: Ah, eu acredito! Sim, eu acredito! Porque assim, vamos analisar, uma pessoa

que não tem o equilíbrio emocional, não frequenta um local de religião, não tem aquela devoção e tal... ela fica vulnerável para a espiritualidade e os espíritos obsessores eles se aproveitam de quem não tem um equilíbrio emocional, ele está aberto, vamos colocar assim a pessoa se torna vulnerável, aí o espírito obsessor ele caba se apossando daquela pessoa, aí desenvolve as doenças espirituais. Eu acredito que isso aconteça, sim. Existe isso sim, né! Então a pessoa fica em desequilíbrio, as vezes não tem o conhecimento... quantas pessoas sofrem de dor, é dor ali, dor aqui, dor de cabeça, dor no corpo e vai no médico, faz exame não tem nada e vai no médico... só pode ser espiritual, eu acredito nisso, né! Então se a pessoa tem o equilíbrio, né! Tem um foco na religião, está sempre ali, orai e vigiar, né! Então... você tá ali, né! em dia com a sua religião, com as suas orações, se fortalecendo, e aí, você não fica propenso a receber ataques espirituais, né!

Herson: Entendi! Me fala... desse pouco que você falou, me chamou atenção, me fale um pouco sobre essa questão dos espíritos obsessores. Quem você acredita que eles são, como você acredita que eles atuam sobre as pessoas?

Entrevistada: Olha, sou bem leiga nesse assunto, é bem mais do que eu acho, do que penso assim, de tudo que já vi e li por aí. Eu acredito que os espíritos obsessores, são pessoas desencarnadas, né! Porque eu já frequentei centro de Kardecismo, então eu tenho mais ou menos uma ideia das coisas, mas assim, são pessoas desencarnadas, que não tiveram, que não tem a noção, o conhecimento ali, de que desencarnou, ou as vezes tem o conhecimento que desencarnou, mas ele não aceita que ele desencarnou, né! E ele tem a sua índole vamos dizer assim para o mal, então ele caba se apossando de pessoas, dessas pessoas que são vulneráveis, né! Eu ja falei, então eu acredito que essas pessoas, são pessoas que tem o espírito desencarnado, e aí infelizmente não teve, ainda não chegou naquele (...) tratamento, porque eu acredito também, que os desencarnados, eles vão para o plano espiritual e lá eles recebem seus atendimentos, seus estudos, né! para evoluir, então eu acredito que eles não foram pro plano e circulam aqui entre nós e aí, eles se aproveitam quando alguém está com alguma vulnerabilidade de se apossar, né! dessa pessoas vulneráveis para fazer o mal, até mesmo para se satisfazer, ver a pessoa sofrer. Porque tem muitos espíritos que são desse tipo, né! Que se apossou da pessoa, se apossam das pessoas, porque assim, é dele, do íntimo dele de querer ver aquela pessoa sentir dor, passar mal, então infelizmente tem. esses espíritos que ficam vagando por aí.

Herson: Então uma forma de... então a questão de manter a saúde espiritual, seria justamente se fortalecer para evitar que esses ataques aconteçam contra aquela determinada pessoa?

Entrevistada: Eu acredito! Se a pessoa tiver a prática de reza... Não sei você, mas quando eu era criança, minha mãe antes de dormir falava: "vamos rezar para dormir, agradecer...", então isso é uma prática, que você tem o hábito, antes de dormir, rezar um Pai Nosso, Ave Maria, ou fazer suas orações da forma que cada um tem, né! Das suas orações, você tá se fortalecendo, você tá, se protegendo. "Ah! Tem a oração do Anjo da Guarda, vamos rezar!" Aí você reza para seus Anjo da Guarda. De manhã quando você acorda, agradecer e faz suas orações para aquele dia, tudo aconteça bem e tal, e isso (...) ter essa prática religiosa, você fortalece seu lado espiritual e com o lado espiritual fortalecido, você não vai receber nenhum ataque, né! Podem até tentar, mas aí como você vai estar fortalecido, você não vai ser atingido, né!

Herson: Sim, sim! É... eu queria saber de você agora, se você tem plano de saúde, de convênio particular ou você utiliza o Sistema Público de Saúde?

Entrevistada: Eu tenho plano de saúde pela empresa, né! E aí eu faço meu tratamento pelo plano da empresa, plano de saúde da empresa.

Herson: Certo! E você se sente satisfeita, com o serviço de saúde que você tem a seu dispor hoje?

Entrevistada: Sim! pelo plano de saúde eu consigo fazer meu tratamento quimioterápico, a pouco tempo eu fiz Radioterapia também, então assim, por ter um plano de saúde, eu consigo fazer meu tratamento, mas se eu não tivesse esse plano da empresa, pela empresa, eu financeiramente não teria condições de fazer um tratamento de Quimioterapia, que é super caro, né! Muito caro! Aí eu teria que ir para o público, né, pleitear um atendimento, entrar na fila lá do SUS para ser atendida e conseguir ter meu tratamento pelo SUS, mas graças a Deus, eu tenho um plano de saúde pra fazer meu tratamento.

Herson: Entendi! Você já teve dificuldade em algum momento, em algum momento da sua vida em ser atendida no sistema público de saúde? E se você teve essa dificuldade, você pode me contar um pouco como é que isso aconteceu?

Entrevistada: Eu nunca fui atendida no público, nunca fui! Sempre médico, sempre ia no particular, consultório, graças a Deus! Nunca precisei.

Herson: Mas tem algum motivo específico do porque você sempre usou o sistema privado aos invés do sistema público?

Entrevistada: Ah, opção mesmo, né! Praticidade... digamos, no particular você agenda, vai lá e é atendido, no SUS você ainda tem, chega lá, vê se consegue vaga, se tem médico para atender, porque infelizmente a gente sabe, que o sistema único de saúde do nosso país, não é lá essas coisas, né! Muito precário, né! Então assim, você vai agenda para um tratamento

ou uma consulta daqui a três meses. Não que no particular seja essas maravilhas, não! Porque tem vezes, dependendo do tipo de médico, só daqui mês que vem, você fica um mês esperando, aí você espera, porque tem seu plano de saúde, mas no SUS, além dessa espera, ainda tem mais ainda, uma espera maior ainda e, as vezes profissionais, passa muito na televisão. Falta profissional para atender, falta de comprometimento também, né. Tem tanto, não é posto de saúde que eles chamam hoje em dia, não. É deve ser, né! Antigamente chamava posto de saúde, você ia lá no seu bairro, antigamente encontrava profissionais, chegava lá, "ah, (...) clínico geral tem? Tem!" Hoje em dia, você vê, eu acompanho muito pela televisão, né. Aí você chega nesses postos, não tem atendimento, "Ah, o médico não veio, tá em falta..." Aí o governo não faz concurso público para chamares profissionais para tampar aquela falta, aquela lacuna que tem, né. Que falta as vezes profissionais. A saúde (...) é muito difícil. Mas então assim, foi uma opção mesmo, sempre foi, porque aí eu trabalhava, pegava meu dinheirinho e pagava um particular, que eu preferia.

Herson: Entendi! Eu creio que esse posto que você esteja falando o que se chama de UBS - Unidade Básica de Saúde. Chamam Unidade Básica de Saúde, depois você para a clínica de saúde e depois você vai para o hospital... mais ou menos isso a hierarquia, mas o que a gente chama de posto de saúde, pelo pouco que eu sei, é o que dentro da hierarquia da lei, se chama Unidade Básica de Saúde.

Entrevistada: Ah, então mudou agora, né, o nome.

Herson: Mudou basicamente a nomenclatura, mas o tipo de serviço, continua sendo o mesmo.

Entrevistada: É, porque tem uns agora no bairro, que aqui perto da minha casa tem um, né. Aí minha mãe falou, que a amiga dela, mora na rua do posto. Aí minha mãe estava falando, que tem vários tipos de médico, ali para entender, então, eu digo assim, tem consulta, que eu quero dizer, né. Não é só um atendimento, "Ah, tá passando mal tomar um remédio, tomar alguma coisa..." Não! Lá tem até consulta, acho que tem até dentista, atendimento odontológico, então isso ajuda o bairro, o local, do que o grandão, digamos assim, igual aqui, lá na Zé Garoto, o pronto socorro, vamos botar assim, que é mais para emergência, então agora hoje em dia como tem esses UBS, que na minha época, vamos botar assim, era posto de saúde. "Ah, vai lá no posto! Tá passando mal, vê se tem médico atendendo...", mas além do posto de saúde hoje em dia, não é mais aquela coisa que era de antigamente, de uma emergência, agora tem os médicos, consulta mesmo, os pediatras e aí, até que o daqui funciona, que a minha mãe, falou que a amiga disse que é muito boa, perto daqui de

casa, só você ire lá, dizer o que você quer, que eles vão te agendar (...) tem a coisa da espera, mas tem muitos por aí, que ainda faltam, tem essa lacuna, essa falta de profissionais, né.

Herson: Sim, sem dúvidas. Então, você tinha me dito anteriormente, que você tinha ficado doente e, que tinha buscado o TESL para buscar uma ajuda e receber uma ajuda para conseguir se curar. No seu caso específico, você primeiro buscou auxílio com o médico ou foi das práticas de saúde do TESL? E sendo assim, qual é o motivo da sua escolha, ao ter escolhido primeiramente um dos dois?

Entrevistada: Não! quando eu descobri a doença eu fui no médico mesmo, fiz todos os exames, o preparatório, fiz tudo primeiro no médico mesmo. Aí como eu te falei, ano passado, eu já sabia, em agosto do ano passado eu já sabia que estava. Que na verdade, eu ia até operar, em agosto e, a minha mãe, ela fez a participação também do mês de Omolu, só que eu não fui. Ano passado eu não frequentei, a minha que foi, aí em setembro a minha cirurgia foi cancelada e, em setembro comecei a quimioterapia, então assim, optei por seguir os passos do médico, para ser mais efetivo, né, do tratamento imediato, e aí depois aos poucos que eu fui. Aí minha mãe falava: "Ah, vai ter consulta, você não quer ir?" Aí as vezes eu ia, foi o que te falei, que eu fui, na primeira vez eu fui. Fui lá ser atendida pela vovó, que aí teve esse atendimento particular, aí depois eu segui, aí esse ano eu tô mais ativa, vamos colocar assim, né! Teve todo mês de Omolu, então aí eu frequentei, falei com minha mãe, não, então eu vou (...) as segundas-feiras eu vou, ser mais efetiva. Aí eu fui e, aí quando tem as consultas que dá para ir, eu vou! Mas optei por seguir a medicina tradicional mesmo e utilizar a Umbanda como um apoio, né! Porque eu acredito muito nessa parte espiritual, então como eu acredito que eles são capazes de ajudar nessa parte também, então eu sigo em paralelo com meu tratamento e com eles também.

Herson: Certo! Teve algum motivo específico para você não ter ido nas rezas de Omolu do ano passado?

Entrevistada: Não! É porque como te falei, eu não tenho assim uma frequência, eu não sou assídua, as vezes é preguiça mesmo, "Ah, vamos lá!", minha mãe as vezes me chamava... ah, mãe, quero, não!" "Ah, tá bom!" Sabe assim, nada específico em relação a religião, não. Mas assim, aí eu vi a necessidade de você, pelo carinho com a casa tem com a minha, tem comigo, né! As vezes as entidades mandam recado pra mim pela minha mãe, quando miha mãe vai lá. Porque minha mãe sempre pede por mim quando ela vai, aí eles sabem, então tem esse cuidado. Aí eu falei:" Esse ano eu vou querer ir..." Sabe, é você ser grata, por tudo que estão fazendo por você... aí eu falei, esse ano eu vou, quando eu puder, que

estiver me sentindo bem, eu vou! Aí fui todas as segundas-feiras, quando tem Preto-Velho eu vou, assim, agora eu estou mais assídua.

Herson: Então esse processo do cuidado ele é importante para você, esse cuidado que você tem recebido das entidades, os recados que você tem recebido, é uma questão importante para você dentro desse contexto que você tem vivenciado?

Entrevistada: Sim! Inclusive, nessa última sessão que teve, três vieram falar comigo e me falaram: "olha, quando tudo acabar, eu quero te ver de novo..." Então tenho encontro marcado para os próximos meses, né! Ano que vem, que vai ter de novo, "Aí eu quero que você venha e tal..." Então, eu acho assim, eu fico pensando, né" Como que eles sabem? Não sei, mas sabem. Então tudo bem, eu vou! Com certeza eu vou! Não tem problema. Aí igual no dia das crianças, o Êre veio, da moça lá, meu deus (...) falou pra eu... vou até me emocionar... para devolver ano que vem, pra ficar comigo, então assim como a criança sabia? Eu fico assim emocionada, porque como é que vai saber, que você está passando por isso? Então está aqui, guardadinho, ano que vem, eu vou devolver. Ela falou: "fica com você, está sempre juntinho de você, ano que vem você me devolve." Então eu vou ter que ir, então assim, eu fico muito emocionada. Porque as vezes, você vai lá, sem pretensão nenhuma, e aí a entidade vem falar com você, te chama... vou até a entidade do Tom, não sei o nome da entidade dele, mas ele pegou e veio falar comigo e, aí ele falou assim: "Ah, eu quero te ver quando tudo acabar". Como é que ele sabe? Eu nem conversei nada com ele, ele veio, parou assim, me abraçou, me deu um salve, aí foi e falou isso comigo, entendeu? Então não tem como você não acreditar, de que a ajuda deles, vai também de uma certa forma, também te curar, então eu aceito.

Herson: É interessante, porque essa questão da fé é muito importante, quando você está dentro do processo de uma consulta, dentro de um processo que você está buscando alcançar alguma coisa, o mínimo que se é esperado, é que se tenha fé, né! Que você acredite que justamente de que as entidades vão te ajudar alcançar uma determinada coisa positiva para você.

Entrevistada: Sim! Porque senão, do que que vale? Melhor você ficar em casa vendo TV, não é? Se é para você se despençar da sua casa, gastar seu tempo, ficar lá e você não ter fé, não acreditar, que aquilo ali não vai te trazer um resultado positivo na sua vida, eu não digo assim, nem questão de doença, é questão de tudo. Porque muita gente vai pra lá pedir emprego, pra pedir harmonia em casa, consiliação de filho, de pai de tudo, é tudo que as pessoas vão pra lá, né! Então, se você não tem fé de que, eles estão ali para te ajudar, então do que adianta? Melhor ficar em casa, não vai. Eu penso assim. Igual você vai pra igreja, é

a mesma coisa. Despenca da sua casa para ir para uma igreja, chega lá, você não compactua com aquilo, você não tem fé, de receber aquelas orações que (...) vai te ajudar. A fé, é o que falo, pensamento positivo, você ter aquilo bem fortalecido mesmo, te causa bons resultados, você seu bem-estar, o seu mental tá fortalecido. A minha chefe chega as vezes, ela pergunta: "E aí Fabiana como você está? Eu só lembro que eu (...) o sobrenome (...) eu falei olha, eu vou ser sincera, eu só lembro que estou doente, que estou fazendo o tratamento, quando eu tenho que ir para médico, fazer exame de sangue e fazer meus exames. E no dia do meu tratamento, meu compromisso, tenho que ir, porque no dia a dia eu não lembro. Como eu te falei lá no sábado, eu tenho poucas reações, tive poucas reações, graças a Deus! Poucas mesmo, então quase não sinto mal-estar, que muita gente fala que tem, eu não tive sabe, então eu me sinto muito abençoada, muito abençoada mesmo, porque eu tô passando por tudo isso e as vezes nem lembro que eu estou em tratamento como eu te falei, aqui na minha frente, aqui na parede, aqui na frente de meu computador, aqui na minha frente, aonde eu tenho um quadro que eu guardo as datas, né! Mas meu calendário também, ele é todo marcado, com todas as minhas datas, meus compromissos, aí que eu lembro, né. As vezes eu esqueço. Vou para o mercado, volto carregada de peso, não posso carregar peso, eu esqueço (...) eu nem lembro sabe, não lembro mesmo, graças a Deus! Porque eu sempre, desde o início. Eu sempre tive isso de não pensar na doença, se eu tiver, vou fazer o tratamento, vou fazer o tratamento, eu sempre tive isso na minha cabeça, não vou pensar. Nada de ficar pensando que eu tô com isso, que eu tô com aquilo, que eu não sei o que, eu sempre falei, não vou ficar pensando, acho que por isso eu até esqueço, né! Aí eu não sei, se eu comentei com você, uma tia minha, irmã do meu pai, em novembro do ano passado, ela descobriu no estômago, e aí, ela praticamente entrou em depressão, quase entrou em depressão, aí quando eu soube, que ela estava muito mal, que estava assim, muito (...) pensamento, chateado, lógico! Quem que quer, né! Ter isso? Ninguém quer! Mas aconteceu, você vai fazer o que? Ok, senhor! É desafio na minha vida, estou sendo desafiada, vamos embora mostrar minha força. Aí eu fui, peguei o telefone no fim de semana, liguei pra ela: tia, levanta essa cabeça, não tem que ficar pensando em doença, não! Nada de ficar pensando coisas negativas, não tem que ficar pensando porque isso está acontecendo, comigo, porque aquilo, nada de ficar pensando nisso, não! Vamos (...) que são provas de Deus. A gente tem que acreditar em alguma coisa, então, é Deus te desafiando, então, ok! Alguma coisa ele quer ensinar pra gente, nada de ficar pensando em doença, aí ela, depois de um tempo, conversei bastante com ela, nada de ficar chorando as pitangas (...) nada disso! Esquece! Esquece! Anota suas

datas, bota lá nos seus compromissos e no dia que for, a senhora pega sua bolsinha e vai! Não fica pensando, não. Aí, depois de um tempo, ela foi e falou: "você tá certa sabe. Outro dia fiquei pensando no que você me falou. Você está certa, não posso ficar pensando nisso, não", eu falei, pois é, tia (...) questionamentos só para o lado negativo, isso só vai te fazer mal, porque não sei se é comprovado cientificamente, mas eu já ouvi falar, a raiva, envenena o seu sangue. Você já ouvi falar nisso, que a...

Herson: Já li sobre, alguém comentando.

Entrevistada: Porque quando você fica com raiva, você desgarrega o hormônio, que agora eu não lembro o nome dele...

Herson: É o Cortisol?

Entrevistada: Eu acho que é esse, que e causa Malefícios ou o seu organismo? E aí você envenena o seu sangue, você acaba desencadeando até mesmo para um câncer, né? Porque o excesso de cortisol no seu organismo você acaba desenvolvendo um câncer, né? É desencadeando aí as coisas nas células, né, do seu corpo. Então eu falei, orientei a minha tia sobre isso do pensamento positivo. De você sempre pensar positivo, porque aí você libera apenas os hormônios bons que te causam bons resultados no seu organismo, né? Então eu dei, já estou um ano aí em tratamento, sempre faço minhas orações, vou lá no TESL quando eu posso buscar estar sempre em equilíbrio, né? Emocional, espiritual, está sempre em dia, porque isso (...) fortalecido, né? De você estar com o seu bem-estar no dia?

Herson: Bem interessante. Você acha que a consulta que você teve com a Preta Velha pode ter a ver com a questão de você ter poucos efeitos? Efeitos colaterais no seu corpo você acredita que o que você passou a partir dela pode estar te ajudando nesse processo de não ter tantas reações?

Entrevistada: Acredito, acredito até mesmo num banho de pipoca que eu tive que ela me deu, né? Porque assim, na simbologia lá, né? Fazer uma pipoca de Omolu, né? E Omolu é a entidade da doença, né? Da cura, né? Então, eu acredito sim. Inclusive, ela até me deu quando eu me consultei com ela, ela botou um pouquinho de azeite. Deu azeite e, me pediu para passar todo, é dia sim, dia não, se eu não me engano, todo, né? Aquele olhinho, o azeite vencido no local, nas minhas mamas. E fazer as minhas orações. Então assim é você acreditar que aquilo ali vai realmente, né? E veio assim, veio bem-vindo, veio preparado, é? Foi um preparo para o para o meu tratamento, para a minha cura, né? Então eu acredito, sim, eu tive isso, né? Esse olhinho que ela me deu e teve esse banho de pipoca que eu que eu tive. E não foi assim, ah, médium que fez, não! Foi entidade veio, né? Ela veio, foi até num sábado à tarde que eu fui lá. E aí ela veio, a médium, recebeu a entidade, a entidade

que fez o banho em mim, né? Então, assim, é um é um respeito, né? Então eu tenho que acreditar que sim, é tudo um conjunto aqui, Herson, é pensamento positivo, é frequência no YouTube, é orações, é terço da misericórdia, é (...), aqui é tudo junto, num balaio só. Então tem que funcionar, né? Que eu estou bem, todo mundo fala, né? É, estou bem assessorada, né? Teve até uma entidade no sábado que falou isso pra mim é, não se preocupe que estamos cuidando de você. Então tá tudo certo.

Herson: É interessante, porque a entidade falou que estão, né? Então, não é apenas uma entidade que está cuidando de você. Passa a ideia de que são várias entidades estão trabalhando em prol de você, né?

Entrevistada: Sim, isso é verdade!

Herson: Uma questão interessante. Passando para a próxima questão, das entidades, elas te deram algumas recomendações? Ou alguns ou alguns procedimentos? Para que você ajude nesse processo de cura e se elas passarem por algumas recomendações, você conseguiu seguir tudo à risca? Você teve dificuldades nesse processo? Eu digo, eu digo isso porque às vezes, as entidades podem passar um procedimento, mas elas podem passar vários procedimentos também, né? Às vezes a entidade diz assim, Ah, você vai ter, você pode fazer tais e tais banhos e você toma dia sim, dia não daqui esse. Um banho, você vai tomar uma vez a cada sete dias. Então assim, estou falando no sentido de... É procedimento, tratamento, alguma coisa que as entidades passaram para vocês. Se você conseguiu fazer tudo a risca, quais eram esses procedimentos? Se você teve alguma dificuldade nesse processo.

Entrevistada: Teve! Eu recebi só esse olhinho, que a Vovó me deu que aí eu passei, né? Até acabar. Do banho de pipoca que eu recebi, ela me deu um punhadinho e pediu para eu fazer, tipo um travesseirinho e falou, porque sempre eu ando com aquele travesseirinho, quando eu fosse fazer o tratamento. Então aí como lá no tratamento, eu tinha que levar uma mala, uma bolsa, né? Porque eu faço o tratamento no lá em Icarai e lá tem a touca daquela touca que esfria, né? Só que é particular nesse caso, né? E aí eu optei. Eles me ofereceram o tratamento, eu optei por fazer com a touca, então eu tinha que levar é toalha porque fazia com o cabelo molhado, aí eu tinha que botar a toalha assim em cima de mim, então eu levava uma bolsa grande. Nem era um patuá, porque ficou um travesseirinho bem grandinho assim, né? Aí eu levava junto na minha bolsa junto que a Vovó pediu pra carregar sempre que eu fosse pro meu tratamento levar esse. Esse travesseirinho das pipocas. E teve uma outra vez que eu fui que eu estava com umas feridinhos que de vez em quando saio no meu corpo, o vovô, acho que foi o Benedito... Ele me deu umas ervas para

eu fazer um banho de vez em quando, quando tivesse essas feridinhas no corpo, então eu tenho as ervas em casa, quando sai muito, assim que aflora muito, eu passo na pele. Só essas orientações assim que me deram.

Herson: Você lembra quais são? O que são as ervas? Assim de cabeça, você lembra?

Entrevistada: E não me lembro. Não me lembro, mas eu tenho anotado, minha mãe, que deve saber, que foi ela que comprou. Eu posso ver para você depois e passar.

Herson: Tá tudo bem, mas você tem mais ou menos um número de quantas ervas ele passou?

Entrevistada: Três.

Herson: Interessante!

Entrevistada: É que aí ele me orientou a quando eu tiver esses feridinhos você passa, faz o chá, faz o banho, passa no corpo pra secar, já tá bom aí é porque eu tenho, eu acredito que seja alergia alimentar. Sai tipo umas espinhazinhas, mas às vezes brota muito, um monte! Às vezes na perna, na coxa, nas costas, né? Aí é, sai aleatoriamente. Aí ele me passou pra fazer esse banho.

Herson: Então, no caso desses procedimentos, você não teve... você não está tendo dificuldade de seguir à risca, né?

Entrevistada: Não, porque são simples, né?!

Herson: Entendi, perfeito! Em relação às recomendações médicas, você está tendo dificuldade em seguir à risca? Ou você está conseguindo dirigir com tranquilidade tudo aquilo que passou em relação às sessões? Em relação ao uso de medicamentos? Ou você está conseguindo dirigir com tranquilidade tudo aquilo que passou em relação às sessões? Em relação ao uso de medicamentos?

Entrevistada: Não está tudo tranquilo, tudo tranquilo. Além, além de mais, né? Porque tem coisas que eu não tenho que comer, que eu como. Não? Mas assim, em relação ao tratamento, tudo certinho, né? Tudo agora está mais tranquilo, né? Porque eu estou fazendo agora é uma imunoterapia, então são a cada 21 dias que eu faço o meu tratamento e aí é mais tranquilo, né? Porque aí não tem reação, né? Não tem mais essa questão assim, o cabelo não cai. É normal. Mas eu estou tendo essa questão que eu acho que a eu já fui na dermatologista e ela falou que na opinião dela, é alergia alimentar é alguma coisa que eu como que, E dá isso, né? Essas feridinhas aí. Ela até me orientou, observar que você cheque mate, porque quando eu como pizza, que aí vem calabresa, vem, não sei o que aí não pode, porque ele lá atrás, quando eu comecei o tratamento eles me deram umas orientações do que podia comer e do que eu teria que evitar comer. No início, eu não comi

de jeito nenhum, embutidos, fritura, né? Nada disso. Eles pedem pra você viu se sai logo, né? E tal, aí eu, Ah, tá bom, mas aí isso foi fácil de matar. Venha, né? Então eu sigo a risca, mas aí agora, como eu já estou fazendo o protocolo de imunoterapia, aí a tentação às vezes bate. Eu vou lá e como, né? Não deveria? Mas às vezes eu como uma pizzazinha aqui, um hambúrguer ali, aí dois, três dias depois, brota tudo, né? Estou cheio de feridinha, então isso eu já sei que alimentar, né? Mas assim, em relação ao tratamento, tá tranquilo. É medicamento que às vezes eu tenho assim, é remédio para enjoo, remédio para né? Alguma coisa ou outra assim eu tenho. Não faço uso nem com frequência, só mesmo naqueles momentos assim, de estar com enjoo, uma coisa assim, aí eu tenho. Então isso é tranquilo.

Herson: Tá, tá ótimo passar aí pra próxima pergunta, eu queria te perguntar se em algum momento você já chegou a um ser mal atendido em alguma consulta médica e se sim, você é, por quais razões você acredita que isso porventura aconteceu?

Entrevistada: Não, não me recordo. Agora, no momento não, mas também nem antigamente assim nunca fui.

Herson: Você acredita que as entidades da TESL te acolheram ou te acolhem, cuidam de você melhor do que o médico que está te acompanhando?

Entrevistada: É difícil essa pergunta ,hein! Olha, eu acho que os dois lados atendem bem, né? A Entidade, ela tem essa preocupação assim eu sinto que tem a orientação de te orientar de, né, de dizer pra você, né? Tudininho de te dar o passe, né? De ser bem atendido e, em contrapartida, o médico também, porque lá onde eu faço o tratamento, a clínica, eles até assim já é. Faz parte da política da clínica ser um atendimento humanizado. Então é. Não é só o tratamento em si, né? Tem todos os atendimentos lá, tem um atendimento psicológico, tem um atendimento nutricional, tem um atendimento de fisioterapia, tem o atendimento das enfermeiras, né? Então, assim, quando eu fui indicado para fazer o tratamento lá. Antes, até mesmo do que eu comecei o tratamento em si mesmo, eu passei por todos esses atendimentos, todos esses profissionais, né? É contínuo, não é só naquele momento, não. Se hoje em dia eu sinto uma necessidade de conversar com uma psicóloga da clínica, só eu agendar pra eu, né, conversar que eles também dão esse apoio e é até o final do tratamento. Não? Então, assim, é difícil dizer, né, qual que você acolhe mais, né? Porque nessa clínica que eu faço o tratamento, eles também têm um acolhimento bem bacana assim, sabe? É do início do você chega na clínica do, do senhor lá, que abre o portão para você. Até dentro não tratamento sim, sabe? Você sente que é todo mundo ali, sabe? Tu passa por você. É te dá bom dia, boa tarde, boa noite, oi...

Chama pelo nome, sabe? Então é. Você se sente bem acolhido lá na clínica, aí em contrapartida, lá no Tesla também, né? Eles são muito carinhosos, né? Quando a gente chega, né, todo mundo te atende bem. E as entidades como eu te falei, né? Eu nem conheço a entidades das pessoas e elas vieram falar comigo, né, então. É, tem essa preocupação também. Assim, né? Se você vê a entidade, eu acho que ela é, ela é irmã do Fernando, é uma do cabelo curtinho. Foi a entidade dela que me atendeu. Você vê o cuidado que a entidade dela teve de marcar comigo num sábado à tarde, né! Que não é nem o horário de atendimento da casa, né? E ela ainda falou com o cambono, lá, avisa ao meu médico que ela vai ter que vir aqui porque eu quero atender essa moça, no sábado, né? Então, assim, a entidade, né, teve esse cuidado comigo também. Então acho que os dois, né? Os dois lados. Estou sendo muito bem acolhida, graças a Deus.

Herson: e aí você acredita que esse processo duplo de cuidado, tanto da parte dos médicos da equipe médica multidisciplinar, quanto das entidades, é importante para o seu, para o seu processo de cura, né?

Entrevistada: Ah, acredito sim. Só agrega, né? Porque assim, o medicamento, você não pode deixar de tomar, né? Você faz o seu, o seu acompanhamento, né? Todos os exames e tal em paralelo, você tem um atendimento espiritual, né? Eu acho que só agrega para o seu tratamento, né? Para você obter a cura. Eu Acredito que, em paralelo, os dois juntos ali, né? Porque como eu te falei, não é só o TESL lá na minha vida, na hora de dormir, é frequência no YouTube. À tarde é oração, então é todo um conjunto, né? Mas eu acredito que as (...), as consultas no TESL... eu acredito na cura, sim. Eu acredito, eu acredito, porque eu tenho uma conhecida que ela fez uma cirurgia espiritual. Então eu acredito nisso, né? É o que eu te falei, se você não acredita, então é melhor você nem frequentar, né? Não? Eu, eu já fui como eu te falei, eu já fui em sessões kardecistas, né? Que aí a pessoa te dá o passe que aí depois você toma no finalzinho, tem uma água, né? Que eles te dão um copinho de água para você beber, então assim, se você não acredita não vai funcionar, então tudo é a cabeça, né? Eu acredito em você ter fé. Que aquilo ali, vai te curar.

Herson: Entendi, é aí que eu queria te perguntar agora, se você acredita que os procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas que vão até o TESL, incluindo você, que os procedimentos que as pessoas passam como consultas, banho de ervas, os padês , enfim, esse conjunto de procedimentos, se eles têm uma

relação de complementaridade ou de oposição? Em relação às práticas de cura daquilo que as pessoas chamam de medicina tradicional, como consultas médicas, medicamentos, cirurgias, mudanças de hábitos. Eu quero entender se você vê essas duas formas de lidar com as pessoas, esses dois tipos de rituais, se você acredita que tem uma relação de complementaridade ou de oposição.

Entrevistada: Ah, eu acho que é complementar, né? É complementar, com certeza. Você imagina no meu caso, eu já faço meu tratamento, já tenho um ano, né? E em paralelo com isso, eu vou às consultas, eu faço (...) nunca me pediram assim para fazer um trabalho, alguma coisa assim. Só o rapaz ou entidade do rapaz lá que me passou o banho. Não? Então, assim de cura, né? Porque aquela erva vai ter um efeito para curar as minhas feridas, ok? Tem a vovó lá que benzeu o azeite para eu passar na mama. Então assim, é complementar, né? O fato de eu acreditar, acho que potencializa isso, né? Que eles te pedem ou te orientam, olha. Passa esse olhinho aqui e tal. Ela benzeu e eu passei. Eu acho que seria a mesma coisa do que eu ir na igreja e o padre benzer uma garrafa d'água e, eu beber aquela água benzida, né? Então assim, só complemento, eu acho que complemento, né? O seguinte, você segue o tratamento não na medicina tradicional e, em complemento, os tratamentos com a espiritualidade.

Sandra:

00:00:03 Herson

Pronto, eu vou fazer as perguntas. Aí a senhora responde e assim que eu terminar de fazer as perguntas, eu desligo o meu microfone. Aí a senhora responde, aí eu ligo o meu microfone e aí a gente vai conversando.

00:00:18 Sandra

Tá bom, tudo bem.

00:00:21 Herson

Depois depois eu vou começar aqui na primeira pergunta, eu queria por favor, que a senhora se descrevesse primeiramente me dizendo seu nome, sua idade, sua ocupação, seu nível escolar e como que a senhora se identifica racialmente, como uma mulher branca, preta, aquelas definições do IBGE

00:00:44 Sandra

Tá bom. Meu nome é Sandra Regina da Silva. Tenho 68 anos. Tenho o primeiro grau incompleto. Sou aposentada e me descrevo como uma mulher negra.

00:01:06 Herson

Certo, tudo bem. Como foi que aconteceu o primeiro contacto da senhora com a umbanda?

00:01:19 Sandra

Eu, quando era nova, eu frequentava a Umbanda, entendeu? Entrei na Umbanda com 15 anos de idade. Aí eu frequentei um tempo, mas depois, assim, eu me decepcionei, entendeu, com a mãe de Santo, com o marido dela, a gente lá, presencialmente, Eu me decepcionei. Então eu fui me afastando. Fui me afastando. Depois conheci um outro centro também. Frequentei também. Mas também não deu muito certo. Aí eu só fiquei só como frequentadora, assim eu dia um centro dia outro, mas não de botar roupa, mais nada disso, entendeu? Mas Eu Acredito nos orixás, Eu Acredito tudo, entendeu?

00:02:19 Herson

Entendi...

00:02:20 Sandra

Eu tive um câncer de mama. Esse câncer de mama eu fui curada depois que eu fui nesse centro de jogo, convidou para me ir lá, eu fui lá. Aí o Erê dela, uma criança dela da Exu, falou que a minha doença não voltaria, que ela estava levando, mas depois de um certo tempo, depois de 7 anos eu tive um problema no rins, aí eles iam fazer uma retirada do rins. Resumindo, não retirou o rins, depois ficou de fazer uma ligação da bexiga para o rins. Não fez. Quer dizer, quando foi fazer o exame, se passaram um tempo, quando foi fazer outro exame, eu já estava com metástase, entendeu, quer dizer que deu uma bexiga e agora estou no pulmão também, entendeu?

00:03:30 Herson

Entendi. É a senhora falou que no meio da fala da senhora falou que foi a um centro. Era um centro de umbanda, é isso que eu não entendi direito. Certo, tudo bem. É então no caso, a TESL não foi o primeiro, o primeiro centro o qual a senhora frequentou.

00:03:54 Sandra

Não, não foi.

00:04:02 Herson

Certo! Antes da senhora conhecer a umbanda, a senhora já frequentava alguma outra religião? E, se sim, a sua antiga religião comentava alguma coisa sobre a umbanda?

00:04:17 Sandra

Eu sempre sou eu sempre frequentei o catolicismo, entendeu? Tanto é que eu fiz primeiro a comunhão, fui crismada, ia a missa todos os domingos. Depois também me afastei. Só isso.

00:04:39 Herson

Entendi. É quando a senhora foi se consultar na TESL pela primeira vez, com qual entidade a senhora a senhora contou na época, houve algum motivo específico para a senhora ter escolhido essa essa consulta, com esse tipo de entidade e se sim, qual foi o motivo?

00:05:04 Sandra

Não, eu fui numa consulta para o minha doença, entendeu que eu queria ficar curada. É uma proteção mesmo, não, não teve assim. Nada específico, não.

00:05:24 Herson

Mas no caso era uma consulta com qual entidade, quando a senhora foi pela primeira vez?

00:05:31 Sandra

Você fala no centro da Jô?

00:05:34 Herson

Exato.

00:05:37 Sandra

A primeira entidade que me acompanhou lá, foi uma pombagira, que não foi da Jô. Foi de uma outra pessoa, conversou comigo, falou da doença também e passou. Depois eu voltei lá na primeira vez já tinha voltado lá a segunda vez foi quando eu me consultei com com

com erê da Jô.

00:06:16 Herson

Entendi. No caso isso, no caso, na festa de Erê, que tem todo o ano lá correto?

00:06:22 Sandra

Isso, isso.

00:06:25 Herson

Então, no caso, a primeira consulta com a que a senhora teve foi numa gira de Exú, a senhora foi até a gira de exú falou com a pombagira sobre sua questão de saúde.

00:06:36 Sandra

Isso, isso. Eu acho que se eu não me engano, foi até uma festa de de Zé Pelintra.

00:06:49 Herson

Esse segundo bloco agora são alguma. Eu vou trabalhar com algumas questões relacionadas à saúde e algumas questões relacionadas aos rituais que acontecem lá na TESL. Eu queria perguntar para a senhora, primeiramente, o que é que a senhora acredita que é Saúde

00:07:16 Sandra

Ah, acho que saúde a qualidade de vida, né? Entendeu?

Herson

O que a senhora acredita que faça com que a pessoa tenha saúde?

Sandra

A pessoa que se alimente bem, que não faz besteira nenhuma. Eu agora, eu. antes eu bebia cerveja agora eu não bebo mais. Antes eu fumava. Agora eu não fumo mais também. Tudo também, por causa da doença, né? Mas não que eu não digo, eu vou falar pro senhor que eu não gosto. Gosto, gostava de uma cervejinha, tá? Mas fui proibida pela questão da doença, porque agora eu faço quimioterapia, eu voltei para quimioterapia, eu faço quimioterapia 3 vezes no mês, entendeu? Então dá para mim ficar fazendo essas besteiras, entendeu? E. E alimentação. Só isso.

00:08:21 Herson

Entendi. E o que é que a senhora acredita que é a doença? De forma geral, o que é que a senhora acredita que que é a doença de uma forma, de uma forma geral, de uma forma ampla?

00:08:47 Sandra

Eu acho que essa minha doença é hereditária. Acho que ela é hereditária, por que a minha madrinha, a irmã da minha avó, que era mãe da minha mãe, teve câncer de mama. A irmã da minha mãe teve câncer de mama. Uma prima minha também teve câncer. Meu pai faleceu de câncer de intestino. Então eu eu coloco isso como se fosse hereditário

00:09:30 Herson

E em relação às outras doenças que existem, por exemplo, o que é que a senhora acredita que elas são que elas, que elas representam de uma maneira ampla.

00:09:44 Sandra

qual é o tipo de doença que você está perguntando?

00:09:48 Herson

Eu estou. Eu estou falando no sentido de doença geral. Eu estou falando doença enquanto categoria mesmo, desde uma doença muito grave, até um simples resfriado. Estou, estou tentando, porque eu estou tentando entender o que a senhora acredita que é a categoria doença, o que é que ela representa?

00:10:09 Sandra

Não, eu acho que dá em qualquer pessoa, entendeu, e eu acho que não tem... Você fica doente por uma má alimentação, você fica doente por você não tomar remédio, você fica doente com você, não ir ao médico. Então, lógico que a doença em si é muito relativo.

00:10:35 Herson

Perfeito é. E o que que a senhora acredita que faz com que uma pessoa tenha uma doença? E aí, no caso, eu estou falando qualquer tipo de doença.

00:10:48 Sandra

Ai, eu acho que isso daí é o destino. Ninguém quer ficar doente. Eu acho que isso é o destino. Se tiver que acontecer comigo, acontecer com a, com b, com c, vai acontecer, entendeu? Acho que é o destino.

00:11:14 Herson

Então, no caso, então no caso, a senhora acredita que não tenha muito como evitar a existência de uma pessoa ter uma doença não tem muito que não tem muito que ser feito.

00:11:30 Sandra

Bem, eu acho que só tratamento, né. Eu acho que o só um tratamento. Se você tem uma doença hereditária, é um tratamento que vai, pois se você tem uma hipertensão, é um tratamento intensivo.

00:11:54 Herson

Entendi, perfeito. É a senhora acredita que existem tipos de doenças além do corpo físico, como, por exemplo, doenças espirituais?

00:12:09 Sandra

Acho. Acho sim.

Herson

E o que faz uma pessoa ter uma doença física ou uma doença espiritual?

Sandra

Assim, como eu já tinha dito, é uma má alimentação, tá? E a espiritual pode uma coisa mandada por outra pessoa. Que várias vezes já me falaram isso porque já mandaram coisas para mim, entendeu? Então é muito. É muito relativo.

00:13:00 Herson

Quando a senhora fala alguma coisa mandada, a senhora está falando no sentido de alguém enviar uma magia enviar.

00:13:07 Sandra

isso, isso, isso.

Herson

Quando a senhora fala uma coisa mandada, a senhora está falando no sentido de alguém enviar uma magia...

Sandra

Isso! Isso!

Herson

Então no caso, a senhora acredita que uma outra pessoa possa fazer uma pessoa ter uma doença espiritual?

00:13:22 Sandra

Tem, tem sim. Porque eu já passei por essa situação, não foi uma pessoa só que me falou isso. Foram várias pessoas que me falaram coisas diferentes, que já tinham mandado para mim, não sei o que e por coincidência, a mesma coisa, a mesma conversa.

00:14:01 Herson

Eu queria perguntar agora para a senhora se a senhora possui convênio de saúde particular ou se a senhora se utiliza do sistema único de saúde?

00:14:17 Sandra

O sistema único de saúde.

00:14:22 Herson

E a senhora se sente satisfeita com o serviço de saúde que está a seu dispor?

00:14:28 Sandra

O único que eu posso, o único que eu tenho condições, então eu tenho que aceitar isso, não tenho condições pra dar um plano de saúde, então é isso que eu tenho que aceitar.

Herson

Mas a senhora sente que, aquilo que está posto para a senhora tem o que minimamente deveria ser feito?

00:14:54 Sandra

Esse meu tratamento, principalmente. Eu trato no INCA, então ele para mim é bom. É bom porque eu vou às consultas. Lá eles me dão os remédios, são remédios caros. Você sabe que tratamento de câncer os medicamentos são caros. Eu trago todos os remédios quando eu não uso retorno. Porque outras pessoas podem precisar. Quer dizer, eu não

tenho muita doença, graças a Deus não tenho. A não ser isso entendeu? Eu não sou hipertensa, não sou nada.. E a diabetes, eu tenho um pré diabete, eu estou me metformina que eu também pego na farmácia. Não tenho doença, não tenho problema cardíaco, não tem nada disso.

00:15:58 Herson

Entendi. A senhora já teve dificuldade em algum momento de ser atendida no sistema público de saúde e, se sim, pode me contar como é que aconteceu isso?

00:16:09 Sandra

Não, não tive, não tive. Não vou falar porque eu não tive. Não tive.

00:16:17 Herson

A senhora havia me dito anteriormente que havia ficado doente e que buscou a TESL para curar-se. No caso da senhora, a senhora, primeiramente, buscou auxílio de um médico, ou foi atrás, primeiramente das práticas rituais, de cura da TESL e por quais motivos a senhora fez essa primeira escolha?

00:16:46 Sandra

Não, eu fui medicada pelo médico da ciência, entendeu? Não fui pelo espiritismo não. Depois que eu fui.

00:17:03 Herson

Entendi. E por qual motivo a senhora preferiu ir primeiro ao médico da ciência e não às práticas de cura da TESL?

00:17:14 Sandra

Ah, porque lá é porque que veio de primeira, entendeu? Eu senti, eu mesmo que senti, passando a mão um carocinho, aí fiz uma, eu fazia mamografia todo ano, fiz a mamografia e, resumindo, nem pela mamografia o médico viu. Aí eu voltei, o médico sem a mamografia, porque eles tinham sumido com a minha mamografia. Ele também achou que tinha um carocinho. Aí ele perguntou se eu queria me operar, me levou para Maricá. Abriu quando eu disse coisa, não era um carocinho, era um cacho de uva. Quer dizer que já estava enraizado. Então eu acho que isso daí foi destino de Deus. Foi o dom de Deus que

me encaminhou para o médico.

00:18:14 Herson

Certo, então a senhora acredita que foi destino da senhora ter tido a suspeita da doença e já imediatamente chegado até o médico já ter sido atendida rapidamente pelo médico para poder fazer a cirurgia. Não é isso? (...) Voltando ao que eu estava dizendo, então a senhora acredita que foi destino da senhora ter percebido esse caroço, ter ido ao médico e que com isso a senhora conseguiu logo a cirurgia para poder, para poder resolver essa situação. A senhora acredita que foi que toda essa situação que aconteceu foi uma questão de destino?

00:19:34 Sandra

Isso. Isso foi. Acho que foi uma questão de destino mesmo, entendeu? Porque eu não cheguei a tirar meu peito nem nada. Eu fiz um quadrante. É, eu acho que foi destino.

Herson

Quais foram as recomendações e outros procedimentos que as entidades te deram para que a senhora se curasse? A senhora seguiu tudo à risca? Teve dificuldade nesse processo? E nesse caso, estou me referido as consultas que a senhora teve lá na TESL com as entidades.

00:20:25 Sandra

Espiritual? Não, eu tive. Eu não tive problema nenhum, entendeu? E a seguindo que ela falou. E estou até hoje. Sabem? Há um tempão que eu não vou lá, não tenho voltado lá, entendeu? Não vou dizer para você que eu tenho ido lá com frequência, que não tenho, entendeu? Mas ela me convidou e perguntou se podia me dar meu telefone para você, porque você estava fazendo uma tese, porque não sei o que. Aí ela foi e falou que teve uma pessoa que ela tem que falar para ela que ela atendeu. Aí ela falou, você podia conversar

Herson

No caso, eu fiz essa pergunta, focando na conversa que a senhora teve com a Pombagira. O que eu estou tentando entender a partir dessa pergunta é: A senhora teve uma consulta com uma Pombagira quando chegou lá, não foi isso?

00:21:41 Sandra

Foi!

Herson

Pronto! A senhora teve consulta com outras entidades, sobre esse mesmo problema de saúde?

00:21:51 Sandra

Não, não!

Herson

A minha questão é o seguinte, a Pombagira, ela passou algum tipo de recomendação? Passou algum tipo de procedimento para a senhora? E se ela passou, a senhora conseguiu seguir tudo à risca? Teve dificuldade (...) do que ela passou para a senhora?

00:22:12 Sandra

Não, ela não passou nada.

Herson

Certo! Então a senhora teve uma conversa, teve uma consulta com uma Pombagira, mas ela não chegou a passar nenhum procedimento?

00:22:25 Sandra

Não pediu nada.

Herson

(...)

00:22:30 Sandra

Não, não, não, não, não teve nada disso.

Herson

Certo! Entendi! Perfeito! Era justamente (...) a minha questão era entender, se a Pombagira tinha passado algum procedimento, e se a senhora tinha conseguido fazer esse procedimento ou tinha tido dificuldade para isso. E estou falando isso, porque eu entrevistei outras pessoas (...) e teve outras pessoas que foram lá na TESL e as entidades passaram banhos, passaram algum tipo de despacho (...)

00:23:07 Sandra

Pra mim, não! Pra mim, não!

Herson

A senhora seguiu as recomendações médicas para cuidar da sua doença? Teve dificuldade em seguir à risca as recomendações médicas? Tipo (...) para tomar o medicamento. E aí no caso, estou falando do médico da ciência.

00:23:34 Sandra

Não, eu, eu continuo com o médico da ciência, eu tô com o médico da ciência, aliás eu nem tomo remédio, eu só tomo remédio mesmo quando eu vou fazer a quimioterapia. Quando eu vou fazer a quimioterapia, eu tenho que tomar 2 remédios, 2 comprimidos antes à noite e depois de manhã, aí eu faço a quimioterapia, mas graças a Deus eu não estou sentindo nada, não tenho reação porque quando a pessoa faz quimioterapia fica muito, é mal, né? Tem muita pessoa que fica recaída e graças a Deus comigo isso não está acontecendo, entendeu?

Herson

Entendi! Então a senhora consegue seguir todos os procedimentos à risca, do médico da ciência, sem nenhum problema?

Sandra

Isso!

Herson

Perfeito! A senhora, por acaso, já foi mal atendida em alguma consulta médica? E se sim, por qual razão a senhora acredita que isso aconteceu?

00:24:46 Sandra

Graças a Deus eu não tive esse problema. Eu não posso falar isso para você ou para o senhor, como você queira que chame porque não aconteceu. Então eu nunca fui maltratada. Eu nunca fui assim, discriminada comigo não aconteceu isso graças a Deus.

Herson

A senhora acredita que as entidades ou a entidade com qual a senhora se consultou lá na TESL ela te acolheu e (...) com a senhora do que o médico?

00:25:31 Sandra

É mais carinho, né? Entendeu? Eu acho que dá um pouco mais de aconchego.

Herson

Então a senhora considera que é importante essa questão do aconchego, do carinho, do saber escutar... e a entidade passou propriamente dito, apenas aquela visão profissional do médico?

00:26:15 Sandra

Verdade, verdade!

Herson

A senhora acredita nos procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas

doentes que vem até a TESL como consulta, banhos de ervas, padês, passes etc. tem uma relação de forma opositiva ou complementar, em relação as práticas de cura da medicina tradicional? Como consultas médicas, medicamentos, cirurgias e mudanças de hábitos.

00:27:00 Sandra

Não, eu acho. Eu acho que o procedimento do espiritismo, ele te acalma, quando manda você tomar um banho, quando manda você fazer alguma coisa assim, entendeu? Eu acho que te acalma mais do que a medicina tradicional.

Herson

Mas aí nesse caso, a senhora vê como uma relação de oposição ou complementação, entre as duas formas de tratar uma pessoa?

00:27:45 sandra

Não, eu acho de composição, né?

Herson

A senhora acha que existe uma oposição como cada uma da, dos procedimentos funcionam?

00:28:04 Sandra

Isso.

E por que a senhora acredita que existe isso?

00:28:15 Sandra

Eu acho que é para manter a confiança. Sei lá, para dar um pouco de paz, sei lá, não sei, não tenho uma resposta específica para isso, não tenho uma resposta específica, mas foi o que falei. Eu acho que o espiritismo te conforta, a maioria te conforta.

Herson

Enquanto o espiritismo te conforta, a medicina do médico não teria esse papel?

00:28:55 Sandra

Não, não teria, não teria. Eles conversam assim. Fala uma coisa para todo mundo, sabe? E o lado do espiritismo não. Já já tem um outro lado, uma outra conversa, sabe? Isso é meu modo de pensar

Herson

Então no caso, a oposição está pelo fato da Umbanda tratar a pessoa com mais acolhimento (...) dos seus procedimentos, das suas conversas, enquanto na medicina tradicional o médico trata de uma forma mais impessoal, uma coisa (...) profissional, que não acolhe, não quer ouvir a pessoa, apenas receita e é isso.

00:30:00 Sandra

Isso. Isso é tipo a caneta. Você vai falando, ele vai na caneta, entendeu? Passa o remédio... E o espiritismo não, já te conforto, já te conversa já te dá um parecer, já fala uma outra coisa ou vem assim ser o seu passado, sabe? Te relembra de alguma coisa, entendeu?

Rita:

Entrevistador: Eu queria que você começasse primeiramente, descrevendo assim seu nome, idade, ocupação, nível escolar e como você se identifica racialmente.

Entrevistada: Você fala racialmente, cor de pele? Bom, meu nome é Rita de Cássia Soares de Brito. Tenho 62 anos, nasci em 15 de outubro de 1962. Sou negra. O que mais você falou, Hein?

Entrevistador: Ocupação.

Entrevistada: Sou funcionária pública, sou formada em Pedagogia, funcionária pública aposentada da Marinha, sou formada em Pedagogia. Me formei na Universidade de Gama Filho.

Entrevistador: Pronto, tranquilo. De qual forma aconteceu seu primeiro contato com a Umbanda?

Entrevistada: Bom, meu primeiro contato com a Umbanda, fui eu vendo... foi em uma conversa com uma amiga, lá da TESL, mas ela não era da TESL, mas ela disse que conhecia uma casa de umbanda muito boa, que era Tenda Espírita São Lázaro, ela falou para mim, que eu estava procurando um local para eu ir, ela falou para mim: "Oh! Eu não sou da casa, mas é muito boa!" Eu fui lá um dia de semana, procurei saber quais eram os dias que seriam e, fui atendida pelo Pai Fernando, né? E ele me falou que teria uma próxima consulta no próximo sábado. E eu fui consultante durante dois meses na casa. E me consultei com... primeiro, eu cheguei em uma festa de Boiadeiro, né? Onde nesse primeiro contato meu com a casa, eu já incorporei, eu estava com o pé engessado que eu tinha feito uma torção no dedo, que nada melhorava, nada botava no lugar e, eu cheguei lá com a perna engessada e nesse primeiro contato com uma casa, né? Eu incorporei para mim (...) Fiquei muito abismada porque eu já tinha passado em visita em outras casas e nunca tinha incorporado nada. Só batia palma, né? E eu nunca fiquei e lá não, a primeira vez que eu fui lá eu incorporei. Aí comecei a ir, aí fui para consulta de Preto Velho, a Vovó Maria Baiana, que é até minha madrinha hoje, né! Quem incorpora ela é mãe Denise. Ela é Ialorixá da casa, passou para mim uns trabalhos, botou lá uma água do mar, fez um trabalho no meu dedo e no dia seguinte, quando eu fui tirar o Raio-X, o meu dedo estava

bom, tirei o gesso. Aí fui a consulta de Exu, me consultei com Exu, agora não me lembro qual Exu... Ah, eu consultei com Tranca Ruas, na cabeça de mãe Luciana, mãe pequena da casa. E assim eu fui. Aí veio a gira de São Cosme e Damião, foi quando eu entrei pra casa, literalmente. Em setembro, né? Tem seis anos, quase sete, esse ano de 2024 faria sete anos que eu estaria em casa. Aí eu fiquei lá seis anos desenvolvendo, a casa tem muito axé, casa boa. E foi esse meu contato.

Entrevistador: A TESL foi o seu primeiro terreiro que você frequentou?

Entrevistada: Que eu botei roupa, sim. Eu já tinha ido a outros em consulta, mas nada que eu tivesse nenhuma ligação. Na TESL eu entrei para a Umbanda.

Entrevistador: Entendi! E antes de conhecer a Umbanda, você frequentava alguma outra religião? E se sim, sua antiga religião falava alguma coisa sobre a Umbanda?

Entrevistada: Não!

Entrevistador: Quando você se consultou pela primeira vez com qual entidade você conversou?

Entrevistada: Conversei com Vovó Maria Baiana. A preta velha.

Entrevistador: Você teve um motivo específico para você ter escolhido essa consulta, dessa classe de entidades e se teve, qual foi o motivo?

Entrevistada: Não, eu cheguei lá, já estava bastante cheio, né? E aí eu falei que estava com problema na perna, e aí eu falei que era problema de saúde, que era com a Preta Velha, que trataria sobre isso.

Entrevistador: O que você acredita que é saúde?

Entrevistada: O que eu acredito? Ah, uma pessoa está bem física, psicológica, mentalmente, está bem de saúde. Entre as questões físicas, psicológicas e mentais.

Entrevistador: E o que é que faz uma pessoa ter saúde?

Entrevistada: Ter saúde, eu acho que para ela ter uma religião, Seja ela qual for...Se tratar, né? Não só tenha uma religião, se trate também com médico, faça exames periódicos, se alimente bem. É... ter uma vida regrada...Acho que é isso.

Entrevistador: E o que você acredita que é uma doença?

Entrevistada: O que é o que?

Entrevistador: A doença, a categoria doença, o que você acredita que?

Entrevistada: É...começar a sentir mal-estar...É, é isso! Não está bem de saúde, está sentindo dores.

Entrevistador: Entendo. E o que é que faz uma pessoa ter uma doença? Chegar a esse quadro de desenvolvimento de uma doença independentemente do tipo de doença?

Entrevistada: Eu acho que é um pouco de desleixo, não se alimenta bem, não fazer exercícios, principalmente, não se alimenta bem, comer besteiras como eu, né? Fiquei doente há um pouco agora e fui...Me negligenciei, comendo muitas besteiras. Não me alimentando bem, comendo só coisas que não deveriam comer, á com a minha idade, né, fazendo lanche todo dia e não comendo verdura, legumes e frutas. Tomando muito refrigerante.... acho que isso leva a uma doença, não se alimenta bem.

Entrevistador: Entendo. Você acredita que existem tipos de doenças, além do corpo físico, como por exemplo, doenças espirituais?

Entrevistada: Eu acho que sim. Depressão. A depressão é uma doença, né? O que não é físico, mas é espiritual. Eu acho que seja. Algo que você deixou de cuidar...

Entrevistador: Ah, então a depressão tem esse aspecto, que não seria só uma doença biológica, uma doença simplesmente do cérebro?

Entrevistada: Acho que é um pouco de falta de aprendizado em alguma religião, né? Eu acho que possa ser.

Entrevistador: Tá? Então, a tendência seria que uma pessoa religiosa tivesse mais dificuldades de cair numa depressão?

Entrevistada: Isso.

Entrevistador: O que faz uma pessoa ter uma doença física ou uma doença espiritual?

Entrevistada: Falta de amor a Deus ou ao Orixá ou no que ela acredita.

Entrevistador: Entendo.

Entrevistada: Eu acho que quando você tem uma fé, você acredita naquilo... você acreditando, você vence, você não pode perder a fé. Ultimamente fiquei doente e nunca perdi a fé, meu rim parou. E os médicos dizendo que eu não iria voltar, que fosse uma doença... que eu teria uma doença renal crônica, que eu teria que fazer hemodiálise pelo resto da vida e eu não aceitava isso. Eu não aceitei isso. Isso que eles falavam, eu aceitava que eu ficasse bem. E passados dezesseis dias. Na verdade, meu rim voltou. No caso, eu tive fé, acreditei nos meus Orixás. E eu saí disso, não faço mais hemodiálise. Fiquei curada. Foi com ajuda espiritual, foi muita gente pedindo, muita gente fazendo oração, os guias, né? Trabalhando a favor, eu acho que tem tudo a ver.

Entrevistador: Entendi!

Entrevistada: A fé tem que ser inabalável, eu acho.

Entrevistador: Eu queria saber se você tem um plano, tem um convênio de saúde particular ou se utiliza o sistema público?

Entrevistada: Eu sou, eu sou meu trato pelo SUS, eu não tenho mais. Durante um bom

tempo da minha vida eu tive planos de saúde, mas depois de uma certa idade o plano ficou caro e eu tive que sair. Eu uso o SUS.

Entrevistador: Você estava falando sobre a situação do...do SUS, né? É que aí eu fiz uma pergunta, né? Se você possui um plano de saúde específico, se utiliza o sistema tá, mas em algum momento você já teve.

Entrevistada: Tive! Muito tempo.

Entrevistador: Certo! E você se sente satisfeito com o serviço de saúde que está ao seu dispor hoje?

Entrevistada: É, dentro do possível, agora, da última vez eu fui bem atendida porque tinha muitos amigos que estavam empurrando as coisas por fora, entendeu?

Entrevistador: Mas já houve algum momento, que você teve dificuldades para ser atendido pelo SUS?

Entrevistada: Sim, já teve uma parte da minha visão, né? esperando mais de um ano para fazer os exames de Glaucoma e não consegui.

Entrevistador: Certo, entendi. A gente tinha conversado, né! Anteriormente e, você tinha dito aqui que tinha ficado doente e que tinha procurado o TESL, né? Pra poder resolver essa situação.

Entrevistada: Sim!

Entrevistador: No seu caso, primeiro você procurou ajuda de um médico ou das práticas rituais de cura do TESL?

Entrevistada: Primeiro médico.

Entrevistador: E quais foram, quais foram os seus motivos, suas motivações para procurar, primeiramente um médico e não e não as práticas de cura da TESL?

Entrevistada: Porque eu tinha quebrado o dedo, né? Então eu tive que procurar o médico, né? Que eu engessei o dedo, ficou imobilizado. Estava trabalhando nessa época, né? Fiquei vinte e um dias em casa, porque eu nessa época, eu tinha plano de saúde. Eu fiquei em casa, só que demorou muito para ficar bom, para colar o osso e aí fui e procurei ajuda da TESL.

Entrevistador: Então, nesse caso, você pode dizer que para esse tipo de situação, no caso de você ter sofrido essa torção no pé, foi mais eficaz ir no médico primeiro do que procurar, por meio da...

Entrevistada: Primeiro eu tive que ir mobilizar, né? Tinha que mobilizar, porque como foi uma torção, eu tive que mobilizar. Não tinha jeito. Depois, como custou muito a ficar boa, eu fui. Tive que procurar ajuda de outras coisas.

Entrevistador: Quantas coisas? Certo, então não há caso, quando você foi para TESL, é porque justamente você estava com uma dificuldade naquele procedimento que você fez no médico que de fato aquele procedimento não se concretizasse

Entrevistada: É... de ficar boa. Ao chegar lá, a preta velha me falou que eu tinha que me cuidar espiritualmente, que eu não tinha mais tempo para ficar... De ficar fora, que eu tinha que cuidar porque os meus guias estavam pedindo, aí eu resolvi entrar.

Entrevistador: Então, no caso, a sua entrada no TESL e na umbanda, né? Por consequência, foi praticamente uma consequência, né? O fato de você ter que procurar resolver uma questão de saúde, né? Foi uma coisa que levou a outra, não é?

Entrevistada: Isso! Foi uma questão de saúde. Chegando lá, ela falou que eu tinha que cuidar, me cuidar espiritualmente. Que tenho dos meus ancestrais, minha, minha mãe, meu pai não cuidaram dessa parte. Da espiritualidade, né? E isso veio para mim e eu tinha que cuidar.

Entrevistador: Entre mais ou menos aquela categoria que as pessoas chamam de herança, né? Você tinha uma herança de santo

Entrevistada: Minha mãe, meu pai, minha irmã. Sendo que minha mãe, meu pai, eles frequentavam, mas nunca foram, exclusivamente de botar roupa no centro. Eu botava, boto roupa, né? E minha irmã bota também.

Entrevistador: Entendo, perfeito! Quais foram as recomendações ou e, ou procedimentos que as entidades te deram para que você se curasse, você conseguiu seguir tudo com risco ou teve dificuldade?

Entrevistada: Eles me deram banho. Botou água do mar, mandou fazer uns banhos em casa de ervas e, fez uma limpeza com água do mar.

Entrevistador: E aí, você conseguiu arriscar tudo o que foi pedido?

Entrevistada: Quando eu voltei na outra consulta, já estava sem o gesso. Quando eu voltei na outra consulta, depois de quinze dias, eu já estava sem o gesso.

Entrevistador: Ah, tá, então, quando você voltou lá, esse processo que você estava esperando, que se que acontecesse, aconteceu de fato no tempo que era que era correto.

Entrevistada: Fui tirar outro Raio-X o dedo estava colado. Certo! E aí você acredita que foi justo o procedimento que a Preta Velha fez e tudo mais que conseguiu?

Entrevistador: Ajudou, é? Certo! É você. Você segue as recomendações médicas para curar sua doença? Teve alguma dificuldade em seguir todas as recomendações, como por exemplo, o tempo para tomar remédio ou a quantidade de tempo que tinha que ficar tomando remédio...

Entrevistada: Não, fiz tudo direitinho.

Entrevistador: Já houve algum momento em que você foi mal atendido em alguma consulta médica e, se sim, se você acredita que isso aconteceu, por quais razões?

Entrevistada: Mas isso você fala nessa vez ou em outras vezes?

Entrevistador: Qualquer, qualquer outra vez, de uma forma geral, ao longo da sua vida.

Entrevistada: Tá? (...) médico, nem olhar pra nossa cara passar um remédio lá, que você acha que não tem nada a ver.

Entrevistador: E é o que você atribuiu o fato dele ter dele ter feito desse jeito?

Entrevistada: Ah, falta de...falta de percepção, falta de querer cuidar...negligência mesmo.

Entrevistador: Você acredita que as entidades da TESL te acolheram? E cuidaram melhor

Entrevistada: Sim, sim.

Entrevistador: Você acredita que os procedimentos que as entidades recomendam para as pessoas doentes que vão até a TESL como consultas, banho de ervas, padês, passes, eles têm, eles mantêm uma relação positiva ou complementar com as práticas de cura da medicina, que a gente chama de tradicional, como medicamento, cirurgia, mudança de hábito?

Entrevistada: Sempre complementar.

Entrevistador: Tá, então você acredita que você acredita que tanto a medicina que é exercida pelas entidades, pelas formas de curar as entidades que ela, sempre que praticamente sempre vai ter uma relação de complementaridade em relação aos procedimentos médicos, não é isso?

Entrevistada: Eu acho! Eu acho que a gente sempre deve ir ao médico também, além de cuidar espiritualmente (...) tem que (...) o médico também.

Entrevistador: É, eu. Eu fiz essa pergunta justamente porque, porque, como, até tinha conversado contigo, né? Tem algumas leituras que eu já tive de fazer, é de que teria. Haveria possibilidade de as entidades curarem, por exemplo?

Entrevistada: Não, existe, existe, mas eles nunca falam (...) para deixar de ir ao médico de branco. Mas eles curam! Eu acredito que eles curam. Só que elas nunca falam: “ah, não vai ao médico, não! Trata só aqui comigo.” Jamais eles vão fazer isso. Eles curam, mas sempre pedem para a pessoa acompanhar o médico também.

Entrevistador: Você acredita que há um motivo especial para ele sempre recomendar uma pessoa ou um médico?

Entrevistada: Ah, de repente, né? Uma pessoa piorar às vezes é uma coisa mais séria, né? E aí, ficando só no banho de erva, só nos padeiros e na coisa. Pô, você pode piorar de uma

outra maneira. Então, para se resguardar, não ficar com aquela culpa, né? Eles atribuem-na sempre também ao médico. Não deixar de fazer o tratamento médico.